**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

RAQUEL SOUZA

***Ser homem: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da
cidade de São Paulo***

**São Paulo
2009**

RAQUEL SOUZA

Ser homem: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Sociologia da Educação

Orientadora: Profa. Dra. Marília Pontes Sposito

**São Paulo
2009**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.046 S729s	Souza, Raquel <i>Ser homem</i> : percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo / Raquel Souza; orientação Marília Pontes Sposito -- São Paulo: s.n., 2009. 284 p ; anexos
-----------------	---

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

1. Jovens 2. Negros 3. Masculinidade 4. Relações de gênero
5. Socialização I. Sposito, Marília Pontes, orient

FOLHA DE APROVAÇÃO

Raquel Souza dos Santos

Ser homem: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Sociologia da Educação

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*A Raquel Melo, com amor, admiração e gratidão pela
compreensão, presença e incansável apoio ao longo do período
de elaboração deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Não foram poucos aqueles que apoiaram meu trajeto nos últimos três anos. Conteí com a generosidade de muitas pessoas que acolheram minhas dúvidas e me confortaram nos momentos mais difíceis que envolveram a análise do material empírico e a redação de um texto permeado por angústias e cobranças de quem o encarou como se fosse um “primeiro filho”. A menção a estas pessoas representa apenas uma singela homenagem que de longe não traduz a importância que tiveram nesta experiência.

Começo agradecendo a Profa. Dra. Marília Pontes Sposito por sua orientação marcada pela competência, seriedade, rigor, paciência, interesse e carinho. Para além dos três anos, agradeço-a pela confiança e aposta que fez em minha trajetória acadêmica. “Roubou-me” e cultivou em mim o interesse pelo conhecimento e saber científico. Tenho eterna gratidão por seus incentivos que me fizeram chegar até aqui.

Às professoras Claudia Pereira Vianna e Laura Moutinho, pelas dicas e questionamentos durante o exame de qualificação que me ajudaram a fazer acertos e reposicionar meu olhar. Também sou grata às colaborações das professoras Marília Pinto de Carvalho e Flávia Inês Schilling e dos professores Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Elie George Guimarães Ghanem Júnior e Juarez Tarcisio Dayrell.

À Ação Educativa, organização não-governamental na qual trabalho, agradeço por colocar-me em contato com pessoas maravilhosas como Ana Paula Corti, Maria Carla Corrochano, Maria Virginia de Freitas e Maria Candelária de Freitas. A solidariedade e amizade de todas foram fundamentais. Também agradeço pela licença concedida, dando alternativas para uma estudante/trabalhadora. Sem esse apoio e aposta institucional não teria conseguido terminar esta dissertação.

Às amigas Ana Paula e Maria Carla sou especialmente grata pela leitura atenta de versões e versões deste texto, pelas indicações e empréstimos de livros, pelas rápidas conversas nos corredores e pelos longos bate-papos. Nossa troca aguçou meu olhar para questões sobre as quais não estava atenta. No mesmo sentido, agradeço aos “amigos-família”: Hamilton Harley de Carvalho Silva, Mário Offenburger Guimarães, Bianca Morina Justiniano e Fernanda Papa.

À Elisabeth Fernandes de Souza e Raquel Melo agradeço as colaborações inestimáveis de leitura e revisão da primeira palavra à última vírgula deste trabalho. Meu amor por vocês não tem preço. Agradeço também tio Lazaro e primo Henrique por dividirem o tempo da tia Beth comigo.

Aos colegas do Grupo de Estudos em Sociologia da Educação (GETESE) da Faculdade de Educação da USP sou grata pela possibilidade de compartilhar meus achados e dúvidas, especialmente a Bete, Elmir, Elias, Fabinho, Lívia, Ana Karina, Fezinha, Eduardo.

Agradeço a cada um dos jovens que aceitou participar desta pesquisa. Apreendi muito com eles. Comigo dividiram suas experiências, seus dilemas, seus sonhos e suas esperanças. **Muito obrigada!**

Por fim, agradeço minha família, em especial minha mãe Francisca e irmãos, Daniele e Marcos. Peço a eles desculpas pelas ausências. Mas partilho minha alegria e os votos de que outros tantos almoços virão. Vocês são a minha razão.

os nomes dos bichos não são os bichos
os bichos são:
macaco, gato, peixe, cavalo,
vaca, elefante, baleia, galinha.

os nomes das cores não são as cores
as cores são:
preto, azul, amarelo, verde, vermelho, marrom.

os nomes dos sons não são os sons
os sons são.

só os bichos são bichos
só as cores são cores
só os sons são
som são, som são
nome não, nome não
nome não, nome não.

os nomes dos bichos não são os bichos
os bichos são:
plástico, pedra, pelúcia, ferro,
madeira, cristal, porcelana, papel.

os nomes das cores não são as cores
as cores são:
tinta, cabelo, cinema, sol, arco-íris, tevê.

os nomes dos sons não são os sons
os sons são.

só os bichos são bichos
só as cores são cores
só os sons são
som são, nome não
nome não, nome não
nome não, nome não.

(Arnaldo Antunes, 1983)

RESUMO

SOUZA, Raquel. “*Ser homem*”: percepções, significados e narrativas de rapazes negros e pobres da cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Esta dissertação se insere no emergente campo dos estudos sobre a juventude no Brasil, em articulação com os estudos de gênero e raça. Teve por objetivo realizar um estudo exploratório dos processos de socialização de rapazes negros oriundos de camadas populares da cidade de São Paulo. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada ao longo de 2007 e 2008, a partir de entrevistas coletivas com quatorze participantes e de entrevistas individuais com três deles. Inicialmente, buscou-se verificar modulações nas percepções destes sobre a masculinidade e os modos como articulavam concepções acerca das relações de gênero e de raça. Em um segundo momento, tentou-se captar experiências vividas em diferentes âmbitos e como essas se constituíram em aprendizagens singulares para forjar determinados sentidos e significados sobre masculinidade. Do ponto de vista teórico, parte-se da análise das noções de masculinidade, gênero e raça como produções culturais e históricas em constante mutação e que são apreendidas pelos sujeitos ao longo de suas vidas em um processo constante e ininterrupto. Para entender esse processo de aprendizagem a análise se baseou no conceito de socialização desenvolvido por Peter Berger e Thomas Luckmann e no conceito de individuação e suporte de Danilo Martuccelli. Os resultados evidenciam a diversidade de significados que jovens atribuem à ideia de “*ser homem*” e “*ser homem negro*”, forjados no âmbito de experiências e acessos desiguais a novos *scripts* e *performances* que, por um lado, permitem reposicionamentos e a desconstrução de hierarquias e fronteiras que separam homens e mulheres, homens e homens; por outro, permitem maneiras diferenciadas de construção de um pertencimento racial e articulação com a masculinidade.

Palavras-chave: Juventude; Jovens negros; Masculinidade; Relações de gênero; Socialização.

ABSTRACT

SOUZA, Raquel. *“Be a man”: Perceptions, meanings and narratives of black and poor boys of the city of São Paulo*. Master’s dissertation. Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2009.

This dissertation inserts itself in the emergent field of studies about the youth in Brazil, articulated with studies of genre and race. The dissertation had the objective of develop an exploratory study of the socialization process of black boys coming from low income in the city of São Paulo. The research of qualitative character was realized along 2007 and 2008, starting out of collective interviews with fourteen participants and individual interviews with three of them. Initially, it was meant to confer the modulations in their perception of manhood and the way they articulate regarding the relationships between genre and race. In a second phase there was an attempt to capture the experiences in different spheres and how it became a unique apprenticeship to shape some specific senses and meanings about masculinity. From the theoretical point of view, it begins with the analysis of the notions of masculinity, genre and race as cultural and historical productions in constant mutation and is acquired by the subject along their lives in a constant and uninterrupted process. To understand this learning process, the analysis was based upon the socialization concept developed by Peter Berger and Thomas Luckmann and the individualization concept and support of Danilo Martuccelli. The results evidenced the diversity of meanings that is attributed by the youngsters to the idea of “being a man” and “being a black man” , shaped in the sphere of unequal experiences and access to new scripts and performances that, on one side, allows a repositioning and the deconstruction of hierarchies and borders that separate men and women; and on the other side, it allows for different and diversified manners of building up a sense of race self- identification and an articulation with masculinity.

Key-words: Youth; Black Young Men; Masculinity; Gender Relations; Socialization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
TÓPICO 1 – A BUSCA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS	17
CAPÍTULO 1 – Os caminhos para a constituição de um objeto de investigação	17
1.1 – Condição e situação juvenil	18
1.2 – Jovens e masculinidades	21
1.3 – Homens negros no Brasil	30
1.4 – As propostas e preocupações metodológicas	37
1.5 – Etapas do trabalho de campo	42
1.6 – O perfil dos jovens participantes	46
CAPÍTULO 2 – Percepções de diferenças: nuances para ser jovem e homem	53
CAPÍTULO 3 – Ser homem: mudanças, fronteiras e hierarquias	107
TÓPICO 2 – AS EXPERIÊNCIAS DE JOVENS RAPAZES	137
CAPÍTULO 4 – Poucos <i>suportes</i> para seguir as regras	155
CAPÍTULO 5 – Tensões e negociações para novos modos de ser homem	187
CAPÍTULO 6 – Flexibilidades para uma trajetória de circulação	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	259
APÊNDICES	273
ANEXO	281

INTRODUÇÃO

No apêndice de seu livro *A Imaginação Sociológica*, Charles Wright Mills apresenta sugestões riquíssimas para se pensar a prática sociológica. Uma delas é a proposição de que o sociólogo vincule sua biografia à história, às experiências pessoais e aos processos sociais mais amplos. Para Mills, é no contraponto entre a trajetória do indivíduo e as condicionantes mais gerais da vida social que residem os momentos heurísticos, para a problematização e compreensão da realidade.

Dirigindo-se sobretudo para aqueles que se iniciam no trabalho de investigação social, o autor defende a necessidade de que o investigador utilize as experiências de sua vida em seu artesanato intelectual, reconhecendo que está pessoalmente envolvido em toda a produção de conhecimento de que se ocupe. Aponta que o desafio do investigador é justamente o de controlar essa interinfluência complexa, sabendo experimentá-la e isolá-la e, somente desta forma, usá-la como guia e prova de suas reflexões.

Neste sentido, inicio este trabalho descrevendo, ainda que de maneira breve e sucinta, os motivos que me levaram a produzir esta dissertação – um desafio que implicou idas e vindas, tensões, frustrações e alegrias que permearam, não necessariamente nessa ordem, todo o percurso de elaboração deste estudo. Tal descrição pode ser desencadeada por uma pergunta: que motivos levaram-me a produzir uma dissertação de mestrado que investiga **a percepção de rapazes negros oriundos de famílias de estratos populares sobre o que é *ser homem* e sobre o que caracterizam como masculino?**

Foram muitos os curiosos que me inquiriram com essa questão e também suas explicações, muitas vezes, fundamentadas em hipóteses que traziam à tona versões limitadas sobre o que mobilizaria uma “mulher” a estudar o “sexo oposto”. Penso que as razões não foram poucas, mas explico aquelas que consegui identificar.

Durante minha graduação, em 2003, fui convidada pela organização não-governamental (ONG) Ação Educativa, onde já trabalhava como assessora, para assumir, durante dois anos, o posto de educadora em um projeto que tinha como objetivo capacitar jovens para o uso e a produção de vídeo. O programa do curso dividia-se em dois eixos: linguagem audiovisual e cultura e participação. A partir do diálogo com a equipe e também com os quarenta jovens participantes do projeto foram definidos os conteúdos básicos para nortear os encontros, dentre eles: trabalho, cidade e

cultura. Como diretriz da equipe, os programas construídos para abordá-los tomaram como transversais questões concernentes às relações raciais e de gênero. As estratégias metodológicas tentavam favorecer a aproximação dos participantes com a linguagem cinematográfica e com a construção de narrativas por meio do vídeo.

A experiência durou até 2005. Foi desafiadora, instigante e me colocou, pela primeira vez, num lugar em que pude, de maneira sistemática, acompanhar as experiências e aprendizagens de moças e rapazes. O trabalho resultou na produção de inúmeros curtas-metragens, novelas e esquetes documentados em áudio e em vídeo; também em dois diários, sendo um do coletivo de jovens e outro pessoal. A observação desse material permitiu verificar diversas dimensões e tensões que permeavam a vida desses jovens: a experiência da pobreza, conflitos familiares para que procurassem empregos, situações de discriminação racial, negociações de corpos e desejos nas investidas amorosas e outros questionamentos. Como exemplos, transcrevo aqui três registros que me aguçaram o olhar:

Ele mora com a avó, o avô e a mãe (...) o pai não existe. Anda a pé e é da classe B menos. É bem na dele, não tem máscaras e é descolado. É gordinho e verde. Anda meio desleixado na roupa. Não transou. Não sabe se gosta de homem ou de mulher. Não sentiu nada por ninguém (...) Ele lê muito, foi batizado na igreja católica, mas acredita agora apenas no seu Deus (...). Gilmar é um jovem que não “fica” com ninguém. E ele é “verde” (...).
(Registro dos jovens – início do processo de roteirização)

A Larissa é de classe média. Tem dezoito ou dezenove anos, estudou em escola particular, teve uma vida fácil, quando ficou maior, ganhou um carro. Faz faculdade de direito. Um dia, conhece um negão e se apaixona por ele. O cara por quem ela vai se apaixonar é pobre, não estudou. Eles se conheceram porque ele é carregador, estava na faculdade dela de passagem e ela se apaixonou por ele só de olhar. O cara é marombado: forte, bonitão, na estica. Isso chamou a atenção dela. **A questão central:** largo tudo e vou morar na favela?

(Registro dos jovens – início do processo de roteirização)

D., após o lanche, começou uma conversa com outras duas garotas da turma (M. e J.). Passaram a falar sobre meninos, sobre suas preferências, destacando a importância do “corpão” e de que menino não tinha que ser mole. D. me olhou e disse: “*Raquel, branquelo eu estou fora, eu gosto é de negão*”, insinuando com as mãos que esses tinham um porte físico maior.
(Diário pessoal, 23/03/2004)

As duas primeiras citações são trechos de sinopses de vídeos produzidas por dois grupos, sendo seus protagonistas Gilmar, no primeiro caso, e Larissa, no segundo. Gilmar foi um personagem construído por eles na tentativa de fugir da desgastada representação do jovem negro da periferia. Larissa, por sua vez, era uma jovem de classe média que vivia o dilema de se apaixonar por um rapaz negro e pobre, mas valorizado em decorrência de seus atributos físicos. A última citação foi extraída do meu registro pessoal, documentando a interação com as alunas do curso. Essa

experiência foi um estímulo que me levou a desejar compreender um pouco mais o universo de representações e questões postas hoje para a socialização de jovens pobres, articulando, inicialmente, gênero e raça.

Embora tenha sido bastante rigorosa em documentar o trabalho dos jovens, a conciliação entre a faculdade, o trabalho docente e outros compromissos profissionais inviabilizaram qualquer olhar mais cuidadoso e uma reflexão aprofundada naquele momento. Foi por isso que, em 2005, já graduada, participei do programa GRAL – Gênero, Reprodução, Ação e Liderança, uma iniciativa da Fundação Carlos Chagas (FCC) e da ONG SOS Corpo, que visava fortalecer a formação de novos pesquisadores e ativistas interessados nos estudos de gênero e nas questões concernentes à saúde sexual e reprodutiva.

Durante um ano, pude realizar um trabalho exploratório sobre percepções de moças e rapazes negros sobre suas relações afetivas. Como resultado desta investigação, constatei um discurso específico acerca da masculinidade de rapazes negros. Entre as garotas entrevistadas, predominou a referência de que esses possuíam “mais pegada”, maior vigor físico e potência sexual. Entre os rapazes, essa perspectiva oscilou entre aqueles que coadunavam com essas posições e os que, apesar de reconhecerem a existência dessas referências, mostravam-se incomodados com elas, e afirmavam não se “encaixar” nessas descrições. Para esses últimos a fama de “pegadores” causava-lhes sofrimento. Foi a primeira vez que ouvi de rapazes a prerrogativa de que cabia a eles a difícil tarefa de “ter que ser homem”.

Essas experiências levaram-me a buscar uma literatura que articulasse gênero, raça e sexualidade. Contudo, foi mais comum, a localização de análises que diziam respeito às mulheres, em especial, a construção mitológica da *mulata* brasileira, reconhecida como um *produto nacional* caracterizado por sua conduta sexual lasciva, desenfreada e amoral; as mulheres brancas, tomadas como modelos de ternura e castidade; e as negras representadas como grupo de baixo prestígio no mercado matrimonial (QUEIRÓS-JÚNIOR, 1975). Investigações acerca da sexualidade brasileira tomavam essa tríade para abordar os efeitos nefastos sobre determinados grupos de mulheres, notadamente as negras, e sobre a construção e reiteração desse imaginário na moral sexual nacional (CARNEIRO, 2002; DIAS FILHO, 1996; PISCITELLI, 1996).

A incidência de representações sobre gênero e raça e suas influências na construção da subjetividade dos homens negros estava pouco documentada, pairando no meio acadêmico um silêncio sobre essa temática. O projeto de mestrado apresentado à

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2006¹, visou dar continuidade a essa investigação, aprofundando o conhecimento sobre jovens negros e pobres e suas percepções sobre *ser homem*.

Esta dissertação volta-se para algumas das questões concernentes ao fenômeno da masculinidade, focalizando as opiniões de jovens. Compreendendo que suas respostas repousam sobre construções sociais e históricas, o objetivo do trabalho foi discutir alguns modos pelos quais a cultura – entendida como configuração de valores e como um complexo sistema de práticas e de poder – engendra na vida dos indivíduos sentidos que delimitam o que é certo ou errado para a conduta de rapazes na sociedade, o que deve ser feito ou está interdito para eles, servindo como guia de interpretação dos comportamentos e auxiliando esses sujeitos a se orientar e tomar decisões em situações muitas vezes complexas e postas em diferentes esferas da vida.

Ao apresentar a cultura como uma configuração e um sistema de práticas, enfatiza-se seu caráter mutável especialmente em tempos de uma ordem pós-tradicional e de emblemática diversidade. Análises recentes têm apontado que transformações sociais contemporâneas de diversas ordens imprimiram fortes mudanças na esfera dos costumes de homens e mulheres. Esse fenômeno articula-se com uma série de transformações que inclui a redução do tamanho da família, o prolongamento e a difusão maciça da escolarização, a intensa urbanização do país, o amplo crescimento da comunicação de massa, a diversificação da cena religiosa, o surgimento do feminismo e do movimento homossexual. Paralelamente, há uma expansão dos ideais igualitários de relação entre os sexos que conduz a certa diluição do contraste entre as experiências femininas e masculinas no que concerne, por exemplo, o acesso à escolarização e ao emprego (HEILBORN; CABRAL; BOZON, 2006).

Esses estudos, contudo, não deixam de enfatizar que a diversificação dos costumes no Brasil tem por fundamento o substrato relacional e hierarquizado da vida social, o que produz características peculiares de espraio do processo de individualização dos comportamentos e disseminação da ideologia igualitária. Tal preocupação não implica, contudo, referendar a hipótese de que as possibilidades de flexibilização dos costumes estejam acessíveis apenas a determinados grupos ou classes mais prósperas e de que os pobres seriam completamente excluídos da possibilidade de

¹ O projeto apresentado inicialmente abarcava jovens brancos e negros. Mas considerando minha trajetória, os interesses que permearam a construção do projeto e as dificuldades de análise decorrentes de um campo empírico com essa diversidade, neste momento, privilegiou-se a produção de conhecimento sobre a experiência de jovens negros.

escolher determinados estilos de vida. Divisões de classe e outras linhas fundamentais de desigualdade podem ser em parte definidas em termos do acesso diferenciado a formas de autorealização e de acesso ao poder, tendo em vista que o mundo contemporâneo produz diferença, exclusão e marginalização. Mas seria um grande equívoco supor que os fenômenos da modernidade se limitam, em seu impacto, àqueles em condições materiais privilegiadas (GIDDENS, 2002).

Tendo como pano de fundo essas inquietações e observações iniciais, realizei uma pesquisa exploratória cujo trabalho de campo envolveu a realização de discussões em grupos de entrevista com catorze rapazes negros com idade entre 18 e 25 anos, oriundos de famílias de estratos populares e possuidores de diferentes níveis de escolaridade (ensino fundamental incompleto, ensino médio completo e ensino superior incompleto). Em um segundo momento foram realizadas entrevistas em profundidade com três rapazes participantes dos grupos.

Optei por trabalhar com jovens de um mesmo grupo social, verificando as nuances presentes nos discursos e trajetórias de rapazes pobres. Seguindo as pistas abertas por Maria Luiza Heilborn (2006), em seus estudos mais recentes sobre jovens e sexualidade, selecionei informantes que apresentavam diferentes níveis de escolaridade. Em estudo realizado em três capitais brasileiras, a pesquisadora constatou que, quando considerados os níveis de escolaridade, há modulações significativas nas maneiras de jovens de estratos populares valorizarem e atribuírem sentidos a experiências no campo afetivo-sexual. Aventurei que essas nuances também poderiam ser percebidas nos modos como os jovens tratavam a masculinidade.

Buscando elementos para verificar pertinências e singularidades vividas em decorrência da condição racial, o trabalho foi realizado com rapazes que se identificavam como negros. Em acordo com estudos sobre as relações raciais, com as perspectivas políticas do movimento negro e com os agrupamentos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram considerados negros os jovens que se definiam como “pretos”, “negros”, “pardos” e “mestiços”. Contudo, como problematizo no tópico acerca dos cuidados metodológicos da pesquisa, essa decisão não negligenciou as diferenças dos modos como os jovens definiram seu pertencimento racial, pelo contrário, buscou-se explicitá-las e articulá-las com as considerações realizadas a respeito da masculinidade.

As questões centrais que norteiam esse trabalho podem ser sintetizadas da seguinte maneira: ***Que valores e significados rapazes negros e pobres destacam como***

importantes para a masculinidade e que orientam suas condutas? Outras questões desdobram-se da anterior: *Que trajetórias servem de pano de fundo para a construção desses valores e significados? Que experiências são capazes de construir modulações nas percepções sobre masculinidade? Ser negro e pobre traz singularidades para os sentidos atribuídos à masculinidade?*

A dissertação está organizada em seis capítulos, divididos em dois tópicos. Em *“Os caminhos para a constituição de um objeto de investigação”*, apresento os campos de estudos – juventude, masculinidade e raça – que, articulados fundamentam a análise; o delineamento do campo de pesquisa; os métodos de levantamento dos dados empregados; e o perfil dos jovens participantes. No segundo, *“Percepções de diferenças: nuances para ser jovem e homem”*, analiso os primeiros resultados dos grupos de entrevista: as referências presentes nos meios de comunicação e nos espaços por onde circulam. No terceiro capítulo, *“Ser homem: mudanças, fronteiras e hierarquias”*, também construído com base nos grupos de entrevista, discuto as percepções das mudanças e as fronteiras que os rapazes empregaram para delimitar sua masculinidade. Precedidos de referências conceituais sobre processos de socialização e individuação, os capítulos quatro *“Poucos suportes para seguir as regras”*, cinco *“Tensões e negociações para novos modos de ser homem”* e seis *“Flexibilidades para uma trajetória de circulação”* apresentam as narrativas de trajetórias dos rapazes que participaram das entrevistas individuais. Por fim, exponho as *Considerações finais* desta dissertação.

TÓPICO 1 – A BUSCA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

CAPITULO I – OS CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Os jovens brasileiros e a juventude têm despertado nos últimos anos atenção nos meios acadêmicos. As pesquisas que tratam dos modos de vida de moças e de rapazes e da condição juvenil têm crescido nos diferentes ramos das ciências humanas, em decorrência da visibilidade e reconhecimento das especificidades de suas experiências nos diferentes âmbitos da vida social: família, escola, trabalho, sexualidade, lazer, cultura, participação, etc. Sposito (2002), ao fazer um balanço sobre o tema da juventude em teses e dissertações defendidas na área de Educação, compreendendo um período de dezoito anos (1980-1998), já sinalizava para a emergência desse interesse. Ela identificou 387 trabalhos, sendo a metade deles produzida nos últimos quatro anos de abrangência do levantamento. Dez anos depois essa importância não arrefeceu, continua mobilizando curiosidade e novas indagações para os pesquisadores das ciências humanas.

Em que pese o alcance dos estudos, um primeiro desafio ao se tratar desta temática é defini-la, porque o termo juventude encapsula diferentes ideias. Por um lado, trata-se de uma categoria social e histórica e, por outro, diz respeito a uma condição experimentada de maneira singular pelos indivíduos. Para elucidar esse argumento, a analogia a outra etapa da vida é conveniente, por talvez encontrar-se mais bem equacionada frente a essa dubiedade: a infância diz respeito a uma construção social, embora, ser criança se traduza na experiência de transformações corpóreas, psíquicas e comportamentais vividas (há mais ou menos tempo) de maneira heterogênea pelos indivíduos segundo os lugares, situações e momentos históricos (ATTIAS-DONFUT, 2000).

Por isso, é preciso vigilância epistemológica, evitando-se confundir a categoria juventude, enquanto categoria que diz respeito a um momento específico da vida entre a infância e a fase adulta, e os jovens concretos (PAIS, 1990). Esta tensão pode ser resolvida, como propõem Abad (2003) e Sposito (2003b) com a distinção entre *condição juvenil* (o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórica geracional) e *situação juvenil* que revela o modo como tal condição é vivida a

partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – de classe, de gênero, de raça, etc.

1.1 – Condição e situação juvenil

A condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de transição entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal e da primeira socialização, para a idade adulta, que em tese, é o ápice do desenvolvimento e da plena cidadania e que diz respeito, principalmente, a tornar-se capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e outros), reprodução (ter filhos e cuidar deles) e participação (tomar parte das decisões e deveres que regulam uma sociedade). A duração e a significação social destes atributos das fases da vida são culturais e históricas. As divisões entre grupos de idade têm um caráter arbitrário, não sendo dados, mas construções sociais oriundas de processos socialmente e politicamente determinados (BOURDIEU, 1983).

Assim como foi consolidado no pensamento sociológico, é o advento da modernidade que modificou profundamente o papel dos jovens na sociedade, veiculando novas expectativas e significados para esse segmento social. Seguindo o pensamento de Philippe Ariès (1981), a infância e a juventude, como etapas separadas da vida adulta, emergem de um novo contexto social, decorrente da conformação de novos sentidos atribuídos à família, dos cuidados com as crianças e do surgimento da escola, como uma instituição capaz de instruir estes frente às complexidades das tarefas de produção e da sofisticação das relações sociais.

Esta concepção referia-se, num primeiro momento, àqueles indivíduos que participavam em condição privilegiada das novas possibilidades abertas pelo desenvolvimento capitalista – principalmente a de protelar a entrada na atividade produtiva, dedicando um período da vida à sua formação. A ampliação dos anos escolares e sua especialização faziam surgir um novo e cada vez mais amplo segmento de estudantes, dos quais durante um longo tempo, os setores mais empobrecidos ficaram excluídos (CORTI; SOUZA, 2004). O serviço militar e seu caráter compulsório também ajudaram a conformar a juventude, mas estenderam essa condição apenas para o sexo masculino de outros segmentos sociais. Assim, a juventude “nasceu” como uma condição desfrutada pelas camadas privilegiadas, tendo em vista seu caráter de “moratória” (adiamento dos deveres da produção, reprodução e participação), e pelos os

homens, haja vista que as principais instituições responsáveis por essa suspensão (escola e exército) foram, durante muito tempo, frequentadas exclusivamente por eles.

Esta “moratória social”, nos termos propostos por Margulis e Urresti (1998), era um privilégio para certos jovens, experiência restrita aos filhos das classes altas e médias, inicialmente apenas aos rapazes, depois, paulatinamente, também para as moças, oriundos de famílias que podiam oferecer aos seus filhos a possibilidade de retardar o momento de assumir de forma plena as responsabilidades econômicas e familiares. Não se tratava, portanto, de uma possibilidade para todas as classes e grupos sociais.

A moratória social alude ao que, com a modernidade, grupos crescentes, que pertencem comumente a setores sociais médios e altos, postergam a idade do casamento e da procriação para que durante um período cada vez mais prolongado, tenham a oportunidade de estudar e de avançar a sua capacitação em instituições de ensino (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 05)

Assim, a noção moderna de juventude – da qual somos herdeiros – foi inicialmente definida em termos de uma fase de transição no âmbito de um processo que tem como fim o acesso a posições e fazeres percebidos como pertinentes ao mundo dos adultos. Somente no final do século XX e, mais especificamente após a Segunda Guerra Mundial, essas condições tornaram-se mais difundidas. Pouco a pouco elas se estenderam aos estratos populares, principalmente depois que o Estado passou a assumir as múltiplas dimensões da proteção do indivíduo (DAYRELL, 2005).

Nesse período, os contornos da configuração e da problematização da juventude também serão re-equacionados, tendo em vista sua ampliação e vinculação aos espaços de lazer, à indústria cultural e aos meios de comunicação. O principal sinalizador dessa transformação é a emergência de uma cultura juvenil ampla e internacional, ligada ao tempo livre e ao lazer, que compreende novas atividades e espaços de diversão e novos padrões de comportamento, especificamente juvenis; e a extensão desses padrões de sociabilidade e de práticas sociais e culturais aos filhos dos trabalhadores, esses também trabalhadores (ABRAMO, 1994).

Além disso, as dificuldades para proporcionar um trânsito linear, simétrico e ordenado da juventude para o mundo adulto pelo circuito família-escola-trabalho/emprego relativizaram os marcos cruciais dessa transição (ABAD, 2003). Nesse sentido, um traço predominante da condição juvenil nas últimas décadas é a *descristalização* dos modelos de transição, ou seja, uma dissociação no exercício de

algumas funções adultas, e a *latência* que separa a posse de alguns atributos do seu imediato exercício (SPOSITO, 1997).

As trajetórias juvenis contemporâneas, segundo Pais (2006) poderiam ser caracterizadas como *trajetórias ioiô*. Enquanto nos tradicionais estudos de passagem da adolescência para a vida adulta os jovens adaptavam-se às formas prescritas que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida – transições que ocorriam predominantemente em espaços estriados, reveladores da ordem e do controle –, atualmente as transições encontram-se sujeitas às culturas performativas que emergem nos cotidianos dos jovens. Ainda que marcadas por desigualdades e assimetrias, as trajetórias juvenis são permeadas por inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém.

Portanto, as mudanças históricas ao longo do século XX, trazidas por transformações socioeconômicas, no mundo do trabalho, no campo dos direitos e da cultura, deram novo significado a essa condição. A juventude não é percebida apenas como moratória, mas como um momento marcado pela inserção em múltiplas dimensões da vida pessoal e social. Produziu-se assim, uma extensão da juventude, em vários sentidos:

(...) na duração desta etapa do ciclo de vida (no início da industrialização referida a alguns poucos anos, chegando depois a intervalos que podem durar dez ou 15 anos); na abrangência do fenômeno para vários setores sociais, não mais só os rapazes da burguesia, como no início (operada principalmente pela inclusão no sistema escolar e no universo simbólico); nos elementos constitutivos da experiência juvenil e nos conteúdos da noção socialmente estabelecida (ABRAMO, 2005, p. 43).

A experiência juvenil passa a ter sentido em si e não mais somente como preparação para a vida adulta (SPOSITO, 1997; ABRAMO, 2005; ABAD, 2003). Esta perspectiva não omite as desigualdades e injustiças que permeiam a experiência de indivíduos de diferentes grupos sociais. O tempo livre de jovens de estratos populares pode ser percebido como tempo de espera, de falta de trabalho, de estudos e de ócio criativo. Enquanto para os jovens de classes sociais mais abastadas pode significar um período de formação e de preparo para as exigências de conhecimentos cada vez mais complexos para a inserção social ou pela falta de garantia de absorção no mundo do trabalho apesar da educação recebida (ABAD, 2003).

As mesmas desigualdades marcam a experiência de moças e rapazes. Em detrimento das novas maneiras de experimentar a vida afetivo-sexual, tanto o calendário como os padrões de comportamento deles e delas são marcados por assimetrias que

acenam para o privilégio dos homens (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; HEILBORN; CABRAL, 2004; RIETH, 2002). No mesmo sentido, jovens negros encontram-se em lugar de desvantagem em relação aos seus pares brancos quando consideradas, por exemplo, as condições de acesso e permanência no mundo do trabalho: ingressam mais precocemente nas piores funções, possuem os rendimentos mais baixos, têm menos registro em carteira e, por isso, contribuem menos com benefícios de seguridade social (CORROCHANO et al., 2008).

1.2 – Jovens e masculinidades

Olhar para a juventude e os modos de vida daqueles que se encontram nesta condição tem se constituído em uma forma profícua para que pesquisadores compreendam as mutações que se operam no mundo contemporâneo. Sem negar que elas atingem todos os grupos sociais, independente da etapa de vida em que se encontram, há um consenso de que esses câmbios influenciam as subjetividades daqueles que possuem o desafio de se posicionar em um contexto de incertezas, novidades e intensas transformações sociais, culturais, econômicas e políticas que marcam a atualidade. Os jovens, por ocuparem um lugar especial no interior dos ciclos de vida, estariam menos enraizados na ordem social constituída e teriam maior capacidade de aprender e explicitar as mudanças sociais em curso.

Esta perspectiva já estava presente nas análises de Karl Mannheim (1979, 1993), que de maneira pioneira, tratou dos problemas das novas gerações. Para esse autor, a juventude teria uma função específica como agente revitalizador da ordem social, não por ser inerentemente progressista, mas porque não se encontra ainda completamente envolvida no *status quo*. Diferentemente da criança, que vive sob a heteronomia e dependência dos pais, os jovens se defrontariam pela primeira vez, segundo sua análise, com a sociedade moderna e o caos de valores antagônicos que regulam a vida cotidiana. O que se constitui para ele como uma novidade desafiadora é para o adulto algo habitual e encarado como fato “natural”. Diz o autor: “a juventude não se apresenta progressista nem conservadora por natureza, mas é uma potencialidade que está pronta para qualquer nova orientação da sociedade” (MANNHEIM, 1979, p. 95).

Sua análise repousa sobre o fato de que a sociedade é uma contínua construção, que requer instituições e regras sociais mais ou menos estáveis, estando os sujeitos mais jovens com um acesso diferenciado a essa cultura. Eles encontrar-se-iam sempre mais

distantes do que os adultos dos objetos e valores que estão a sua disposição. Esse lugar diferenciado permite uma nova modalidade de começo, mediante a qual a apropriação, elaboração e desenvolvimento podem criar novas disposições e/ou maior facilidade para a adaptação frente a mudanças. Nessa mesma perspectiva, Peralva (1997) atenta-se para o fato de que diante das injunções do mundo contemporâneo, velhos e novos aprenderiam juntos a viver em uma sociedade cada vez mais atualizada e indeterminada, contudo:

Enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação (PERALVA, 1997, p. 23)

Considerando essas observações, entender como os jovens significam as relações de gênero e atribuem sentidos ao *ser homem* e ao *ser mulher* pode ser relevante para verificar fraturas e (des)continuidades nos significados socialmente disponíveis e manipulados pela juventude. Alguns autores têm levantado hipóteses. A partir das mudanças nos últimos trinta anos do século XX, no que diz respeito às relações de gênero e o declínio do patriarcalismo, Manuel Castells avança que as novas gerações teriam personalidades mais flexíveis, pois seriam socializadas “fora do padrão tradicional da família patriarcal e expostas, já na infância, à necessidade de adaptarem-se a ambientes estranhos e aos diferentes papéis exercidos pelos adultos” (Castells, 2006, p. 275).

No mesmo sentido, Nolasco (1995) considera que a fragmentação e sincretismo seriam constitutivos dos novos padrões de conformação de subjetividades masculinas. Segundo a análise desse autor, os sujeitos enfrentariam dilemas cada vez maiores para nomear e valorizar suas vivências cotidianas, considerando a emergência de novos campos de representação para as ações diárias dos sujeitos do sexo masculino. Explorar as transformações e problematizar as hipóteses de Castells e Nolasco é um exercício útil para construir um olhar sobre o objeto desta dissertação.

Em seu estudo sobre a construção da masculinidade, Oliveira (2004) define-a como um “lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação”. Trata-se de um “ideal culturalmente elaborado ou um sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados” (p.13). A palavra começou a ser utilizada apenas em meados do século XVIII no Ocidente, no

momento em que se realizavam uma série de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que imprimiram novos critérios de diferenciação entre os sexos.

Dentre elas, eu destacaria a formação do Estado nacional moderno e a criação de instituições específicas, como os exércitos, resultando nos processos de disciplinarização e brutalização dos agentes nelas envolvidos, bem como o surgimento de ideais burgueses e dos valores de classe média, calcados no pragmatismo dos negócios, na personalidade moderada e no culto da ciência metódico-racional. Esses fatores, ao lado de outros, se imbricam e se influenciam reciprocamente, sendo decisivos, de acordo com a argumentação aqui assumida, para a modelação do moderno ideal masculino (OLIVEIRA, 2004, p. 19).

Nicholson (2000) contribui para essa análise, mostrando como nesse período se processaram profundas modificações nas percepções a respeito de diferenças psicológicas, comportamentais e corporais entre homens e mulheres. Apoiando-se nos estudos de Thomas Laqueur sobre a literatura médica, evidencia que, até o século XVII, representava-se o corpo feminino como uma versão invertida, menos desenvolvida do corpo masculino. Homens e mulheres partilhavam da mesma essência, apenas menos ou pior desenvolvida nas segundas. Os corpos e os caracteres psicológicos de homens e mulheres eram percebidos dentro de um mesmo eixo vertical, estando as mulheres em um lugar inferior e os homens no topo. Somente a partir do século XVIII consolidou-se uma visão do corpo bissexuado, forjando dois pólos qualitativamente distintos.

No mesmo sentido, Lipovetsky (1989) argumenta que, até o século XVIII, os caprichos e os luxos da moda, suas novidades, ornamentações e extravagâncias, impuseram-se com relativa preponderância à moda masculina. Apenas no século XIX haverá a “grande renúncia” da moda masculina, fazendo emergir cânones que associam a elegância de homens a características como a discrição, a sobriedade e a rejeição das cores e ornamentação, e tornando a moda e seus artifícios uma prerrogativa feminina.

Esses autores não negam a existência de concepções anteriores que diferenciavam homens e mulheres, tampouco que não existissem hierarquias numa história precedente à modernidade. Entretanto, atentam-se para o fato de que, neste período, as distinções entre homens e mulheres se tornaram polarizadas e binárias, caracterizando eles e elas como seres de naturezas diversas (CARVALHO, 1999). Evidenciam, assim, o caráter temporal destas determinações (CORRÊA, 1999).

Quando Simone de Beauvoir afirmou que “não se nasce mulher, torna-se”, abriu espaço para o surgimento de pesquisas atentas para o caráter arbitrário, histórico e social da construção tanto da feminilidade quanto da masculinidade. No momento em que os estudos sobre as mulheres foram substituídos pelos de gênero, os homens se tornaram

objeto de interesse, sendo incorporados à pauta de pesquisas que visam o questionamento e a desconstrução da masculinidade (DUTRA, 2002; HARAWAY, 2004). O trabalho pioneiro das feministas trouxe à tona a centralidade das relações de gênero na vida de homens e mulheres, impondo maior distanciamento em face de comportamentos e valores que até então estavam amplamente naturalizados, vistos como inerentes ao corpo e ao mundo masculino e feminino.

Examinando a masculinidade e a feminilidade através do tempo e dos contextos, esses estudos enfatizaram as variações de comportamentos e atributos associados ao que é *ser homem* e *ser mulher*, demonstrando que a cultura era a causa mais decisiva das diferenças. Desde então, a produção científica sobre gênero se intensificou, construindo um corpo sólido de estudos empíricos e teóricos. A principal contribuição dessa produção foi apresentar novos significados dos atos corporais, sexuais e reprodutivos como construções sociais não pertencentes à esfera da biologia. Tais estudos permitiram examinar as maneiras pelas quais os significados de gênero variavam de cultura para cultura, e como são transformados ao longo do tempo.

Existem hoje diferentes correntes teóricas que fundamentam as análises sobre as relações de gênero, visando explicar como se organiza a vida de mulheres e homens, e evidenciar as desigualdades e hierarquias sociais. A definição de gênero empregada pela historiadora Joan Scott (1995) é pertinente para o entendimento desse conceito. Segundo essa autora: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Essa definição se assenta no fato de que as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a alterações nas representações de poder. As relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos², de acordo com Scott, implicam em quatro elementos inter-relacionados: a) os **símbolos** culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e com frequência contraditórias; b) os **conceitos normativos** que expressam interpretações dos significados desses símbolos (presentes em doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas); c) as **instituições** e **organizações sociais** que operam na construção de gênero, muitas vezes, instituindo uma noção de fixidez e intemporalidade; d) as

² Importante deixar evidente que na conceituação de Scott gênero não diz respeito a diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. A autora se filia às correntes teóricas do pós-estruturalismo, tomando o discurso – linguagem e atos que têm significados – como um instrumento de orientação do mundo (GROSSI, 2004).

identidades subjetivas, ou melhor, formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e estão relacionadas com uma série de atividades, de organizações e representações sociais históricas específicas.

Outro elemento analisado pela autora diz respeito à imbricação das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos com as relações de poder. Os usos e significados de gênero nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e de subordinação – são construídas (SCOTT, 1994). Segundo a autora, enquanto as diferenças entre os corpos forem solicitadas a testemunhar determinadas relações sociais e desigualdades que nada tem a ver com a sexualidade, permanecerão engendrando lógicas de poder. Disso decorre o argumento da autora de que “a política constrói o gênero e o gênero constrói a política”.

Estabelecidos como um conjunto objetivo de referência, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder (SCOTT, 1995, p. 88)

A análise de Oliveira (2004) sobre a emergência de um ideal moderno de masculinidade é profícua para atestar os argumentos acima apresentados. Para esse autor, a formação dos Estados modernos teve papel determinante para a construção de comportamentos socialmente considerados como autenticamente masculinos, haja vista que para a manutenção da autonomia e soberania das nações foi fundamental a criação de exércitos, cujo efeito mais emblemático foi o alistamento militar compulsório.

Ao serem convocados, os soldados estariam em ação por uma causa nobre: a defesa da pátria. Isso só seria possível se eles demonstrassem sua devoção ao país por meio de sua virilidade e de atos de coragem (...) vinham de todas as classes sociais e, dessa forma, a inculcação de ideais masculinos, através da instituição militar, ultrapassava as distinções de classe e valia para todos os varões de suas respectivas nações. A luta em torno dos valores nacionais permitia que os ideais de masculinidade apregoados pela instituição militar atingissem de modo uniforme as populações masculinas de todos os segmentos. A partir daí, o *ethos* guerreiro, muito cultivado no exército, dissemina-se e passa a ter ampla valorização social (OLIVEIRA, 2004, p. 27)

O autor demonstra como, a partir de então, o heroísmo, o destemor da morte, e a coragem para lidar com a dor e o perigo eram, ao mesmo tempo, uma preparação para a guerra e um treinamento para a autêntica masculinidade. A ideia de que o serviço militar seria uma escola para a maturidade foi abraçada por muitos que viam neste sacrifício um caminho rumo à virilidade e libertação da degeneração e dos vícios. A guerra convertia jovens em homens repletos de energia e prontos para o combate. A força desse modelo se fez visível na exaltação da aparência daqueles que passaram por

essa experiência: seus corpos esguios, flexíveis, musculosos, suas faces impressionantes, com olhos que presenciaram milhares de mortes (LORIGA, 1996). Esses ideais permearam um longo período da história, inclusive aquele que experimentou duas grandes guerras.

Somam-se a ele, os ideais burgueses que também ganharam força desde o século XIX. Assim, outras características como a disposição para o trabalho, a modéstia e a perseverança passaram a ser cultivadas e associadas à masculinidade. Ao devotado soldado guerreiro, acrescentou-se outra face fundamental do ideal moderno de masculinidade: o trabalhador e pai de família exemplar.

No século XIX, a religião se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa, enquanto o exército e os esportes cultivavam valores masculinos para a educação da virilidade. Uma das instituições mais importantes, e que serviu de modo fundamental para veicular esse tipo de moralidade, foi o casamento, visto como consequência natural na vida do cidadão comum e também como uma barreira contra os vícios e a degeneração. A contenção, a moderação, o autocontrole burguês era tidos como fundamentais tanto para a vida familiar quanto para os futuros chefes de família. Desenvolver o equilíbrio e o domínio sobre si próprio era pré-requisito para que se pudesse ter controle e autoridade sobre a família, na condição de marido e pai. Isso terá uma influência decisiva para os processos de subjetivação modernos e também para a questão do poder, pois “será digno de governar outros, aquele que adquiriu domínio de si”, ou ainda, “o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo” (OLIVEIRA, 2004, p. 49)

Ainda que o pai provedor nunca tenha vingado de modo eficiente nos segmentos mais pobres, onde o orçamento familiar sempre demandou o trabalho de outros membros da família, esse ideal se fez presente nos conceitos que normatizavam condutas masculinas tanto na realidade europeia nos primórdios da Revolução Industrial quanto no início do século XX no Brasil, como demonstra Fonseca (2001).

A segunda metade do século XX marcou transformações neste arranjo que trouxeram consequências substanciais para as relações de gênero e na vida das mulheres, nos mais diferentes domínios: família, reprodução, trabalho, vida pública, sexualidade, educação, entre outros. Castells (2006) considera que a família patriarcal, baseada na autoridade/dominação exercida pelo homem, ficou enfraquecida em decorrência do divórcio, do ingresso massivo das mulheres no mercado de trabalho, do adiamento da formação de novos matrimônios e da emergência de novos relacionamentos afetivos que abdicaram de formalidades para estabelecer laços de união, diluindo o predomínio do modelo da família nuclear.

Therborn (2006) apresenta dados estatísticos que atestam, em diferentes lugares do mundo, a diminuição das taxas de natalidade decorrente de novas lógicas que

estruturaram a família e de um maior controle que as mulheres passaram a exercer sobre seus corpos. Junto a isso, esses autores partilham da opinião de que o ingresso massivo das mulheres no mundo do trabalho, a partir do período pós-guerra e, no caso brasileiro, na década de 70, forçou, além das mudanças nas relações familiares, alterações na conformação da identidade feminina.

De acordo com Hobsbawn (1995), após a Segunda Guerra Mundial, teve início uma revolução social no Ocidente, em especial a partir da década de 70. Esta teria como grande elemento de transformação social a emergência das mulheres como uma força política importante, que operou um esforço de redefinir o gênero feminino em oposição direta ao patriarcado. Tais agitações resultaram na alteração do conjunto de atribuições e expectativas socialmente atribuídas a elas, e em particular, as suposições sobre sua pertinência pública.

Além das mudanças que alteraram a vida e as expectativas socialmente atribuídas às mulheres, esses autores chamam a atenção para a emergência dos movimentos de defesa dos direitos civis de gays e lésbicas, que contribuíram para o declínio dos tabus e da repressão sexual em que se estruturaram a masculinidade e o patriarcalismo. A heterossexualidade compulsória é considerada por tais autores uma das bases que articulam esse sistema de dominação, vinculando Estado à pulsação da libido pela maternidade, paternidade e família. O questionamento dessa premissa pelos movimentos sociais, que eclodem na década de 70 e 80, põe em ação uma crítica sobre o que é considerado sexualmente normal e sobre a família patriarcal. Essa movimentação também se faz presente no Brasil. Sobre seus dilemas e conquistas, Carrara e Simões (2007) fazem uma análise competente acerca de sua aparição. À articulação de grupos e movimentos sociais, esses autores computam os desafios postos para o enfrentamento da AIDS também mudaram dramaticamente as normas da discussão pública sobre a sexualidade, deixando como legado a ampliação, sem precedentes, da visibilidade e do reconhecimento dos desejos e das práticas homossexuais.

Considerando essas alterações da segunda metade do século XX, tornou-se lugar-comum falar sobre as mudanças nas relações entre homens e mulheres e sobre as transformações da conduta masculina. Há especulações sobre a atual insegurança masculina diante da mulher independente e de sua perda de pontos de referência para construir uma identidade e, nesse contexto, os homens não saberiam mais como se definir. Os autores Kimmel (1998), Connell (1995, 1997) e Almeida (2000) não

compartilham dessa ideia. Na opinião desses autores, as definições construídas ao longo da história moderna podem ter perdido sua força de arregimentação em função das transformações mais recentes, dando possibilidades para que outras masculinidades ganhassem maior espaço e legitimidade e se apresentassem como um “cardápio” mais plural e acessível para que homens construam sua subjetividade e ordenações do mundo. Assim, os homens não estariam perdidos, tampouco suas determinações estariam destituídas de lógicas de poder e disputas por hegemonia.

Para eles, mesmo no período moderno, não existiria uma única masculinidade, mas sim masculinidades permeadas por disputas e relações de poder que engendram ideais hegemônicos, que se constroem em oposição a “outras” masculinidades que são problematizadas e desvalorizadas.

Parece-me central o uso da noção de “masculinidade hegemônica”, ou seja, não o “papel” masculino, mas sim uma variedade particular de masculinidade que subordina outras variedades. Se a fissura entre as categorias de “homem” e “mulher” é um dos factos centrais do poder patriarcal e da sua dinâmica, no caso dos homens, a divisão crucial é entre masculinidade hegemônica e várias masculinidades subordinadas. Daqui segue-se que as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também pela sua inter-relação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional. Por isso, na empiria, se verifica que a forma culturalmente exaltada de masculinidade só corresponde às características de um pequeno número de homens (ALMEIDA, 2000, p. 149-150)

A hegemonia se dá com a ascensão de determinados valores, vontades e práticas que passam a organizar a vida das pessoas nos mais diferentes âmbitos. Ela cria vontades, sentidos comuns e se perpetua nos processos de socialização que, sem obliterar alternativas, deixa-as na semiescuridão. No caso do gênero, trata-se da capacidade de impor uma definição específica sobre masculinidade. O conceito permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas por um consenso sustentado pelos significados simbólicos incorporados.

Hegemônico e subalterno se conformam em uma ordem social e econômica desigual e dividida em gêneros. Aos homens cuja ordem de gênero é mais privilegiada, as relações de poder que permeiam a construção da masculinidade podem parecer pouco visíveis, mas isso é diferente para aqueles que estão em situação de menor vantagem. Pensar na existência de uma única masculinidade é confundir hegemonia de gênero com totalitarismo. As masculinidades hegemônicas são produzidas juntamente com outras masculinidades, em contextos e condições que a sustentam e estão em constante mutação (CONNELL, 1995).

Essa perspectiva afirma que em qualquer ordem de gênero de uma sociedade há mais de uma configuração de masculinidade, mas chama a atenção o fato de que isso não implica o reconhecimento de um *pot-pourri* de identidades masculinas disponíveis para que os sujeitos sigam suas vidas da maneira como queiram (ARRILHA, 1998). As masculinidades produzidas em um mesmo contexto social incluem relações entre homens, entre homens e mulheres, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Assim, mesmo que o ideal de masculinidade moderna, gestado na Europa, tenha declinado no final do século XX, ela nunca se constituiu em um receituário único pelo qual os indivíduos do sexo masculino se orientaram, embora certamente tenha se constituído em uma variedade particular que certamente subordinou outras.

Tanto Connell como Kimmell consideram o fato de que a masculinidade moderna foi cunhada para europeus e brancos e não para aqueles que estavam sob seu domínio. Nesse sentido, esse ideal nunca teve como pretensão se constituir em um parâmetro universal, mas, pelo contrário, foi usado como elemento para atribuir um caráter de inferioridade para outras práticas sociais e atribuir aos corpos de outrem atributos de deficiência e exotismo, construindo toda a sorte de explicações sobre pretensas diferenças intrínsecas a ele. Afinal, os séculos de gestação do ideal moderno de masculinidade também deram origem a percepções europeias sobre outros povos subjugados pelo imperialismo e pelo colonialismo.

A construção de percepções sobre o corpo negro e sua “natureza” são exemplos profícuos para esta dissertação. De acordo com Arendt (1998), é a partir do século XVIII, nos campos da Biologia que serão criadas as primeiras ideias “científicas” sobre a existência de raças humanas. Ou seja, de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécies, tal como o mundo animal, e de que tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, de dotes psíquicos e intelectuais entre os seres humanos. Sobre os negros, Moutinho (2003) sintetiza da seguinte maneira as ideias de Joseph Arthur Gobineau, conde do século XIX, que entrou para a posteridade como o pai do “racismo” científico:

“Negros”: seu caráter de animalidade aparece impresso na forma da sua pélvis e na fronte estreita. Acreditava que sua capacidade intelectual era “medíocre” ou “nula”. No entanto, possuíam no desejo e na vontade uma “terrível” intensidade: seus *sentidos* possuíam um vigor ímpar, somente pertencente a esta “raça”, em especial o paladar e o olfato. Estas sensações assim desenvolvidas se constituíam para o autor em uma espécie de “selo de inferioridade” e soam como uma espécie de animalização. Não possuem repugnância por nenhum alimento – todos lhes pareciam bons; somente

desejariam comer. Comer com excesso e furor. A atitude semelhante se dá com os odores. Nenhum os repugna; sua *sensualidade tolera tanto os piores como os mais repulsivos tipos*; possuem instabilidade de humor e pouco apego à vida alheia, matam por gosto de matar. Possuem menos vigor muscular e suportam menos a fadiga (MOUTINHO, 2003, p. 58-9, grifos da autora).

A caracterização feita por Oliveira sobre a emergência do ideal de masculinidade moderno e burguês destoa dos aspectos elencados por Gobineau sobre os negros, mais próximos de uma natureza impulsiva. Estes últimos eram percebidos pelo conde como destituídos da inteligência e capacidade reflexiva, da ordem e sentido pela liberdade, da avaliação moral para avaliar suas atitudes e incapacidade de morrer por seus ideais. Eram, em tese, os brancos aqueles com caráter mais civilizado e, portanto, capazes de corresponder a uma masculinidade disseminada pelo ideal forjado na Europa.

1.3 – Homens negros no Brasil

No Brasil é comum a afirmação de que no país não existem regras fixas ou modelos de descendência biológicas aceitas de forma consensual para definir o pertencimento racial da população (ROCHA; ROSEMBERG, 2007). Tal fenômeno se assenta nas particularidades relacionadas ao modo como se deu a integração da população negra escravizada no país e da construção de narrativas acerca das especificidades da composição do povo brasileiro, engendrando modos particulares de identificação, assim como de manifestação do preconceito e do racismo.

Retomar as ideias vinculadas a este processo, ainda que de maneira breve e sucinta, foi uma tarefa importante para entender a complexidade das relações entre brancos e negros nesta sociedade. Contudo, um primeiro aspecto a ser explicitado é compreensão de raça nesta dissertação. Em acordo com Guimarães (2003), propõe-se aqui que na sociologia esta categoria deve ser entendida apenas como conceito *nativo*, forjado na e ao longo da história e da vida social. Ou seja, as raças somente podem ser compreendidas como uma construção social, como efeitos de discursos³.

As sociedades humanas constroem discursos sobre suas origens e sobre a transmissão de essências entre gerações. Esse é o terreno próprio às identidades sociais e o seu estudo trata desses discursos sobre origem. Usando essa ideia, podemos dizer o seguinte: certos discursos falam de essências que são basicamente traços fisionômicos e qualidades morais e intelectuais; só nesse campo a ideia de raça faz sentido. O que são raças para

³ O que chamamos de racismo não existiria sem essa ideia. Tal doutrina sobreviveu à criação das ciências sociais, das ciências da cultura e dos significados. Depois da tragédia da Segunda Guerra, assistimos a um esforço de cientistas para sepultar a ideia de raça, desautorizando o seu uso como categoria científica. O desejo de todos era apagar tal ideia da face da terra, como primeiro passo para acabar com o racismo (GUIMARÃES, 2003, p. 96).

a sociologia, portanto? São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (GUIMARÃES, 2003, p. 96)

Como já evidenciei foi no campo da biologia e da antropologia que se forjou a explicação de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécies, hierarquizando as sociedades e populações humanas. Como doutrina científica, essas ideias se apresentaram no Brasil em uma cena política particular: o início da República e a abolição da escravidão que traziam, como consequência, a igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e entre estes e os africanos escravizados (GUIMARÃES, 2004). O debate sobre a organização da sociedade, não mais estratificada entre libertos e escravos, se deu pela incorporação destas teorias em especial nas escolas de direito, de Recife e São Paulo, e nas escolas de medicina, da Bahia e Rio de Janeiro.

A “raça” era introduzida, assim, com base nos dados da biologia da época e privilegiava a definição dos grupos segundo seu fenótipo, o que eliminava a possibilidade de se pensar no indivíduo e no próprio exercício da cidadania. Dessa maneira, em vista da promessa de uma igualdade jurídica, a resposta foi a “comprovação científica” da desigualdade biológica entre os homens, ao lado da manutenção peremptória do liberalismo, tal como exaltado pela nova República de 1889 (SCHAWRCZ, 1998, p. 186)

Essas escolas, contudo, não incorporaram tal qual uma cópia as ideias discutidas na Europa, mas antes, constituíram uma maneira singular de explicação capaz de tornar a nação viável. Adaptaram o que combinava – da justaposição de uma espécie de hierarquia natural à comprovação da inferioridade de largos setores da população – e descartaram o que de alguma maneira soava estranho, principalmente aquilo que dizia respeito aos infortúnios da miscigenação (SCHWARCZ, 1993). Assim, nesse período, emergiram desde doutrinas que asseguravam com pessimismo o futuro do Brasil até diferentes versões do *embranquecimento*. No último caso, tais teorizações subsidiaram políticas de imigração, que pretendiam a substituição pura e simples da mão de obra negra por imigrantes europeus, e apostas na miscigenação como caminho para a lenta e contínua fixação pela população brasileira de caracteres mentais, somáticos, psicológicos e culturais da raça branca.

A partir de 1930, a noção biológica como lente para a leitura da sociedade brasileira foi substituída pela noção de cultura. Preocupado com a busca da *alma brasileira*, Gilberto Freyre, o principal ícone dessas novas ideias, encontra no cruzamento das três raças, a constituição material e simbólica do ethos de uma nova civilização, expressa no sincretismo de sua cultura e no caráter miscigenado e mestiço

de sua nação. Esse ethos ganhará em seus escritos o nome de *democracia social e étnica*.

Freyre fez da miscigenação (e da ascensão social dos mulatos) a pedra fundamental de sua compreensão da sociedade brasileira e diferentemente de seus antecessores – que apostavam na miscigenação como uma aposta no branqueamento – encontrou nela elemento que fazia do Brasil uma nação diferente. Desde, então, muitos daqueles que se propuseram a definir uma especificidade nacional selecionaram a conformação racial encontrada no país, destacando a particularidade da miscigenação (SCHWARCZ, 1998).

De acordo com Guimarães (2004), as perspectivas de Freyre devem ser compreendidas no bojo de suas preocupações em definir a nação brasileira, entendida como uma comunidade de pertença cultural, linguística e racial homogênea. Ou seja, tinha o interesse de descobrir nas entranhas da sociedade indícios de uma identidade em que se sustentasse o esforço de integração nacional. Assim, construiu uma narrativa particular acerca de uma nação mestiça e culturalmente uniforme, vista como produto da miscigenação entre europeus, indígenas e africanos.

A popularidade de seus trabalhos e de seus contemporâneos se deu no momento em que o Estado Novo tinha como desafio inserir o Brasil no mundo livre e democrático, por oposição ao racismo e ao totalitarismo nazi-fascista, vencidos na Segunda Guerra Mundial. Assim, a mestiçagem acabou sendo incorporada como traço básico do caráter nacional. Mais do que uma ideologia, ela foi um modo tacitamente pactuado de integração dos negros à sociedade de classes do Brasil pós-guerra (GUIMARÃES, 2006).

Materialmente, a ampliação do mercado de trabalho urbano absorveu grandes contingentes de trabalhadores pretos e pardos, incorporando-os definitivamente às classes operárias e populares urbanas (...) simbolicamente, o ideal modernista de uma nação mestiça foi absorvido pelo Estado e as manifestações artísticas, folclóricas e simbólicas dos negros brasileiros foram reconhecidas como cultura afro-brasileira (GUIMARÃES, 2006a, p. 276)

Desde, então, a história das relações entre brancos, negros e índios foi paulatinamente disseminada como processo mais ou menos harmonioso e integrador, um equilíbrio entre antagônicos:

O Brasil teria sido percebido historicamente como um país onde brancos tinham uma fraca, ou quase nenhuma, consciência de raça, onde a miscigenação era desde o período colonial, disseminada e moralmente consentida; onde os mestiços, desde que bem-educados, seriam regularmente incorporados às elites; enfim, onde o preconceito racial nunca fora forte o suficiente para criar uma “linha de cor” (GUIMARÃES, 2006a, p.273)

Tanto as ideias dos intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX, quanto as perspectivas disseminadas a partir da década de 1930 no Brasil não ficaram circunscritos aos meios acadêmicos, mas disseminam-se como ideais a iluminar um conjunto de práticas sociais e cotidianas. Por exemplo: o carnaval, o sincretismo religioso, o futebol atestariam essa nação mestiça.

Souza (1996), por exemplo, analisa a essencialização da construção da imagem da nação brasileira via futebol. Segundo o autor, a partir da década de 1950 tendeu-se a atribuir aos homens negros e mulatos uma essência: haveria neles um tipo físico ideal para a prática maliciosa com a bola e um temperamento também específico marcado pela alegria, criatividade e dom artístico – atribuições inatas, fixas e naturais. Tratou-se de uma visão engendrada no compromisso político de dar um destino para a contribuição dos elementos de uma cultura negra, que compõem a nação brasileira.

Queiróz-Júnior (1975), por sua vez, explicitou como, da literatura brasileira de 1903 até as marchinhas de carnavais da sessenta de setenta, estavam comprometidas com as perspectivas recorrentes de cada tempo histórico, sendo a focalização da mulata um elemento importante para entender como escritores narravam contradições e inconsistências da organização da sociedade. De maneira geral, essa figura encarnou e foi descrita como personagem que condensava peculiaridades físicas de brancas e de negras, constituindo-se num tipo de beleza *sui generis*, ora capaz de ameaçar a integridade moral da sociedade brasileira, ora como fator comprobatório do branqueamento da nação e ora como responsável pelo espraio de uma cultura brasileira.

No mesmo sentido, Moutinho (2003, 2004), ao estudar obras literárias com personagens negros e mulatos, e de relações inter-raciais entre homens negros/mestiços e mulheres brancas e vice-versa, encontra singularidades a respeito da caracterização destes sujeitos e avaliações sobre os riscos ou destinos para esses relacionamentos. Sobre os homens, a autora destacou caracterizações de negros como portadores de corpos viris, abastecidos de músculos e irracionalidade e com forte desejo de ascensão social, interessados em uniões com mulheres brancas. Além disso, os mulatos eram descritos, quando bem educados, como pessoas sóbrias e racionais, mas igualmente viris e perturbadoras do imaginário feminino.

No que diz respeito aos relacionamentos afetivos, diferente do par mulher negra/mestiça e homem branco, mais bem aceito como casal miscigenador, segundo Moutinho, o par homem negro/mestiço e mulher branca aparece invariavelmente como

poluidor nos romances e peças teatrais. Os destinos trágicos desses relacionamentos seriam segundo sua argumentação evidências de que se trata de um contato “tabu”. A pesquisadora conclui que, no primeiro caso, homem branco e mulher negra/mestiça se constituem em par que através de uma relação de dominação e erotismo fala da construção da nação, tal qual foi estabelecida pelos intelectuais desde o século XIX. Ao passo que o par homem negro/mestiço e mulher branca ameaça a estrutura de dominação de classe e gênero, que articula desejo e casamento. O casamento concederia ao homem negro o lugar ocupado pelo branco na estrutura de dominação.

A variável “desejo” aparece como o elemento mais recorrente [para justificar esses relacionamentos], porém há algo de tantálico nesse desejo, tendo em vista que a maioria dos casais acaba separado. Entre os casais que permaneceram juntos ao final da narrativa, o desejo infrene marca a relação dos casais (MOUTINHO, 2003, p. 174)

A análise empreendida por Laura Moutinho sobre essas relações afetivas e articulação feita pela autora sobre o status da cor e as hierarquias de classe e gênero são ricas, para apontar a articulação entre raça, gênero e sexualidade. Por um lado, a autora dá visibilidade a determinadas representações sobre o homem negro e mestiço, por outro, apresenta o substrato hierárquico que também predominou no imaginário brasileiro para forjar o ideal de uma nação constituída pela miscigenação.

Em que pese suas contradições e hierarquias, é a partir desta história que podemos compreender a ambiguidade e fluidez do sistema de classificação racial no Brasil, resultante de um processo sofisticado de conversão do país em uma nação mestiça, forjada especialmente pela relação de brancos e negras/mestiças. Definir quem é branco ou negro se constituiu no Brasil em uma tarefa desafiadora, tendo em vista que por aqui predominou o argumento célebre de Freyre: “todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro”.

Essa história não resultou no abandono de taxionomias para a identificação da população, mas aqui a combinação da aparência e de outros elementos predominou para a definição de quem eram negros, brancos e mestiços: cor da pele, traços corporais (formato do nariz, lábios, tipo e cor de cabelo), origem regional e social, isto é, da “aparência geral, composta pela combinação do estilo de vida (o jeito), como o grau de instrução, a renda, o estilo em matéria de moda (cabelos, roupas, carros) e até a simpatia ou antipatia do falante pela pessoa em questão (SHERIFF, 2001).

Tampouco teve como resultado amainar a manifestação de preconceito e da discriminação contra a população negra, apenas deu contornos particulares para a sua manifestação no país, sendo os traços físicos do indivíduo chamados como elementos que atestavam pouco prestígio e a inferioridade deste grupo. Nogueira (1979) nomeará a forma de manifestação do preconceito no Brasil como *preconceito de cor*.

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca, quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem (NOGUEIRA, 1985: 78-9)

Em meados da década de 1970, a miscigenação e a ambiguidade da população como traços que caracterizam a sociedade brasileira sofre um período de inflexão. No campo acadêmico, a publicação, em 1979, de *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, de Carlos Hasenbalg, representou um marco na produção sociológica brasileira. A partir de dados estatísticos, o argumento da publicação era o de que havia desigualdades significativas entre brancos e não-brancos no País.

Uma das causas importantes das disparidades entre os grupos de cor, segundo seu argumento, era a desigual distribuição geográfica, com os não-brancos (das cores preta e parda) concentrados nas regiões menos desenvolvidas, Norte e Nordeste, e os brancos concentrados nas regiões mais desenvolvidas, no Sul e Sudeste. Essa polarização, por sua vez, se traduzia em diferenças na apropriação de oportunidades sociais em áreas como educação, emprego e rendimentos. Embora tenha se restringido à análise de dados quantitativos, o autor atribuiu as desigualdades ao racismo e à discriminação racial.

O racismo, como construção ideológica incorporada é realizada através de um conjunto de práticas materiais de discriminação racial, é o determinante primário da posição dos não-brancos nas relações de produção e distribuição (HASENBALG, 1979, p. 114)

Além disso, em entrevista à Antônio Sérgio Guimarães, Hasenbalg argumenta que:

(...) uma cultura racista está permeada de estereótipos e representações negativas de grupos minoritários (negros, mestiços, nordestinos, bolivianos etc.). Esses estereótipos culturais tendem a se autoconfirmar e acabam limitando as aspirações e as motivações, neste caso, das pessoas não-brancas. Em *Discriminação...*, apontava que práticas discriminatórias e estereótipos se reforçam mutuamente e levam a que muitos negros e mestiços regulem suas aspirações de acordo com o que é culturalmente imposto como o “lugar apropriado” para os não-brancos (GUIMARÃES, 2006b, p. 261)

A emergência de estudos que mostravam as disparidades entre brancos e não-brancos na sociedade deu novo fôlego ao debate sobre relações raciais no Brasil, e repercutiu fortemente entre os militantes do movimento negro cujas denúncias e reivindicações eram convergentes às conclusões de Hasenbalg. O debate sobre os rumos da sociedade brasileira e a existência ou não do racismo animaram grupos políticos, num contexto de alterações substanciais no País.

Na América Latina, o período compreendido entre 1980 e 1990 é caracterizado pelos esforços de reconstrução do Estado democrático de direito, depois de duas décadas de autoritarismo, inclusive no Brasil. Esse processo é marcado pela emergência de dois paradigmas que alteraram as perspectivas correntes acerca da nação e dos direitos civis, mais comuns às décadas iniciais do século XX. Segundo Guimarães (2006b) prevaleceram, por um lado, nesse processo o paradigma de multiculturalismo e multirracialismo; por outro, a democracia deixou de ser entendida em termos estritamente liberais (a igualdade formal dos cidadãos e a garantia de liberdades individuais), mas como regime garantidor de direitos coletivos e de grupos sociais que devem ter garantidas a igualdade de oportunidades.

Nesse contexto, o movimento negro e seus parceiros acadêmicos saíram vitoriosos nessa conjuntura, visto que uma grande novidade trazida pela Constituição Brasileira de 1988 foi o reconhecimento do racismo como um problema nacional. Mais do que atestar a diversidade cultural dos negros, ela abriu precedentes para a luta contra as desigualdades raciais. Em sua redação final, afirma a obrigação da República em promover o bem de todos sem preconceito racial e caracteriza o racismo como um crime inafiançável e imprescritível. Trata-se de um processo de inflexão acerca do discurso da miscigenação e da ausência de conflitos decorrentes da discriminação e preconceitos na população brasileira.

Doze anos depois, a realização, em 2001, da *Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância*, realizada em Durban, na África, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas (ONU), foi marcada pela participação de diversos movimentos negros brasileiros e pelo compromisso do governo de implementar ações afirmativas que reparassem a história de violência e opressão que marcaram a população negra brasileira desde a escravidão. Ao longo da gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso e mais fortemente na

gestão Luiz Inácio Lula da Silva, ocorre a adoção de políticas de ação afirmativas⁴ com vistas a garantir melhores condições de acesso ao trabalho, à cultura e à educação da população negra. Em 2003 foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) para fortalecer essas novas diretrizes.

A adoção dessas políticas tem criado um intenso debate entre intelectuais, movimento negro, pesquisadores e organizações não-governamentais. Nem todos estão de acordo com os méritos destas iniciativas e de seus impactos para o conjunto da população brasileira. Mas há um consenso de que desde o final da década de 1980 o Brasil tem alterado de maneira significativa os modos de olhar e perceber a população, o que no médio prazo pode impactar também as maneiras de classificação da população brasileira. Ou seja, podem se alterar para uma perspectiva mais dualizada. Fry (2002) já acenou para esse movimento no interior dos estratos médios urbanos da sociedade, como consequência da influência dos meios de comunicação e da publicidade, e da penetração do argumento do movimento negro. Nesse segmento, há a recorrência de que todos aqueles capazes de alegar alguma ascendência africana afirmem-se como negros.

1.4 – As propostas e preocupações metodológicas

Tendo em vista as bibliografias consultadas, o itinerário da pesquisa e os deslocamentos realizados desde sua aprovação no programa de pós-graduação, meu objetivo com esse estudo foi **conhecer as referências de masculinidade de jovens negros das camadas populares – percebendo modulações, rupturas e permanências na forma como esses rapazes significam a condição masculina**. Nessa aproximação, quis verificar quais conteúdos emergiam por parte dos jovens sobre a temática e se dessas opiniões apareciam referências a determinadas construções que articulam gênero e raça, apontando especificidades para sujeitos que estão imersos em um contexto social que é generificado e racializado. **Quando são compelidos a falar sobre os outros e sobre si, os rapazes articulam e mobilizam ideias sobre ser homem e negro na sociedade brasileira? E o que dizem sobre isso?**

Um primeiro desafio que se colocou para a realização do estudo foi definir quem seriam os informantes da investigação, sobretudo considerando as singularidades do sistema de classificação racial brasileiro e a existência de um extenso vocabulário racial

⁴ Programas e políticas que buscam, por meio de intervenções no mercado ou de incentivos nos setores públicos e privados, diminuir os efeitos da discriminação nas oportunidades de mercado e em educação para determinados grupos e minorias, inclusive a população negra.

partilhados pelos sujeitos de um país onde a *cor* é usada como uma *imagem figurada para raça*, ou um *tropo para raça* (GUIMARÃES, 2003; ROCHA; ROSEMBERG, 2007), conforme problematizado anteriormente neste capítulo. Essa dificuldade tornou-se mais evidente no momento em que passei a realizar o contato inicial com os rapazes. Existiu um predomínio de jovens que se declaravam como negros, mas houve também moços que se identificavam como pardos, pretos e mestiços.

Privilegiar a interlocução com aqueles que se autotranscreviam como negros me pareceu uma estratégia razoável, mas as demais taxionomias empregadas pelos outros rapazes continham associações raciais, embora fossem mais descritivas de uma aparência. Além disso, como considera Sansone (2007) o termo negro é, implícita ou explicitamente, uma categoria política, capaz de abarcar outros termos mais descritivos como preto, escuro, mestiço, moreno ou pardo. O termo negro cria um corte no *continuum* de cor brasileiro, acentuando uma divisão polarizada entre brancos e negros. Aventurei que os jovens que se declaravam apenas negros podiam ser muito semelhantes àqueles que se declaravam pardos e mestiços do ponto vista somático e vice-versa.

Abarcar essas nuances poderia garantir uma riqueza empírica não desprezível para compreender a articulação das relações de gênero e de raça na construção da masculinidade de rapazes brasileiros. Por isso, mesmo os jovens que se identificaram a partir de termos pautados em características físicas singulares foram agrupados como negros. Essa estratégia tem sido largamente utilizada no trato de dados estatísticos no país, inclusive por órgãos governamentais, como o IBGE, sendo igualmente defendida pelo movimento negro como uma estratégia para descortinar as desigualdades sociais que permeiam a vida de brancos e negros. Trata-se também de uma ação política, com a qual concordo. Essa orientação na forma de selecionar e compor o grupo de informantes da pesquisa, contudo, não significou uma cegueira acadêmica de querer vê-los como negros, sem buscar entender o modo como os próprios jovens se percebiam em todos esses matizes, mas sim evidenciar as situações e experiências importantes para que os entrevistados adotassem esta ou aquela forma de autotranscrição.

Em um segundo momento, **também se colocou como desafio dessa pesquisa a aproximação de trajetórias de socialização desses rapazes**, pois o que falam sobre *ser homem* os jovens diz respeito aos conteúdos aprendidos ao longo de suas histórias de vida. Como ponto de partida, selecionei jovens com diferentes níveis de escolaridade. Tal estratégia se inspirou na pesquisa GRAVAD – *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil*

(HEILBORN et al., 2006), que verificou a existência de nuances nas opiniões de jovens oriundos de estratos populares sobre a sexualidade, quando considerada a instrução desses. Depois de contatar os rapazes foi possível compor três grupos a partir deste critério: um formado por jovens estudantes do ensino fundamental, um de jovens com ensino médio concluído e um composto por estudantes universitários.

Optou-se pela realização de uma pesquisa empírica de caráter qualitativo. Essa decisão resultou da aproximação de uma literatura que tem enfatizado as pesquisas desse tipo como uma estratégia fértil de apreensão da multiplicidade de percepções, vivências e experiências forjadas a partir das relações de gênero (CARVALHO, 1999; VIANNA, 1999; CRUZ, 2004). De acordo com Terragni (2005), os estudos das relações de gênero, oriundos em grande parte de estudiosas feministas, se orientaram principalmente pela realização de estudos de caráter qualitativo: entrevistas em profundidade, observação participante, pesquisa-intervenção, coleta de materiais biográficos, histórias de vida, entre outros. Tratou-se de uma aposta dessas estudiosas, que nas décadas de 1970 e 1980, tentaram desvelar a fratura entre as experiências de transformações na vida das mulheres e as categorias adotadas para pensá-las a luz de enfoques positivistas e causais. Isso não significou o abandono de *surveys* ou que não se faça uso de dados agregados⁵.

A produção acerca dos jovens também parece indicar a necessidade de estudos que busquem apreender os diferentes sentidos e percursos experimentados por moças e rapazes, de modo a perceber as subjetividades que se constroem em função de uma multiplicidade de fatores como: gênero, classe social, orientações religiosas, raça, entre outros; e de como estes se entrelaçam a percursos e trajetórias individuais. Pais (2006) recorre a uma metáfora sugestiva e útil para a presente pesquisa, pois ao refletir sobre as transições de jovens europeus para a vida adulta, afirma:

Na Europa, nas décadas imediatas ao pós-guerra, as transições para a vida adulta assemelhavam-se a viagens de estrada de ferro nas quais os jovens, dependendo da sua classe social, gênero e qualificações acadêmicas, tomavam diferentes comboios com destinos pré-determinados. As oportunidades para mudar de destino ou de trajeto eram limitadas. Posteriormente, as transições dos jovens eram mais bem comparadas a viagens de automóvel. O condutor de automóvel encontra-se em condições de selecionar o seu itinerário de viagem entre um vasto número de alternativas, em função da sua experiência ou intuição. Em contrapartida,

⁵ Não se coloca em discussão, portanto, a validade de pesquisas com enfoque quantitativo. Concordamos aqui com as reflexões de Melucci (2005) para quem a oposição entre pesquisa quantitativa e qualitativa refere-se apenas a uma distinção nos modos de dar conta da prática social e de que tal discussão presente nas ciências sociais encobre uma discussão mais recente que opõe a perspectiva construtivista a um “realismo ingênuo” (MELUCCI, 2005: 28)

hoje em dia não são mais as decisões do motorista que garantem uma condução ajustada a rotas predeterminadas. E isso porque o terreno em que as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica. No labirinto da vida, como num labirinto rodoviário, surgem frequentemente sentidos obrigatórios e proibidos, alterações de trânsito, caminhos que parecem já ter sido cruzados, várias vezes passados: é essa retomada de caminhos que provoca uma sensação de perdição, de confusão (PAIS, 2006, p.8).

Se essa metáfora está adequada para as trajetórias dos jovens, pergunto se também não é útil para as construções destes acerca dos sentidos, significados e valores acerca da masculinidade. A adoção de uma metodologia com enfoque qualitativo pareceu profícua para a presente pesquisa, tendo em vista a multiplicidade das questões que entram no jogo da construção de subjetividades dos rapazes no mundo contemporâneo. Há hoje uma pluralização das esferas da vida que faz com que o processo de individualização crie condições de autonomia para os sujeitos, que são abastecidos de recursos, ainda que de maneira desigual, para agirem no mundo social, essa situação concebe para a experiência individual um papel e um valor importantes (MELUCCI, 2005).

Dentre as diferentes estratégias metodológicas de caráter qualitativo, optou-se pelo emprego, em um primeiro momento, da realização de **grupos de entrevista** que tiveram como intuito levantar percepções de rapazes sobre a masculinidade. Depois de seu conteúdo analisado e da constituição de alguns perfis diferenciados, a investigação apostou na realização de **entrevistas individuais**, tendo como principal objetivo levantar alguns percursos de socialização e sociabilidade diferenciados entre os sujeitos, para que assim, fosse possível perceber trajetórias e experiências específicas.

A adoção das entrevistas coletivas se deveu a uma série de fatores, sendo o principal deles a hipótese de que o tema da dissertação estaria pouco presente como objeto de reflexão no cotidiano. Como aponta a literatura, faz parte da cultura ocidental naturalizar uma visão binária que opõe homem/mulher e feminino/masculino e, nesse sentido, aquilo que a visão sociológica apresenta como construção social, fruto de um trabalho e de um processo educativo em um determinado contexto social e cultural poderia não se constituir em um tema de reflexão dos jovens. Assim, a realização de entrevistas individuais, como canal de aproximação dos rapazes, talvez inibisse e suscitasse pouca reflexão dos sujeitos acerca de algo que pode ser pensado como natural.

Soma-se a isso o fato de a pesquisadora ser uma mulher, o que poderia corroborar ainda mais para um diálogo permeado por censuras. Em grupo, por sua vez,

as diferenças entre pesquisadora e pesquisado poderiam ser, ao longo dos encontros, suavizadas, sendo uma tarefa da responsável pela condução dos grupos construir um espaço acolhedor para os relatos e depoimentos dos jovens. A adoção dos grupos de entrevista, assim, também se constituiu em um mecanismo para acessar os jovens e estabelecer um laço de confiança entre eles e a pesquisadora.

(...) para que a pesquisa [qualitativa] se realize é necessário que o pesquisado aceite o pesquisador, disponha-se a falar sobre sua vida, introduza o pesquisador no seu grupo e dê-lhe liberdade de observação (MARTINS, 2004, p.294).

A aproximação da literatura sobre metodologias de pesquisa qualitativa reafirmou essas apostas, visto que nos diferentes tratamentos a esse tipo de investigação, são reconhecidas as vantagens obtidas por meio dos grupos, sobretudo no trabalho com adolescentes e jovens. Weller (2006) destaca os seguintes aspectos desta abordagem: a) estando com pessoas de uma mesma faixa etária ou do mesmo meio social, os jovens podem utilizar de maneira mais espontânea suas expressões e vocabulários próprios; b) os jovens acabam ao longo da entrevista travando diálogos interativos, mesmo com a presença do gravador e do pesquisador; c) os jovens podem pensar em questões que não haviam refletido anteriormente.

Após a realização dos grupos, foram produzidas três entrevistas individuais com rapazes já participantes das entrevistas coletivas. Esse momento teve como principal objetivo, aprofundar o conhecimento de algumas experiências que já haviam se desvelado nos grupos, recuperando narrativas e trajetórias do passado e do presente vivido por eles, e maneiras como eles significavam as mesmas dando mais ou menos importância para o objeto de nossa investigação. Segundo Flick (2004), as narrativas permitem ao pesquisador compreender as experiências do entrevistado de modo mais abrangente.

De acordo com esse autor, uma narrativa caracteriza-se pelo delineamento de uma situação inicial (“como tudo começou”). Posteriormente, selecionam-se eventos relevantes das experiências, apresentando-os como uma progressão coerente de eventos. As entrevistas, com vistas à estruturação de narrativas de vida, são instrumentos importantes para acessar as biografias individuais, verificando experiências singulares que podem compor um mosaico de situações vivenciadas pelos diferentes sujeitos.

A respeito dessa estratégia é importante frisar, contudo que, no jogo das subjetividades de entrevistador e entrevistado, deve-se reconhecer os limites das entrevistas, considerando que a narrativa dos indivíduos é sempre uma percepção, não

sendo nunca verdadeira ou falsa em si mesma, mas uma interpretação do indivíduo de sua própria trajetória, como ele vê suas experiências, como as avalia, como as interpreta naquele momento. O indivíduo, em última instância, é quem decide o que revelar, o que ocultar, escolhe as palavras com as quais tentará recuperar e descrever suas experiências. Esses limites têm de ser respeitados quando se tenta trabalhar com análise de trajetórias a partir de narrativas. Sendo o indivíduo ao mesmo tempo produto e produtor de sua realidade.

1.5 – Etapas do trabalho de campo

O trabalho de campo, realizado entre junho de 2007 e julho de 2008, como já foi observado ocorreu em duas etapas. A primeira foi a realização dos três grupos de **entrevistas coletivas** e, num segundo momento, as **entrevistas individuais** com três rapazes selecionados a partir da etapa anterior.

Todos os procedimentos contaram com um processo de teste dos instrumentos. Antes da realização dos grupos de entrevista coletiva, foi realizado um grupo-teste no mês de maio, com rapazes de perfil semelhante que se dispuseram a colaborar, a fim de verificar a pertinência do roteiro elaborado. O mesmo procedimento foi adotado com o roteiro das entrevistas individuais.

Com base nas reações do grupo-teste e da avaliação dos participantes, foram realizados ajustes importantes para a condução dos diálogos com os jovens que efetivamente participaram da pesquisa, sendo o principal deles a divisão do encontro em dois períodos de quatro horas. Outro aspecto relevante do grupo-teste diz respeito às questões referentes ao pertencimento racial, já que alguns jovens apresentaram uma fala mais contundente a respeito da temática, inibindo outros a tomarem partido de posições diferentes ou se manifestassem acerca da questão. Por isso, no diálogo com os jovens propriamente envolvidos na investigação, tomou-se o cuidado de fazer uma aproximação mais tangencial sobre a questão, de modo que a temática não se colocasse como mais um tópico a ser discutido, mas emergisse no bojo da discussão sobre masculinidade.

Descrevo a seguir essas duas etapas que se constituem na base do material e informações empregados para a análise.

1ª etapa: entrevistas coletivas

As entrevistas coletivas ocorreram entre junho e novembro de 2007. A constituição dos grupos se deu a partir dos contatos com conhecidos que poderiam

participar e indicar outras pessoas com as características desejadas. Essa abordagem, também conhecida como “bola de neve”, não apenas torna o trabalho de campo mais ágil, como ajuda a garantir a compatibilidade entre os participantes, uma vez que os indivíduos que compartilham das mesmas redes de sociabilidade tendem a ter origens sociais semelhantes ou têm, pelo menos, um fator social em comum que os integra (PIMENTA, 2007). Após esse levantamento, foi construída uma lista de possíveis participantes jovens.

Por meio de contato telefônico, esses rapazes foram sondados sobre a disponibilidade para participarem dos grupos de entrevista, foi preenchida uma ficha simples com informações sobre cada um dos jovens, contendo além de dados para contatos posteriores (telefones, endereço, e-mail), idade, autoclassificação de cor/raça e o nível de escolaridade alcançado ou em curso. Foram formados três grupos a partir dos níveis de escolaridade: universitários, jovens com o ensino médio concluído e estudantes do ensino fundamental.

Contatei vinte e dois rapazes. O desejado para a pesquisa era a constituição de três grupos composto por seis jovens em cada um, totalizando dezoito jovens, porém foram convidados todos eles considerando a possibilidade de desistência de alguns durante o processo. Esse cuidado foi importante para garantir um número adequado de jovens para a composição dos grupos, visto que, durante o processo, tanto o grupo de ensino médio quanto o de ensino fundamental tiveram participantes que desistiram. Assim, a pesquisa com os grupos de entrevista contou com a colaboração de catorze jovens, a saber: seis universitários, cinco jovens com ensino médio completo e três estudantes de ensino fundamental⁶.

Como a maioria dos jovens não se conhecia, antes do início de cada seção foi oferecido um lanche previamente organizado. A intenção era promover vinte minutos de conversas sobre amenidades e temas do cotidiano. No início dos encontros, expliquei quem eu era, meu trabalho na universidade e os objetivos de minha pesquisa, do que

⁶ Além do contato telefônico, uma carta formalizando o encontro foi encaminhada por e-mail e pelo correio. Apesar desses cuidados, no caso de jovens estudantes de ensino médio, o primeiro encontro foi agendado por duas vezes, em função do baixo número de participantes. Somente no segundo encontro é que chegamos a um número de cinco jovens. Mais difícil foi compor o grupo de jovens estudantes do ensino fundamental. Nosso primeiro encontro contou apenas com os três participantes, reagendamos a atividade e, mais uma vez, apenas os mesmos jovens compareceram no horário e local estipulado. Tentamos organizar mais um grupo de entrevista com jovens estudantes do ensino fundamental, mas apesar do contato e agendamento com quatro rapazes, não houve presença suficiente de jovens para conduzir uma discussão – na primeira tentativa, apenas um jovem compareceu ao local da reunião e na segunda nenhum jovem apareceu no local sugerido por eles.

trataríamos no encontro, os cuidados adotados na pesquisa para que eles tivessem suas identidades preservadas e os procedimentos gerais das entrevistas (o uso de fitas cassetes, sua posterior transcrição e o compromisso de lhes entregar em CD-ROM a versão final do trabalho).

Para a condução dos grupos de entrevista coletiva, estruturei um roteiro (APÊNDICE A) que se constituiu em um guia para a orientação da discussão com os jovens. O objetivo das atividades previstas era captar percepções e registrar discursos sobre as referências daqueles jovens no que concerne aos elementos que estruturam a masculinidade. O trabalho foi dividido em dois momentos, de quatro horas cada, tendo estratégias que buscavam explorar diferentes dimensões de nosso interesse:

- a) No primeiro encontro, distribui 21 fotografias (ANEXO A) de personalidades masculinas com visibilidade nos meios de comunicação e incentivei que os participantes de cada grupo selecionassem aqueles com quem possuíam ou não afinidade e identificassem como modelos positivos e negativos de *ser homem* e os motivos para essa escolha. Seguiu-se a esse momento, uma problematização sobre outras referências que achavam relevantes para suas vidas no bairro, no grupo de amigo, nas escolas, etc.
- b) Na segunda reunião, os jovens foram incentivados a, com base em um desenho previamente preparado de um perfil de corpo masculino, discutir mudanças e permanências em diferentes esferas da vida de um homem (sexualidade, trabalho, família), tendo como parâmetro a vida de seus pais ou responsáveis adultos do sexo masculino e suas próprias experiências.

Outros cuidados adotados nesse momento foram a entrega, leitura e assinatura de todos os participantes do TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (APÊNDICE B) e o preenchimento de uma ficha de identificação (APÊNDICE C). Ao término do primeiro e do segundo encontro, solicitei aos jovens a avaliação da atividade.

Esses diálogos foram transcritos e, após a leitura, pude consolidar um temário de questões candentes nas falas dos rapazes. Com base nas nuances de depoimentos, selecionei os jovens que fariam parte das entrevistas aprofundadas, privilegiando a diversidade de perfis. Três deles foram convidados para entrevistas individuais, considerando os seguintes critérios:

- a) Os três possuíam características semelhantes do ponto de vista fenotípico. A partir de uma hetero-classificação poderiam ser reconhecidos como negros.

Contudo, cada um apresentava uma maneira singular para se definir racialmente: pardo, preto e preto/negro. Mais do que as taxionomias empregadas, aventei que essas maneiras de se identificar relacionavam-se também a percepções diferenciadas sobre *ser homem negro*;

- b) Cada um desses jovens avaliou de maneira diferente aspectos relacionados às relações de gênero, suas transformações e os impactos sobre as maneiras de significar a masculinidade;
- c) Cada jovem tinha alcançado níveis de escolaridade diferenciados. Um jovem era estudante do ensino fundamental, um tinha terminado o ensino médio e outro era universitário;
- d) Foi possível identificar nas entrevistas coletivas algumas especificidades nas trajetórias individuais: envolvimento com grupos juvenis, alto grau de engajamento na trajetória escolar, dificuldades para obtenção de trabalho.
- e) Os três jovens tinham disponibilidade para participar dos encontros individuais e demonstraram ao longo dos grupos de entrevista empatia pelo tema da pesquisa e interesse em dar continuidade aos diálogos.

2ª etapa: entrevistas individuais

A segunda etapa do trabalho de campo ocorreu entre março e julho de 2008. Após a realização dos grupos e a análise de seus conteúdos, contatei cada um dos três jovens para convidá-los a conceder as entrevistas. Preparei um roteiro (APÊNDICE D) na perspectiva de elencar questões que propiciassem a emergência das experiências pessoais de cada um. O roteiro foi dividido em duas sessões de aproximadamente duas horas cada, tempo imaginado como possível para estabelecer um diálogo tranquilo, sem que este processo se tornasse cansativo. Após as transcrições, surgiram algumas dúvidas no que diz respeito à compreensão do conteúdo da sequência dos fatos que foi organizada e revista no terceiro encontro. O número de sessões com os jovens não variou: estive por três vezes com cada um deles, mas o tempo de diálogo com cada um foi diverso. Os diálogos com Matheus contabilizaram aproximadamente dez horas, com Denílson quatro horas e com Wagner seis horas.

A divisão de nossos encontros demonstrou-se uma estratégia acertada na medida em que a relação de aproximação foi se construindo ao longo de cada novo momento de diálogo e depoimento. Um dos jovens, por exemplo, percebendo que desde os grupos de entrevista coletiva era eu a responsável por organizar a alimentação, levou-me, em nosso segundo encontro, um bolo de fubá preparado por sua mãe. Outro passou a trocar

mensagens por Orkut⁷ e e-mails contando detalhes por ele esquecidos. Em minha última visita à casa de um dos rapazes, tive a surpresa de participar de um almoço de família, organizado pelos pais do entrevistado. Para mim, tais aproximações demonstravam uma tentativa de tornar o encontro entre pesquisador e pesquisado uma experiência mais humanizada, de troca e de construção de laços de confiança.

A vantagem mais generosa para a construção da empiria, contudo, foi perceber um exercício praticado pelos próprios jovens de retomar determinados fatos que, num momento inicial, não vieram à tona. Episódios de suas vidas que preferiam “*passar batido*”, como disse um rapaz, porque lhes recuperavam dores e pesares, mas que, ainda assim quiseram partilhar com a pesquisadora, apostando no respeito e pactos estabelecidos desde o início do trabalho. Ou então, demonstrando os conflitos pessoais vividos no momento presente, que desnudavam fragilidades e reposicionamentos.

Essa experiência permitiu-me aprender que as pesquisas em ciências sociais não estão imunes de um caráter relacional, necessário para a construção de uma sinergia entre os sujeitos. Como diz Oliveira (2007), essa “contaminação” pode ser benéfica porque provoca reflexões e traz desafios no sentido de separar o quanto de nós e de nossas próprias experiências estão incorporadas na interpretação dos fenômenos pesquisados.

1.6 – O perfil dos jovens participantes

O **QUADRO 1.1** apresenta o perfil dos grupos compostos, considerando algumas das perguntas apresentadas no questionário de identificação:

QUADRO 1.1 – Perfil dos grupos de entrevistas

Grupos	Estudantes universitários	Jovens com ensino médio concluído	Estudantes do ensino fundamental
Idades	20 – 25 anos	18 – 25 anos	18 – 23 anos
Estado de origem	5 – São Paulo 1 – Paraná	4 – São Paulo 1 – Bahia	3 – São Paulo
Definição de cor/raça	6 – Pretos	2 – Outro/Negro 1 – Preto 1 – Outro/Mestiço 1 – Pardo	1 – Preto 2 – Pardos

⁷ Orkut é uma comunidade virtual de relacionamentos e amizades na Internet. Neste espaço é possível trocar mensagens públicas que podem ser acessadas por qualquer um que faça parte e mantenha vínculos com a comunidade, ou mensagens privadas acessadas somente por alguém com autorização do dono do perfil.

Estado civil	6 – Solteiros	3 – Solteiros 2 – Casados	3 – Solteiros
Religião dos pais	5 – Católica 1 – Nenhuma	4 – Católica 1 – Pentecostal	2 – Católica 1 – Pentecostal
Religião que frequenta	2 – Católica 3 – Nenhuma 1 – Espírita	1 – Católica 4 – Nenhuma	1 – Católica 1 – Nenhuma 1 – Neopentecostal
Nº de pessoas com quem mora	2 – Seis pessoas 2 – Cinco pessoas 1 – Quatro pessoas 1 – Três pessoas	1 – Nenhuma 1 – Três pessoas 3 – Quatro pessoas	1 – Nenhuma 1 – Duas pessoas 1 – Seis pessoas
Tipo de habitação	3 – Próprio 1 – Outro 1 – Cedido 1 – Alugado	4 – Próprio 1 – Alugado	3 – Próprio
Renda familiar per capita média	R\$ 566,67	R\$ 480,00	R\$ 211,17
Atividade remunerada	6 – sim	3 – sim 2 – não	3 – não

Como se pode apreender, os jovens com os quais tomei contato são majoritariamente nascidos na cidade de São Paulo. Apenas dois jovens – um universitário e outro com ensino médio concluído – nasceram em outros estados, migrando com seus pais quando ainda eram crianças. Na rodada de apresentação, contudo, solicitei que os jovens respondessem sobre os estados de origem de seus familiares e constatei que, sem exceção, os rapazes são oriundos de famílias migrantes, tendo prevalência daqueles que têm pais e mães oriundos de regiões do Nordeste do Brasil. Apenas um jovem tinha pais nascidos no interior do Estado de São Paulo.

No que diz respeito à definição de cor/raça, oito jovens definiram-se como pretos, de acordo com as categorias do IBGE adotadas na ficha de identificação. Três jovens definiram-se como pardos. Outros três não se identificavam como pretos ou pardos, e recusaram-se a empregar os critérios do IBGE, forçando-me a criar uma nova categoria a qual nomeei de ‘outros’. Nesses casos, dois dos rapazes definiram-se como negros e um como mestiço, classificações não consideradas pelo instituto de pesquisa. Parte dos jovens que se autoidentificava como negros na consulta telefônica, preencheu o questionário declarando-se como pretos, como mostra o **QUADRO 1.2**:

QUADRO 1.2 – Autoidentificação de cor/raça e identificação a partir dos critérios do IBGE.

Grupos de entrevista	1º momento de identificação (livre)	2º momento de identificação (IBGE)
-----------------------------	--	---

Estudantes do ensino fundamental	2 - Pardos 1 - Preto	2 - Pardos 1 - Preto
Jovens com ensino médio concluído	1 - Mestiço 2 - Negros 1 - Preto 1 - Pardo	1 - Outro. Mestiço 2 - Outro. Negros 1 - Preto 1 - Pardo
Estudantes universitários	6 - Negros	6 - Pretos

Dois jovens declararam-se casados – ambos com ensino médio concluído. Contudo, ao me interar sobre essa condição, descobri que, na verdade, um deles preparava-se para contrair matrimônio e estava ainda residindo sozinho na casa em que passaria a coabitar com a companheira. Outro já havia de fato casado. Os demais jovens encontravam-se solteiros e morando com seus pais. Mesmo o jovem de ensino fundamental que declarou morar sozinho, na verdade, possuía um cômodo no fundo do quintal dos pais e dependia deles para seu sustento.

Os jovens foram criados em famílias majoritariamente católicas, esse é o caso de onze rapazes participantes dos grupos de entrevista. Dois jovens eram de famílias pentecostais e um respondeu que seus pais não frequentavam nenhuma igreja. No que diz respeito às próprias práticas religiosas, foi predominante a afirmação de que não estavam frequentando nenhum culto ou atividade religiosa, mas cinco jovens definiram-se como praticantes de uma religião: quatro católicos, um espírita e um neopentecostal.

A renda *per capita* média das famílias dos jovens participantes apresenta variação. No momento da realização das entrevistas, os jovens universitários afirmaram compor famílias cuja renda *per capita* média é 2,6 vezes mais elevada do que a dos estudantes de ensino fundamental inconcluso, que se constituem no grupo menos favorecido do ponto de vista econômico. A renda dos primeiros também é mais elevada do que aquela apontada pelos rapazes com ensino médio concluído. Apesar das diferenças internas e da predominância de uma renda mais elevada entre os universitários, não podemos aventar que esses não participem de famílias empobrecidas da cidade de São Paulo. A renda absoluta das famílias declaradas por esses jovens não superou a marca dos sete salários mínimos, no momento da pesquisa⁸, o que não os numa situação econômica privilegiada segundo indicadores sociais. Outra diferença entre os estudantes universitários e os jovens estudantes de ensino fundamental é que

⁸ Em 2007, de acordo com a Lei 11.498/2007, o salário mínimo brasileiro era de R\$ 380,00.

enquanto os primeiros estavam desempenhando alguma atividade remunerada no momento da pesquisa, os últimos encontravam-se desempregados.

O **QUADRO 1.3** apresenta o perfil dos jovens de cada um dos grupos. Ele toma em consideração os dados obtidos nos questionários respondidos por eles e informações que foram utilizadas no momento da apresentação de cada participante no grupo de entrevistas coletivas.

QUADRO 1.3 – Perfil dos jovens participantes dos grupos de entrevista

Nome ⁹	Breve descrição dos jovens
<i>JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL</i>	
Adílson	Natural de São Paulo, 19 anos, preto, solteiro e pentecostal (Igreja Universal do Reio de Deus). Morava com os pais no bairro de Brasilândia (Zona Norte). Abandonou a escola regular na quinta série. Sua família tinha renda média mensal per capita de R\$ 350,00. Estava desempregado e participava do programa ProJovem. Cumpria medida socioeducativa em liberdade assistida. Integrava um grupo de hip hop. Namorava uma jovem de 14 anos.
Denílson	Natural de São Paulo, 23 anos, pardo, solteiro e católico. Morava com os pais, irmã, cunhado e sobrinhas no bairro de Brasilândia (Zona Norte). Abandonou a escola regular na sexta série. Sua família tinha renda média mensal per capita de R\$ 71,00. Realizava trabalhos esporádicos no bairro e participava do programa ProJovem. Não estava namorando.
Ricardo	Natural de São Paulo, 18 anos, pardo, solteiro e sem religião. Morava com a avó no bairro da Brasilândia (Zona Norte). Abandonou a escola regular na quinta série. Sua família tinha renda mensal per capita de R\$ 212,50. Estava desempregado e participava do programa ProJovem. Cumpria medida socioeducativa em liberdade assistida. Não estava namorando.
<i>JOVENS COM ENSINO MÉDIO CONCLUÍDO</i>	
Daniel	Natural da Bahia, 24 anos, negro, solteiro e sem religião. Morava sozinho há um ano no bairro Parque Bristol (Zona Sul). Tinha renda mensal de R\$ 1 mil. Coursou toda a sua educação básica em escolas públicas. Trabalhava em um supermercado como estoquista. Fazia parte de um núcleo cultural

⁹ Os nomes dos jovens foram alterados para preservar suas identidades.

	de sua região que desenvolvia atividades de caráter comunitário e político. Também fazia parte de um grupo musical de hip hop. Estava noivo de uma moça um ano mais nova que ele.
Diogo	Natural de São Paulo, 19 anos, pardo, solteiro e sem religião. Morava com os pais e uma irmã no bairro Jardim Aricanduva (Zona Leste). Sua família tinha renda per capita de R\$ 563,00. Coursou toda a sua educação básica em escolas públicas. Realizava um cursinho popular no bairro em que residia. Estava procurando um emprego. Tinha uma banda de rock. Não estava namorando.
Fabício	Natural de São Paulo, 25 anos, mestiço, solteiro e sem religião. Morava com os pais e um irmão em Pirituba (Zona Norte). Sua família tinha renda mensal per capita de R\$ 250,00. Coursou toda a educação básica em escola pública. Participou de um projeto governamental denominado Jovem Cidadão. Não trabalhava e não procurava por emprego. Fazia parte de um grupo de produção de audiovisual. Namorava há um ano com uma moça da mesma idade.
Matheus	Natural de São Paulo, 24 anos, preto, solteiro e sem religião. Morava sozinho há alguns meses no bairro Cidade Tiradentes (Zona Leste). Tinha renda mensal de R\$ 1 mil. Coursou até o primeiro ano do ensino médio em escola regular e concluiu o segundo e terceiro ano em ensino supletivo à distância. Trabalhava como educador social em um programa da Prefeitura de São Paulo. Teve passagens por projetos sociais de ONGs e governo, já havia integrado um grupo que desenvolvia projetos na área da saúde e integrava um grupo de audiovisual. Estava noivo.
Renato	Natural de São Paulo, 24 anos, negro, solteiro e católico. Morava com os pais e uma irmã no bairro Parque Bristol (Zona Sul). Sua família tinha renda per capita mensal de R\$ 250,00. Coursou todo o ensino básico em escola pública. Trabalhava como educador social em um programa da Prefeitura de São Paulo. Fazia parte de um grupo de hip hop. Tinha uma namorada um ano mais nova que ele.
JOVENS UNIVERSITÁRIOS	
Anderson	Natural de São Paulo, 20 anos, preto, solteiro e espírita. Morava com os pais e com as duas irmãs no Tucuruvi (Zona Norte). Sua família tinha

	renda per capita de R\$ 375,00. Estudava administração de empresas na Faculdade Zumbi dos Palmares, onde possuía bolsa integral. A educação básica foi realizada exclusivamente em escola pública. Realizava um estágio remunerado em um banco no setor administrativo. Não estava namorando.
Hélio	Natural de São Paulo, 25 anos, preto, solteiro e sem religião. Residia, há um ano, em uma moradia estudantil. Sua família é do bairro de Ermelino Matarazzo (Zona Leste). Tinha uma renda mensal de R\$ 750,00. A educação básica foi realizada exclusivamente em escolas públicas. Frequentou por dois anos um cursinho popular e gratuito. Estudava Pedagogia em uma faculdade pública, onde possuía bolsa moradia e alimentação. Era professor de violão e trabalhava como autônomo. Já havia integrado um grupo de teatro. Não estava namorando.
Lúcio	Natural de São Paulo, 20 anos, preto, solteiro e católico. Morava com os pais e dois irmãos em Guarulhos (Região Metropolitana de São Paulo). Sua família tinha renda per capita mensal de R\$ 450,00. Estudava Educação Física em uma universidade privada, onde possuía bolsa de 50%. Estudou exclusivamente em escola pública. Trabalhava como telefonista em uma empresa de telemarketing. Namorava há três anos com uma jovem da mesma idade que conheceu ainda no ensino médio.
Marcos	Natural do Paraná, 23 anos, preto, solteiro e sem religião. Morava com os pais e uma irmã em Guarulhos (RMSP). Sua família tinha renda per capita mensal de R\$ 450,00. Cursava concomitantemente dois cursos superiores: Artes Visuais e Comunicação, ambos em universidades privadas, onde possuía bolsas de estudos integrais. A educação básica foi realizada exclusivamente em escola pública. Frequentou por seis meses um curso pré-vestibular privado, onde tinha bolsa integral. Realizava esporadicamente trabalhos para a gráfica de seu pai. Participou de dois projetos sociais ofertados por ONGs. Namorava há um ano com uma jovem, mais velha que ele, formada em Biomedicina.
Wagner	Natural de São Paulo, 20 anos, preto, solteiro e católico. Morava com os pais e um irmão em Ermelino Matarazzo (Zona Leste). Sua família tinha renda per capita mensal de R\$ 450,00. Estudava Administração de

	Empresas em uma faculdade privada, onde possuía bolsa integral. A educação básica foi realizada exclusivamente em escola pública. Trabalhava como vendedor em uma loja de sapatos. Não estava namorando.
--	--

Há alguns traços comuns entre os jovens localizados para participar dessa pesquisa. Entre os jovens universitários foi comum a experiência com projetos e programas sociais com vistas a facilitar o acesso ao ensino superior. Todos ingressaram na universidade por meio da obtenção de bolsas de estudos, sendo quatro deles por meio do programa federal do ProUni¹⁰, um por meio de iniciativas ofertadas pela própria universidade e o único jovem que acessou a universidade pública também contava com modalidades de bolsas ofertadas para estudantes com baixa renda (moradia e alimentação).

Todos os jovens estudantes do ensino fundamental estavam matriculados em outro programa governamental também destinado a jovens, o ProJovem¹¹. Tal semelhança se justificou pelo fato de terem sido indicados por profissionais que atuavam como educadores neste programa. Dois deles cumpriam medidas socioeducativas e, por isso, se encontravam vinculados a atividades de caráter educativo e cultural realizados por um Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA) de Brasília.

Outro aspecto que chama a atenção na caracterização dos jovens é o fato de que parte deles, em especial os jovens com ensino médio, estava ou esteve vinculada a programas e projetos desenvolvidos por ONGs ou a grupos juvenis de hip hop, de comunicação e da Pastoral da Juventude. Os primeiros jovens consultados para participar da pesquisa, ou que me indicaram conhecidos, transitavam na ONG na qual trabalho como assessora de projetos.

¹⁰ O Programa Universidade para Todos (ProUni) foi criado pela MP n. 213/2004 e institucionalizado pela Lei n. 11.096/2005. Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda em instituições privadas de educação superior. Desde que foi criado o programa destinou 639.802 bolsas de estudos para que jovens acessem o ensino superior (www.mec.gov.br – consultado em 28/10/2008).

¹¹ O Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária foi implementado em 2005 pela Secretária-Geral da Presidência da República, em parceria com os ministérios da Educação, Trabalho, Desenvolvimento Social e Combate à Fome. A iniciativa é destinada aos jovens de 18 a 24 anos que não concluíram o ensino fundamental e não têm vínculos formais de trabalho (www.projovem.gov.br – consultado em 28/10/2008).

CAPÍTULO 2 – PERCEPÇÕES DE DIFERENÇAS: NUANÇAS PARA SER JOVEM E HOMEM

Um primeiro desafio para a análise e apresentação do campo empírico foi o esforço de desconstrução e reconstrução dos dados até que algum caminho começasse a ganhar sentido. Foram múltiplas as tentativas para ordenar o material documentado nos três grupos de entrevista, com os catorze participantes. Uma primeira tentativa de organização foi a de analisar esse material mantendo os critérios para a composição dos grupos, pois ela poderia configurar diferentes sentidos dados à masculinidade. Apresentar os resultados da discussão dos jovens de ensino fundamental, daqueles com ensino médio concluído e de universitários pareceu, em um primeiro momento, o caminho mais coerente com as estratégias adotadas e as hipóteses que permeavam sua adoção.

Esse agrupamento, contudo, mostrou-se frágil, pois das análises do material coletado emergiram semelhanças nas falas de jovens mais escolarizados (com ensino médio concluído e dos universitários) e diferenças entre aqueles menos escolarizados (estudantes do ensino fundamental), mostrando-se pertinente apenas a composição de dois grupos e não de três. Tentei seguir esse caminho, mas os indivíduos participantes das entrevistas coletivas apresentaram similaridades e distinções sobre alguns tópicos discutidos, independentemente do nível de escolaridade alcançado.

Assim, por razões empíricas, estruturar a análise em torno das situações de escolaridade se mostrou um caminho pouco vantajoso. O roteiro elaborado para orientar as entrevistas coletivas foi organizado a partir de tópicos comuns discutidos pelos entrevistados. Atentar-me para os conteúdos, as maneiras de falar e o contexto da enunciação – para quem se fala e em que situação se fala –, percebendo não apenas “o quê”, mas “como” falavam sobre determinados assuntos, mostrou-se um caminho proveitoso. Organizar a análise a partir de um temário recorrente no diálogo com os rapazes, percebendo nuances individuais e dos grupos estruturados pela pesquisa, abriu a possibilidade de um trabalho analítico que não recorreu à simples reprodução dos depoimentos e, tampouco, reificou características essenciais, em tese, presentes entre rapazes de maior ou menor escolaridade (embora, parte da análise recorra à distinção desses grupos). Essa alternativa evidenciou a importância de observar e perseguir os modos de dizer sobre masculinidade, revelando situações e elementos comuns e incomuns acionados pelos jovens para forjar significados e práticas orientadas por esse

ideal. Desse modo, foi possível estruturar os achados resultantes dos grupos, que serão apresentados neste capítulo e no próximo.

A ELEIÇÃO DE MODELOS POSITIVOS

SIMILITUDES ENTRE TRAJETÓRIAS REALIZADAS E DESEJADAS

As entrevistas coletivas realizadas com os catorze jovens tiveram como ponto de partida a eleição de atores, cantores, esportistas, etc. considerados pelos rapazes como modelos¹². Foi disponibilizado fotografias de pessoas do sexo masculino e solicitado aos participantes que selecionassem uma personalidade considerada exemplo positivo de masculinidade e que poderia servir de referência para as suas vidas. A atividade visou disparar a discussão sobre um primeiro bloco de interesses: os rapazes reconhecem diferenças e nuances sobre os modos e maneiras de vivenciar a masculinidade?

Ao todo foram apresentadas vinte e uma imagens de homens brasileiros e estrangeiros, selecionados com base na visibilidade que, na ocasião, tinham nos meios de comunicação. Esse exercício permitiu identificar um primeiro universo de referência dos rapazes participantes dos grupos de entrevista e explorar a valorização ou rejeição por parte dos rapazes de alguns comportamentos, atributos e experiências acompanhados e considerados por eles como reveladores de estilos de masculinidade. No quadro a seguir, explicito os resultados da eleição de treze¹³ jovens.

Quadro 2.1 – Personalidades positivas eleitas pelos rapazes:

Modelos positivos destacados pelos jovens	Atributos mencionados para a eleição
<p>Mano Brown – Rapper brasileiro, vocalista do grupo Racionais MC's. As letras de suas músicas costumam abordar a pobreza e o cotidiano dos bairros pobres da cidade.</p>	<p>Eleito por três rapazes por sua atitude pública ao abordar as mazelas da sociedade brasileira, as desigualdades entre ricos e pobres e entre negros e brancos.</p>

¹² Os critérios para seleção das personalidades estão descritas no Capítulo 1, nas descrições metodológicas.

¹³ Um dos participantes do grupo com jovens de ensino médio concluído chegou atrasado à atividade e não participou dessa seleção.

<p>Lazaro Ramos – Ator brasileiro que iniciou sua trajetória artística no grupo cultural Olodum da Bahia. Atualmente, compõe o elenco de novelas da rede Globo.</p>	<p>Eleito por dois rapazes por sua trajetória profissional: foi pobre, morador da periferia de Salvador, mas conseguiu projeção e visibilidade na profissão.</p>
<p>Gabriel Pensador – Cantor brasileiro que ganhou projeção com suas músicas sarcásticas e bem humoradas como: “Loira Burra” e “Retrato de um Playboy”.</p>	<p>Eleito por dois jovens por seu comportamento. É uma pessoa “<i>calma</i>”, “<i>tranquila</i>” e que não se envolve em confusão. Tem família e parece dedicar-se a ela.</p>
<p>Falcão – Cantor brasileiro, vocalista do grupo O Rappa. Recentemente, lançou a grife de roupa masculina Jonny Size.</p>	<p>Eleito por um rapaz por sua atitude pública como cantor que, assim como Mano Brown, denuncia as mazelas das desigualdades sociais e raciais brasileiras.</p>
<p>Sérgio Loroza – Cantor, ator e comediante brasileiro. Atualmente interpreta um professor de música na novela infanto-juvenil Malhação.</p>	<p>Eleito por um rapaz por sua atitude pública – fala com sarcasmo das questões raciais. Além disso, é gordo e negro, o que não corresponde aos “<i>padrões</i>” de belezas recorrentes.</p>
<p>50Cent – Cantor norte-americano que se alinha a uma das variações do rap americano denominado “<i>gangsta rap</i>”.</p>	<p>Eleito por um jovem por sua trajetória pessoal. Foi assaltante, preso e hoje tem dinheiro, status e fama com o rap.</p>
<p>Mateus Nachtergaele – Ator e diretor de cinema. Sua participação no filme e minissérie Auto da Compadecida, em que interpretava João do Grilo lhe deu projeção nacional.</p>	<p>Eleito por um jovem por seu trabalho competente como ator, mas também por não corresponder aos “<i>padrões</i>” de belezas recorrentes na mídia.</p>

Kaká – Jogador brasileiro de futebol, considerado um dos melhores do mundo. Além de estar na seleção brasileira, atua no futebol europeu.	Eleito por um jovem por seu comportamento: é evangélico, diz ter-se casado virgem e parece ser dedicado à família.
Ronaldo Gaúcho – Jogador brasileiro de futebol, considerado um dos melhores do mundo. Além de estar na seleção brasileira, atua no futebol europeu.	Eleito por um jovem por seu comportamento: é descontraído, mostra o que o brasileiro tem de melhor - “futebol-arte” - e consegue conciliar diversão e trabalho.

Do conjunto de vinte e uma fotografias, os jovens selecionaram apenas nove personalidades. O agrupamento das justificativas permitiu verificar uma primeira ordem de motivações para essa escolha: a identificação de personalidades negras e/ou oriundas de estratos pobres, que conseguiram inserção social e visibilidade pública. Essa perspectiva se evidenciou na escolha dos brasileiros Mano Brown, Lazaro Ramos, Falcão, Sérgio Loroza e do norte-americano 50Cent.

São sujeitos que oito dos quatorze rapazes elegeram a partir do destaque de suas trajetórias profissionais. Ressaltaram que, em um contexto adverso para pobres e/ou negros, esses homens conseguiram sucesso e notoriedade. Os entrevistados destacaram semelhança entre suas próprias origens e os perfis sociais dos exemplos apontados, deixando explícita uma similaridade entre os projetos e percursos que pretendem realizar e as trajetórias realizadas por aqueles que foram eleitos: concretizar seus sonhos e ser um profissional reconhecido. Essas oito seleções tiveram em comum a percepção de que tais personalidades driblaram desigualdades econômicas e/ou raciais e podiam servir de exemplos para outros sujeitos jovens em situações semelhantes.

A história do 50Cent é mais ou menos parecida com a minha história. Tem algumas coisas que ele passou que têm a ver com a minha história. De história de vida eu me identifico bastante com ele.
(Adílson, 19 anos, estudante ensino fundamental)

[Lazaro Ramos] É um cara que vem da periferia da Bahia e teve que lutar muito para ser um ator. É uma história bem difícil, é um cara que teve de ralar muito, que teve de fazer o que eu acho que cada um aqui hoje faz: bancar a sua vida e o seu sonho. É um cara que eu me identifico bastante.
(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

No grupo de estudantes de ensino fundamental, o crime, a violência e a pobreza apareceram como fatores que condicionam a vida de jovens pobres. O futebol e a música seriam as poucas oportunidades possíveis para que rapazes forjassem experiências profissionais por caminhos lícitos. Especialmente o rapper Mano Brown foi apresentado como exemplo que sustentaria sonhos e projetos trilhados pela rota da legalidade: *“ele faz música e ganha a vida assim, aí a molecada pode se inspirar”*, comentou Ricardo, um dos participantes. Os próprios entrevistados já haviam vislumbrado ou vislumbravam essas trajetórias. Denílson, por exemplo, em um passado recente tentou constituir um grupo de pagode e Adílson e Ricardo, depois de um histórico de roubos e passagens pela Fundação Casa, animavam-se com a possibilidade de uma trajetória promissora em um grupo de rap.

A história de pobreza e de superação dessa condição entusiasmavam Denílson, Adílson e Ricardo a ter como exemplo 50Cent e Mano Brown. Sobre este último, o enfrentamento e denúncia do racismo foram reconhecidos como elementos potentes de sua música, mas os jovens questionavam as consequências – como observo mais adiante – de seus posicionamentos acerca das desigualdades raciais e dos modos de enfrentá-las. Nas justificativas dos três rapazes, a pertinência de desigualdades raciais figurou de maneira mais opaca, sendo mais predominantes referências sobre a superação da condição sócio-econômica. Eles estavam preocupados em valorizar a visibilidade de personalidades que exemplificavam uma trajetória positiva para jovens pobres.

Ele [Mano Brown] canta rap e faz parte do Racionais. Eu acho ele da hora porque ele fala da realidade do que acontece na periferia, porque tem que mudar as coisas. Ele incentiva as crianças a estarem saindo do crime e parar de fazer as coisas erradas. Com a música dele, ele conscientiza as pessoas a melhorar de vida.

(Ricardo, 18 anos, estudante do ensino fundamental)

O que ele [Mano Brown] faz é mostrar para o mundo que não é tudo errado. (...) Aqui, tem uma molecada que cresce achando que para se dar bem é preciso pegar numa arma e virar aviãozinho. O Mano Brown dá uma mensagem diferente, porque ele fala que ser bandido não dá em nada.

(Denílson, 24 anos, estudante do ensino fundamental)

Tratava-se de personalidades que haviam driblado concretamente um caminho mais provável para rapazes inseridos em contextos empobrecidos e com forte apelo para o consumo de bens materiais: a vida criminosa ou, nos termos deles, *“o caminho errado”*. Suas falas apontam para a valorização de sujeitos que superaram situações de desvantagens a que estavam condicionados. Tal argumento também esteve presente na fala de integrantes dos demais grupos, mas entre estes se verificou um debate mais

intenso sobre o modo como mais comumente são representadas as formas de vida e experiências de rapazes pobres e negros.

Universitários e jovens com o ensino médio concluído argumentaram que, mesmo quando estão visíveis, os jovens pobres e negros ocupam lugares que se traduzem em estereótipos da juventude negra e pobre brasileira. Na opinião destes, a mídia reforçava lugares sociais, estigmas da pobreza e da violência, dificultando ainda mais uma identificação mais positiva de jovens inseridos em contextos adversos. Questionaram a exploração das peculiaridades do cotidiano e dos assuntos pertinentes aos negros e especialmente aos moradores da periferia; e da ênfase dada em filmes e novelas de situações vividas por protagonistas do sexo masculino envolvidos com o tráfico, com situações de violência ou de corrupção.

Depois do Tropa de Elite os caras passam bombando [tocando] aquela música, qualquer esquina da quebrada está tocando: “tropa de elite, osso duro de roer, pega um, pega geral, também vai pegar você”. Isso virou modinha, os caras pegam todas as gírias, pegam os trejeitos, o saco virou piada. Não tem outro exemplo. A mídia só dá isso para o cara preto, da periferia, tipo, é meio: fica aí mesmo, sacou?

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Cidade de Deus tem muito aquela coisa da estética da pobreza. Só se fala dos jovens pobres que morrem no tráfico, envolvidos com drogas, com o roubo. É um filme meio sem saída. Todos os jovens morrem, são negros. Isso vai criando um imaginário que associa os moradores da periferia com o crime. É um desserviço.

(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

O que eu vejo é que se você liga a televisão, poucas vezes você vai ver um cara negro fazendo um cara que é decente.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Matheus, Hélio e Renato reconheciam que os meios de comunicação, ao falarem da violência e do envolvimento de rapazes negros com essas situações, tratavam esses fenômenos com hipérboles que contribuíam para reforçar um estigma, acionado por alguns rapazes para construir suas posturas e referências de mundo. Por isso, suas escolhas privilegiaram ícones com visibilidade na mídia que destoavam dessas imagens mais comumente associadas aos negros: Lázaro Ramos e Falcão. Essa preocupação também esteve presente na seleção de Giovanni (Sérgio Loroza) e de Marcos (Mano Brown).

A preocupação com a construção de uma imagem mais positiva de jovens pobres e negros se evidenciou, inclusive, no questionamento da atuação do líder do grupo Racionais MC's. Renato e Daniel, embora reconhecessem o rapper como um ídolo e ícone do movimento hip hop, partilhavam da opinião de que suas letras, enfatizando

crimes, violência e histórias de presidiários, contribuíam para o “sistema”, reforçando a associação entre jovens pobres e negros e a criminalidade.

Ele [Mano Brown] atinge um público grande, mas as músicas dele não falam da realidade. Ele quer falar de drogas, falar de presos, ele quer falar que mata, quer falar de ladrão, de prostituta, mas, sabe? Ele só fala de coisa ruim. Quando você tem o microfone na mão, tem o poder de alcance muito grande da sua mensagem. Você atinge um número grande de pessoas que se identificam com você.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Reconhecendo as bases que condicionam os rapazes pobres a se enveredarem por ações ilícitas ou o exagero da associação de jovens pobres e negros com o caminho da ilegalidade, os entrevistados tentaram, a partir de suas seleções, dissociar a construção social do jovem pobre e/ou negro dos caminhos para violência e a criminalidade. E, nesse sentido, as eleições desses ícones podem ser compreendidas como uma tentativa de positivar masculinidades forjadas no enfrentamento de situações consideradas problemáticas.

As observações de Barker (2008) sobre a construção de masculinidades parecem interessantes para compreender esse fenômeno observado nos grupos. Ao tratar a experiência de jovens oriundos de contextos empobrecidos, em sua maioria negra, esse autor desvela a necessidade imposta à maioria dos rapazes de frequentemente afirmarem uma identidade não-violenta. Embora o envolvimento de jovens com o crime/violência não seja uma experiência para a maioria dos rapazes pobres e negros, o pânico moral e a visibilidade que essas situações ganham no cotidiano de suas famílias e do bairro implica constante preocupação em discernir “quem é quem”, ou, em outras palavras, identificar os rapazes envolvidos com o crime/violência e os distanciados dessas situações. Essa preocupação ganha dimensões ainda maiores considerando que:

Os jovens violentos ocupam muito mais tempo na programação de TV e enchem muito mais páginas de livros do que os jovens não-violentos. Nos Estados Unidos e no Brasil, livros e filmes sobre a violência das gangues ou das facções criminosas têm cativado a imaginação do público. Em 2002-2003, no Brasil, o filme *Cidade de Deus* lotou as salas de exibição com um público, em sua maioria, de classe média. Muitos moradores e membros da comunidade queixaram-se do filme. Eles não puseram em questão a fidelidade do filme aos eventos históricos: *Cidade de Deus* retratava acontecimentos que ocorreram na década de 1980, quando muitas das facções ligadas ao crime, hoje atuantes nas favelas do Rio, estavam se formando. O que os líderes da comunidade questionaram foi a versão unilateral apresentada. Onde estavam as vozes que clamavam pela não-violência? Onde estavam os jovens não-violentos? (BARKER, 2008, p. 88)

No Brasil, pode-se dizer que o aumento da violência foi acompanhado, nas últimas duas décadas, não somente pela ênfase dada à cobertura de seus episódios, mas também por um intenso debate sobre a natureza e as consequências desse aumento. Tal

excesso da tematização teve o efeito de se construir um determinado imaginário sobre a violência, que passou a informar e a produzir atitudes sociais a ela referenciadas. Áreas pobres das capitais brasileiras passaram a ser identificadas como territórios “vulneráveis” de criminalidade e violência, e comumente apresentados pela mídia a partir de uma imagem monolítica, no qual todos os personagens aparecem mais ou menos envolvidos com a criminalidade, em especial rapazes e negros, tomados como criminosos reais ou em potencial (HERSCHMANN, 2000; RONDELLI, 2000; SPOSITO; CARRANO, 2003).

A seleção das oito personalidades pelos entrevistados, assim, pode ser compreendida como uma tentativa de diferenciação de representações públicas mais predominantes sobre jovens pobres e negros, mas também do distanciamento de trajetórias potenciais, pois alguns jovens reconheciam viver em um contexto em que o caminho da criminalidade era acessível e, alguns deles, concretamente haviam experimentado essas situações (Adílson e Ricardo). Entre jovens universitários e de ensino médio, outros elementos também foram destacados a respeito da eleição de personalidades negras: a questão estético/racial.

Esse assunto foi apresentado por Hélio, Giovanni e Marcos, entre os jovens universitários, e principalmente por Fabrício e Matheus, entre os jovens com ensino médio concluído. Para eles, as peças publicitárias, campanhas de televisão e especialmente as novelas apresentam majoritariamente homens brancos como sujeitos de status e sucesso, tendo como ícones da dramaturgia nacional atores como Fábio Assunção e Reynaldo Gianecchini, em detrimento da realidade da sociedade brasileira. A ausência de homens negros na dramaturgia e na publicidade brasileira atestaria, para eles, dois problemas no país vinculados ao racismo: a dificuldade de inserção profissional de homens negros e o desprestígio do fenótipo negro como um ideal de beleza.

A maior consequência dessa dificuldade de inserção e visibilidade para os jovens seria de ordem simbólica, tendo em vista que, ao se deparar na televisão apenas com personagens e atores brancos, haveria pouco espaço para identificação de jovens negros com modelos positivos. Nesse aspecto, os jovens ressaltaram questões de ordem estética por conta da ausência de negros e da presença constante de brancos que implicariam a construção de uma “*baixa autoestima*” dos jovens negros, especialmente porque estes não possuiriam os fenótipos considerados bonitos, traduzidos na cor da pele, olhos claros e no cabelo liso.

O Fábio Assunção tem essa coisa de ser branco, de olho claro, de cabelo liso, que é o homem gostoso, que toda mulher quer ou que os homens têm que se transformar. Aí vai o mano alisar o cabelo e querer embranquecer. Acho que isso é muito sofrido, não é? Você tem que ser assim, senão você está fora, não está incluído, não vai ter uma mulher que te queira, não vai ser feliz.

(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

É muito difícil um cara negro ver alguém que seja parecido com ele na televisão. Quase não existe isso na Globo, por exemplo. São muito poucos que a juventude pode se identificar. E isso acaba com a autoestima da gente, porque a mídia só mostra gente branca.

(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

Gomes (2002; 2003) tem destacado que a estética, em especial as cores da pele e do cabelo, se converteu em emblema importante da constituição da subjetividade de negros no Brasil. Segundo a autora, a importância desse emblema na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro, até mesmo para aquele que consegue algum tipo de ascensão social, está presente nos diversos espaços e relações nos quais os negros se socializam e se educam: a família, as amizades, as relações afetivo-sexuais, o trabalho, a escola e os meios de comunicação. No caso dos jovens entrevistados, a visibilidade e ascensão de homens negros demarcariam uma possibilidade de que a cor negra de suas peles e seus cabelos ganhassem novos significados sociais, declinando a regra em que “boa aparência” é eufemismo para branco.

Ao realizar um estudo histórico que cobriu o período de mais de três décadas (1963-1997) sobre a representação do negro na televisão brasileira, Araújo (2000) confirma as hipóteses dos rapazes sobre a ausência de atores negros e, ao mesmo tempo, de personagens centrais para a trama encenada, interpretados por esses profissionais (comumente relegados a interpretar personagens secundários e de menor prestígio). Mesmo considerando as últimas duas décadas de seu estudo, os anos 80 e 90, que marcaram certa ascensão de negros na dramaturgia televisiva, dentre as 98 novelas produzidas pela emissora de televisão Globo (excluindo-se aquelas que tiveram como temática a escravidão), esse pesquisador não encontrou nenhum personagem negro em 28 delas. Em nenhuma delas, atores negros perfaziam metade do elenco.

A telenovela, ao não dar visibilidade à verdadeira composição racial do país, compactua conservadoramente com a tendência que ainda permanece em uma parcela dos afrodescendentes – produtos do ideal do branqueamento, que buscam uma identificação com a parcela branca da sociedade – e pratica uma verdadeira *negação da diversidade racial do Brasil* (ARAÚJO, 2000, p. 306, grifo do autor).

O autor conclui que as emissoras de televisão, ao privilegiar e se omitir frente à tarefa de dar visibilidade proporcional para negros em suas novelas (produto cultural

que mais busca suas fontes nas experiências sociais e culturais e mais intensamente procura dialogar com o imaginário popular), acabam por disseminar uma única referência cultural e fenotípica para forjar identidades de homens e de mulheres brasileiros, escamoteando seu poder de persuasão sob um manto mítico de uma hipotética neutralidade. De acordo com esse autor, as imagens dominantes em todas as telenovelas carregam como subtexto o elogio dos traços brancos como o ideal de beleza para todos os brasileiros.

Considerando a emergência da publicidade e de meios de comunicação especialmente voltados para a população negra, Fry (2002) aventa a possibilidade de ascensão de novos paradigmas mais conectados com um ideário que busca valorizar traços, características físicas e estéticas de negros. A hipótese do autor é de que esse movimento poderia caracterizar uma inflexão frente às situações identificadas num período anterior, quando negros eram invisíveis. Mas, em que pese o reconhecimento dessas inserções por parte dos jovens, os entrevistados deixaram evidentes a fragilidade de tais mudanças.

Além disso, a preocupação de Giovanni, por exemplo, ao justificar sua escolha por Sérgio Loroza, foi a de explicitar a emergência de alguns ditames que delineiam e impõem padrões também para os corpos negros. O ator global selecionado por ele é gordo, negro, “*desbocado*”, o que, segundo sua compreensão, distanciava-o das normatizações estéticas e das convenções morais em vigor na cena pública. Embora tenha ressaltado a fragilidade de sua inserção nos meios de comunicação, que se dava, até aquele momento, via programas humorísticos, o rapaz considerou que se tratava de um antiparadigma daquilo que tem-se tornado comum na representação de homens negros como “*negões*” ou “*deus[es] do ébano*”.

Ele é meio desencanado e fala um pouco sobre a etnia dele. Às vezes ele solta umas que politicamente seria incorreto, mas que a gente se identifica: “Ah! O pretinho aqui, não é? Que também é gordinho”.
(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

Ainda que destituída de uma discussão racial, a construção de um imaginário sobre o corpo masculino também foi o elemento que levou Fabrício, integrante do grupo de jovens com ensino médio concluído, a eleger o ator Matheus Nachtergaele como uma personalidade positiva. Na opinião do rapaz, o mérito desse artista residia na sua capacidade de não se “*enquadrar*”, que pode ser traduzida na disposição para resistir e criar novas maneiras de manipular o corpo, as vestimentas, os modos de falar e de agir. Num contexto de padronizações de valores, estéticas e comportamentos, esse artista foi

caracterizado como alguém que possui traços híbridos: não é masculino ou feminino; não conserva músculos nem corpo malhado, mas faz sucesso e interpreta também galanteadores; não se sabe nada sobre a sexualidade dele; é local e global. Para Fabrício, trata-se de um sujeito “autêntico”, “original” que não se deixa levar por modismos ou por alguma norma.

Eu acho que ele [Matheus Nachtergaele] é nordestino, mas ele não tem nenhum estereótipo na cabeça dele. Ele faz qualquer coisa. O cara é original para caralho, tem a maior autenticidade. Não está se enquadrando em nada. Ninguém sabe da vida pessoal dele, ele é bem underground, meio andrógino. Já vi uma entrevista com ele e, sei lá, você só sabe que é um cara super cabeça, mas que não está nessa cultura Big Brother, em que todo mundo tem que ter, tem que ser.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Assim como Giovanni, Fabrício fez referências a padronizações do corpo masculino predominantes na propaganda e na publicidade brasileiras, citando Nachtergaele como um homem franzino, que não corresponde à valorização dos músculos mais comuns nos meios de comunicação. Lançou mão da figura de ator brasileiro para introduzir uma discussão que estava ausente em seu grupo até então, que ele denominou de “culto ao corpo” e que diz respeito à exibição pública cada vez maior do corpo masculino, desde que esse esteja em conformidade a determinado padrão estético, convencionalmente chamado de “boa forma” ou “sarado”. Assim como Giovanni, Fabrício falou sobre a difundida ideologia da “cultura da malhação” entre os jovens¹⁴.

O cara [Matheus Nachtergaele] é baixinho, é cabeçudo... Ele faz novela com o Fábio Assunção, com esses caras que têm a maior mala [pose] e tal, e o cara se destaca pelo trabalho dele, que é o que ele escolheu para ele. Então, ele supera essas coisas que poderiam ser um problema para ele (...) tipo, hoje em dia, para você ter sucesso a sociedade te cobra boa aparência, você tem que ser bonito, gostoso, tem que ter o corpo escultural, tem que ter rosto bonito, senão você não é bem sucedido, você não tem o corpo padrão. É só olhar em outdoor, agora só tem homem sarado. Então, ele é completamente diferente disso.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Seus comentários lembraram as conclusões de Goldenberg e Ramos (2002) e também de Lipovetski (1989) que destacam que o corpo, na sociedade contemporânea, virou “o mais belo objeto de consumo” e também da publicidade, que se serve hoje da produção e venda de determinados estilos de vida, criando um consumidor

¹⁴ Assim como Giovanni, ao falar sobre a disseminação de ideais estéticos para o corpo masculino jovem, o rapaz fez piadas e gestos que deixavam em evidência determinadas partes do corpo: bíceps, abdômen e peitoral. Visualmente, os comentários eram elucidativos para explicitar o tipo estético e físico que vem se constituindo, segundo eles, em objeto de desejo dos rapazes; contudo, as transcrições de suas falas não preservaram esses sentidos.

perpetuamente intranquilo e insatisfeito com a sua aparência. Ao analisar os resultados de uma investigação com sujeitos de diferentes gerações, os primeiros autores constataram o fato de que, se para os mais velhos a relação com a nudez estava circunscrita a um tabu e a certos pudores, para os mais novos a relação com ela e sua interdição era justificada em função do receio da aparência física, isto é, a sua inadequação aos padrões estéticos considerados bons. A inquietação do rapaz Fabrício era de que essa preocupação com o corpo, exacerbada na publicidade e nos meios de comunicação, cada vez mais, estava presente entre os rapazes de seu convívio.

Além da pertinência de exemplos mais positivos para jovens negros e/ou pobres e de alternativas frente a modelos estéticos mais comumente apresentados como bonitos, as eleições feitas pelos universitários Lúcio (Kaká), Wagner (Ronaldinho Gaúcho) e Anderson (Gabriel Pensador) deram elementos para que nesse grupo se problematizassem diferentes condutas masculinas na relação com a família, discussão essa que não tomou fôlego nos demais grupos, embora entre os jovens de ensino médio, Diogo também tenha escolhido como bom exemplo o cantor brasileiro Gabriel Pensador.

Kaká e Gabriel Pensador foram mencionados por três rapazes por possuírem as mesmas qualidades: os jovens supunham que, além de suas habilidades profissionais, esses eram dedicados à família. Sobre o primeiro, Lucas, estudante universitário, falou sobre sua dedicação à religião, sobre sua fidelidade à namorada e sua castidade até o casamento. Do segundo – eleito por Anderson, estudante universitário, e por Diogo, jovem com ensino médio concluído – foi mencionado entrevistas acompanhadas pelos rapazes em que o cantor falava com desenvoltura sobre o amor que sentia pela mulher e as satisfações da paternidade.

Como jogador de futebol, o Kaká acaba se destacando. Jogador de futebol nenhum é politicamente correto. Final de semana é balada, é drogas, é muita bagunça (...). Ele já tem aquela filosofia de vida mais tradicional. Ele se casou, dizem que se casou virgem, não sei. Ele tem uma ligação com a família muito forte. Isso é legal, porque é diferente de tudo que é passado hoje.

(Lúcio, 20 anos, estudante universitário)

A imagem que ele [Gabriel Pensador] passa também é de uma pessoa simpática, super legal. Eu acho que a imagem de homem que ele passa é legal, é de liderança. Sempre que ele dá uma entrevista, fala da família, fala que ele é pai, de que ele curte isso para caramba. Acho que ele deve ser um pai muito presente e tal.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

Nas músicas dele [Gabriel Pensador] sempre fala sobre a sociedade e satiriza tudo. Eu acho isso bem legal. E, ao mesmo tempo, é uma pessoa que passa

uma imagem de valorizar a família. Ele é casado e, em toda entrevista que ele faz, sempre passa essa imagem de ser um homem de família.
(Anderson, 20 anos, estudante universitário)

Embora o teor dos comentários tenha sido relativamente semelhante, enquanto a escolha por Gabriel Pensador se deu com tranquilidade por parte dos dois jovens em grupos diferentes, a escolha de Lúcio gerou polêmica entre os estudantes universitários. Isso porque Giovanni e Marcos reconheceram Kaká como ícone masculino representativo do que é mais socialmente esperado e aguardado como destino de rapazes jovens como eles. Em alguma medida, o jogador de futebol era considerado alguém que inscreve sua experiência em bases consideradas mais tradicionais e que viam ecoar nos discursos de seus pais e/ou figuras adultas: as premissas de que devem ter como horizonte a assunção de um trabalho, o casamento e a constituição de uma família com filhos. Além disso, tal caracterização se realizava com bases na adesão religiosa do esportista, que fazia supor aos jovens que suas formas de viver estavam condicionadas aos preceitos religiosos. Kaká foi considerado “certinho” demais.

O Kaká tem um problema: ele está muito preso a um modo de vida que é muito passado para a gente pela sociedade. Acho que não tem problema ele ter esse estilo de vida, mas é muito aquilo que é colocado pela sociedade. Ser certinho, casar virgem, não fazer nada errado. Fica muito preso aos estereótipos.

(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Quando ele [Lúcio] fala do Kaká, eu não desconsidero, não é? Acho que é a opinião dele. Mas esse modelo de casar virgem, de ir para a igreja não é uma coisa que se encaixa para mim. Eu sou muito mais o Ronaldinho, de cair no mundo e já era.

(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

A discussão dos rapazes nos reporta às leituras de Oliveira (2004) acerca das transformações e da construção social da masculinidade na sociedade moderna e naquilo que ele denomina de período pós-moderno. O autor afirma que, enquanto na modernidade a religião se incumbiu prioritariamente de promover a moralidade tipicamente burguesa, da qual uma das instituições mais importantes e que serviu de modo fundamental para veicular esse tipo de moralidade foi o casamento e a estruturação da figura do patriarca ou do chefe de família, na pós-modernidade esse ideal estaria em declínio, tendo em vista uma nova ordem saturada pelo capital, que produziria cada vez mais agentes individualizados, privatizados e avessos a compromissos e fidelidades de longa duração. Mas era esse movimento que Lúcio tentava criticar e que Gerson e Marcos tentavam defender? Não.

Quando inquiridos se achavam que Kaká era um mau exemplo porque eles próprios não tinham religião e não queriam se casar, os jovens, pelo contrário, disseram

que possuíam suas convicções religiosas e desejo de um dia estabelecer um relacionamento estável, afirmação também comum aos grupos de ensino médio. Exceto Marcos, que se declarava ateu, e Gerson, que na época começava a frequentar terreiros de candomblé, os demais participantes eram cristãos, mas viam com ressalvas a influência dos princípios religiosos como elementos centrais a orientar suas condutas e tomadas de posicionamento¹⁵. Por outro, pensavam no casamento como um projeto, mas não uma obrigação e, como disse Gerson, “*também não precisa ser nos moldes do que a igreja quer, de papel passado e com aquele ritual todo*”.

Lúcio explicitou que sua adesão a Kaká relacionava-se com uma rejeição a outra personalidade que compunha o elenco exibido aos rapazes: o de Ronaldinho Gaúcho, personalidade escolhida por Wagner como positiva. Para o primeiro jovem, tratava-se de um jogador de futebol que disseminava um ideal de “*malandragem*”, comumente associado aos esportistas brasileiros que, em sua opinião, se transpunha para além dos gramados. Para o segundo, além de ter uma profissão que “*todo cara da periferia já quis ter*” era responsável justamente por disseminar essa cultura brasileira, por meio do modo como conduzia sua carreira profissional e como desempenhava o futebol, a ginga do “*futebol-arte*” e por, em sua vida privada, se apresentar de maneira mais “*descontraída*”, “*desencanada*” e “*na dele*”.

É que o Kaká, dentro da profissão dele, é mais correto. O Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, eu já não gosto, justamente porque ele faz o que eu já falei. Ele tem uma cabeça que é muito de malandro, daquilo da festa, das mulheres, da bebida, que eu já não gosto, tipo, já não me identifico, porque não é profissional.

(Lúcio, 20 anos, estudante universitário)

Todo moleque gosta de jogar futebol. Ele [Ronaldinho Gaúcho] não é uma pessoa perfeita, mas ele trouxe aquela história de futebol moleque, futebol-arte e de que é possível ganhar dinheiro, que por sinal é muito, se divertindo. Mas ele fez isso com humildade e nos jogos da seleção fazia o pagodinho dele, ficava brincando. A marca dele é a descontração: fazer o que ele faz e ir levando a vida dele.

(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

Os rapazes discutiram por algum tempo sobre as mudanças decorrentes da profissionalização do futebol e sobre as possibilidades de que, em um contexto em que a prática esportiva está dominada pela lógica dos bons resultados e da competitividade,

¹⁵ Novaes (2005), ao analisar pesquisa com jovens brasileiros, faz ressalvas acerca dos dados que mostram um trânsito religioso entre os jovens e um aumento daqueles que se declaram sem religião, o que, em tese, poderia acenar para a constituição de uma geração mais secularizada. Isso porque, na mesma pesquisa, os participantes do inquérito (brasileiros com idade entre 15 e 24 anos) indicaram “temor a Deus” como um dos valores mais importantes para uma sociedade ideal. As declarações de ausência de práticas religiosas, nesse sentido, podem ser compreendidas como um novo tipo de “religioso sem religião”, isto é, aquele que tem fé, mas não vínculos institucionais com igrejas.

haja espaço para jogadores que, individualmente, se destaquem como “artistas da bola”. Não sendo o futebol o objeto de análise propriamente dito, dessa discussão dos rapazes chamou a atenção o fato de que o debate instalado por Lúcio e Wagner animou os demais jovens de seu grupo a opinarem sobre os jogadores. Como torcedores, a maioria teve preferência pelas habilidades de Ronaldinho Gaúcho, mas, como a discussão sobre a representação do negro na mídia já estava posta, não deixaram de falar das decorrências da associação de um jogador negro com o “gingado” e a “malandragem” e, nesse caso, seu contraponto, um esportista branco, evangélico e pai de família.

O Ronaldinho Gaúcho também já é pai. Ele não se casou, mas isso não quer dizer que ele não dê atenção para o filho dele. Ele só não está com a mãe do filho dele, mas a mídia não dá isso. Fala do que ele faz de errado, pega no pé dele quando ele está numa balada e aí vai criando essa associação: ele é malandro no futebol, ele é preto, então, ele também é vagabundo na vida. É tipo que nem o Garrincha.

(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Falas semelhantes à de Marcos se sucederam apontando que, se a carreira futebolística tem-se constituído em um dos poucos sonhos de ascensão social de rapazes negros e pobres, tal perspectiva é permeada pela reiteração discursiva de estereótipos construídos no universo esportivo brasileiro.

Todo moleque quer ser jogador de futebol, mas é porque a gente é bombardeado de que isso é o que dá certo. Sei lá. A gente não vê muito negro fazendo outra função, mas ouve que negro é bom de bola, tem malícia, essas coisas.

(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

A história do futebol, bem como sua conversão a um dos elementos mais importantes da identidade nacional brasileira, há muito tempo é objeto de estudo de diferentes autores. Mas as análises de Souza (1996) sobre esse fenômeno pareceram-me interessantes ao problematizar a construção de um discurso sobre especificidades daqueles que, em tese, teriam condições e maior vantagem para o exercício do “futebol-arte” praticado no Brasil. De acordo com esse autor, as representações de tal prática esportiva se constroem a partir de atribuições de gênero e sexualidade, associadas, por sua vez, às hierarquizações elaboradas pelas relações raciais. Isso porque, a partir da segunda metade do século XX, o futebol passa a ser entendido como uma prática importada da Inglaterra que adquiriu aqui uma forma brasileira de seu exercício. O estilo brasileiro de jogar bola estaria atrelado a especificidades de força, energia e raça de nosso povo traduzidas na “malandragem” e no “gingado”, características “inatas” de uma nação fundada no hibridismo. Além disso:

As representações populares do “futebol-arte” associam-no diretamente ao negro [ou mestiço]. Este seria, para o senso comum, quem possuiria o tipo-

físico ideal para a prática “maliciosa” da bola, características essenciais do “futebol-arte”. A “biologização” desse discurso é facilmente percebida inclusive pela denominação das características necessárias (e geneticamente herdadas pelos negros) à prática brasileira do futebol: “biotipo” (SOUZA, 1996, p. 36).

A emergência desse tipo ideal de jogador de futebol se fez em um contexto de uma construção discursiva que atribuía especificidades aos grupos fundadores da nação brasileira. Nela, aos de “sangue africano” eram atribuídas características físicas e culturais que os tornavam “bailarinos da bola”, uma vez que tendiam a reduzir toda a sua experiência de vida, inclusive o trabalho e o jogo, à emotividade e à criação, em detrimento de traços marcadamente mais moderados e sóbrios de um europeu.

O diálogo travado entre Wagner e Lúcio, que foi acompanhado pelos universitários, parece-me repor e problematizar essas representações. Por um lado, temos um rapaz querendo distanciar-se e, ao mesmo tempo, posicionar-se contrariamente à conduta de um jogador negro que é associado ao “futebol-arte”. Por outro, temos um rapaz lembrando os sonhos de milhões de jovens brasileiros que pensam em ganhar dinheiro fazendo aquilo que sabem desde crianças: jogar bola. Caminho que já havia sido enfatizado por Denílson, Ricardo e Adílson como possível para a ascensão social de jovens pobres.

Considerando o conjunto das seleções, é possível dizer que foi mais predominante a problematização dos jovens sobre similitudes entre percursos realizados pelas personalidades eleitas e àqueles ambicionados por eles. Problematizaram a dificuldade de trilhar trajetórias mais promissoras, tendo em vista a condição de pobreza e, para alguns rapazes, também sua condição racial e, nesse sentido, as eleições privilegiaram sujeitos que tinham uma origem comum e um destino que queriam alcançar. Nessa discussão apresentaram diferentes problemas oriundos do lugar social que ocupavam, desde a proximidade concreta com caminhos da ilegalidade, até a existência de uma representação social, que estigmatizava essa proximidade tênue entre violência, pobreza e negros. Além disso, para os jovens com preocupações mais acentuadas com a condição racial, a baixa incidência nos meios de comunicação ou os modos como negros se tornavam visíveis contribuía, ainda, para a “baixa autoestima” desse grupo. Mesmo reconhecendo privilégios e possibilidades de ascensão no meio futebolístico, rapazes universitários reconheceram que esse domínio está permeado por estereótipos que reiteram peculiaridades de homens negros, ainda que se mostre uma trajetória possível para alguns rapazes pobres negros ou brancos.

A ELEIÇÃO DE MODELOS NEGATIVOS

NEGANDO ESTRANGEIRISMOS E PROBLEMATIZANDO O PERTENCIMENTO RACIAL

Quando foram esgotados os argumentos acerca das personalidades positivas, os jovens foram solicitados a realizar o exercício oposto: identificar ícones masculinos representativos de contra-exemplos para suas vidas. A seleção também foi um momento profícuo de discussão, pois, ao tratarem sobre aquelas pessoas com as quais não possuíam afinidade, ou melhor, de modelos de masculinidade que rejeitavam, o conjunto de elementos de rejeição se mostrou de maneira mais contundente e uniforme do que na eleição por similitudes. Prova disso é que as escolhas dos rapazes afunilaram-se.

Apenas cinco imagens foram escolhidas, com uma concentração significativa de argumentos desfavoráveis ao rapper norte-americano 50Cent. Mesmo os jovens que não selecionaram esse cantor argumentaram sobre sua impertinência como um modelo. Os argumentos para criticá-lo foram semelhantes e reiterados pela eleição de outro rapper também estadunidense Eminem e, em certa medida, de Mano Brown. Mas aqui também prevaleceram diferenças, em especial, na forma como os jovens Denílson, Adílson e Ricardo construíam argumentos para tratar sobre a composição racial brasileira e, como decorrência, sobre as maneiras como caracterizavam homens negros. O quadro a seguir apresenta os resultados da eleição feita pelos jovens e, como na tabela anterior, os atributos mais comuns extraídos de suas falas:

Quadro 2.2 – Personalidades negativas eleitas pelos rapazes:

Modelos negativos destacados pelos jovens		Atributos mencionados para a eleição
50Cent – Cantor norte-americano que se alinha a uma das variâncias do rap americano denominado “ <i>gangsta rap</i> ”.	Eleito por cinco rapazes por ser um músico que prega, em suas músicas, a violência e o “machismo”.

Mano Brown – Rapper brasileiro, vocalista do grupo Racionais MC's. As letras de suas músicas costumam abordar a pobreza e o cotidiano dos bairros pobres da cidade.	Eleito por dois jovens por ter músicas “ <i>machistas</i> ” e tratar as mulheres de maneira “ <i>vulgar</i> ”. O jovem de menor escolaridade caracterizou-o como “ <i>racista</i> ”.
Alemão – Ganhador da sétima edição do reality show Big Brother Brasil (BBB).	Eleito por dois jovens por ter participado do programa, ter ganho dinheiro fácil e não ser “ <i>humilde</i> ”.
Fábio Assunção – Ator brasileiro com diversas passagens por novelas brasileiras.	Eleito por um jovem por representar os “ <i>padrões de beleza</i> ” vigentes no Brasil.
Eminem – Cantor norte-americano que se alinha a uma das variâncias do rap americano denominado “ <i>gangsta rap</i> ”.	Eleito por um jovem porque fala mal da mãe em suas letras de música.

*Um dos participantes do grupo com jovens de ensino médio concluído chegou atrasado à atividade e não participou dessa seleção e outro jovem estudante do ensino superior recusou-se a escolher uma personalidade com a qual não tivesse afinidade. Um dos participantes selecionou apenas uma figura com a qual tinha rixas pessoais, pois já havia trabalhado com a pessoa em questão.

Como já foi mencionado, da escolha de todos os rapazes, 50Cent foi eleito a personalidade com a qual os jovens menos se identificam. O cantor é um dos ícones de uma das vertentes do rap americano – o *Gangsta Rap* – que tem ganho notoriedade nos meios de comunicação brasileiros por meio da divulgação de suas músicas, dos vídeos-clipes que são veiculados por canais de televisão como a MTV e em decorrência do sucesso do filme “Fique Rico ou Morra Tentando”¹⁶. Essa visibilidade e trajetória também são atribuídas pelos jovens ao rapper norte-americano Eminem, que possui a

¹⁶ Ficção baseada na história pessoal do *rapper* cuja trajetória é marcada pelo envolvimento com o tráfico de drogas, com o assassinato de gangues e de quadrilhas rivais. O encontro com a música rap e com uma jovem estudante, com quem tem um filho, são os motivos que o levam à redenção e a uma trajetória de sucesso e riqueza.

mesma linha musical de 50Cent e protagonizou um filme chamado “8 Mile – Rua das Ilusões”¹⁷.

Os argumentos dos rapazes foram comuns em todos os grupos acerca dessas duas personalidades: são artistas identificados como incitadores da violência e que exploram a imagem das mulheres como “*prostitutas*”. São maus exemplos, sobretudo, porque consideram 50Cent e Eminem ícones de um *ethos* que percebem como latentes entre jovens moradores dos bairros pobres, onde a dificuldade de acessar bens de consumo e a proximidade/presença de organizações criminosas formam uma dupla que influencia nas construções das subjetividades dos rapazes e de suas tomadas de posicionamentos frente ao crime e às ações ilegais. Para os jovens, a visibilidade e a conduta dos rappers americanos incentivavam rapazes brasileiros a vislumbrar o sucesso a qualquer preço.

Matheus falou, por exemplo, que desde que o Primeiro Comando da Capital¹⁸ (PCC) ganhou poder na periferia, visibilidade e projeção nacional, percebe uma disposição maior de jovens a desempenharem uma “*postura de homem*” que se traduz numa “*disciplina*”, “*responsabilidade*”, ausência de medos e numa conduta viril exacerbada. O rapaz utiliza a expressão “*encargo*” para conceituar a obrigação dos jovens em assumir determinadas posturas. Tal obrigação seria fruto da pressão de determinados grupos de rapazes de seu bairro para que os demais se apresentem publicamente como sujeitos que são capazes de zelar por sua honra, respeitar e ter laços de solicitude para com aqueles que estão envolvidos com o tráfico e dominar os códigos de sociabilidade comuns.

Essa conjuntura particular – não tão particular, posto que também os demais jovens do grupo de entrevista coletiva do qual ele fez parte confirmaram o fortalecimento de grupos e organizações criminosas que aliciam rapazes e “*disputam as cabeças dos moleques*” –, segundo os rapazes, se fortalece à medida que os meios de

¹⁷ Trata-se de uma ficção também baseada na biografia do rapper Eminem. Jimmy (Eminem) é um jovem que vive com a mãe e a irmã mais nova num trailer na periferia de Detroit. É revoltado com os sucessivos namorados da mãe e com a situação de privação econômica de sua realidade. Opta pelo rap como força de expressão.

¹⁸ O Primeiro Comando da Capital (PCC) foi criado em 31 de agosto de 1993, por oito detentos que cumpriam pena no Anexo da Casa de Custódia de Taubaté, a 130 km de São Paulo. A facção, que levou o nome do time de futebol dos oito detentos, teria, na época, o objetivo de “combater a opressão dentro do sistema prisional paulista” e também “para vingar a morte dos 111 presos”, em 2 de outubro de 1992, no episódio que ficou conhecido como “massacre do Carandiru”, quando Policiais Militares mataram presidiários no pavilhão 9 da extinta Casa de Detenção de São Paulo. Hoje, o PCC é chefiado por Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, preso da Casa de Custódia de Presidente Prudente, tida como a mais segura do País.

comunicação de massa, em especial aqueles que disseminam estilos e gostos musicais, passam a abordar e disseminar ideias que conformam mentalidades de maior disposição à violência, como é o caso da vertente do *Gangsta Rap* americano, mas também de alguns rappers brasileiros e grupos de funk carioca¹⁹.

[50Cent] *teve uma vida difícil e chegou no topo, no estrelato. Agora esbanja!(...) Ele tem um grupo chamado G-United, que são cinco caras que fazem parte. Eles fazem apologia às armas e extrapolam com relação à prostituição, ao dinheiro.*

(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

[50Cent] *tem que mostrar que ele alcançou algo, o poder que ele tem. Eu acho que algumas atitudes dele num... ele passou por muita dificuldade e agora que ele tem dinheiro, quer esbanjar e humilhar as outras pessoas. Parece que ele sai na rua e joga dinheiro, para mostrar que agora ele tem dinheiro de sobra e acho que ele faz isso para humilhar as outras pessoas.*

(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Eu acho que ele [50Cent] propõe na música dele justamente tudo que é contrário ao que a gente precisa ouvir. Esse cara é um com quem ninguém precisa se identificar. Não é alguém com quem o jovem precisa se identificar. Se ele é um cara que passou por gangues, passou por situações ruins, ele não deveria colocar isso na música como uma coisa que é boa. Ele gosta de mostrar esse negócio de cafetão, do poder, da corrente de ouro, do carrão, da mulher rebolando. A mensagem dele é fique rico ou morra tentando, como se a única possibilidade de felicidade fosse a riqueza. O cara é muita imagem: fortão, com aquelas correntes, com as roupas estilosas e pá, quer impressionar com isso.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Mesmo Adílson que elegeu 50Cent como um homem que teve uma trajetória que gostaria de realizar por meio da música, acenou para o fato de que, se tivesse o mesmo sucesso e dinheiro que o cantor americano, não o esbanjaria, mas tentaria com ele “*ajudar a comunidade*” desenvolvendo projetos sociais e apoiando as famílias pobres de Brasilândia “*que nem o Luciano Huck*”²⁰. Renato, por sua vez, contou que a violência apregoada pelos norte-americanos apenas prejudica “*os que são da periferia*”, pois os “*ricos e brancos*” estariam poupados das guerras deflagradas nos bairros pobres entre grupos de traficantes porque, segundo ele, “*as armas estão apontadas só para nós e não para eles*”.

¹⁹ Os rapazes da pesquisa distinguiram duas vertentes do funk que animam os rapazes e moças da periferia, promovendo e disseminando valores similares aos do Gangsta Rap (*não me lembro de você ter definido anteriormente do que trata o Gangsta Rap – se realmente não o fez, acho que seria interessante conceituá-lo, uma vez que esse tipo de rap é citado várias vezes ao longo do seu texto.*), um que incita a violência e promove traficantes a heróis e outro que trata de maneira pouco prestigiosa as mulheres. As observações dos jovens parecem ser semelhantes às distinções de Cecchetto (2004) acerca do “*funk bandido*” e do “*pornofunk*”.

²⁰ Luciano Huck além de apresentador de um programa da Rede Globo de Televisão é fundador de uma organização não-governamental que atua na cidade de São Paulo com projetos sociais destinados aos jovens pobres.

O fato de alguns jovens serem integrantes do movimento *hip hop* animou a discussão acerca das vertentes do rap no grupo, mesmo entre os jovens que não faziam parte desse movimento cultural, como são os casos de Marcos, Fabrício e Wagner. Estes rejeitaram os ideais disseminados nas condutas e músicas desses rappers por acreditar que incitam à violência e influenciam o comportamento de rapazes. Essa perspectiva emerge, por exemplo, a partir do comentário de Renato acerca das diferenças:

O próprio nome já diz: é um cinquenta centavos, não vale nada (...). O rap brasileiro é completamente diferente do que ele fala, porque aqui a gente prega a união, prega a união dos negros, dos pretos, dos oprimidos do sistema. A gente quer a união, porque só assim a gente consegue mudar. O cara prega a guerra das gangues, que não tem nada a ver com o que acontece no rap aqui, só que tem uns caras que pagam um pau, que acham que tudo vai dar errado, então imitam o cara, mas não tem nada a ver, é completamente diferente.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

De acordo com Rosa (2006) o glamour da vida do crime que existe em muitas músicas dos rappers americanos, no Brasil, é substituído por uma tonalidade discursiva mais próxima de uma inevitabilidade do confronto armado com a sociedade incluída (aqueles que têm poder político e econômico, devido a suas condições de classe, racial e de localização no espaço urbano). Em outras palavras, o crime e a violência urbana estão, ao contrário do que ocorre no rap norte-americano, associados a uma perspectiva de autodefesa em alguns casos contra o Estado, representado pela polícia e a classe dominante. A condição de gênero dos homens se expressa na disposição para esse conflito: a virilidade torna-se o valor desse conflito como parece demonstrar o comentário do jovem Renato.

Além da versão glamourizada da vida do crime, o *Gangsta Rap* tem um discurso marcado pela misoginia, ou seja, pela aversão às mulheres, outro aspecto registrado pelos entrevistados. Nessa vertente, os valores de masculinidade têm como referência o acesso fácil ao sexo feminino, proporcionado pelo dinheiro e a fama, por um lado, e pelo conflito entre gangues rivais. A mulher é, na maioria das vezes, objetivada e inserida na categoria de bem pertencente aos homens. Nessa lógica, a mulher passa a ser descrita como objeto de posse masculina e, assim como outros bens, a atribuir ao homem prestígio e reconhecimento. Nessa condição, as mulheres possuem valor enquanto quantidade e por suas características físicas; as qualidades morais não são reconhecidas como importantes.

De acordo com Rosa (2006), os vídeos-clipes de rap dos Estados Unidos, principalmente aqueles do *Gangsta Rap*, constituem-se como uma persistente e

expansiva divulgação de um “esquema da virilidade”. A utilização do corpo feminino e da posse de bens materiais afirmam a posição de poder negro e são associadas à noção de virilidade. Além disso, os signos do poder, ligados ao *Gangsta Rap* dos Estados Unidos – carros, relógios, telefones, celulares, anéis e correntes de metais preciosos, brincos, cédulas de cem dólares e mulheres – são comumente vinculados à vida do crime e aos guetos negros: exibem uma imagem de poder ostensivo e vinculado ao ideal de homem negro que se contrapõe à imagem de um homem branco que não vive nas ruas por não ter habilidade e, principalmente, virilidade suficiente.

No caso brasileiro, os grupos que muitas vezes são identificados como *gangsta rap* apresentam uma visão diferente à dos norte-americanos. No dito *gangsta rap* brasileiro, a representação da mulher é dividida em duas categorias principais: uma que se aproxima à dos norte-americanos e que representa as mulheres como interesseiras e sempre em busca do dinheiro fácil, representada pelo estereótipo da mulher “vagabunda”; a segunda categoria se afasta dessa representação e fala de uma mulher batalhadora e que dignifica o mundo com o seu sacrifício diário, representação consolidada na imagem da mãe, que é a chefe da família. Essa dicotomia entre a “mulher vagabunda” e “mãe” se explicita no diálogo entre Denílson e Ricardo, integrantes do grupo de jovens estudantes do ensino fundamental, quando abordaram a dificuldade deles de tolerarem o fato de que as músicas do filme de Eminem mostram a imagem de uma mãe alcoólatra, drogadita, que se prostituía e tinha uma vida afetivo-sexual ativa.

Eu não gosto do Eminem pelo seguinte: as músicas dele, em geral, sempre falam da mãe dele, sempre criticam a mãe dele. Ele critica muito a mãe dele porque ele sofreu muito na infância. Só que ele fala muito mal da mãe. Eu não gosto dele por isso, não é porque ele sofreu na infância que ele tem que ser assim com a mãe. O estilo de música dele é bom, é legal, mas ele critica muito a mãe dele.

(Denílson, 23 anos, estudante ensino fundamental)

Já viu o filme dele? Ele chega em casa e pega a mãe dele com vários caras... Ele só viu coisa errada e agora ele só canta a favor disso. Ele fica narrando a história de vida dele.

(Ricardo, 19 anos, estudante ensino fundamental)

Os constrangimentos com relação à figura de Eminem parecem residir no fato de ele dar visibilidade pública à vida pessoal de sua mãe – que, embora destoe de uma figura maternal, pudica e sem sexualidade, continua sendo mãe. Ao mesmo tempo, em seu diálogo evidenciaram que eles próprios vêm com ressalvas o comportamento da figura materna descrita pelas músicas, pois é o comportamento dela, o fato de ter vários homens e o acompanhamento de sua trajetória pelo cantor norte-americano, enquanto

era criança, que mobiliza o sofrimento do rapper, seu ódio às mulheres e a agressividade que manifesta hoje. O incômodo dos rapazes é com a mãe revelada pelo rapper norte-americano que rompe com as ideias de “*mulher vagabunda*” e “*mãe*”, evidentes nas letras e textos dos rappers brasileiros.

A discussão sobre a figura de Eminem trouxe à tona imagens mais locais sobre a representação da mulher. Esses três jovens reforçam a discussão sobre a sexualidade, o corpo, o desejo e os gêneros, refletindo um alto investimento moral e valorativo desse par de oposições. Os demais rapazes entrevistados, contudo, tenderam a relativizar essa dicotomia. Especialmente entre os jovens com ensino médio concluído, ao falarem sobre a figura de Mano Brown (que em algumas músicas costuma ressaltar as condutas sexuais das mulheres). A proximidade entre suas letras musicais e aquelas produzidas por rappers americanos foi o principal argumento para que Renato escolhesse o rapper brasileiro como uma pessoa que não o inspira.

Mano Brown foi alvo de críticas sobretudo de Denílson, Ricardo e Adílson, que compuseram o grupo de entrevista de estudantes do ensino fundamental. Diferentemente daqueles jovens que destacaram a figura de rapper brasileiro como um precursor e forte animador da afirmação de uma militância no hip hop e veiculação de uma identidade racial, esse grupo se contrapôs justamente a essa perspectiva, a partir do argumento de que ela incitaria o “*racismo ao contrário*”. Para esses jovens, ao mesmo tempo em que Mano Brown é um exemplo – pois perseverou num ambiente de pobreza, não entrou nas estatísticas do crime, continua cantando apesar de suas indisposições com a polícia e ganha dinheiro fazendo rap – é um contra-exemplo, pois incita ao ódio racial.

Os jovens tiveram dificuldade de formular respostas para explicar os motivos daquilo que consideram agressões aos brancos. Ricardo sugeriu que as músicas de Mano Brown tinham como fundamento uma tentativa de responder a uma maneira negativa de tratamento que esse grupo dá aos negros, mas questionou a possibilidade de que tal investida dê bons frutos ou de que “*o mundo melhore*”. No mesmo sentido, Adílson discorreu longamente sobre a importância da “*união*” e da “*paz*” para a promoção de um mundo de equilíbrio. A menção a Mano Brown nesse grupo revelou, assim, uma ambigüidade e tencionamento dos jovens, visto que se, por um lado, o rapper é mencionado por sua trajetória de sucesso, de seu engajamento político, de suas letras que abordam a desigualdade socioeconômica brasileira, por outro, foi criticado por construir uma oposição capaz de cindir o mundo entre brancos e negros.

Colocar-se contrário aos brancos, na situação de Mano Brown, seria, para Denílson, Ricardo e Adílson, um contrassenso, pois não consideravam o artista como negro, mas “*moreno, puxando para o branco*”. Cabe aqui relembrar que entre esses três entrevistados apenas Adílson definia-se como preto, enquanto Ricardo e Denílson classificavam-se como pardos. Mano Brown, na avaliação deles, era mais claro que eles, portanto, quase branco. Esses três rapazes valeram-se da aparência de Mano Brown, de seus traços físicos, formato do rosto, tipo de cabelo e coloração da pele para atestar as marcas de sua miscigenação. Discorreram sobre o fato de que no Brasil ninguém sabe “*se é mesmo negro ou branco, porque todo mundo é misturado*”, inclusive no bairro pobre onde residem, onde todo mundo “*é pobre e pobre é tudo igual*”.

Para mim, acho que isso nunca aconteceu, porque eu sou que nem o Mano Brown, sou mais claro assim, não sou branco, mas também não sou negro. Mas tipo eu acho que aqui isso não é um problema, porque meus amigos são brancos e são negros e não tem essa história (...). Essa coisa de racismo é uma droga, eu conheço alguns caras, assim, que são bem racistas, mas eu acho que isso é coisa de gente com cabeça pequena.
(Denílson, 23 anos, estudante ensino fundamental)

A recusa desses jovens de aceitarem as proposições de Mano Brown reside no fato de que eles consideram o racismo não como uma expressão de poder, mas como atitudes individuais minoritárias e excepcionais, jogando para o plano pessoal os possíveis conflitos (MUNANGA, 2004; SCHWARCZ, 1988). Além disso, não perceberam a sociedade brasileira e o contexto social em que vivem de maneira polarizada, como fez a maioria dos outros jovens ao se definirem ou falar sobre a temática. Veem seu contexto a partir de taxionomias mais plurais, de modo a atestar o caráter miscigenado da população brasileira, em especial a população pobre, que é também formada por “*pardos*” e “*mestiços*”.

Fabício, jovem que estive no grupo de estudantes com ensino médio e que fez elogios à figura de Mano Brown, reconheceu sua dificuldade pessoal de identificar-se simplesmente como negro, já que, considerando sua composição familiar, não era “*apenas*” negro, mas também índio e branco, situação que o levava a identificar-se como “*mestiço*” em algumas ocasiões informais e “*negro*” em outras mais formais e políticas. Ou seja, ele jogava com essas taxionomias, considerando o contexto social de cada ocasião. Tendo uma mãe mestiça e um pai negro, não era nem uma coisa nem outra e, ao mesmo tempo, era negro.

Eu entendo a história do movimento negro. Mas acho que não dá para ser uma camisa de força. Eu não sou só negro. Se eu falar que eu sou negro, tipo, eu faço o que com o que eu tenho de índio. Mas quando precisa eu falo

que eu sou negro, tipo, em reunião política, que está rolando, eu defendo a proposta do movimento.
(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

As variações encontradas atestam, portanto, o caráter construído das percepções raciais. Se, para a maioria dos entrevistados, predominou uma classificação bipolar (branco e negro), independentemente de características somáticas, para os jovens de menor escolaridade a manipulação se deu de maneira diferente. Também Fabrício, ao falar da maneira como trata da questão, apresentou outra dimensão, separando o modo como manipulava essa idéia nas interações familiares e como se via pessoalmente, e o modo como publicamente se posicionava.

O ganhador de um *reality show*, Alemão, foi eleito por dois jovens: Hélio (universitário) e Ricardo (estudante do ensino fundamental). Os rapazes criticaram a participação a participação dele em um programa de TV que tem por objetivo a exposição de indivíduos e de suas intimidades. Mas, passados esses comentários iniciais, os dois rapazes, e também os demais jovens que estavam em seus grupos, explicitaram um profundo incômodo com o fato de que esse sujeito ganhou destaque, projeção e dinheiro “*sem fazer nada*”, ou seja, sem trabalhar, o que não justificava sua ascensão ao posto de “*celebridade*”. Os entrevistados evidenciaram e valorizaram alguns atributos vinculados aos benefícios do trabalho como um meio para obter reconhecimento social, status e dinheiro. O trabalho foi associado a expressões como “*luta*” e “*conquista*” e aquele que consegue ascender por meio dele tem como principal característica “*ser um guerreiro*”, mas o ganhador do programa Big Brother Brasil foi eleito como um sujeito que “*ganhou as coisas de mão beijada*” e, ainda por cima, hoje não “*é humilde*”. Esses pares de oposição apareceram novamente quando os rapazes trataram sobre o universo masculino que os circunda, especialmente ao abordar a diferença entre “*os jovens da periferia*” e “*os jovens de classe média*”, para os quais me atenho no próximo tópico.

Finalmente o ator Fábio Assunção foi apresentado como modelo de beleza mais visível nos meios de comunicação. O fato de ser branco, loiro, de olhos claros teria facilitado sua trajetória profissional, sucesso na mídia e com as mulheres. Ao mesmo tempo, foi destacada a visibilidade do ator, lembrada, nesse caso, como contraponto de desvalorização da estética negra e diminuição da autoestima de sujeitos que não se assemelham a ele.

FUTEBOL, MÚSICA E GRUPOS

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE DE RAPAZES

Uma vez que o início das entrevistas coletivas se deu pela eleição das personalidades visíveis nos meios de comunicação, ao serem incitados a falar sobre as referências masculinas presentes em suas casas, nos bairros em que foram criados e nos grupos de amigos, os entrevistados estabeleceram uma continuidade com o tópico anterior. Deixaram suas próprias adesões de lado, para tratar sobre alguns ícones que percebiam como organizadores ou incentivadores de determinadas práticas sociais de seus lugares de origem e que animavam seus amigos ou colegas do bairro a se comportar de determinadas maneiras.

Nesse momento, Kaká, Ronaldinho Gaúcho e outros jogadores de futebol, bem como músicos, em especial, rappers e sambistas, emergiram como símbolos potentes para o imaginário dos rapazes de seus bairros de origem. Os jovens destacaram dois aspectos acerca das práticas e das referências de masculinidade presente entre seus pares as quais eram vistas como elementos que contribuía para a construção de condutas masculinas: as influências do futebol, como atividade comum entre os rapazes desde a infância, e dos estilos musicais, importantes para a adesão de determinadas práticas de consumo na adolescência, definição de amigos e valorização de alguns comportamentos.

Foi a partir do futebol e da música que os entrevistados passaram a falar de um universo de referências mais próximas deles, tendo como ponto de partida a relação com outros sujeitos do sexo masculino. No primeiro caso, sem exceção, no interior dos grupos, o tema se deu pela afirmativa de que é o futebol o ponto de partida para a interação dos jovens com outros sujeitos do sexo masculino – exteriores ao mundo doméstico –, tendo em vista o argumento que pode ser sintetizado na afirmativa de Denílson: *“Na periferia, a primeira coisa que a gente aprende é jogar bola”*.

Destacou-se a prática esportiva como algo que estabelece uma convivência entre os sujeitos do sexo masculino, algo que une crianças e adultos, servindo como atividade de aprendizagem de códigos e condutas comuns. Por sua vez, as adesões a estilos musicais e a grupos de amigos se apresentaram como um momento de ruptura para aquilo que os jovens percebem como uniformidade entre as práticas masculinas, dando origem a diferentes maneiras de estar no mundo. A partir dessas diferenças fundamentais, os rapazes traçaram mapas de relacionamentos e da vida cotidiana, que

incluíram, em alguns casos, a interação também com outros personagens: em especial, os “*traficantes*” e, exterior ao bairro, a “*classe média*”.

Se consideradas as afirmações dos jovens, as crianças do sexo masculino em seus bairros de origem “*nascem*” jogando futebol e torcendo por algum time, pois se trata de uma atividade incentivada por suas famílias mesmo antes do nascimento. Assim como seus amigos, eles ganharam bolas de futebol de seus familiares adultos, tendo esse objeto feito parte de suas brincadeiras desde muito cedo, se não, incorporado precocemente em algum momento de suas vidas através de um amigo da mesma idade ou parente. Em outras palavras, os entrevistados afirmaram que os meninos crescem com uma bola de futebol e, em certa medida, se tornam meninos porque jogam futebol (GIGLIO, 2008).

Essa constatação se evidenciou no interior de todos os grupos realizados. Entre os jovens universitários houve um diálogo peculiar que ilustra essa centralidade do futebol na sociabilidade dos rapazes. Enquanto os jovens falavam sobre a força das imagens de jogadores como Ronaldinho Gaúcho e Kaká para o imaginário dos garotos da periferia, Anderson manifestou seu desconforto sobre a prerrogativa de que todo brasileiro precisa saber jogar bola.

Eu não vejo graça no futebol, nunca me interessei por isso. Lá em casa, todo mundo torce, minhas irmãs são corintianas, meu pai não perde um jogo. Mas eu nunca gostei, não, eu acho um saco esse negócio de ter que saber jogar.
(Anderson, 20 anos, estudante universitário)

Você é louco cara! Espera aí que eu vou lhe falar sobre o São Paulo... (risos). Meu! Onde eu moro, todo mundo joga futebol, tipo, todos os caras jogam futebol. A gente se conheceu tudo no futebol, são os caras de ‘mile’ anos. Meu, você não tem amigo, então!
(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

Não tenho mesmo. Eu nunca tive muita amizade com os moleques do bairro. Meus amigos sempre foram da escola mesmo e acho que é por causa disso. Eu nunca fui de ficar na rua, sempre fiquei mais em casa e nunca gostei de jogar bola.
(Anderson, 20 anos, estudante universitário)

A reação de estranhamento de Wagner frente à afirmação de Anderson, que nunca gostou de futebol, foi destacada por Hélio e Giovanni como sintomática para um grupo de rapazes que foi educado aprendendo que faz parte das práticas comuns dos meninos o jogo de futebol. Além disso, afirmaram que é por meio dessa atividade que se estabelecem as primeiras relações de amizade duradouras com outros sujeitos do sexo masculino na rua e no bairro. Trata-se de uma primeira esfera de sociabilidade fora do grupo doméstico. Anderson concordava com a afirmativa de que o futebol era uma prática comum aos rapazes, mas nunca gozou do espaço da rua, estando sua

sociabilidade mais circunscrita à escola e à relação familiar. Como consequência, tinha poucos amigos na rua em que morava.

A importância do futebol para a sociabilidade masculina foi reforçada pelos demais grupos de rapazes, sendo que Renato e Daniel, no grupo de jovens com ensino médio concluído, e Denílson e Ricardo, entre os estudantes do ensino fundamental, aqueles que mais argumentaram acerca desta temática. Entre esses quatro rapazes, houve a opinião comum de que ter compartilhado dessa experiência na infância permitiu que, mesmo depois da infância – quando a frequência a jogos de futebol já não fazia parte de suas rotinas diárias e os pares do bairro já possuem experiências e trajetórias diversas –, as interações nos campos de futebol se constituíam em um momento importante de trocas e de manutenção de laços entre crianças, jovens e adultos do sexo masculino.

Pode crer! A gente vê que na periferia cada um tem sua vida: tem cara que casou, tem cara que está trabalhando, tem cara que está fazendo seu rolê com seu grupo, com a sua militância, tem cara que está fazendo a sua correria²¹. Cada um tem sua história, mas a gente continua se encontrando. E é aonde? No futebol, na pelada do fim de semana, no boteco depois do jogo, que aí você troca uma ideia.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

DaMatta (2006) afirma que o futebol é um objeto social complexo, que pode ser apropriado de vários modos em diferentes nações, e defende que “cada sociedade tem o futebol que merece”. No caso do Brasil, acredita que o futebol não é somente uma atividade com conotações específicas, mas também um jogo a serviço de todo um conjunto de valores e relações sociais, onde a população exercita e aprende costumes do que é ser brasileiro. Segundo o autor, desde cedo, faz parte da socialização de meninos a definição de um time de futebol e a constituição de uma agremiação dedicada ou definida pela prática esportiva, através da qual se consolida uma das primeiras marcas de individualidade dos sujeitos fora do espaço da casa e da esfera familiar. A escolha do time e a participação ou não nas práticas futebolísticas se constituem, assim, num campo para a primeira redefinição de posicionamentos num nível mais amplo, sendo o futebol uma agência que abre a primeira porta para o mundo público, para a convivência com outros, esses também torcedores, jogadores, ganhadores ou perdedores.

²¹ O termo “correria” foi utilizado pelos jovens com diferentes acepções. Em algumas ocasiões, fazer a “correria” significava o envolvimento de rapazes com o tráfico de drogas ou com outras ações ilícitas. Em outras, a expressão dizia respeito ao desafio de correr atrás de trabalho, emprego, renda, ou seja, formas de sobreviver. Em algumas falas, contudo, a utilização dessa expressão foi ambígua, não desvelando seu significado. Ao longo do trabalho, sempre que possível, tentarei deixar evidente qual o sentido de seu uso.

Os comentários dos jovens confirmam essa importância dada ao futebol, prática que suscita as primeiras convivências e aprendizagens sobre a importância que o esporte deve ter para as suas vidas. A história do “*Timão*” (Corinthians), do “*Peixe*” (Santos) ou do “*Tricolor Paulista*” (São Paulo) e dos antigos e novos jogadores, o cronograma dos campeonatos estaduais e nacionais, o desenho do escudo brasileiro e das pinturas que devem ser realizadas a cada quatro anos durante os jogos da Copa do Mundo são conteúdos importantes para garantir a sociabilidade em torno do futebol. Como alertou Matheus: “*isso é básico, senão o cara está na roça*”, ou seja, está em situação de desvantagem na relação com seus pares.

Jogar futebol também está permeado pela aprendizagem de outros domínios que definem status na interação entre os rapazes durante o jogo. Códigos de malícias e o bom desempenho esportivo são vantajosos para a integração e participação dos indivíduos nos times. O domínio não é de qualquer futebol! Da fala dos rapazes, por exemplo, emergiram expressões como “*agilidade*”, “*malandragem*”, “*futebol-arte*”, “*futebol moleque*” para descrever as qualidades valorizadas no futebol que eles também prestigiam. Adílson contou que sempre foi “*malicioso*”, como adjetivo comprobatório para o seu bom futebol, e Giovanni, por sua vez, afirmou que seu futebol é “*durão*”, justamente porque não tem o “*gingado*”²². Matheus, apesar de entender de futebol, disse nunca ter ocupado a posição de atacante, mais prestigiada, porque sempre foi gordo e lento.

Em que pesem as aprendizagens específicas do futebol, os rapazes também abordaram noções valiosas acerca das expectativas e regras para a conduta masculina apreendidas na interação dos jogos e práticas esportivas. Entre os jovens de ensino médio, quem mais falou a respeito dessas “regras” foi Daniel, para quem as atitudes tomadas no âmbito de um grupo esportivo são muitas vezes apreendidas e transpostas para as demais esferas da vida cotidiana. Foi esse rapaz, por exemplo, que argumentou que a valorização do “*cara ligeiro*” era, para ele, uma transposição de um perfil bastante valorizado no futebol: aquele que resolve rápido o que fazer com a bola, sabe como se virar, não precisa pensar muito para tomar uma atitude e marcar o gol ou tomar a bola do adversário.

²² As expressões utilizadas pelos jovens dizem respeito à ideia do “futebol-arte”, expressão utilizada comumente no Brasil como definidora de um modo brasileiro específico de jogar futebol. Sobre esse tema, trabalhos como os de Souza (1996) contextualiza como histórica e culturalmente essas noções foram construídas a partir da articulação da tentativa de forjar uma identidade nacional brasileira, pondo em uso o caráter miscigenado da nação brasileira e as especificidades de jogadores negros e mulatos no futebol brasileiro.

Outro exemplo dado por esse rapaz foi sobre a ideia de “*humildade*” também uma noção apreendida, entre outras esferas do dia-a-dia, no futebol. Por tratar-se de um jogo coletivo, em que todos devem contar uns com os outros e “*ninguém é melhor que ninguém*” a cooperação era importante. Além disso, como não se sabe exatamente com quem se está jogando, a humildade emergiu como um mecanismo de defesa para que as disputas e competições do gramado não se transbordem para espaços em que não existe um árbitro para definir o que pode e o que não pode em uma disputa.

Meu! Quando a gente vai jogar bola fora [em outro bairro] tem que ter muita humildade. Você conhece um ou outro cara da quebrada, então, você tem que chegar na sua. Você não sabe com quem você vai jogar. Tem que ficar esperto, porque se você chega querendo aparecer, chega botando a maior mala [pose], de duas, uma: se você perde, os caras não vão te respeitar, vão te humilhar no bagulho, se não, você ganha e sai briga, então tem que ser humilde. Mesmo entre a gente, tipo, no campinho da quebrada tem de tudo, tem maloqueiro, tem trabalhador, tem estudante, tem moleque, se você não respeita todo mundo, você não é considerado. E acho que isso a gente leva para a vida, entendeu? É tipo um aprendizado para a vida toda.
(Daniel, 24 anos, ensino médio concluído)

Ainda que não tenham limitado a aprendizagem da “*humildade*” às interações do futebol, jovens do grupo de estudantes com ensino médio concluído enfatizaram a importância dessa convivência da infância para marcarem as interações que possuíam na juventude com grupos distintos de rapazes. Independente dos caminhos tomados pelos rapazes de seu bairro, um código importante da interação era o de não ser displicente e arrogante com ninguém. Essa regra de relação estava, segundo eles, presente inclusive no estabelecimento de condutas que norteavam uma convivência com traficantes ou líderes de grupos criminosos. Estando em uma “*banca*” (roda de amigos) de rapazes, um indivíduo deveria ter humildade para cumprimentar todos os seus componentes de maneira indistinta, fosse trabalhador ou traficante.

Entre os universitários, Marcos fez referência à outra situação de interação no futebol que se transpõe para além dos campos: a disposição dos rapazes em defenderem sua condição masculina e heterossexual. Nesse caso, são as brincadeiras jocosas e insinuações de feminilidade que contam como elementos que importam na relação entre outros homens, em especial entre os meninos, haja vista que o “*futebol é coisa para macho*”. Como exemplo ele mencionou situações de brigas, interações mais violentas ou de disputas de bola mais acirradas em que se exige que os garotos “*tenham uma postura de homem*”, traduzida na capacidade de enfrentar a situação, ter uma postura viril, não chorar, e, alguns casos, revidar as agressões que lhe foram deferidas.

É que nem falam: “futebol é coisa para macho, coisa de homem, não é coisa para ‘viado’”. O moleque leva uma porrada no futebol e aí falam para ele:

não chora, resolve aí, você tem que ter uma postura de homem. Dessas situações, eu acho que a gente acaba levando para a vida: não pode chorar, porque, senão, é 'viado', chorar é coisa de mulher, tem que ser macho, tem que ser forte, tem que mostrar que é homem.
(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Os rapazes destacaram que a aprendizagem via esporte e treinamento físico, além de disciplinar o corpo para a agilidade, a ginga e a malícia do futebol brasileiro – ou para atestar a incapacidade de dispor de tais aptidões –, também produzem reconhecimento social, hábitos e atitudes cotidianas em outras esferas da vida na rua para além da esportiva. A prática do futebol e a valorização social que se faz dela no Brasil veiculam para esses rapazes noções de masculinidade, atuando como uma experiência de validação de suas condutas. Os domínios desse tipo de aprendizagem não se restringiram ao futebol, Renato, por exemplo, falou também da capoeira, como uma prática cada vez mais comum entre rapazes da periferia. Lucas, universitário, argumentou que o simples fato de estar na rua, quando criança, implicava a realização de uma atividade: *“a gente pode só bater papo, tirar uma onda e trocar uma ideia”*. Contudo, seus próprios pares enfatizaram a magnitude do futebol. Tratava-se de uma prática social disseminada para crianças e adolescentes do sexo masculino, que nascem num país que se proclama a *“pátria de chuteiras”* ou *“o país do futebol-arte”*.

Era a prática do futebol, na opinião desses entrevistados, capaz de produzir um imaginário comum partilhado pelos rapazes que envolve aspectos como: malandragem, gingado, humildade, virilidade e heterossexualidade. Imaginário partilhado com o desejo de qualquer menino de se tornar um esportista profissional, de fama e sucesso. De seus cotidianos, os rapazes apresentaram o futebol como uma experiência de interação e aprendizagens aberta aos rapazes desde a infância, e os ícones de sucesso de tal esporte como referência de um possível futuro idealizado por eles. Assim, apontam a rua como um espaço de interação importante, pois desde pequenos há uma relativa liberdade para o desenvolvimento de atividades de lazer socialmente atribuídas aos meninos.

Fez parte desse diálogo sobre o futebol, também, a constatação de que, na infância, esses rapazes não estavam destinados ao desempenho de atividades domésticas e de que, salvo exceções, como a do universitário Wagner, sofriam pouca pressão de seus pais para assumi-las. A esse respeito, as análises de Heilborn (1997) acerca do cotidiano de jovens da periferia continuam pertinentes. A autora enfatiza que os meninos são socializados segundo as regras de uma saída do grupo doméstico, que privilegia o domínio público e também aquele que, de algum modo, abriga um

componente importante da identificação da virilidade: a força física. Os meninos vão sendo impelidos a uma exteriorização frente ao domínio da casa, possuindo uma relativa “liberdade” e mais tempo para o lazer, que ocorre fora das vistas de seus parentes, que só podem, portanto, exercer sobre eles um controle menos direto.

Se o futebol aparece como uma prática síntese das primeiras referências públicas, que os jovens rapazes destacam como emanadas de seus pares do sexo masculino – sem distinção de idade –, as atividades de sociabilidade na adolescência e na juventude com outros sujeitos da mesma idade, em especial aquelas que orbitam em torno da fruição e do consumo cultural, das práticas de lazer e da relação com algumas instituições como a escola e a igreja, destacam-se como um divisor de águas para as referências comportamentais e para atitudes e práticas performativas dos jovens rapazes.

Diogo, por exemplo, disse que até os treze anos partilhava de atividades comuns com os amigos do bairro e da rua, jogando futebol, mas que hoje, aos dezenove, percebia-se distanciado de parte desses colegas de infância, tendo estabelecido vínculos com outros sujeitos que sequer moram no mesmo bairro que ele. O rapaz atribuiu esse distanciamento a afinidades que se constroem por meio de outras mediações, através das quais a música, os gostos com relação aos vestuários e as diferentes inserções no mundo do trabalho e da escola determinam novos pertencimentos.

O que aconteceu comigo? Aquela molecada que era da minha geração, lá da minha rua, aquele mesmo pessoal que eu jogava bola, quando eu tinha os meus dez anos, quando era todo mundo criança... Hoje em dia, a gente simplesmente só passa e: ‘opa, tudo bom’? Não é incomum isso. Então, chega uma hora que a maioria dos nossos amigos de infância, que mora tudo na mesma rua, que mora há dois quarteirões de você, acabam deixando de ser seus amigos. Não é que você deixou de gostar, brigou e tal, mas é que as pessoas ficam diferentes. As diferenças que fazem você distanciar. Eu acho que a forma como você se apresenta, como você escuta determinado tipo de música, se você curte hip hop, normalmente a pessoa usa um enraizado, usa roupas do estilo e tudo mais, você é roqueiro, usa cabelo grande, se você curte um reggae, tudo isso muda. E não é só a música! Se você curte uma arte, se você já trabalha, se você está na faculdade, então, isso reflete na sua pessoa.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

Em todos os grupos, a conversa teve início com a afirmação de que na periferia a influência da música rap e do samba não é desprezível. Esse foi o caso de Daniel, que afirmou que até um período de sua vida se considerava um “cara normal”, cujas atividades se constituíam em estar na rua, conversando com os amigos, ir à escola e jogar bola. Por volta dos quinze anos, contudo, ele diz que o rap começou a fazer sucesso em seu grupo de seus amigos. Inicialmente, contou que começou a consumir a música, mas, com o passar do tempo, também as roupas e as atitudes veiculadas pela

difusão dos principais ícones do estilo musical. O que começou como um universo de afinidades a partir do consumo da música deu origem a um grupo cultural de hip hop e, posteriormente, a uma posse²³.

No final da década de noventa, foi quando o Racionais MCs explodiu com o Sobrevivendo no Inferno [nome do álbum do grupo] e virou aquela mania. Tocava em tudo quanto era lugar, todo mundo só ouvia as músicas dos caras, ficou muito em evidência. Aí, acho que um monte de gente começou a curtir hip hop, a se aproximar da cultura. Comecei ouvindo, fui entender mais das paradas, das propostas dos caras e aí vi que não era só uma música, mas era também uma cultura de movimento mesmo. Tinha uma galera que tinha um grupo de estudos, que tipo, já estava terminando a escola, pensava em fazer faculdade, daí, a gente começou a discutir umas paradas, uns começaram a puxar rimas, a fazer seu rap, daí a gente criou uma posse, começou a fazer umas coisas para a comunidade, fazer fanzine, essas coisas.

(Daniel, 24 anos, ensino médio concluído)

No mesmo sentido, Matheus e Renato falaram de suas aproximações com o hip hop destacando a mudança de seus comportamentos e maneiras de se vestir. Houve também aqueles que se aproximaram mais do samba como Ricardo e Denílson, que destacaram o desejo de se tornar artistas profissionais e recordaram-se de um tempo em que descoloriam seus cabelos e usavam calças boca-de-sino para se parecerem com seus ídolos. Também Hélio destacou a influência da música e do teatro na sua definição de amigos. Com a sua participação em um grupo de teatro, passou a circular com pessoas que possuíam afinidades no que diz respeito à música (Música Popular Brasileira - MPB), ao cinema e hábitos culturais completamente diferentes daqueles com os quais estava mais acostumado em seu cotidiano. Além disso, com esse grupo, o rapaz também percebia formas distintas de posicionar-se como homem, pois no teatro havia maior liberdade com relação às condutas sexuais e orientação da sexualidade.

Eu acho que comecei a ficar mais diferente quando entrei para o teatro. As pessoas são completamente diferentes. São mais tolerantes com a homossexualidade, têm menos pudor com o corpo, essas coisas...

(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

Marcos, estudante universitário, disse que, a partir da adolescência, tudo depende dos “modelos” de identificação que os jovens encontram para se espelhar. Em sua opinião, jovens rapazes que se articulam em torno do consumo e produção do samba ou que passam a se articular em torno do hip hop podem apresentar maneiras e referências de masculinidade diferentes. Como exemplo, ele contou que o acesso a mulheres bonitas, a bens de consumo, o cuidado para a manutenção de um corpo

²³ Posse e/ou núcleo cultural são os nomes comumente adotados por integrantes do movimento *hip hop* para denominar o espaço de encontro de diferentes grupos vinculados às práticas culturais. Rappers, DJs, grafiteiros, fanzineiros, dançarinos de break, entre outros, encontram-se nesses espaços para promover discussões ou articular ações conjuntas.

malhado e certa popularidade na rua podem ser mais valorizados por jovens que estão enredados em determinadas práticas, enquanto a valorização à pertinência desses atributos e comportamentos podia ser completamente dispensável para outros.

A esse respeito, Wagner, participante do mesmo grupo, comentou que em seu bairro, Ermelino Matarazzo, há jovens que se articulam em torno do consumo do “*gangsta rap*”, cujo principal ícone, como já foi dito, é o norte-americano 50Cent; enquanto outros estavam mais engajados numa espécie de rap comunitário. Entre os últimos, o jovem destacou que correntes de ouro, carros potentes e mulheres loiras são menos importantes do que os emblemas que carregam no corpo, distintivos de um pertencimento étnico, como o cabelo “*black*” e as roupas-protesto²⁴.

O que os entrevistados ressaltaram foi a emergência de novas estéticas, comportamentos e estilos de vida, a partir da convivência com outros jovens. A definição de grupos de amigos, hábitos de consumo e práticas sociais (com forte influência da música) forjaram mudanças que diferenciam rapazes semelhantes do ponto de vista sócio-econômico e geracional, construindo nuances que, muitas vezes, resvalam na definição de condutas masculinas diferenciadas. A adoção de determinados estilos de vida também tornam pertinentes alguns “modelos” ou, pelo menos, um conjunto de práticas sociais e culturais comuns, que orientam suas condutas. As falas desses rapazes mostram a pertinência das considerações Cechetto (2004) acerca dos estilos de masculinidade entre jovens pobres e sua conexão com práticas sociais, especialmente permeadas pela esfera do lazer. Essa autora considera que há uma diversidade de noções de masculinidade partilhadas por rapazes, cujas nuances podem ser atribuídas aos diferentes espaços de circulação, associação e pertencimento que os rapazes constroem ao longo de suas trajetórias.

Mas as narrativas sobre a adesão dos jovens a estilos e hábitos de consumo não foram as únicas feitas pelos participantes dos grupos, muito embora, entre todos, tenha havido um posicionamento de que a definição dos amigos da juventude é um momento importante para a adoção de determinados comportamentos. Wagner e Lucas, por exemplo, estudaram juntos no ensino médio e disseram que, o núcleo central de suas amizades na juventude girou em torno dos companheiros do colégio, que tinham planos

²⁴ É possível relativizar as visões e percepções dos jovens sobre cada um dos estilos de vida que associam aos estilos musicais. Macedo (2007) acerca das “*baladas black*” de São Paulo, por exemplo, demonstra a coexistência de diferentes valores e significados sobre raça, gênero e masculinidades e feminilidades entre frequentadores(as) desses espaços de lazer e fruição musical. Contudo, as observações feitas pelos rapazes acerca de diferenças e nuances são pertinentes para esse estudo.

de ingressar no ensino superior. O impacto dessa convivência extrapolou os muros da instituição e das atividades de caráter formativo, mas não garantiu uma unidade identitária para esse grupo e posicionamentos coesos acerca de diferentes esferas da vida social, para além dos planos com relação ao futuro, à formação profissional e ao trabalho.

Acho que a nossa história é diferente da deles, porque a gente tinha, assim, um objetivo comum que era ter um futuro, a gente queria ingressar na faculdade. A gente é tudo amigo até hoje, mas a gente não é tão parecido. O F. é um cara que é mais sossegado, que curte mais um rock. O M. é um mulherengo de primeira. Eu já sou mais ligado no futebol, tipo, eu jogo bola todo domingo de manhã, é sagrado para mim. Então, cada um tem o seu estilo, seu jeito de levar a vida, mas com alguma coisa em comum, entendeu?
(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

Eu gosto muito do samba, de um pagode, mas eu acho que isso não é a coisa mais importante para definir quem eu sou. Para mim, o que mais pegou foram os amigos do colégio, porque a gente tinha uma coisa comum, que era ter um futuro e estudar mesmo.
(Lucas, 20 anos estudante universitário)

Também Anderson construiu seu campo de amizades por meio da escola, identificando os amigos do colégio como grupo com o qual elaborou suas principais referências. Assim como Wagner e Lucas, o rapaz destacou que a adesão ao colégio permitiu-lhe a elaboração de um projeto de futuro, mediado pelo ingresso na universidade, o que jogou “*bem pra longe*” não só expectativas com relação a namoros duradouros e casamento, mas também práticas de consumo valorizadas entre os rapazes, como roupas e tênis de marca, carro e motocicletas.

Acho que uma coisa que é diferente na periferia, é que chega uma hora que todo mundo quer andar nos panos [com roupas de grife], que o cara se afirma pela roupa que usa, pelo tênis de marca (...). O cara começa a trabalhar e já faz um financiamento do carro dele, para dar um rolê, para se dar bem com as meninas, para mostrar que ele é bom. Eu fiz diferente. Com essa história de querer estudar, de ficar mais em casa, eu nunca dei muita bola para isso e nem meus amigos. Eu uso All Star, porque minha mãe e meu pai não podem bancar outra coisa e o meu dinheiro eu sempre guardei para outras coisas.
(Anderson, 20 anos estudante universitário)

Os comentários desses três rapazes são pertinentes para também relativizar a importância das práticas de lazer e consumo como dimensões para a construção de hábitos. Nos comentários de Lucas e Wagner, o pagode ou o futebol não tiveram uma força preponderante, de modo a ordenar e dar coerência aos seus modos de agir e pensar. Mas tampouco a constituição de um grupo de amigos, a partir do interesse pelos estudos, foi suficiente para a construção de uma coesão de comportamentos e práticas sociais. Pode-se aventar, nesse sentido, que a incorporação de determinados valores e práticas sociais são permeadas por processos de ordenação dos próprios sujeitos. Além

disso, algumas experiências como o hip hop ou a participação em grupos de teatros, pode exigir do sujeito uma coerência de valores que outras não exigem.

Essa negociação, contudo, envolve sempre processos de escolhas. Anderson, ao falar de sua experiência, expôs que, para galgar um futuro mediado pelos estudos, teve de abrir mão de determinados hábitos de consumo comuns aos demais rapazes de seu bairro e valorizados como signos de prestígio e virilidade. Investir nos estudos implicou o uso de tênis mais baratos e, portanto, desvalorizados como elementos comprobatórios de status. Nesse sentido, é preciso também compreender que a convivência entre diferentes estilos e culturas masculinas está passível de hierarquias e conflitos.

Além de Anderson, outros rapazes deixaram evidentes que há determinadas práticas que são mais valorizadas do que outras e que desfrutam de prestígio diferenciado, pois como afirma Bourdieu (1999, p.64): “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e constatação permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”.

Giovanni disse que um jovem evangélico de igrejas mais “*pesadas*”, referindo-se às instituições religiosas que impõem fortes restrições à conduta dos sujeitos, dificilmente se converterá em um homem disputado entre as garotas e prestigiado entre os garotos que não façam parte do próprio circuito religioso, o mesmo ocorrendo com aqueles que são católicos “*fervorosos*”. O rapaz relatou sua experiência religiosa, visto que já quis ser padre, fez parte da Pastoral da Juventude e, nessa época, exceto entre aqueles que comungavam das mesmas atividades, via-se resignado à rejeição das meninas do bairro e gozações dos meninos, tendo em vista que para parte dos jovens a frequência à igreja é um atestado comprobatório de que se é “*um verdadeiro mané*”.

A esse respeito, Adílson, estudante do ensino fundamental e único a frequentar uma igreja evangélica, deu pistas da dificuldade entre manter uma conduta religiosa e não se deixar levar pelos “*pecados da carne*”. O rapaz explicitou que, embora tenha sido batizado e frequentasse os cultos religiosos pelo menos uma vez por semana, não conseguia seguir os preceitos da fé comungados em sua instituição, pois estava muito vinculado às “*coisas que acontecem na rua*” e porque, embora sejam “*guerreiros*”, porque “*seguem a doutrina*”, rapazes com forte vínculo religioso são “*zoados*” por outros grupos de jovens.

Perguntado sobre os motivos dessa gozação, ele destacou principalmente que nas igrejas evangélicas há regras muito claras sobre as condutas sexuais dos fiéis,

destacando, sobretudo a imposição de que o sexo deva ocorrer somente após o casamento. Por esse motivo, apesar de um respeito aparente, visto que “*estão mais próximos de Deus*”, rapazes evangélicos são alvos de brincadeiras jocosas e desfrutam de menor prestígio entre alguns grupos que valorizam a experiência sexual como um marcador de status.

É zoadado esse barato. Tem cara que segue a doutrina, tem mais temor a Deus, mas é difícil, porque... Mano, rola a maior gozação. Eu não vou dizer que eu sou dono da razão. Eu sou evangélico, mas tem gente lá dentro da igreja que tem a crença maior que a minha, que eles já não estão no erro (...). [Por que está no erro?] porque acho que ainda vou muito pela cabeça dos caras, tipo, essa coisa de pegar as minas, porque se você segue a doutrina, você tem que ser fiel, igual Jesus é fiel à Igreja.

(Adílson, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

A partir de dados quantitativos, Rohden (2005) constata que o pertencimento religioso não afeta da mesma maneira moças e rapazes jovens. No conjunto dos dados analisados por essa pesquisadora, enquanto entre as garotas católicas, evangélicas e que se declaram sem religião as modulações são razoavelmente sutis, entre os rapazes evangélicos e aqueles que se declaram sem religião ou católicos as nuances são mais relevantes e consistentes, evidenciando uma especificidade de garotos pentecostais. Comparados aos demais, os rapazes evangélicos são os que menos afirmam já ter tido relações sexuais e declararam o sexo como prova de amor optando pela alternativa de se casar virgem. Além disso, eles são os que menos declararam os pais como fontes de informação sobre temas relativos à sexualidade, embora tenham sua sociabilidade controlada pelos adultos responsáveis. Ao que parece, são justamente essas diferenças que levaram os rapazes entrevistados a apresentar os jovens evangélicos como personagens de pouco prestígio entre rapazes e moças porque são “*controlados*” e “*certinhos*” demais.

As hierarquias e conflitos não permanecem apenas na dicotomia entre evangélicos (religiosos) e não-evangélicos (não-religiosos), visto que no grupo de jovens com ensino médio, esse par de oposições sequer se colocou no debate, mas emergiram outros que também denotavam polarizações e hierarquias. Renato, por exemplo, afirmou que entre os jovens de seu bairro, Jardim São Savério, existem duas formas de ser jovem homem: “*brega*” ou “*maloqueiro*”.

No Savério, onde eu moro, existe duas formas de você ser homem: ou você é brega ou você é maloqueiro. Ser brega é você ser mais família, se espelhar mais nos seus pais. É aquele cara que vai do trabalho para a escola, vai para a faculdade, tem seu grupinho de amigos que também faz a mesma coisa. É aquela galera que vai para a igreja. Ser maloqueiro é aquele jeito mais bagunçado, não é, mano? É o lado mais da comunidade, que você fica

mais com os amigos, fica na rua, joga o seu futebol, se tiver treta está no grupo de amigos, não é? É aquele que fala gíria, é aquele que faz de tudo para ter status [no bairro]. Então, tem uma galera que optou pelo lado mais brega e o que optou por ser maloqueiro.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Quando inquirido se era mais “*brega*” ou “*maloqueiro*”, após um silêncio reflexivo, Renato disse que estava no meio, pois tentava garantir uma sociabilidade na rua, sem abrir mão de determinadas orientações recebidas na família e no grupo juvenil de hip hop do qual fazia parte. Assim, mais do que maneiras dicotômicas de ser homem, essas oposições se referiam a dois extremos de uma escala de comportamentos masculinos. A distinção entre “*bregas*” e “*maloqueiros*” denotava uma aproximação maior ou menor dos sujeitos com os códigos da rua ou de instituições como a família, a escola, o trabalho e a igreja.

Ao fazer essa afirmação, o rapaz explicitou a distinção entre dois espaços com regras e códigos de conduta, com os quais os jovens podem ter maior ou menor afinidade. O “*maloqueiro*” é aquele que está na rua, vivendo sob os códigos desse espaço de sociabilidade, marcado por uma relação entre iguais – amigos – e por códigos mais “*comunitários*”, ou seja, acordados na interação entre esses sujeitos, sem intermediação de uma instituição, em oposição ao “*brega*” – que no regionalismo brasileiro, significa obsoleto, cafona, ultrapassado, fora de moda, em desuso.

Na sociabilidade de jovens rapazes, a partir da fala de Renato, um bom desempenho em um jogo de futebol, o dinheiro para tomar uma cerveja no final de semana, a força física para uma eventual briga, o consumo de bens materiais – como, por exemplo, roupas e tênis de marcas famosas – e o prestígio com jovens mulheres são condutas valorosas na relação com os pares. Por outro lado, ser um trabalhador, ordeiro e com autocontrole, que respeita as regras institucionais, valoriza a família e planeja o futuro são requisitos cobrados por adultos de maneira geral, pelos pais em especial, e pelas instituições que são conduzidas por estes.

Nesse sentido, para Renato, o que determinava a subjetividade e também os repertórios de masculinidade de rapazes era o grau de adesão e equilíbrio frente a essas pressões da casa e da rua, da institucionalidade e da não-institucionalidade. Em acordo com ele, os jovens que participaram do grupo de Renato tenderam a afirmar que há uma forte tentativa de conciliar as duas lógicas e, nos demais grupos, exceto Wagner, Lúcio e principalmente Anderson (mais afeitos aos circuitos dos amigos da escola, do trabalho e, mais recentemente, da faculdade) todos os entrevistados mantinham uma

sociabilidade ambivalente, mantendo um jogo de distância-proximidade (TELLES, 2006) com o espaço e as exigências das ruas e das instituições.

Eu acho que eu sou bem contraditório, porque quando eu estou na rua, quando eu estou jogando futebol com os amigos eu acho que eu viro uma pessoa, mas quando estou na faculdade, quando eu estou com a minha família, eu sou outra pessoa.

(Marcos, 20 anos, estudante universitário)

Nem sempre a mãe tem razão. Se a gente for seguir tudo que a nossa mãe fala, acho que a gente vira um mané, porque a gente só vai pensar no futuro, vai trabalhar, vai casar virgem, vai só estudar para ter uma profissão. Então, acho que tudo tem que dar um jeitinho, tem que ser maleável. Tem coisas que os nossos amigos estão mais certos, mas se seguir só o que eles dizem a gente também não tem futuro (risos).

(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

A conciliação dos jovens entre as duas lógicas é explicada em termos da tentativa de construir equilíbrios entre uma ordem do mundo adulto, orientada para o futuro, e outra forjada na interação com seus pares, que servem de baliza para o tempo presente. Estar vinculado aos preceitos da família implicava, na fala de Wagner, por exemplo, orientar-se apenas a partir de um projeto que o impedia de viver as possibilidades de fruição do presente, de uma sexualidade ativa e de realizações que não estão conectadas ao mundo do trabalho. Ser maleável era uma estratégia, para manter boas relações com pais e mães, bem como com os pares de amigos.

Mas esse jogo também se dava em função do reconhecimento de que é a rua o espaço onde é preciso saber separar “*quem é quem*”, ficar “*ligado no movimento*” e onde se está mais vulnerável a “*seguir o caminho errado*”, pois é também o espaço em que a violência urbana ganha contornos concretos, onde as ações dos grupos criminosos se impõem e onde o envolvimento com o tráfico e com as drogas se coloca como um caminho sem volta. Matheus afirmou, por exemplo, que há o que poderíamos chamar de “engajamento circunstancial” de jovens para o narcotráfico ou para a participação de pequenos delitos. Ele e seus amigos partilharam, muitas vezes, de espaços em que havia convivência de pessoas envolvidas em atividades criminosas. Nas interações da rua, nesse sentido, Matheus acenou para o fato de que é preciso ficar atento para o que se faz e com quem se faz.

O negócio é o seguinte: você está na rua, na rua você convive com todo mundo, com cara que é sangue bom, com cara que é do rap, com cara que é do movimento²⁵. Quando você é moleque, você não entende o que está rolando nos baratos e quando vai ver, está passando um pano para um mano, está fazendo uma caminhada com um cara que está vendendo e você nem se liga. Você tem que se ligar nos esquemas, porque se não, você roda [se dá mal] também, você acaba entrando naquilo sem nem se dar conta,

²⁵ Especialmente nessa fala de Matheus “*movimento*” tem como acepção a atividade criminosa.

porque tem uma hora que o cara vai te dar uma grana por você ter feito um favor, quando você tinha se ligado que estava dando um trampo, nem tinha se ligado.

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Os comentários de Matheus remetem às observações feitas por Peralva (2001) sobre a menor clareza acerca das fronteiras que separam bandidos jovens dos demais rapazes. Nos bairros periféricos, nem todos os jovens pobres são bandidos, mas os rapazes sabem que há hoje entre eles um potencial importante de engajamento na criminalidade. A juventude pobre participa de uma experiência comum e é, a partir desse fundo comum, que escolhas individuais são efetuadas.

Há uma parte de identificação entre os jovens favelados, em geral, e os bandidos. As fronteiras entre eles se tornaram menos claras do que no passado, quando trabalhadores e malandros constituíam duas categorias de indivíduos fortemente opostas uma à outra. Essa identificação é em primeiro lugar característica de uma geração: o bandido é um jovem e recruta entre os jovens (129). (...) O alistamento no tráfico faz parte, muito mais do que em outros lugares, do leque de possibilidades que se oferecem naturalmente a cada indivíduo. Estar *nessa vida*, como dizem os favelados, tornar-se traficante, faz parte das escolhas estruturais que se lhes oferecem – o que está longe de ser o caso, pelo menos com a mesma intensidade, em outros meios sociais (PERALVA, 2001, p. 133, grifo da autora)

Ser “*maloqueiro*” implica correr riscos e estar muito próximo de caminhos ilegais. E, nesse sentido, foi comum entre os jovens o relato de que o engajamento no crime está articulado com as poucas possibilidades de se adquirir um trabalho e profissionalização. Esse comentário foi mais preponderante entre os jovens de menor escolaridade e que, de fato, encontravam-se em menor vantagem no mundo do trabalho, estavam desempregos.

Tem muito pouca coisa na periferia. O país não tem emprego e a gente tem que se virar. Mas se virar como, sem emprego? Muitos não estudam, alguns têm pensamento fraco, mas, talvez, é a única saída que tem: ir para a vida do crime, ir passar drogas, se envolver com coisa que não têm futuro.

(Denílson, 23 anos, estudante do ensino fundamental)

Hoje meus amigos estão traficando ou não estão conseguindo emprego. Eu tenho um amigo que terminou os estudos e mesmo assim não conseguiu emprego. Daí ele entrou nessa, porque ele pensou: ‘Eu vou criar minha filha e depois eu saio dessa’. Só que daí é que dá medo, porque ele não vai conseguir sair. O tempo vai passando e isso vai aumentando e vai chegando a um ponto que ele não vai sair mais.

(Adílson, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

Em seus depoimentos, a combinação entre falta de oportunidade de emprego, a necessidade de se virar e a proximidade com o “*movimento*” dos grupos de traficantes de drogas são dilemas enfrentados por esses rapazes que precisam se armar de malícia para entender o que está acontecendo na rua, “*se ligar nos esquemas*” e aprender nos campos de futebol, nas “*caminhadas*” e “*rolês*” no bairro a não se enveredar pelos riscos da violência, da ilegalidade. Não foram poucos os episódios de violência narrados

pelos entrevistados. Daniel perdeu um amigo, “*que não tinha nada a ver com o movimento*”, mas tomava cerveja com um grupo na hora e no lugar errado. Denílson, entre outras peripécias, teve, certa vez, que se desviar de balas de policiais porque estavam numa roda de usuários de drogas. Ricardo e Adílson já foram para a Fundação Casa, que definiram como “*escolinha do crime*”, local onde as lógicas da violência são ensinadas como estratégia de sobrevivência na instituição e fora dela.

Os rapazes não fizeram condenação moral ou denúncia dessas situações de seus cotidianos, mas alertam para o fato de que os desejos de consumo e a incerteza de que a vida de trabalhador – muitas vezes, encarada como a de um “*fodido*”²⁶ –, satisfaça as demandas e desejos de consumo cada vez maiores dos jovens. Fabrício nos contou sobre a dificuldade de comprar roupas, tênis e celular contando apenas com os poucos recursos obtidos por meio de trabalhos, muitas vezes sazonais, ou por bolsas oferecidas por ONGs e programas governamentais, para justificar por que a trajetória do “*traficante*” se apresenta como muito atraente. Também Denílson mencionou os mesmos dilemas, situando a problemática do consumo como uma prova de poder na relação com os pares e com as garotas. O envolvimento com as atividades ilícitas emerge como possibilidade para atestar a capacidade de se “*desenrolar*” e de envolver-se com algo que oferece riscos, inclusive de vida.

Na quebrada você tem que ser alguma coisa. É uma cultura meio Big Brother, tem que aparecer de alguma maneira. A maioria dos caras do bairro é trabalhador, eles trabalham e com o dinheiro compram roupas e coisas que vão poder mostrar que eles são alguém. Se você não está nesse esquema... é meio vagabundo (...). A gente não é caracol, não carrega a casa nas costas, então, você mora em um barraco fodido, mas você anda bem vestido com seu tênis de mola muito louco, e aí ninguém sabe quem é quem (...). Se o cara não consegue fazer isso, fica parado e não é ninguém ou ele vai virar aviãozinho, vai fazer as correrias [envolver-se com o crime].
(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Tem muita gente que acha que entrar no crime é uma coisa fácil, que é uma vida fácil, mas não é. O cara está sempre correndo risco, fugindo da polícia, envolvido com briga, com confusão. Por isso que eu falo que quem entra nessa tem cabeça fraca, porque entra achando que é fácil. É uma vida de dinheiro fácil, tipo, dinheiro entra. Mas daí que o cara não sai mais, porque ele entra pensando que vai sair um dia, que é só para ele levar o dinheiro pra casa, para se montar, tipo, para sustentar a filha dele, para ele se desenrolar com as coisas dele, mas ganha uma puta grana em uma semana, que é o dinheiro que ele ia ganhar no mês, se ele fosse um trabalhador. Aí o cara não sai, não sai porque com esse dinheiro, ele compra carro, compra moto, tem um monte de mulher atrás dele... fica considerado na rua, tipo os caras respeitam, ele se impõe.

²⁶ Em “A máquina e a revolta” a pesquisadora Alba Zaluar (1985) identifica entre os jovens que já não mais se guiam pelo modelo do “homem provedor” – ostentada pelos homens adultos e trabalhadores – e que desistiram do trabalho árduo, optando pela vida de “bandido”, isto é, por ganhar a vida roubando ou vendendo drogas, a imagem do trabalhador é a de um “ótário”.

(Denílson, 23 anos, estudante do ensino fundamental)

Assim, embora não sejam tão belos, os jovens voltados ao crime possuem a virtude da virilidade, valor e código valorizado nas trocas entre os rapazes (OLIVEIRA, 2006). Para ilustrar esse status, Adílson recordou-se da época em que podia gastar dinheiro com festas e roupas caras, quando era também temido e destemido em seu bairro.

Quando eu estava na correria [envolvido com o crime], eu ganhava uma grana e no dia seguinte eu gastava tudo. É um dinheiro que vem fácil e vai muito fácil também, porque você perde a cabeça. Eu fazia uma fita de assalto de dia e ganhava a minha parte: daí, eu juntava os manos e a gente ia para o Rose Bombom [boate na região da Vila Madalena, zona oeste da capital paulista] eu ficava só nas bebidas caras. A gente pegava uma mesa e era só no uísque, só na batida, só na vodka, saía de lá carregado e os caras te respeitava, você tinha o maior valor, porque você pagava, você bancava o divertimento da galera, porque você estava montado na grana.

(Adílson, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

Estar “*montado*” na grana e, assim, ter independência financeira para si e para “*bancar*” os outros, ter carro e motocicleta, ter mulheres, usar roupas e tênis de marca, e, ao mesmo tempo, correr risco de vida, fugir da polícia, ter um espaço social na criminalidade, ter ousadia e coragem para se envolver com situações difíceis e ao mesmo tempo agilidade para sair-se bem delas são elementos que atestam a virilidade de “*bandidos*” e traficantes que também estão inseridos na relação de hierarquia, de prestígio e desprestígio entre os diferentes grupos de jovens.

Eu vejo assim: a molecada hoje, que é um pouco mais nova, é uma nova geração, está muito vinculada com essa história do PCC, de Comando. A molecada hoje tem o maior encargo para ser homem. Tem a maior responsabilidade. Tem que ser o cara da quebrada. Então, assim, já de moleque você tem que ser a máquina de fazer sexo, a máquina de fazer gozar, primeiramente. Quanto mais mulher você catar, vai estar no auge da quebrada, não é, mano? Você tem que ser o cafetão. Mesmo que você não esteja envolvido [com o crime], você tem que ter a postura de homem. A molecadinha está crescendo e ouvindo que tem que ter postura de homem, tem que ter disciplina e atitude de homem (...). Até a questão da violência contra a mulher eu acho que está piorando.

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Além das semelhanças da infância, da heterogeneidade da juventude e das hierarquias e status que possuem os diferentes grupos de seus bairros, incluindo aquelas que estabelecem e colocam em relação os caminhos da legalidade e da ilegalidade, os jovens também lançaram mão, ao longo de suas falas, de alusões que opunham e constituíam um “*nós da periferia*” versus “*as pessoas da Zona Sul e da Vila Madalena*” ou “*a gente que é pobre*” versus “*as pessoas da classe média*”. Falar sobre a diferença entre ricos e pobres não fez parte de um tópico específico do roteiro dos encontros, mas essa discussão se evidenciou fortemente como um elemento para atestar

uma singularidade de origem e lugar social – eram pobres, moradores de bairros populares e distantes do centro e com dificuldades comuns de acessar educação, trabalho e lazer –, em oposição àqueles que já possuem “*tudo de mão-beijada*” e eram “*filhinhos de papai*” e “*ricos*”.

Entre esses jovens, o pertencimento de classe e lugar social emergiu também para marcar um caráter distintivo de suas personalidades. Isso porque se a ameaça do desemprego, da violência e dos grupos de tráfico impunham-lhes limites para suas vidas, por outro, conseguir sobreviver e resistir às adversidades de seu contexto social são elementos que comprovavam serem eles, quando comparados aos sujeitos de “*classe média*”, detentores de determinadas características como a “*força de vontade*” e a “*determinação*” e de semelhanças às atitudes de “*guerreiros*” e “*lutadores*”. Tais considerações faziam com que, de alguma maneira, estabelecessem uma coesão entre todos os rapazes pobres (independente de suas trajetórias e adesões a grupos e caminhos), que partilhavam de um fundo comum de experiências com as quais as escolhas individuais são realizadas em patamares bastante distintos dos que desfrutavam de outras e melhores condições sociais e econômicas.

Na periferia, você tem que ser um guerreiro, um lutador. Todo cara é um Mike Tyson porque tem que vencer uma guerra de cada vez, tem que ser um cara de responsabilidade, independente da escolha que ele faz. Isso eu acho que é comum entre todos os jovens que moram na periferia, se ele é ladrão, se é traficante, se é trabalhador, se é estudante, você pode ver, você vai falar com uma par de cara e todos eles vão se ver como lutadores, porque eles ganham uma batalha de cada vez para estar no lugar em que ele está, nada é fácil, de mão beijada, que nem os playboys da vida.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Eu acho que a gente que está aqui, que conseguiu entrar numa faculdade já é um vencedor, porque a universidade não foi feita para a gente que é pobre, que é da periferia. Tipo, a gente teve que ralar muito para estar nesse lugar, porque ninguém dá isso de mão-beijada para a gente. O cara que é branco, que é de classe média, o playboy que vive na Vila Madalena não tem problema de entrar na faculdade, mas a gente que é do gueto tem, porque isso não é para a gente.

(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

Na periferia tem muito bandido, mas também tem trabalhador, tem gente querendo seguir um caminho direito... todo mundo se virando, se virando como pode. Mas acho que não é tudo errado... tudo ruim, pelo menos aqui, as pessoas são mais humanas, são mais, assim, unida. Tipo, quando um precisa de alguma coisa, está passando uma necessidade, o outro empresta, ajuda. Não é que nem os ricos, não é? Eles são muito individuais...

(Ricardo, 18 anos, estudante ensino fundamental)

Na minha faculdade o pessoal lá vai só para desfilas e não para estudar. Os caras chegam com carro, chegam com segurança, que ficam esperando ele estudar. Quando termina, os seguranças vão atrás dele. Eu acho que isso... são as referências. As dele são usar Dolce Gabbana.

(Marcos, 20 anos, estudante universitário)

Segundo Almeida (2000), é possível entender que os pares de oposição como os que emergiram nas discussões com os rapazes – “*guerreiros*”/“*filhinhos de papai*”, “*lutadores*” pobres/“*ricos*” apáticos, aqueles que “*fazem por merecer*”/aqueles que “*possuem tudo de mão-beijada*” – compõem um universo semântico de expressão da masculinidade. Ele pode ser tomado como um princípio classificatório que articula um contínuo de significações acerca do que os rapazes pensam como *ser homem*, em consonância ao lugar ocupado por estes numa ou noutra ponta da escala.

Este princípio [ricos e pobres] é como que os dois pólos extremados de uma escala. É um princípio classificatório, como o que vimos para “masculino e feminino”, “ativo e passivo”. E traduzem-se mutuamente, já que a pobreza é tendencialmente passiva, logo feminizante (isto é, desprestigiante), e vice-versa para a riqueza (ALMEIDA, 2000, p. 167).

Nas afirmações dos jovens percebemos que o acesso deles ao poder (poder entendido como capacidade para controlar autonomamente as condições de sua existência) é limitado: eles têm menos condições de chegar à universidade, por onde podem garantir a continuidade da educação formal e uma profissão mais qualificada; estão mais suscetíveis a escolher o caminho da ilegalidade; precisam vencer guerras. Contudo, em seus comentários e posicionamentos, os jovens operam uma tentativa de re-equacionar suas condições sociais, tendo mais controle sobre seus destinos e construindo uma fala que ressalta como qualidade essa ação.

A vida cotidiana da juventude pobre é comparada por Renato a um campo de batalha, em que é preciso vencer um obstáculo por dia. Por isso, os jovens pobres são guerreiros, diferentes daqueles que Hélio toma como privilegiados: os “*playboys*”, categoria de ofensa e de crítica. Esses posicionamentos expressam a oposição entre “ricos” e “pobres”, referência principal das camadas populares a respeito da desigualdade social (DAYRELL, 2005), mas também serviram como pano de fundo para que os rapazes operassem uma inversão, pelo menos do ponto de vista semântico, dessa desigualdade. São rapazes pobres, mas são guerreiros e lutadores, o que denotaria terem mais prestígio do que os ricos, os quais, por não terem um campo de batalha para enfrentar, são tacitamente percebidos como pouco ativos.

A ASSUNÇÃO DE UMA NEGRITUDE

CONSTRUÇÃO POSITIVA DE UM PERTENCIMENTO RACIAL

Se a escolha de ícones presentes nos meios de comunicação foram situações que permitiram compreender os modos como Denílson, Adílson e Ricardo, integrantes do grupo de estudantes de ensino fundamental, e Fabrício, integrante do grupo de ensino

médio, manipulavam determinadas características somáticas para definir o pertencimento racial; foi na discussão sobre o contraste entre pobres e ricos, e sobre as maneiras que os jovens encontravam para atenuar ou enfrentar essa assimetria, que outros jovens argumentaram sobre a assunção de uma negritude, compreendida como a valorização de comportamentos e atitudes centradas na manifestação do orgulho de ser negro.

Esse argumento esteve presente na fala de jovens como Ricardo, Matheus e Daniel, que compuseram o grupo de jovens com ensino médio concluído, e entre os universitários, Marcos, Hélio e Giovanni, e, de modo menos preponderante, também na de Wagner e Anderson. As justificativas para a adoção dessa atitude individual, contudo, assentaram-se em diferentes experiências e necessidades relatadas pelos rapazes como significativas para o abandono de categorias que faziam referência apenas ao fenótipo – como “pardo” e “preto” – e a adoção do termo “negro” (e, no caso de Matheus, “preto”) como estratégia para forjar uma identificação mais positiva de pertencimento racial.

Renato e Daniel faziam parte de grupos de hip hop há mais de nove anos. Tinham grupos de rap e desenvolviam atividades em seus bairros vinculados à valorização da cultura negra e da cultura hip hop. Matheus também fazia parte de um grupo cultural, tinha estreitas relações com moças e rapazes do hip hop, de onde provinham seus melhores amigos, e desde os 17 ou 18 anos participava de um grupo de estudos, cuja principal temática discutida eram as relações raciais no Brasil. Foi em decorrência da adesão à cultura hip hop e aos modos como seus integrantes constituíam uma explicação para tratar das desigualdades raciais e sociais que os jovens atribuíam um deslocamento na forma como se identificavam: os dois primeiros como “negros” e o último como “preto”.

Suas falas foram permeadas, portanto, pela explicitação de posicionamentos particularmente presentes nesses grupos dos quais eram integrantes e, mais especificamente, no interior do movimento do qual faziam parte. Segundo esses rapazes, a base da organização do hip hop em seus bairros é a articulação de diferentes linguagens artísticas para narrar, encenar e dramatizar as desigualdades e mazelas sociais do país, tendo como um grande eixo norteador a denúncia sobre os problemas e as dificuldades enfrentadas pelos moradores da periferia e pelos negros.

No diálogo dos três, a periferia emergiu como “*gueto*” ou “*novo quilombo*” – em oposição às áreas mais abastadas da cidade –, um território pobre e de negros, onde

se vive e se compartilham os problemas relacionados à ausência de equipamentos básicos de infra-estrutura e de serviços públicos, e onde se é constantemente vigiado pelo poder militar, pela polícia e demais instituições punitivas da sociedade. Nessa situação, os jovens envolvidos com o *hip hop* – comparados a figuras como o histórico líder quilombola Zumbi dos Palmares – são apresentados por eles como detentores da música e do microfone, “*armas*” utilizadas para expressar a revolta da “*periferia*” – “*a fala da periferia*” –, por um lado, denunciando a segregação espacial, a discriminação racial e a exclusão socioeconômica; por outro, a impossibilidade de existência de um ponto de equilíbrio entre a elite e os pobres.

Eu acho que a favela é o novo quilombo, é onde está toda a pobreza e a miséria que a gente tem hoje em São Paulo. É onde mora a pobreza, é onde o ônibus, o navio negreiro de São Paulo, vai buscar as mulheres negras que são empregadas domésticas e os negros que estão desempregados... Nós que estamos no hip hop, somos os novos guerreiros, os quilombolas, a gente se arma da música para protestar, para fazer as coisas acontecerem.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Renato fez uma transposição entre presente e passado em sua fala, associando os lugares de subalternidade e poder ocupados nas relações sociais e raciais contemporâneas àquelas encontradas no passado escravagista brasileiro, em que os jovens envolvidos com o *hip hop* figuraram como aqueles capazes de resistir e enfrentar as situações adversas. Em outras situações, Matheus referiu-se ao personagem Zé do Carço²⁷, com o mesmo caráter positivo e guerreiro. A resistência era uma dimensão importante no seu argumento, que não se operava apenas pelo enfrentamento da desigualdade, mas também pela recusa a modos de vida identificados como dos brancos, como o consumo de determinados vestuários, carros e motocicletas.

O cara põe aquela camisa rosinha bebê, com etiqueta da Lacoste, sai com o carro dele todo equipado, todo bombando, com a corrente de ouro, todo metido a playboy, essas coisas... Só que ele é parado pela polícia, porque o neguinho esquece que ele não é moreninho, que ele é neguinho, que, para a polícia, neguinho vestido desse jeito, todo equipado, é bandido.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Utilizando expressões como “*neguinho*” e “*moreninho*”, no diminutivo, o rapaz buscou em sua fala recriminar a atitude daqueles que vislumbram uma ascensão social a partir da apropriação de signos de prestígio identificados por ele como pertencentes aos brancos. Relatou que em seu grupo, havia uma preocupação de “*resgate*” da cultura

²⁷ Trata-se de um personagem narrado em música de autoria de Leci Brandão: “No serviço do autofalante / do morro do Pau da Bandeira / quem avisa é o Zé do Carço / que amanhã vai fazer alvoroço / alertando a favela inteira. / Como eu queria que fosse em Mangueira / que existisse outro Zé do Carço / pra dizer de uma vez pra esse moço / carnaval não é esse colosso / nossa escola é raiz / é madeira... / O Zé do Carço põe a boca no mundo / ele faz um discurso profundo / ele quer ver o bem da favela. / Está nascendo um novo líder / no morro do Pau da Bandeira...”

negra, dando, como exemplo, a recuperação de danças e de uma religiosidade de matriz africana. Essa dimensão foi reforçada por Matheus. Sua participação em grupos tornou-o um “*Preto Tipo A*”, caracterizado pelo rapaz como aquele que assume sua pertença racial e os signos que o identifiquem publicamente como negro. Além disso, deixou de lado horizontes de um projeto de integração e miscigenação por meio da aquisição de determinados bens materiais e/ou do casamento inter-racial.

Eu não vou dizer para vocês que quando eu era mais novo eu não alisava o cabelo. Eu vivia com a beloca [inversão silábica da palavra cabelo] esticada, alisei para caralho. Vai ver que é por isso que meu cabelo nunca mais ficou bom, nunca mais foi raiz mesmo. E tinha também a ideia de que só mulher branca era bonita, eu não conseguia ver uma trança, uma raiz de uma mulher negra como algo bonito. Estou falando a verdade para vocês, eu queria mudar como? Saindo de onde eu vivia, deixando de ser periférico, ficando com uma loira e me enquadrando. Foi o hip hop que mudou minha cabeça, que mudou minha mente, minha forma de pensar, daí, eu fui vendo que tudo isso era uma imposição, entendeu? Fui resgatando minhas origens africanas, minha ancestralidade, entendeu?

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Ao estudar jovens envolvidos com o movimento hip hop, Weller (2004) constata um argumento comum entre os participantes desse grupo cultural para um processo de conscientização ou mudança da forma de pensar, do qual surge o reconhecimento e a valorização das raízes africanas, assim como uma forte identificação com aspectos relativos à negritude, ou *ser* negro, que não está associado essencialmente a aspectos fenotípicos, mas, sobretudo, a um processo de *tornar-se* negro. Ser negro e/ou preto passa a ser sinônimo das experiências comuns de marginalização e de luta contra o racismo, bem como a cor da resistência política. Segundo essa autora, tornar-se negro implica um processo de reconhecimento a um coletivo em que os jovens constroem sua noção de negritude a partir da identificação de elementos comuns encontrados na história da diáspora africana e das experiências de discriminação e de segregação.

E é esse processo de relação entre a história passada e a realidade atual que gera o espírito de coletividade e a formação de uma identidade negra com base na memória coletiva e na história vivida. A identidade negra e a conscientização étnica emergem desse processo de tornar-se negro e do pertencimento a esse espaço social de experiências conjuntivas. A busca de identidade pode ser vista também como sinônimo de reinterpretação e reconstrução da história oficial, como forma de constituição de uma narrativa comum da diáspora do atlântico negro, que foi marcada pelo processo de colonização e hibridização (WELLER, 2004, p. 109).

Embora tenham falado muito sobre elementos de sua condição racial, dos argumentos utilizados pelos entrevistados é possível também identificar especificidades de suas masculinidades, articulando gênero e raça. Os rapazes relataram processos de mudanças de sua auto-identificação que se operaram na relação com seus pares, a partir de uma redefinição da relação com a sociedade branca dominante. Tornar-se um “*quilombola*”

ou um líder comunitário, como aquele ressaltado pela música de Leci Brandão, implicou a rejeição de um lugar de submissão, configurando uma masculinidade e uma negritude a partir de um ethos não-cordial, mas guerreiro e insubmisso.

Nesse sentido, assumir-se como integrante do hip hop marca uma alteridade frente a outras vivências masculinas dos bairros pobres em que residem: não nutrem expectativas de ascensão social – via adequação dos signos daquilo que reconhecem como do poder branco –, são lideranças e estabelecem relações com mulheres negras. Por outro lado, afirmar-se como negro e morador da periferia emerge como elementos para a construção de uma alteridade frente à elite branca, moradora de bairros abastados, mas também frente aos homens brancos.

Ancorados na reflexão de Paul Gilroy (2001), autores como Pinho (2006) e Rosa (2006) têm discutido a emergência de novas masculinidades entre rapazes de camadas populares e que estão envolvidos de alguma forma com práticas culturais derivadas da black music norte-americana, dentre eles o hip hop. Esses autores chamam a atenção para o fato de que no caso de rapazes envolvidos com o hip hop, mas não apenas, as condutas masculinas se constituem de maneira reativa, a partir da oposição a modos mais predominantes e hegemônicos. Tal movimento se inscreveria em um processo mais amplo de constituição de uma identidade negra transnacional.

Em *O Atlântico Negro*, Paul Gilroy se debruça a investigar esse fenômeno, a partir da análise da produção intelectual, musical e literária de negros ao longo do século XX. Ao discutir a constituição de uma identidade negra transnacional, da qual a emergência do hip hop e de especificidades das letras de sua vertente mais poética se insere, argumenta que o homem negro norte-americano, em sua luta política anti-racista, cria um modelo de relações sociais baseado na noção de virilidade. Segundo ele, o nacionalismo negro norte-americano, difundido mundialmente transnacionaliza esse modelo que se contrapõe ao padrão da superioridade branca, dando origem a outro “esquema de virilidade”, um efeito reativo a uma condição de subalternização racial inerente a sociedades ex-escravistas.

Bem diferentes foram os modos como os universitários, Hélio, Marcos e Giovanni, relataram suas experiências. Isso porque atribuíam à construção de uma negritude à convivência que passaram a ter com jovens que definiam como de classe média. Para marcar uma distinção de pertencimento, passaram a adotar estilos de roupas e modos de arrumar o cabelo que os identificavam como negros (dois deles usavam os cabelos longos, ao estilo black-power e um tinha o cabelo trançado).

As chaves para a compreensão de suas explanações foram: o trânsito e a mobilidade (e não a oposição) por diferentes circuitos da cidade onde se depararam “*com tudo quanto é tipo de gente que se possa imaginar*”, inclusive a classe média, frequentadora dos centros nobres como Moema, Pinheiros, Jardins, Vila Madalena e Tatuapé, onde estão localizadas danceterias, bares e cinemas, que passaram a fazer parte de seu cotidiano de lazer e fruição cultural: as universidades de alguns deles, em que há a convivência entre aqueles que usam Dolce Gabbana e aqueles que apenas podem se apropriar dos perfumes de marcas nacionais; e os espaços de trabalho, em que há uma convivência e submissão a determinados pactos de convivência, como em organizações do terceiro setor, comércios e bancos.

No diálogo entre eles, inicialmente, essa mobilidade pela cidade é ressaltada em seus aspectos mais positivos: tomar contato com uma cidade diferente nas suas paisagens e perspectivas, na monumentalidade que é a Cidade Universitária ou na beleza de cafés encontrados nas regiões mais abastadas de São Paulo, que destoam daquelas de seus bairros de origem. Mas, passados esses comentários, os jovens ressaltaram a possibilidade de verem-se mais “*livres*” de fidelidades às regras e às normas de seus espaços e grupos de origem, bem como das fofocas que condicionavam suas condutas – o centro da cidade, ou melhor, a cidade em sua plenitude e a mobilidade para circular por ela são elementos que permitem a construção de uma experiência e de uma vivência mais individualizada em que é possível construir e forjar novas subjetividades. Por outro lado, ela exige novos domínios e reposicionamentos, sair do “*gueto*” e transitar por espaços em que não há uma solidariedade entre iguais de classe e de pertencimento racial, tampouco valores comuns, foram experiências apresentadas por esses rapazes como um momento de “*choque*” em que se faz necessário responder às perguntas: “Quem sou eu? Como me situar nesse espaço?” É nessa situação que emergem as articulações dos jovens acerca das diferenças entre sujeitos brancos e negros.

Acho que esse choque acontece quando você começa a frequentar novos espaços. E aí você começa questionar: o que eu sou? Em que patamar eu estou? Agora, o playboy, o fato dele já ter a identidade dele formada... eles são naturais, já estão naquele espaço que é só para brancos, convivem com as mesmas pessoas sempre.

(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Ao se deslocar pela cidade, os jovens depararam-se com sujeitos de outra classe social e necessitaram buscar por uma nova identidade e códigos de distinção, que já não eram mais aqueles construídos no bairro, que lhes serviam para situá-los e identificá-los

como sujeitos individualizados ou pertencentes a determinados grupos de afinidade. Ser pobre e morador da periferia em tais espaços não trazem qualquer prestígio.

Hélio, Giovanni e Marcos afirmaram ter encontrado na assunção de uma “*identidade*” étnico-racial elementos para forjar uma maneira para se situar nos novos espaços de circulação. O primeiro disse que, enquanto estivera próximo aos jovens de seu bairro, o pertencimento racial não havia sido uma questão com a qual havia se deparado. Mas a convivência com jovens de “*classe média*”, a partir do grupo de teatro, lhe possibilitou estabelecer relações com pessoas de outros estratos sociais e circular por espaços como a Cidade Universitária, a PUC e centros culturais localizados na região central ou em bairros mais nobres da cidade. Nesse momento, Hélio conheceu uma garota a quem namorou por dois anos. A namorada foi classificada por ele como de “*classe média*” e branca, moradora do bairro de Pinheiros, situação que, segundo ele, o colocou frente a um “*monte*” de questões referentes a sua “*identidade*”.

Eu acho que só fui pensar nessa questão quando eu me peguei de frente com essas pessoas, porque eu acho que para essas pessoas é muito fácil se formar, formar sua identidade: ‘sou de classe média’. Para a gente tem mesmo alguns empecilhos, a princípio, a gente não aceita muito bem assim... a questão de ser negro (...). Estar presente e convivendo com a classe média, com pessoas brancas me fez pensar sobre isso e fez também que eu conseguisse ir atrás dessa questão de identidade.
(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

Diferentemente de Hélio, Giovanni nunca teve dúvidas sobre seu pertencimento racial, posto que é “*retinto*” e sua mãe sempre fizera questão de enfatizar sua condição de negro dizendo que “*devia ter mais cuidado, porque negro é mais cobrado*”. Porém também admitiu a necessidade de refletir sobre sua condição racial, quando passou a transitar por diferentes espaços e conviver com a “*classe média*”. Assim como o colega, foi o namoro com uma garota “*branca*”, moradora de uma região mais abastada da cidade, que o fez refletir sobre a questão. Para Marcos, o ingresso na universidade também mudou sua perspectiva sobre sua condição racial. O jovem estudava na Faculdade de Belas Artes e era um dos poucos com direito à bolsa. Foi nesse espaço que ele foi identificado como negro pela primeira vez em sua vida. Para as pessoas de seu bairro, o jovem era considerado como branco.

Há outros pontos comuns destacados por esses jovens em tal contexto. Um primeiro aspecto, evidente em suas falas, diz respeito à dificuldade deles próprios de manter padrões de consumo e fruição de lazeres que faziam/fazem parte do repertório de suas ex-namoradas ou atuais namoradas. Giovanni, por exemplo, afirmou que a duração do namoro coincidiu com o período em que se viu mais endividado e com

“saldo negativo” no banco. Seu salário era insuficiente para arcar com as despesas de programas que incluíam, em um mesmo dia, ir ao cinema na Avenida Paulista, comprar pipoca e depois “ainda ir a um bar ou café tomar uma cerveja”. Segundo ele, sua dificuldade financeira atrapalhou o namoro, já que sua renda não era suficiente nem para suas despesas pessoais.

Não era nem esse negócio de atitude machista de querer bancar tudo sozinho: eu não tinha dinheiro para bancar minhas coisas. Era cinquenta reais num único sábado, isso quando não tinha balada.

(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

Outro relato comum entre esses jovens é o fato de que suas namoradas e também amigos da faculdade ou de espaços da “classe média” dificilmente se deslocavam como eles. Enquanto eles afirmaram fazer o exercício de ir e vir, de transitar entre a “periferia” e a “cidade”, seus amigos e namoradas permaneciam em seus locais de origem.

Daí começou a pegar uma coisa dentro da relação: eu vivia na Pompéia, mas ela não vivia no Itaim Paulista. Ela foi, nessa relação toda, umas três vezes, assim. E aí... ‘Ah! É longe! É longe! A gente vai ter que trabalhar amanhã. Fica mais perto ficar em casa’. Sempre tinha uma coisa, não é? Mas começou a aparecer que o problema é que é na periferia, é distante, é feio e a casa é detonada e por aí vai.

(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

Esta situação de desigualdade econômica e social fez com que os rapazes assumissem uma “identidade” de homem negro adotando hábitos e práticas corporais. Passaram a utilizar “trança”, cabelo *black-power*, e roupas associadas ao hip hop e ao estilo afro, atribuindo novos significados aos seus corpos. Foram maneiras que encontraram para circular em diferentes espaços, mas, agora, causando estranhamento e distinção ao estilo de vida que identificavam como da classe média.

Acho que para a gente que é negro tem essa coisa do cabelo, que é muito forte, por exemplo. Por muito tempo, eu tive o cabelo curto e nessa história eu pensei: ‘Meu! Por que eu tenho o cabelo curto?’ Deixei o cabelo crescer, virou uma coisa minha mesmo. Eu não importo com o que os outros dizem...

(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

É, tipo assim, eu acho que essa coisa de se assumir como negro, de usar uns panos diferentes, de usar o cabelo diferente, foi importante, porque eu acho que na faculdade todo mundo passou a me olhar diferente. Eu não sou mais o bolsista pobre, esfarrapado, que não tem nada, que eles estão fazendo o favor de me aceitar. Tem uma coisa de interesse, agora. Quem é esse cara? Qual é a dele.

(Marcos, 20 anos, estudante universitário)

Anderson, também estudante universitário, afirmou ser mais cauteloso com essas estratégias. Também se definia como negro, usava cabelo ao estilo black power, mas argumentou sobre suas preocupações em ser tratado como um indivíduo exótico nos

espaços por onde transitava. Contou que estudava em uma universidade que era freqüentada exclusivamente por pessoas negras (Zumbi dos Palmares), que possuía parcerias com bancos, empresas e com a Fundação Getúlio Vargas, onde participava de programas de estágios e cursos de aperfeiçoamento. O rapaz caracterizou estes últimos espaços como frequentados por uma elite de jovens, com traços fenotípicos distintos dos deles e de seus amigos. Estar com um grupo grande de negros nas empresas ou institutos de ensino implicava estar a mercê do olhar de estranhamento do outro e, em algumas situações, ser vítima de racismo.

Quando chega o pessoal [da Faculdade Zumbi dos Palmares] na FGV é muito chato, porque você vê na hora a diferença. Todo mundo fica olhando, porque é um bando de negro que está num lugar que só tem branco. Fica tudo muito separado, não tem interação. O primeiro dia de aula foi cinqüenta negros na lanchonete. O pessoal fica meio assim... O que é isso? O que está rolando? O pessoal olha estranho. Teve até uns comentários estranhos, assim, referentes ao preconceito mesmo... Mas também rola de se aproximarem de você já falando de alguma coisa que é de negro, do samba que vai rolar, da história de não sei o quê, que apóia isso ou aquilo, mas não fala com você da aula.

(Anderson, 20 anos, estudante universitário)

Inicialmente, imaginei que essa preocupação era pertinente à experiência de Anderson, que estava em uma universidade constituída, ela toda, para promover uma ação afirmativa para trajetória educativa de jovens negros. Contudo, os mesmos incômodos foram manifestados por Lucas e Wagner, que reivindicavam a possibilidade de serem tratados como iguais nos diferentes espaços por onde transitavam. Para eles, ter um cabelo crespo e cumprido, usar roupas diferenciadas ou ter cuidados específicos com o corpo eram percebidos como estratégias individuais para tornar-se mais bonito. Tinham consciência de que a assunção de tais comportamentos implicava em resistir aos modos mais hegemônicos de beleza, mas refutavam a constituição de forte vínculo com uma identidade étnica ou especificidade individual capaz de firmar uma alteridade frente aos brancos.

Wagner, por exemplo, contou que enquanto era estudante do ensino médio, deixou seus cabelos compridos, também ao estilo black power. Com o término da educação básica, iniciou uma busca por trabalho, na qual sentiu a necessidade de se desfazer das longas madeixas. Essa situação comprovava para o moço a existência do racismo, porque supunha que caso tivesse os cabelos lisos a necessidade de cortá-los seria menor. Quando inquirido os motivos pelos quais deixou o cabelo crescer, o rapaz expôs o modo como compreendia a diferença entre ser negro e adotar elementos de uma cultura negra.

Por quê? (risos). Ah! Porque eu achava bonito. Todo mundo do colégio estava deixando o cabelo crescer, deixando um black, aí eu fui junto. Meus amigos são quase todos negros e também estava usando, tipo, acho que estava na moda, era uma coisa de se afirmar como negro. Mas eu acho que tem uma diferença, aí, porque a gente curtia falar que era negro, mas a gente não tinha problema, assim, com quem era branco. A gente não fez, assim, um estudo dos nossos antepassados. Então, era uma coisa mais de se dizer como negro, mas não era, vamos supor, dizer que era descendente de africano, de procurar as origens, de ter uma religião. Acho que isso seria um estudo mais aprofundado e eu nunca me interessei por isso não.
(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

Pode-se entender a argumentação deste rapaz como uma tentativa de construir uma negritude, sem etnicidade (SANSONE, 2007)²⁸ menos centrada na recuperação de uma história que o conecte às origens africanas ou à participação na religião afro-brasileira; ou, pelo menos, em uma identidade étnica mais estetizada e performativa. O argumento mais predominante na fala desse rapaz é a de uma tentativa de exibição pública de certos objetos associados à negritude (cabelos, roupas, etc.) e na defesa de os negros serem aceitos em toda parte. Além disso, para jovens que se animam no empreendimento de circular e experimentar novas possibilidades de sociabilidade, estar fortemente associado a um grupo ou a uma cultura específica é recusada, uma vez que ela pode exigir como contrapartida do indivíduo uma fidelidade a redes sociais, a um conjunto de valores e deveres.

Isso também vai deixando a gente muito limitado. Eu sou negro, não esconde de ninguém, tipo, cuidado do meu cabelo, não deixo ninguém levar uma comigo, mas acho que se não tomar cuidado, você acaba sendo condenado a viver como as pessoas acham que o negro tem que viver. Tem amigos na minha faculdade que se eu chegar e chamar todo mundo para ir a uma ‘rave’ [festa de música eletrônica]... [os amigos respondem] “Você é louco! Nosso negócio é samba, black e pagode.
(Anderson, 20 anos, universitário)

Somada às considerações de Adílson, Denílson e Ricardo, a discussão apresentada nesse tópico permitiu evidenciar diferentes maneiras de autoclassificação racial e, no caso dos últimos entrevistados (três jovens integrantes de grupos juvenis, com ensino médio completo e três universitários), também os contextos e situações em que novas maneiras de forjar a identificação racial podem ser operadas, articulando masculinidades de resistência que articulam raça e gênero ou de estratégias estéticas e valorização de atributos do corpo (como o cabelo) para ressaltar positivamente uma beleza masculina negra.

²⁸Pode-se pensar na identidade étnica como aquela parcela da identidade social que diz respeito a expressão pública de sentimento de inserção num grupo social, que difere de outros por ter seu foco centrado numa ascendência comum, seja ela real, metafórica ou fictícia (BARTH, 1998).

Além das questões apontadas pelos próprios jovens (a convivência com grupos relativamente homogêneos da periferia, a associação com grupos culturais e a circulação pela cidade), para entendê-las e propor outras questões, as análises de Sansone (2007; 2003) foram pertinentes. Em seus estudos em bairros populares de Salvador, esse pesquisador tem ressaltado que tanto a auto-identificação racial como as posturas com relação ao preconceito modificam-se substancialmente em relação à idade dos indivíduos e seu nível de instrução. Quando comparados às pessoas que se identificam como “morenas”, “pardas” ou “escuras”, os que se identificam como negros são mais jovens, mais instruídos e, ainda que sejam pobres, têm uma condição econômica mais favorável. A hipótese do autor é a de que esses jovens, em especial os mais escolarizados, compunham os setores mais dinâmicos da população.

Os negros mais jovens e mais instruídos são muito mais sensíveis à discriminação racial. Por estarem na etapa da vida em que a personalidade se molda, eles são curiosos sobre a exploração de estilos de vida e de regiões da cidade que vão além das fronteiras geográficas e simbólicas de sua própria comunidade. Suas redes sociais são mais variadas e multifacetadas (SANSONE, 2007, p. 153)

A escolaridade e a condição sócio-econômica são elementos não desprezíveis para compreender os motivos pelos quais, mesmo estando envolvidos com o hip hop, Adílson e Ricardo tenham enfatizado com maior relevância a desigualdade econômica e menos a racial; pelo contrário, relativizaram sua importância como dimensão preponderante para compreender as relações sociais, enquanto outros jovens, também inseridos em grupos de hip hop, ressaltaram-na como o elemento da desigualdade. Os três jovens estudantes do ensino fundamental eram os menos escolarizados: dentre os catorze entrevistados, eram os que tinham a menor renda e estavam os três desempregados. Em concordância com Sansone, esses atributos são baixos demais para que eles se arriscassem no jogo do status e dos códigos raciais, numa sociedade em que negros ainda ocupam lugar de pouco privilégio.

CAPÍTULO 3 – *SER HOMEM*: MUDANÇAS, FRONTEIRAS E HIERARQUIAS

Nos grupos de entrevista, em especial no segundo encontro realizado com os rapazes, o que é *ser homem* ou os sentidos atribuídos à masculinidade se constituiu na pauta mais preponderante. A entrada nessa discussão se deu por um exercício²⁹, que incentivou os participantes a comparar suas experiências de vida com a de seus familiares mais velhos (avôs, pais e tios), de modo que pudessem descrever hábitos e valores percebidos como determinantes nas práticas sociais que guiavam suas condutas de vida e a de suas referências masculinas adultas. Esse exercício fez emergir um conjunto de depoimentos que acenou para profundas transformações entre as gerações, imersas em um contexto de mutações sociais e deslocamentos dos próprios grupos familiares.

Por meio de tais discussões, tornaram-se também visíveis nuances de marcadores dos quais os rapazes lançaram mão para estabelecer fronteiras e hierarquias que diferenciavam homens e mulheres e homens e de outros homens, tendo, neste último caso, a configuração das práticas afetivo-sexuais uma dimensão preponderante. Também ficaram evidentes contrastes entre os posicionamentos de jovens de menor escolaridade (estudantes do ensino fundamental) e os daqueles com escolaridade mais elevada (ensino médio concluído e universitários).

Para os catorze rapazes foi comum a percepção de que a experiência urbana marcava as particularidades de suas vivências. Diferentemente dos membros mais velhos de suas famílias, migrantes de contextos rurais e de economias de base agrária, eles se constituíam em uma primeira geração nascida e/ou que viveu a maior parte dos anos em uma metrópole. Para os entrevistados, essa diferença marcava *a priori* novos modos de comportamento e de condutas masculinas, tendo em vista que as próprias maneiras de manutenção da vida se alteraram. Seus avôs e pais foram homens que trabalharam desde cedo, os mais velhos no campo, onde viviam a partir da organização de atribuições masculinas e femininas fortemente marcadas.

Para meu avô, mulher era mulher e homem era homem... Quando chegava alguém na casa dele, ele só olhava para a cara da minha avó e ela sabia o que isso significava. Chegava uma visita em casa e era um homem, ela tinha que ficar entocada na cozinha.

(Daniel, 24 anos, ensino médio concluído)

Meu avô era super machista. A juventude dele era de outra geração. É essa questão mesmo de mulher na cozinha sempre. A mulher tem que ser submissa

²⁹ Descrito no tópico que trata das abordagens metodológicas.

(...). *Ele era muito rígido com a minha avó, tipo, aquela postura de coronel, apesar de ele ter sido sempre bôia-fria.*

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

O velho [avô] vivia naquela coisa bem de trabalho na roça mesmo. Minha avó ficava em casa, cuidando dos filhos. Eles tiveram uma porrada de filhos, os velhos não tinham sossego. Minha avó teve nove filhos. Eles não tinham televisão.

(Ricardo, 18 anos, estudante do ensino fundamental)

Se a gente pensar em quem morava em São Paulo na época, acho que tem aquilo que a gente aprendeu na escola, de ter uma coisa bem estratificada. Você tinha a elite, que tinha carro e andava na [Avenida] Paulista e os pobres. Mas no caso da minha família era tudo do interior, tudo trabalhando no campo, então era aquela coisa do homem que trabalhava na terra mesmo, de trabalho braçal. Meu avô era bem “rutz” mesmo, com a cabeça muito limitada.

(Marcos, 22 anos, estudante universitário)

Embora tenha existido um relativo consenso sobre as mudanças entre a experiência urbana deles e rural de seus familiares mais velhos, o modo como narraram e avaliaram tais alterações variaram no interior dos grupos. Entre os jovens com ensino médio concluído e universitários, ao iniciarem o relato sobre seus avôs, os jovens, muitas vezes, em tom de estranhamento e reprovação, falaram de experiências marcadas por uma forte subalternidade das mulheres ao domínio dos homens, que as confinavam no âmbito doméstico e impunham-lhes restrições à vivência pública. A descrição de homens que possuíam uma “*postura de coronel*”, na verdade, pode ser compreendida como percepções de sujeitos que exerciam o poder decorrente de um sistema patriarcal, assentado fortemente em uma divisão sexual do trabalho e do poder, com desvantagem para as mulheres e privilégios para os homens.

A falta de conhecimento, informação e de escolaridade somada às limitações específicas do trabalho no campo foram consideradas, pelos jovens, como determinantes para a configuração dessa ordem familiar. Mais diversificadas foram as histórias contadas sobre seus pais, que em busca de novas oportunidades de trabalho, migraram para a cidade de São Paulo. Alguns já estavam casados, outros solteiros. De uma forma geral, as mulheres que tinham filhos pequenos dedicavam-se exclusivamente às tarefas domésticas. Contudo, foram forçadas a retornar ou começar a trabalhar porque passavam dificuldades, já que somente os salários dos pais/maridos provedores não garantiam o sustento de uma casa.

Consideraram que o trabalho remunerado de suas mães incorporou-se na estrutura familiar como uma espécie de “*ajuda*”. Em certa medida, alguns rapazes relataram experiências familiares muito similares às descritas por Zaluar (1985) e Fonseca (2001), em que o trabalho feminino, para a obtenção de renda complementar à

dos homens, tinha relativa importância para o consumo de insumos de famílias pobres, mas era percebida como secundária na vida de suas mães. Elas eram as responsáveis por gerenciar o orçamento doméstico, manter a ordem da casa e cuidar dos filhos e, eventualmente, “*ajudar o marido*” a pagar as contas, com trabalhos esporádicos que não prejudicassem o desempenho de suas obrigações do mundo doméstico.

Contudo, em alguns casos, o trabalho materno assumiu novos contornos com o desaparecimento da figura paterna, com o desemprego temporário deste ou com episódios de divórcio, que implicaram o protagonismo delas. Situações como essas foram narradas por rapazes como Fabrício e Matheus, que integraram o grupo de jovens estudantes de ensino médio, e por Wagner, no grupo de universitários, como exemplos de ruptura com as regras que normatizam papéis entre homens e mulheres, e que se contrapõem às experiências de seus avós. Se, no caso dos últimos, o casamento era indissolúvel e as mulheres estavam confinadas ao universo doméstico, as experiências de pais e mães dos entrevistados foram marcadas por processos de mudanças necessárias para a manutenção da família e adaptação às regras do jogo e dificuldades da vida cidadina.

Meu pai trabalhava numa metalúrgica e foi lá que ele conheceu minha mãe. Ela também era trabalhadora. Só que quando eles se casaram, minha mãe saiu do trabalho, então, eu acho que é bem isso de dividir o que é do homem e o que é da mulher. Minha mãe foi cuidar dos filhos e meu pai, o que ele ganhava, dava para manter bem a família (...). Só que daí ele perdeu o emprego e minha mãe segura até hoje a maior barra. Voltou a trabalhar... mas meu pai é um farrapeiro [irresponsável], porque é a velha que segura a onda com as coisas da casa.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

No meu caso foi que meu pai, desde que eu sou muito pequeno, eu não tenho contato com ele. Não sei o que ele faz, então, lá em casa, quem assumiu toda a responsabilidade foi minha mãe sozinha, entendeu?

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Ao falar da organização de sua família para lidar com o desemprego paterno, Fabrício fez questão de argumentar, para o grupo do qual fez parte, que o trabalho remunerado de sua mãe passou a ter mais centralidade para a manutenção da casa. Mas que isso não alterou substancialmente a divisão do trabalho, pois permaneceu como responsabilidade dela as atividades vinculadas aos cuidados das crianças e à organização do núcleo familiar, embora estivesse trabalhando “*fora*”. Depoimentos semelhantes foram feitos pelos rapazes universitários e outros integrantes do ensino médio, que em comum, partilharam a percepção de que suas mães tinham responsabilidades maiores do que a de seus pais, estando submetidas a uma situação que alterava pouco o conjunto de obrigações que ainda as colocava como responsáveis, se

não exclusivas, centrais no desempenho de atividades vinculadas ao domínio reprodutivo.

Tal situação fazia com que esses jovens considerassem suas mães “*batalhadoras*”, tendo em vista que, em regra, tinham suas vidas exauridas pela quantidade de atividades que desempenhavam. O mesmo adjetivo foi atribuído por Matheus a sua mãe, pois ela sequer contava com a contribuição masculina e era “*a chefe da família*”. Eram mulheres que carregavam o fardo da conciliação entre os trabalhos doméstico e profissional, avaliado por Hirata (2002) como uma dos elementos mantenedores das bases que sustentam a divisão sexual do trabalho, mesmo com a inserção maciça das mulheres no mundo do trabalho nas décadas de 1980 e 1990. A conciliação, de acordo com essa autora, é uma ação ainda pertinente apenas para as mulheres.

Essa experiência familiar não chegou a ser vivenciada pelo conjunto dos rapazes. Diogo, que integrou o grupo de jovens com ensino médio, contou que até o momento das entrevistas, seu pai impunha restrições ao retorno dos estudos de sua mãe que, após o casamento, jamais havia trabalhado de maneira remunerada e dedicou-se exclusivamente aos cuidados dos filhos e da casa. Em seu caso, a negociação da mãe para a retomada da escolaridade básica foi mediada pelo padre e somente foi possível, segundo ele, porque o curso supletivo ocorria na própria instituição religiosa. Além disso, sua irmã e ele fizeram forte pressão para a aceitação do retorno aos estudos da mãe.

Meu pai é super machista. Minha mãe voltou a estudar, mas teve a maior negociação lá em casa. Ele é muito tradicional, assim, de achar que mulher tem que ficar em casa. Eu e minha irmã, a gente teve que apoiar minha mãe, porque senão ela não ia voltar (...). Ele só não implicou mais porque minha mãe é da igreja, tinha um lance de querer ler a Bíblia, então, ele não pegou muito no pé.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

A realidade de sua família foi apresentada como “*prova*” de que, para os mais velhos, os papéis atribuídos a homens e mulheres ainda tinham relevância, estando as mulheres em lugar de menor vantagem social e poder. Por outro lado, Diogo deixou evidente a interferência sua e da irmã no incentivo da escolarização da mãe, mostrando que há uma relativa interferência dos mais novos no ordenamento da estrutura familiar no que tange às relações de gênero. Eles valorizavam os estudos como uma dimensão importante para a vida da mãe e, embora fossem filhos, tiveram voz e argumentos para pressionar o pai.

No caso de Wagner, estudante universitário, o desemprego paterno e a retomada dos estudos da mãe sem objeções do pai reconfigurou a divisão do trabalho doméstico em sua família. Segundo o jovem, ele, o pai e o irmão também passaram a se responsabilizar pelas atividades domésticas, como arrumar e limpar a casa, cozinhar e gerenciar o orçamento. Wagner atribuiu tais modificações aos horários de trabalho de seus progenitores. O novo emprego do pai era noturno e o da mãe era diurno. Soma-se a isso o fato de que sua mãe tinha, segundo ele, um forte desejo de ter uma carreira profissional.

Ainda que tenham apontado os limites das trajetórias familiares, em especial, das possibilidades de inserção profissional de suas mães, os entrevistados de maior escolaridade viam esses acontecimentos como constitutivos de um momento de “*transição*” da divisão do trabalho e das atribuições de responsabilidades no âmbito familiar, que recaíam de maneiras distintas na experiência de homens e de mulheres. Tendo como balizas as experiências dos avôs e avós, mesmo que de maneira circunscrita, percebiam as trajetórias de seus progenitores como indícios de uma maior simetria entre homens e mulheres e/ou como provas de que mudanças estavam se operando.

Mais sintomáticas eram as percepções que possuíam de sua própria geração, visto que moças e rapazes, segundo seus depoimentos, estavam mais preocupadas com suas carreiras e inserção profissionais do que com casamento, maternidade/paternidade e demarcações da identidade feminina e masculina, inclusive nas relações familiares.

As meninas mudaram bastante. Acho que, antes, a mulher se educava para ser dona-de-casa, mesmo que ela trabalhasse, ela via o futuro dela ali, cuidando dos filhos. Hoje não! As meninas querem ter uma carreira, querem ter uma profissão. Pode ver, tem mais menina querendo fazer faculdade e eu acho que isso tem a ver com uma mudança de mentalidade e tal.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

Eu acho que as meninas até saíram na frente dos homens. Acho que elas se dedicaram mais para os estudos e agora a gente está tendo que correr atrás, porque elas, para estar no lugar que elas estão hoje tiveram que batalhar mais, porque a gente já estava lá. Agora, é mais competitivo, eu acho, tipo, se chegar uma mina numa entrevista e tiver inglês, ela sai na frente de mim, porque eu não tenho. Não tem mais essa coisa de ser homem.

(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

Eu vejo assim: quando meu pai tinha a minha idade, ele já era pai, porque meu irmão mais velho já tinha nascido. Ele já tinha a família dele. Minha mãe era mais nova ainda (...). Eu tenho vinte e cinco anos e nem penso em casar ainda, é uma coisa bem distante para mim.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

No comentário desses jovens, dois elementos parecem preponderantes para marcar deslocamentos que alteram suas experiências como rapazes: a constituição de

projetos profissionais por parte das jovens, que incluem o aumento de anos de escolaridade delas, num contexto de trabalho em que as distinções de gênero têm pouca ou quase nenhuma importância; e a postergação da constituição de novas famílias, o que os distanciavam das experiências comuns aos seus parentes mais velhos. Enquanto o primeiro argumento pode ser compreendido como constitutivo das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, operadas desde a década de 70, discutidas já no capítulo anterior, para o entendimento da segunda argumentação, as observações de Sposito (1997) parecem-me pertinentes. Sustentando-se em Galland (1991), a autora diz que:

A entrada na vida adulta significa ultrapassar três etapas importantes, delimitadas pela partida da família de origem, pela entrada na vida profissional e pela formação de um casal. Segundo esse autor, os segmentos operários eram caracterizados, no início do século, pela instantaneidade da passagem da infância à vida adulta e pela concordância necessária dessas três etapas. Em oposição, o modelo burguês delineava-se pela idéia do “diletantismo” que possibilitava adiar o momento e as etapas definitivas de entrada na vida adulta sem renunciar, no entanto, a conhecer certas formas de independência (SPOSITO, 1997, p.40).

A autora indica que as transformações decorrentes da urbanização, do acesso à escola por novos segmentos sociais, e de alterações no mundo do trabalho modificaram os “modelos de instalação” de passagem para a vida adulta, inclusive para os jovens mais pobres ou oriundos de famílias trabalhadoras. Estes também conformariam novas maneiras de experimentar a condição juvenil e ingressar no mundo adulto. Tais processos seriam marcados pela descontinuidade, multiplicidade e desconexão. Não por acaso, os jovens explicitaram o cotidiano e a passagem para a vida adulta como fatores importantes para marcar distinções entre a experiência masculina deles e de seus familiares.

Acho que uma coisa muito forte que a gente escutou e até hoje escuta é com relação ao estudo. Você tem que estudar para ser alguém, para ser homem. Antigamente, tinha uma tradição. Seu pai foi uma coisa e você vai seguir a mesma coisa. Hoje não! Você vai ter que estudar. Seu pai não vai te dar isso. Você vai ter que estudar para ser alguém na vida. Você tem que trabalhar e tem que estudar. Acho que hoje tem muito isso. Um homem tem essa necessidade.

(Marcos, 22 anos, estudante universitário)

Isso [estar na cidade] abre muito a cabeça. Abre para o cara conhecer outras pessoas, outros pensamentos, outros modos de vida. É uma questão de necessidade. O cara começa a se preocupar com outras coisas.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

Falando do meu pai, acho que a gente é muito diferente, porque ele, na juventude dele, tinha outra idéia de projeto de vida. Entre a geração dele tinha uma ligação entre trabalho e a vida, que o objetivo, um princípio da vida dele era trazer o sustento para dentro de casa. A vida dele se resumia a isso. Acho que hoje a gente já vive diferente, pode realizar algumas coisas, de ter a opção de buscar alguma coisa aleatória para a vida e isso basicamente é porque a gente está em São Paulo.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Eu acho que hoje tem muito a ver com essa coisa do próprio consumo, do acesso à televisão, da cidade. Então, por conta disso, acho que os homens acabaram mudando, mesmo.

(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

Meus tios já são a transição dessa passagem. Eles já pegaram mudanças. Apesar de o meu avô ser desse jeito, a juventude deles foi outra. Eles trabalharam cedo, mas vieram para São Paulo. Eles contam muito essa coisa do lazer, da diversão e eu acho que as mudanças de pensamento de homem começaram aí. Eles são machistas, mas acho que são mais maleáveis do que meu avô foi.

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Os jovens trouxeram elementos da experiência urbana para justificar as diferenças entre suas experiências e a de seus familiares mais velhos. Em primeiro lugar, Marcos ressaltou o declínio de uma transmissão direta entre a experiência de seu pai e a sua. Para “*ser alguém na vida*”, já não lhe bastava a herança familiar, mas era preciso apropriar-se de um saber específico, e a aposta foi na escola, para a construção de sua experiência. Diogo e Giovanni trataram da pluralidade de estilos de vida que marcam a experiência urbana: é ela que abre, em oposição aos modos considerados mais homogêneos do contexto passado, a possibilidade de deparar-se com as diferenças, conhecer novos estilos de vida e preocupar-se com outras dimensões como o lazer e o consumo. Matheus chamou atenção para as vivências de seus tios que, ainda que sejam de outra geração, também experimentaram momentos de inflexão com as possibilidades de lazer aberta aos jovens das camadas populares nos idos da década de 1980³⁰.

Os jovens enfatizaram sua integração ao mundo moderno. Segundo Giddens (2002), nesse contexto, as trajetórias individuais são marcadas pelo enfrentamento de uma complexa gama de escolhas e possibilidades de percepção de si. Enquanto as sociedades tradicionais exemplificadas, sobretudo pela descrição dos modos de vida dos avôs, limitavam as escolhas pela tradição ou pelos hábitos estabelecidos que ordenavam a vida, eles se viam com mais chances de escolher os modos para construir suas experiências.

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade (GIDDENS, 2002, p.79).

Para Giddens, quanto mais pós-tradicionais as situações, mais o estilo de vida diz respeito ao próprio centro da autoidentidade, de seu fazer e refazer. Um estilo de vida implica um “*feixe de hábitos e orientações e, por isso, tem certa unidade que*

³⁰ Matheus contou especificamente da novidade aberta para jovens pobres e negros com as festas Black e de samba rock na década de 1980, que eram frequentadas por seus tios quando moços.

conecta opções em um padrão mais ou menos ordenado” (p.80). Trata-se não apenas de decisões sobre como agir, mas também sobre quem se quer ser. Nessa perspectiva, o estilo de vida não se reduz apenas à área do consumo e, menos ainda, a um consumismo superficial, mas se relaciona às demais áreas das atividades da vida, numa inter-relação dinâmica presente na construção e na vivência do estilo escolhido.

Como consequência dessas transformações, os jovens mais escolarizados viam o ideal do homem provedor em decadência. Para justificar esse movimento, persistiram no argumento de que as mulheres mudaram e tencionaram, portanto, deslocamentos no domínio masculino. Ou seja, foram os acontecimentos que levaram as mulheres a ter mais “*informações*” e sair do universo doméstico, que tornaram esse lugar social menos acessível. Nesse sentido, realçaram o ingresso delas no mundo do trabalho e o desejo, em especial das mais jovens, de ter uma carreira profissional e não se responsabilizar individualmente pelos filhos e casa.

Essa questão do cara ser homem, o cara tinha que constituir uma família, tinha que ser o manda-chuva e tal. E com a gente tendo acesso à informação... e a mulher tendo acesso à informação... acho que o principal motivo foi a mulher ter acesso, porque se continuasse a informação só para o cara, ia continuar tudo na mesma. A mulher, tendo acesso, modificou o modo do cara pensar. Ele tem que ter outros tipos de cuidados para continuar mostrando que ele é pai, é responsável, é trabalhador. Não é mais dominante. (...) [Na relação conjugal] A mulher não está mais por baixo, tem que entender o que ela quer e negociar.

(Wagner, 20 anos, estudante universitário)

A mulher ganhou espaço. Saiu daquele mundinho pequeno que era a casa, para começar a ir para a rua. Passou a pegar ônibus, começou a ir para a escola, para o trabalho. Depois, começou a entender porque é que no trabalho dela ela sempre tinha o último cargo, como ela poderia ter um cargo melhor. Ela começou a bater de frente com os próprios homens.

(Lúcio, 20 anos, estudante universitário)

Quando inquiridos sobre o que era “*ser homem*”, os jovens titubearam. Salvo comentários sobre o que pensavam os outros rapazes, que não eles – os “*caras da rua*”, “*alguns caras*”, “*a molecada*” –, no máximo, apegaram-se às diferenças biológicas, ou seja, às singularidades na própria estrutura física de homens e de mulheres e nas diferenças do aparelho reprodutivo de ambos: “*as mulheres podem parir*”. Ainda que em tom de brincadeira, Giovanni, jovem universitário, argumentou que essas diferenças estavam em vias de se tornar pouco satisfatórias como elementos explicativos, tendo em vista os avanços das “*cirurgias de mudança de sexo*” e o caráter cada vez mais andrógino dos hábitos de consumo da moda, que punham em xeque essas maneiras de conceber as diferenças fundadas no sexo.

Bem diferentes foram as considerações dos jovens de menor escolaridade, para os quais a experiência urbana apresentava desafios concernentes ao desemprego. A avaliação de Denílson sobre as singularidades entre sua situação de vida e a de seu avô é sintomática:

A vida deles [avôs] é muito diferente da nossa. Eu acho que naquele tempo eles não tinham muito tempo. Eles trabalhavam na roça e não tinha muito tempo para pensar, que nem a gente tem hoje. Mas a gente hoje não tem no que pensar, porque não tem emprego. Lá no Norte eu acho que tinha mais emprego do que em São Paulo.

(Denílson, 23 anos, estudante do ensino fundamental)

Em que pesem as especificidades da modernidade e a percepção dos jovens para a experiência urbana, o pronunciamento de Denílson, apontou para as limitações dessa vivência. Giddens afirma que as consequências da modernidade e a assunção de estilos de vida não estão acessíveis de igual maneira para todos em função de limitadores como as condições de classe e o acesso diferenciado dos indivíduos às possibilidades de assumir determinados estilos de vida ofertados por ela. Denílson enfatizou a dimensão do “*tempo para pensar*” como uma conquista, ou seja, diferente dos adultos de sua convivência, encontrava mais tempo para refletir. Mas como operá-la se não havia trabalho? Isso porque, para jovens pobres, o trabalho seria central para garantir a sobrevivência e a possibilidade de fruição do tempo de lazer, como aponta Abramo (1994) e Dayrell (2005).

Do grupo com escolaridade mais baixa, Ricardo, Denílson e Adílson, embora reconhecessem as particularidades da vida urbana, não percebiam nela elementos para justificar alterações substanciais na identidade masculina. Para esses jovens, *ser homem* atualmente não seria diferente das experiências de seus exemplos adultos. A obrigação do trabalho, de constituir e prover uma família definiam, para eles, a condição masculina. Segundo os jovens, antes disso, eles eram apenas “*moleques*”, pois ainda não tinham as responsabilidades que lhes tornariam adultos do sexo masculino.

Ser homem é ter responsabilidade. É lugar para ser alguém na vida e constituir uma família, ter seus pivetes, essas coisas.

(Ricardo, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

Falou tudo. Acho que homem tem que ter emprego. O cara sem emprego não é nada... Constituir uma família e ter seus filhos. Antes disso é moleque.

(Denílson, 23 anos, estudante do ensino fundamental)

Esses jovens reconheceram a vida urbana como produtora de novas possibilidades. Porém destacaram dois entraves importantes para usufruírem plenamente de tais benefícios. Primeiro, referiram-se ao abandono à escola, pelo qual se

responsabilizavam. Depois, ao desemprego que impedia qualquer melhora em suas condições de vida: circular na cidade, consumir, divertir-se, namorar, etc.

Mesmo considerando as dificuldades, foi nesse grupo de rapazes que o passado agrário e rural foi tratado como um momento idílico em que os lugares sociais de homens e mulheres estavam mais bem equacionados. O trabalho produtivo, central para a constituição de uma masculinidade “*responsável*”, mesmo sem prover homens de grandes fortunas, mantinha seu lugar social preservado. Para esse grupo, o declínio do trabalho remunerado, em especial o desalento em conquistar um emprego, privava-os das referências fundamentais de uma identidade social almejada: a de trabalhador/provedor/pai de família (SARTI, 2003).

No passado a coisa era melhor. O homem tinha o seu pedacinho de terra, tinha tudo que precisava para alimentar a família dele. Tinha tudo, não tinha essa violência, essa pilantragem que tem hoje. As pessoas eram mais honestas, não tinha tanta maldade.

(Adilson, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

Considerando o conjunto da discussão dos três grupos, os rapazes, ao tratarem sobre o que é *ser homem*, apontaram modulações significativas na forma de avaliar mudanças sociais, que alteraram marcadores importantes para responder essa questão. A comparação de suas experiências e planos de futuro com a de seus avôs e pais permitiu a partilha de um consenso a respeito de mudanças geracionais: ser homem para os mais velhos de suas famílias implicava a partilha de expectativas e práticas sociais bastante distintas daquelas experimentadas por eles.

O trabalho desde muito cedo, a constituição de uma família, a assunção do papel de provedor foram referências mais comuns ao tratarem sobre a experiência dos adultos de suas famílias, sendo a experiência urbana um contexto que os diferenciava ou porque apresentava novas possibilidades ou porque impunha duras restrições para partilhar das mesmas experiências de seus parentes. Nesse sentido, embora tenha existido uma partilha sobre as transformações que se operaram em suas famílias – a migração para um centro urbano foi a principal – a avaliação sobre seus impactos e a consequência para a construção de uma experiência masculina foi bastante peculiar para os de menor escolaridade e de maior escolaridade.

Para os mais escolarizados, a experiência urbana e o reconhecimento de mudanças no que diz respeito aos interesses das mulheres alteraram as possibilidades de manutenção de um ordenamento das relações de gênero (na família, no trabalho e nas relações afetivo-sexuais) similares ao de seus pais e avôs; enquanto para os menos escolarizados, o desemprego e o declínio de valores mais pudicos na conduta sexual das

jovens justificavam as impossibilidades de cumprir aquilo que consideravam ainda pertinente para definir a masculinidade ou *ser homem*.

RELAÇÕES AFETIVAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL

SER HOMEM É DIFERENTE DE SER MULHER E SER HOMOSSEXUAL

As relações afetivas também foram objeto de discussão dos jovens. Mais uma vez, diferenças de posicionamentos sobre as transformações dos scripts de gênero se fizeram presentes na fala dos rapazes de menor e maior escolaridade. Embora acreditassem que as relações entre eles e elas estivessem mais horizontais, os jovens mais escolarizados reconheceram a permanência de lógicas distintas que estruturavam modos para rapazes e moças conduzirem suas vidas afetivas. Para eles, essas nuances traduziam a permanência do “*machismo*”, caracterizado pelos entrevistados como domínio das mulheres pelos homens.

As mudanças nas relações afetivo-sexuais foram explicadas, por eles, principalmente pelas novas experiências das jovens: mais liberdade para viver a sexualidade, maior controle sobre seu corpo, acesso a métodos contraceptivos, a possibilidade de partilhar as experiências sexuais com amigas e amigos sem serem punidas ou discriminadas. Mas também como decorrência de suas percepções sobre a sexualidade e os modos de lidar com o corpo, o que consideraram como uma mudança na mentalidade masculina.

Eu vejo que essa coisa de como a gente lida com o corpo da mulher mudou bastante também. É até meio nojento, mas quando uma mulher bonita e gostosa passa na frente de alguns homens mais velhos, eles ficam meio loucos, ficam fissurados. Acho que, na juventude deles eles não tinham muito essa coisa da mulher sair na rua com aquele shortinho.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

A mulher não vira uma puta porque anda de shortinho e nem é a gente ficar zoando com elas. Os caras ficam parecendo, sabe... tem até um desenho animado, que é engraçado, que quando passa uma mulher bonita na frente do cara, ele vira lobo.

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Para os rapazes, enquanto, no passado, as mulheres eram proibidas de ter experiências afetivo-sexuais antes do casamento, no presente, elas teriam mais liberdade para a experiência sexual e mais “*conhecimento*” sobre seu corpo e os modos de sentir prazer. Em conformidade com outras pesquisas realizadas com jovens (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004; HEILBORN et al., 2002; ALMEIDA, 2006) indicaram que as moças tinham mais possibilidades de diversificar seus

relacionamentos, podiam “ficar” com quem desejassem, mas ainda estavam sob um domínio moral diferenciado quando comparado com a dos rapazes.

Tipo, eu acho que tenho a cabeça mais aberta, mas eu vou falar a verdade. Às vezes, eu me pego no vacilo [descuido], participando de rodinha de cara falando mal de mina que pega um monte de cara, que está sendo tirada de galinha, e eu vejo que eu contribuo para o assunto. Então, eu acho que isso ainda persiste na minha cabeça.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

A divisão e classificação entre as “galinhas” e as “certinhas” foi reconhecida pelos rapazes como uma questão que influenciava suas escolhas afetivas, embora tenham dito que essa dupla moral cada vez menos se tornava determinante. O julgamento e tratamento dado às moças faziam parte de sua adolescência, quando experiências como “ficar” ou namorar se davam no contexto do bairro, ambiente considerado mais controlado, em que era possível identificar antecedentes das jovens com as quais se relacionavam. A vivência de relacionamentos, ainda que fortuitos, com garotas de outros bairros, em festas e casas noturnas, implicava, para alguns, declinar essa regra e preocupar-se mais detidamente com o que passaria a acontecer depois, caso se apaixonassem por elas. O diálogo entre os jovens universitários é esclarecedor dessas mudanças:

Marcos – *Ontem eu estava conversando com a minha namorada. Tem um amigo meu que começou a namorar uma mina, só que antes, ela ficava com um amigo nosso, que anda junto. Então, tem toda essa visão machista com relação à mulher mesmo. Mas quando está todo mundo junto, assim... esse papo de saber que o cara transou com a namorada, assim... é foda.*

Lúcio – *Oh! Wagner...*

Wagner – *Isso aconteceu comigo. Eu namorei uma garota que já tinha ficado com mais de um amigo meu.*

Hélio – *Mas é engraçado quando você fala disso. No final das contas, a gente também já teve relações com outras meninas que são amigas umas das outras e, tipo, de boa. A gente pode, mas elas não? Para o cara parece que vira até propaganda, o cara conta vantagem, e para a menina não. Isso é maluco!*

Giovanni – *Não sei para vocês, mas eu acho que isso vai mudando, porque chega uma hora que você nem sabe mais o que foi a história da menina com quem você está ficando. Hoje, eu só sei com quem minhas companheiras ficaram quando a gente ganha uma intimidade para falar sobre isso. Mas, independente do machismo, acho que estar numa roda com um ex ou com uma ex é foda de qualquer jeito, porque você está vendo aquela pessoa feliz com outra e se você ainda gostar dela isso dói na alma, tanto para homem como para mulher...*

As vivências afetivas, marcadas por uma maior experimentação feminina, traziam aos jovens um novo imperativo, caracterizado por eles como uma roupagem original para o “machismo”, ou melhor, para a reposição de um domínio masculino nas relações afetivo-sexuais. Se agora não lhes era mais garantido o direito exclusivo da

experiência da sexualidade antes do casamento e se a classificação entre “galinhas” e “certinhas” já eram cambaleantes para abonar as condutas de algumas moças, que não se furtavam ao exercício dela, então, aos moços restava entrar em um jogo marcado pela disputa e competitividade do exercício da virilidade, de modo a convencer tanto outros rapazes como as próprias moças acerca de sua potência e desempenho sexual. Mais uma vez, a sequência do diálogo entre os universitários é profícua para ilustrar essa nova conduta:

Giovanni - O machismo ainda existe. Por exemplo, numa relação íntima o cara tem que ser “o cara” na cama, para a menina gostar dele, para que ele ache que é bom. Tem que fazer direito. Os homens têm uma cobrança maior de si e com os amigos. Ele tem que ser o cara (...).

Wagner – Antes ele tinha que constituir família, ele tinha que mostrar que era macho, que comandava: “sou eu que comando. Sou eu que tomo conta da casa”. Hoje seria machismo por quê? Porque ele [o homem] está perdendo espaço. Então, eu tenho que mostrar que eu sou melhor que a mulher, que eu sei mais do que ela. Acho que tem muito dessas coisas...

Marcos – Você tem que ser o cara, tem que dar prazer para as mulheres. Antes, para você provar que era o cara, você tinha o controle, a questão é sua. Se a mulher não sentiu prazer, o problema era dela. Ninguém estava ligando para isso. Só que hoje você tem aquela obrigação de dar prazer para a mulher. Isso é um machismo, porque você tem que provar que é bom. No passado você não tinha essa necessidade.

Wagner – A mulher antigamente não tinha acesso à informação. Tipo... os dois não tinham, mas a mulher não tinha acesso a nenhuma informação. Hoje a mulher tem acesso à informação e sabe como é que quer fazer sexo. Ela sabe o que ela quer. Se o cara não é legal, ela não fica com ele. Antigamente não tinha isso. Se ela falasse um “a” o cara batia nela ou tinha restrições [contra] ela

No mesmo sentido, essa competição em um “mercado” afetivo se apresentou no grupo de jovens do ensino médio, também vinculada ao desempenho sexual e viril, mas acrescida de elementos como o consumo, para agregar signos de prestígio que ampliavam as chances na disputa afetiva. Ter um carro, motocicleta e usar roupas caras e de determinadas marcas, além de garantir status em determinados grupos de rapazes, também foi lembrado, por esses entrevistados, como potentes instrumentos para a construção de uma conduta masculina valorizada e que trazia bons frutos para a conquista de parceiras. O consumo foi apresentado, inicialmente, como um elemento importante para outros jovens que não eles, mas, aos poucos, também como desejos dos próprios rapazes integrantes do grupo de entrevista.

Na quebrada rola muito do cara querer aparecer. No limite, a gente se arruma mesmo é para as meninas. Os caras colocam a roupa de boy, o tênis de não sei quantas molas para agradar as meninas, para elas acharem o cara legal.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Acho que o maior problema do cara é o dinheiro porque ele tem que ter dinheiro, tem que ter moto, tem que ter carro, andar com umas paradinhas da hora. Todo mundo tem carro e você quer ter. Todo mundo anda de moto e você vai buscar sua mina de byke?

(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Assim, as relações afetivas e namoros, com mais chances de as jovens experimentarem suas vivências, deixaram menos tangíveis para os rapazes hierarquias e privilégios. Mas não desobrigou os rapazes de demonstrarem signos de domínios e de poder, manifestos na capacidade de demonstrar desenvoltura nas experiências sexuais e/ou na possibilidade de conquistar um patamar de consumo, re-atualizando certo imaginário de masculinidade e suas conexões com relações assimétricas de poder com as mulheres (ARRILHA, 1998).

As relações afetivas entre moças e rapazes também estiveram presentes no grupo de jovens com menor escolaridade. A discussão nesse grupo foi marcada por certo saudosismo das “regras do passado” que faziam falta para normatizar o tempo presente e marcar as fronteiras de distinção entre homens e mulheres nas relações afetivas. Isso porque, nesse grupo, predominou a referência de que antigamente havia mais “respeito”, perdido em função de mudanças nos hábitos e regras culturais que normatizavam, sobretudo, a conduta feminina. Diferente dos jovens de maior escolaridade, essas alterações foram apresentadas como corrupções que desestabilizaram as relações entre homens e mulheres, deixando mais turvas as escolhas de parceiras estáveis que correspondessem aos seus ideais morais. O trecho, transcrito abaixo, de um diálogo dos rapazes sobre as dificuldades de localizar parceiras para um namoro é emblemático:

Denílson – *Antigamente eu acho que tinha respeito. Agora não tem mais. Não tem mais isso. Acho que tanto da parte da mulher quanto dos homens. Se você arruma uma menina firmeza, que todo mundo quer, você pode até arrumar, mas aí vem aquela coisa na cabeça: será que eu vou conseguir ficar com ela? Será que ela não vai me trair? Será que eu posso me dedicar?*

Ricardo – *O cara ser corno é foda! É a pior coisa do mundo. Hoje em dia não é mais como era antigamente, você não tem mais proteção.*

Denílson – *Antigamente se um homem arrumasse uma mulher, ela ia se dedicar para ele. Hoje não é mais isso. Você tem dúvidas. (...) Está muito ruim do jeito que está. Sei lá! O mundo mudou demais mesmo. Acho que é isso que está acontecendo. Eu não sei o que passa na cabeça das meninas para fazerem isso, mas está muito... mudou tudo, tudo...*

Esses rapazes reconheciam que as jovens estavam mais livres para viver e experimentar a sexualidade delas, mas os motivos para explicar essas mudanças no comportamento feminino foram diferentes daquelas apresentadas pelos rapazes de maior escolaridade. Enquanto estes justificaram-nas em decorrência de conquistas das

moças no mundo do trabalho e do domínio de seus corpos, para aqueles, tais transformações foram expostas como consequências de um declínio moral, auxiliado pela exploração do sexo e da sexualidade pelos meios de comunicação e pelos produtos culturais e como resultante de uma frustração feminina para com os comportamentos masculinos, marcados pela ausência de compromisso e menor interesse com vínculos estáveis em relacionamentos afetivos.

As meninas de hoje já curtem funk, já é mais... Se quiser ir para o baile... a menina aparece de minissaia. Na [boate] Coreto, as minas que estão com a menor minissaia não pagam para entrar. Acontece muito dessas coisas, entendeu? Eles promovem a prostituição. (...)

(Ricardo, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

A culpa não é só da mulher. É culpa dos homens também. Muitas vezes, os caras não querem saber de nada com a mina. A mina se ilude, entendeu? Aí, o cara dá um pé na bunda dela e ela fica iludida da vida. Acaba ficando descrente, não quer nada com ninguém, fica com trauma. O problema é que ela fica errada, não é?

(Adilson, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

Hoje é raro contar aquelas meninas que são santas. Falar que não tem... tem, mas três adjetivos de como as meninas são hoje: puta, vaca... só isso.

(Ricardo, 19 anos, estudante do ensino fundamental)

Para os rapazes de menor escolaridade, as mudanças no comportamento das mulheres não significaram maior simetria entre os sexos. Pelo contrário, em suas falas eram enfatizadas o caráter singular entre moças e rapazes e a complementaridade que fundava a relação entre um sexo e outro. Se entre os mais escolarizados a maior liberdade das mulheres gerou a insegurança e o desafio de ser o “melhor”, para estes o domínio masculino não podia ser abalado. Na época das entrevistas, apenas Adílson possuía vínculo religioso, era frequentador da Igreja Universal do Reino de Deus. Entretanto, também Denílson e Ricardo evocaram, ainda que em tom de ironia, preceitos religiosos para recriar as alterações comportamentais que observavam como desvios dos mais jovens.

Adílson – Na igreja ensina a fazer a coisa certa. A mulher e o homem têm de ser fiel. É um só corpo, uma só carne, um só espírito. Então, vocês vão ser um só a partir de hoje (...). Aí, não tem traição, não tem desavença por você ser casado com sua esposa, você ser fiel a ela, de você saber tratar uma mulher, entendeu? A mulher é a parte mais frágil do homem, então, ela tem de ser tratada com bastante carinho e compreensão, entendeu?

Denílson – Mulher é o ser mais lindo da terra. É o mais frágil, mulher você tem de bater nela com uma pétala de rosa (risos). Mas as crentes [evangélicas] são mais certinhas (risos). Porque fora da igreja, vou te contar...

Ricardo – Mas tem umas santinhas que é só... enganação, está ligado!

Foi também como consequência da conduta masculina, ou seja, como frustração das mulheres frente aos modos de conduzir os relacionamentos afetivos por parte dos

homens, que os rapazes de menor escolaridade explicaram o que percebiam como um aumento de moças dispostas a estabelecerem relacionamentos afetivo-sexuais com outras moças. Quem introduziu essa temática no grupo de estudantes do ensino fundamental foi Ricardo, ainda no contexto em que eram discutidas as mudanças no comportamento feminino. Seu comentário foi o disparador de uma série de opiniões que, de maneira geral, percebiam as relações homoafetivas de moças como um “*desperdício*”, pois deixavam de estar disponíveis para eles.

Agora tem essa moda de sapatão. São umas meninas superbonitinhas, tudo loira, se pegando... No Orkut tem um monte de comunidade só para mulheres e quando você entra é aquela coisa: só mulher se pegando. Eu acho da hora, mas eu queria estar no meio, sem homem acho nojento.
(Ricardo, 18 anos, estudante do ensino fundamental)

Também evidenciaram a existência em seus bairros de outros perfis de mulheres que identificavam como “*sapatão*”, com as quais possuíam uma relação de estranheza ainda maior: aquelas que, segundo eles, deixavam de se comportar e se vestir como mulheres, assumindo para si uma “*postura masculina*”. Para essas, destinaram adjetivos pejorativos, como “*pit-bull lésbico*”, ou buscaram associá-las a profissões que percebiam como de desempenho associado ao masculino especialmente à de caminhoneiro. Para Adílson, nesses casos, deixava-se de ser mulher, porque se perdia a feminilidade – o cuidado com o corpo, os modos e a sensibilidade – “*o que a mulher tem de mais bonito*”. Ao argumentar sobre mulheres que assumiam comportamentos comumente associados ao domínio do masculino, Adílson deixou evidente não apenas o que pensava sobre a natureza do feminino, mas também do masculino, utilizando-se de percepções bipolares sobre as diferenças comportamentais.

A emergência dessa temática serviu como pano de fundo para que os rapazes se pautassem e falassem mais longamente sobre suas opiniões acerca de homens que estabelecem relações afetivas com homens. A temática emergiu a partir de comentários com tons de ironia sobre a presença e visibilidade de homens identificados como homossexuais, em diferentes domínios do cotidiano: no bairro em que moravam, nos meios de comunicação, nos grupos musicais e no futebol profissional.

No momento das entrevistas, em 2007, corriam nos noticiários da cidade, debates acerca da orientação sexual de um jogador de futebol que atuava em um clube de São Paulo. A temática foi amplamente discutida pelos rapazes entrevistados, de modo a recriminar a presença de tal jogador e avaliar se este era ou não homossexual. Em especial a Denílson, que, na época, fazia parte de uma torcida organizada vinculada ao time em que o profissional atuava, o assunto causava-lhe grande incômodo em

decorrência da ação de torcidas rivais que, para ofender torcedores desse time, insinuavam que todos eram “viados”. Assim como a opinião de alguns dirigentes e autoridades do poder judiciário que se envolveram com o debate, para os jovens participantes do grupo de entrevista, futebol era uma prática esportiva de “macho”³¹. Denílson contou que, como forma de protesto e de boicote à presença de um jogador cuja homossexualidade era duvidosa, os membros de sua torcida não comemoravam os gols realizados por esse esportista e, tampouco, mencionavam seu nome durante as manifestações de apoio ao time.

Denílson – *A gente [torcedores] não gritava o nome dele. Eu não sei dizer por quê. (risos) Ninguém gritava o nome dele e eu não ia gritar sozinho.*

Ricardo – *Os caras iam te bater se você gritasse o nome do cara.*

Denílson – *Eu acho que ele joga muito bem, mas eu não vou gritar o nome do cara.*

Ricardo – *Apesar dele ser viado, ele joga bem (risos). Mas ele é todo desmunhecado, é boiola.*

Denílson – *Eu não sei se ele é. Eu vi ele com uma morena que pelo amor de Deus...*

Adílson – *O povo fica inventando... sacanagem (risos). Então, você acha que todo mundo está mentindo? O cara do Palmeiras, a televisão. Eles tão tudo errado? Mano... o cara é viado.*

Aspectos da discussão sobre o caso desse jogador chamam a atenção. Um primeiro diz respeito ao reconhecimento, por parte desses rapazes, do futebol como uma prática esportiva para homens heterossexuais, os “machos”, homens de verdade. A promoção dessa ideia era partilhada não apenas por eles, mas pelo grupo de instituições que permeiam a organização do futebol profissional e se pronunciaram sobre o assunto na época: os dirigentes de clubes, os meios de comunicação e as torcidas organizadas. O futebol emergiu como um domínio especial em que era promovida a superioridade da homossexualidade e da subordinação da homossexualidade (WELZER-LANG, 2001). Ser homossexual e jogar bem futebol pareciam para Denílson elementos contraditórios e, mesmo que efetivamente um indivíduo manifestasse essa incoerência, no domínio da torcida, o rapaz estava sujeito a uma regra, cujo primeiro elemento subordinava o segundo.

Outro aspecto interessante foi o modo como os jovens lançaram mão de alguns elementos para avaliar se o jogador mantinha ou não relacionamentos com sujeitos do mesmo sexo. Para atestar a homossexualidade masculina, os jovens utilizaram

³¹ A temática foi amplamente discutida pelos meios de comunicação brasileiros. Uma síntese dessa história pode ser encontrada em: *Pisou na bola*. Sandra Brasil. Revista Veja, edição 2021, 15 de agosto de 2007.

características que, tacitamente, percebiam como distantes daquilo que é atribuído ao domínio do masculino - “*desmunhecado*”, na citação acima –, mas em outros momentos, com excessiva vaidade e porte físico mais franzino. Como não manifestava sinais redundantes de virilidade, o jogador foi associado aos homossexuais. De modo a relativizar o peso de suas características corporais, Denílson manifestou a dúvida: mas se ele anda com mulheres, não é possível atestar se ele faz sexo com homem? Porém, seu questionamento foi desacreditado pelos outros dois jovens.

Dando continuidade a essa discussão, os jovens falaram sobre a presença de pessoas que identificavam como homossexuais no bairro:

Denílson – *Na minha rua... Eu até tiro onda com o pessoal mais antigo, só tinha malandro e traficante. Agora, só tem bicha e macumbeiro. Dá a maior raiva, mano!*

Ricardo – *Você pode até ver, tem um centro de macumba perto de casa que é cheio de viado, só tem bicha no centro de macumba. É foda, mano, macumbeiro é tudo boiola.*

Adílson – *Está louco, mano, credo! Não gosto nem de falar dessas coisas. Vamos parar com isso, não gosto nem de brincar.*

Ricardo – *É mesmo, mano! É mudar de assunto. Eu, hein! Falar desses caras, deixa pra lá, deixa esses macumbeiros, é viado para lá.*

As paisagens e as pessoas do bairro se alteraram de acordo com Denílson. No passado, conviviam trabalhadores, malandros e traficantes, contudo, mais recentemente, novos personagens passaram a dividir o mesmo espaço, como os “viados” e “macumbeiros”, pessoas de menor prestígio e odiadas por ele. Ricardo tratou de estabelecer uma associação direta entre uns e outros: “*macumbeiro é tudo boiola*”. A insistência desses jovens em associar a prática religiosa e a orientação sexual de seus praticantes fez-me lembrar as argumentações mais recorrentes nos estudos sobre cultos afro-brasileiros na primeira metade do século XX, sintetizados em um ensaio produzido por Fry (1982). Mais do que isso, o receio em falar da temática, apresentado na sequência final desse diálogo, reforça a argumentação desse autor de que tanto a homossexualidade masculina quanto os cultos de possessão são definidos como comportamentos desviantes em relação aos valores dominantes entre os brasileiros, por isso temidos, tendo em vista que:

(...) ser definido pela sociedade como sujo e perigoso é frequentemente uma vantagem positiva para aqueles que exercem uma profissão ligada aos poderes mágicos. Pessoas que são definidas e se definem a si mesmas como “homossexuais” encontram-se classificadas como “pervertidas” e “desviantes” e, portanto, permanecem nas margens da estrutura social formal. (Fry, 1982, p.56).

Os jovens temiam falar sobre esse assunto, apresentando desconfiança em abordar a presença de homens ligados às práticas religiosas afro-brasileiras que identificavam como homossexuais. Mas, ainda que tenham evitado o tema, eles acenaram para os possíveis motivos que mobilizariam homens a estabelecer relacionamentos com outros homens. Como houve uma associação entre prática religiosa e orientação sexual, a explicação inicialmente forjada pelos rapazes foi de que a “*macumba*” influenciaria a vida dos sujeitos que a praticavam. Estes se envolveriam com “*espíritos*”. Além da possessão, o desejo afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo foi explicado em termos de doença e distúrbio.

Ricardo – *Esses caras são doentes. Eu não entendo. Mano, a melhor coisa que tem no mundo é mulher, é a melhor coisa. Esses caras têm um problema, têm um problema, estão possuídos.* (risos)

Adílson – *Espera gordo [referência a Ricardo]. Às vezes o cara nasceu homem, mas tem a cabeça de mulher, isso é um problema mental. O cara tem um negócio na cabeça, eu já vi na televisão, tipo, com travesti. Ele é diferente não tem cabeça que nem a gente não.*

Denílson – *Esses caras ficam brincando com coisa séria, daí, dá nisso. Os caras ficam loucos.*

Outro elemento que figurou como justificativa para casos de homens que estabeleciam relações afetivas com pessoas do mesmo sexo foi o dinheiro. Tinham histórias para contar e conheciam casos que não estavam circunscritos aos praticantes de religiões afro-brasileiras e, tampouco, a sujeitos que poderiam ser identificados como doentes. Nesses casos, as únicas maneiras de compreender tal experiência tão desprestigiada por eles foi a mobilização de recursos, inclusive os serviços sexuais, como estratégias para “*subir na vida*”.

Tem um cara na minha rua que tinha o maior respeito [prestígio] na quebrada, tinha a maior moral. O cara tinha uma mulher da hora, bonita, tinha família, tinha tudo. Só que o cara largou tudo para viver com um cara rico. O cara largou a mulher dele, deixou tudo para virar uma bicha (risos). *Tipo, o cara deu tudo para ele, deu carro, deu moto, o cara vive na boa...* (Adílson, 19 anos, ensino fundamental)

Os relatos dos jovens de menor escolaridade tenderam a uma defesa categórica da heterossexualidade compulsória para homens e mulheres, sendo as diferenças percebidas como desvios. No caso das moças, as relações com pessoas do mesmo sexo, foram explicadas como resultado de relações afetivas de pouco êxito e de frustrações sentimentais; aos moços, a possessão espiritual, os distúrbios da psique ou a busca por uma melhoria econômica justificavam o afastamento de relações com mulheres, percebidas como naturais e como atestados comprobatórios da masculinidade. Para esses rapazes, ao “*queimar a rosca*”, expressão utilizada para referir-se ao coito anal,

um rapaz deixava de ser homem e tornava-se alvo potencial de violências físicas, morais e sexuais, que o tornavam feminino.

Denílson – *Lá na minha rua também tinha cada um desses. Tinha um cara, ele deve ter a minha idade, e ele era mocinha. Tem até umas histórias aí de que ele servia todo mundo.*

Adílson – *Só você não fazia nada (risos), não é? Cara que é assim aqui não tem vez. Se o cara dá ideia de que ele é boiola, sofre! Tem muito cara que vai só ficar tirando onda.... Mas, vixe! Tem uns que vão dá uma paulada.*

Ricardo – *Mas é disso que o cara gosta (risos). Estou brincando! Mas o cara tem que se cuidar, porque se ele passa num grupo que tem maldade na cabeça, pega ele e já viu. É cada história. Mas o cara é maior errado, porque queimar a rosca, mano? Dá o cu! Não tem coisa melhor do que mulher nesse mundo.*

Mais uma vez, o trabalho de Fry (1982) mostrou-se pertinente para compreender os comentários dos rapazes e a aversão destes à homossexualidade masculina. O autor identifica um sistema de representações sobre a sexualidade, não exclusiva, mas recorrente nas camadas pobres da população brasileira desde a década de 1970, e que parece se adequar também aos modos como esses três rapazes defenderam a heterossexualidade como um claro definidor da masculinidade.

(...) os machos [referindo-se ao sexo fisiológico dos indivíduos] são concebidos como pertencendo a duas categorias fundamentais, “homens” e “bichas”. A categoria “bicha” se define em relação à categoria “homem” em termos do comportamento social e sexual. Enquanto o “homem” deveria se comportar de uma maneira “masculina”, a “bicha” tende a reproduzir o comportamento geralmente associado ao papel de gênero feminino. No ato sexual, o “homem” penetra, enquanto a “bicha” é penetrada. (...) o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de “atividade” e “passividade”, o sentido de dominação e submissão. Assim, o “homem” idealmente domina a “bicha”. Além disso, a relação entre “homens” e “bichas” é análoga à que se estabelece entre “homens” e “mulheres” no mesmo contexto social, onde os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados (FRY, 1982, p.90)

A forma de argumentar sobre relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo se deu de maneira mais nuançada entre os rapazes de maior escolaridade. Nesses dois grupos, predominou o reconhecimento da homossexualidade como mais uma possibilidade de vivenciar a sexualidade, sendo que os entrevistados se reconheceram como mais tolerantes para o convívio e aceitação das práticas homoafetivas. Essa opinião sobre si não era estanque: percebiam-se como sujeitos que depois de discussões e debates, tornaram-se mais sensíveis para a questão. Esses moços reconheciam, por exemplo, que, no âmbito familiar e em outras agências como a igreja, haviam sido educados para repudiar relações entre pessoas do mesmo sexo, mas que, ao longo de suas trajetórias, tomaram contato com outros repertórios.

Eu fui criado em âmbito de evangélico. Foi um pouco o que atrapalhou nessa questão de aceitação, porque seria [ênfatisado na igreja o] culto ao ato bíblico e tal. Mas é muito essa visão mesmo, que fui criado na escola dominical e, assim, lá tem a questão do pecado, da genética, é muito forte. (Daniel, 24 anos, ensino médio concluído)

A nossa família reproduz aquilo que foi reproduzido para eles desde o nascimento. O pai sempre quer um filho homem: “meu filho vai ser homem! Vai ser que nem o pai: vai jogar bola, vai curtir samba”. Mas se ele tiver uma filha, ele vai ser mais cuidadoso, vai conversar. A gente nasce e vai se descobrindo, mas vai reproduzindo aquilo que vê. É uma lavagem cerebral. (Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Analisando os dados de pesquisa quantitativa com jovens de 18 a 24 anos em três capitais brasileiras, Heilborn, Bozon e Cabral (2006) constata um efeito significativo de geração na aceitação da diversidade sexual. Quando inquiridos sobre o que pensavam sobre pessoas que “transavam”³² com indivíduos do mesmo sexo, moças e rapazes acenaram para uma maior tolerância, mas essas respostas variaram significativamente considerando os níveis de escolaridade dos indivíduos participantes do inquérito. Enquanto 44,8% dos rapazes com ensino fundamental incompleto opinaram que “homens que transam com homens” são “doentes”, esse percentual foi de 25,1% entre aqueles que possuíam ensino médio e de 19,7% entre aqueles com ensino superior incompleto ou completo. Nestes dois últimos grupos, predominou a porcentagem daqueles que responderam que “essas pessoas podem transar com quem desejam”, resposta que alcançou a aceitação de 74,6% no grupo de maior escolaridade³³.

Segundo os rapazes desse grupo, as propagandas governamentais, a inserção da temática em novelas e filmes, as manifestações públicas de movimentos de defesa dos direitos civis dos homossexuais, como a Parada do Orgulho LGBT, provocaram reflexões sobre os valores que aprenderam na família e com os amigos acerca da homossexualidade. Para eles, ter acesso à informação permitiu tolerar pacificamente a diversidade sexual, sem que isso maculasse sua heterossexualidade.

Em horário nobre, no intervalo da novela, eu vi um comercial em que um pai incentivava seu filho gay a utilizar camisinha. O comercial mostra um pai bem estereotipado, tipo: com barriga, fazendo palavra cruzada, assistindo televisão, toco. E é ele que aconselha o filho dele para usar a camisinha, já que ele não sabe se o namorado dele vai ter. O comercial deixa subentendido que o cara é gay e que os pais dele sabem disso e não fazem drama. Isso é impensável para a geração do meu pai. Acho que isso mostra como é que as

³² Ao elaborar o questionário, os pesquisadores optaram por uma forma mais descritiva da prática sexual entre pessoas do mesmo sexo na solicitação aos entrevistados sobre suas percepções em torno da temática, que ainda apresenta um significativo grau de estigmatização na sociedade brasileira.

³³ Os dados também apresentam diferenças substanciais, quando confrontados jovens vinculados a igrejas pentecostais e jovens católicos ou sem religião.

coisas estão mudando. Tem mais abertura para falar sobre o assunto, tem menos preconceito nos meios de comunicação pelo menos.

(Diogo, 19 anos, ensino médio concluído)

No meu caso, acho que eu só mudei de opinião porque lá no meu bairro rolou uma campanha de prevenção de DST/AIDS e eu me envolvi com esses baratos. A gente começou distribuindo camisinha, fez oficina, daí começou a discutir mais.

(Daniel, 24 anos, ensino médio concluído)

Outro fator que teria contribuído para a mudança de postura e o convívio amistoso com homossexuais foi a constatação de que a cidade se constituía em um espaço que libertava os rapazes da vigilância de seus modos de ser e a avaliação das famílias e de vizinhos. A cidade, ou melhor, o centro da cidade, foi considerado um espaço multifacetado, em que a expressão das diversidades está mais assegurada e suas condutas menos vigiadas.

A cidade é um espaço de circulação. Você já é mais tolerante porque são espaços de circulação. Você não vai ter tanta... tanta interatividade com as pessoas. O espaço é mais aberto. É bem diferente você morar na Santa Cecília e na periferia. Eu não sei se dá para entender... os espaços de circulação são mais maleáveis. Se eu estou no meu bairro, não fico me mostrando muito ou então me enquadro naquilo que as pessoas estão querendo que eu seja. Na cidade não tem essa.

(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Eu acho que lá na periferia tem mais preconceito. Pode ver que os caras que são homossexuais e que moram lá, vem para cá para poder se expressar. É que lá [na periferia] o cara é zoadado. Tem medo de se expor. Eu tenho um vizinho que é homossexual e ele nem diz bom dia para mim. A gente foi criado junto, mas o cara é todo fechado.

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

Acho que essa coisa de circular, de você estar num monte de espaço, de estar na cidade faz toda a diferença. Você acaba entrando em contato com gente muito diferente de você e aí você acaba assumindo outros valores.

(Lúcio, 20 anos, estudante universitário)

Os comentários desses entrevistados sobre a pluralidade do centro urbano podem ser compreendidos a partir dos estudos sobre a região central da cidade e da visibilidade acerca da diversidade de modos de vida presentes nos perímetros mais cosmopolitas dessa espacialidade. Carvalho-Silva (2009), ao estudar a circulação de jovens homossexuais pobres em São Paulo, argumenta que a expressão da homossexualidade encontrou no centro um espaço promissor para sua constituição e evidência. O adensamento populacional, as disputas por territórios geográficos, as lutas por reconhecimento de direitos e participação, a miscelânea cultural, as motivações coletivas, os bem-sucedidos resultados dos movimentos sociais, a manipulação dos recursos comunicativos e o desenvolvimento econômico contribuíram para a emergência da face pública da homossexualidade na região central.

Segundo esse autor, a homossexualidade em São Paulo não experimentou um “mar” de tolerância em toda sua extensão, mas, sim, em territórios e caminhos fragmentados para sua aparição, apropriando-se de espaços possíveis na região central e configurando-se ainda como um tabu em vários cantos. Por isso, jovens moradores da periferia deslocam-se para o centro para encontrar locais mais abertos para uma sociabilidade homossexual ou, pelo menos, permeada por regras de maior tolerância e aceitação de seus estilos de vida. Entre os entrevistados de maior escolaridade, o contato com essa face mais pública e com as possibilidades apresentadas por ela abria brechas para reposicionamentos e mudanças de posturas, ainda que de maneira provisória e fragmentada. Foi sintomático, o fato de que Giovanni, no grupo de jovens universitários, e Matheus, entre os estudantes de ensino médio, tenham explicitado o caráter camaleônico e situacional de seus posicionamentos a respeito do tema. Estando com amigos do bairro, no jogo de futebol, em momentos de descontração, afirmaram participar de piadas e brincadeiras deferidas contra sujeitos reconhecidos como afeminados ou que desdenham relacionamentos homoafetivos.

Como aponta Bozon (2004) sobre a sociabilidade de moças e rapazes homossexuais³⁴, também no grupo de jovens universitários, Lucas e Wagner mostraram-se constrangidos em manter laços de amizade com colegas bi ou homossexuais. Momentos de intimidade comuns aos rapazes – como despir-se, tomar banho e dormir juntos – causariam medo frente à possibilidade da sedução e do desejo sexual. Contudo, para outros rapazes do mesmo grupo, e especialmente para os entrevistados do ensino médio, a permanência de laços de amizade com amigos e amigas que se “assumiram” como gays, lésbicas ou bissexuais se constituiu em verdadeiras provas, talvez as mais carregadas de tensões e dilemas, que contribuíram para declinar com preconceitos e estigmas.

Eu acho que é um exercício. Eu tenho muitos amigos homossexuais e é uma relação de exercício. Somos criados para não aceitar isso. Você é criado para ser macho, comedor, para ser o cara (...) como você lida com isso? Você nunca mais vai falar com a pessoa ou você lida bem com isso? Como você estabelece a relação? Você só consegue lidar com ela quando ela está presente, quando ela existe, quando você constata isso, quando você evita ter qualquer tipo de contato, você não vai saber lidar nunca com isso.

³⁴ A partir de estudos quantitativos do contexto francês, esse autor, demonstra como diversas manifestações de rejeição à homossexualidade criam um contexto de vida bastante particular para os jovens de orientação homossexual. Somados aos conflitos familiares e à existência de espaços geográficos pouco tolerantes, Bozon (2004) identifica uma dificuldade desse grupo em manter os laços de solidariedade entre os amigos de origem, em sua maioria, heterossexuais, que nem sempre está disposta a apoiar uma orientação “heterodoxa”, sendo forçados a buscar novos laços, em regra, com outros jovens que partilham da mesma experiência.

(Hélio, 25 anos, estudante universitário)

O E. é um puta camarada meu. A gente fazia várias paradinhas juntos, fazia curso juntos. O cara é firmeza, cem por cento mesmo. (...) Um belo dia ele virou para mim e disse que era bi. Eu pensei: o que esse cara está falando? Não entendi nada. Perguntei: “O que você está falando?” Ele disse: “Matheus, eu sou bi”. Caralho! Tá brincando comigo. Mano... O E.? Eu nem imaginava, o cara não dava pinta, porra. Eu fui traído pelo meu olho, porque na minha cabeça, tinha aquela concepção de cara que desmunhecava, mas o E., não. Eu fiquei no maior dilema. E agora? Porra! (...) Foi foda porque eu falava, falava, mas era um puta preconceituoso. Agora eu assumo (...) Mas a gente continuou a amizade, eu já até fui apresentado para um namorado dele, a gente tira a maior onda.

(Matheus, 24 anos, estudante universitário)

No contexto de amizades, até mesmo o questionamento desses modos de classificações puderam ser realizados. Fabrício explicitou que entre seus amigos havia uma “moda” em definir-se como bissexual.

Entre os meus amigos eu até brinco que está rolando uma modinha de todo mundo se definir como bi. “Eu sou bi! Eu gosto de pessoas, não gosto de homem, nem de mulher, que não sei o quê e pá”. Essas ideias... eu acho que está rolando muito isso, porque estão querendo mesmo romper com isso, tipo, ficar com homem, ficar com mulher, tipo, para curtir mesmo, para experimentar, todo mundo está se descobrindo e aí falar que é bi é o jeito que eles tem (...). Só que se uma amiga fica com uma mina, já é taxada de lésbica, já pensa assim, tipo, anda na rua e já é taxada.

(Fabrício, 25 anos, ensino médio concluído)

Eu acho que tem que tomar um pouco de cuidado, porque as pessoas têm vontade sexual, mas isso não é uma orientação. Ter vontade de ter uma relação sexual com homem, transar com um homem, não quer dizer que o cara é homossexual, nem se uma mina transa com outra mina. Isso não torna ninguém homossexual. Já é! Então, eu acho que assim, se tornou homossexual. Acho que a nossa sociedade bota tudo em caixinha, está ligado, enquadra tudo?

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

“Botar em caixinha” foi explicado como uma maneira de “enquadrar”, ou seja, normatizar as condutas cotidianas, em um momento sugestivo para experimentações no campo afetivo-sexual que é a juventude. Nesse sentido, alguns rapazes desse grupo, sem que houvesse contestação dos demais, posicionaram-se criticamente à manutenção da divisão que se impõe desde muito cedo para orientar as condutas sexuais, marcadas pela divisão entre “homossexuais” e “heterossexuais”. Reconheciam o esforço de alguns amigos em driblar essas taxionomias, ainda que lançando mão do uso de outra mais ambígua, mas que caracterizava mais adequadamente os modos como se relacionavam com “pessoas”.

Reconhecendo os modestos avanços na sociedade brasileira nessa questão, Fry (1982), Fry e MacRae (1983) e Carrara e Simões (2007) argumentam que a manutenção de um sistema dualista perpetua a divisão de indivíduos a partir de suas preferências sexuais e reforça a classificação de identidades sexuais. Mesmo contestando o estigma

de anormalidade ou doença, o movimento de defesa dos direitos homossexuais assumiu o dualismo hetero/homo que submete os indivíduos a fazer parte de categorias estanques.

Apesar de mais tolerantes e questionadores, os rapazes não escapavam de uma lógica subjacente a um modelo hierárquico. O preconceito contra homens com relações homoafetivas e os estigmas que recaem sobre esse grupo, em especial, a ideia de “feminilização” de seus comportamentos, emergiram como justificativas para que os entrevistados se apegassem aos marcadores de distinção socialmente reconhecidos como de uma masculinidade heterossexual. Os sujeitos identificados como homossexuais continuaram, assim, constituindo uma alteridade na argumentação desses rapazes de escolaridade mais elevada.

O pânico “*em ser confundido*” esteve presente em todo o debate dos rapazes universitários. E, na época, Matheus tinha preocupações com a educação de seu enteado, que foram apresentadas por ele no grupo de jovens com ensino médio.

Os universitários Giovanni, Hélio e Marcos constataram que, em seus grupos de convivência, havia moças e rapazes que se definiam como lésbicas e gays. Narraram os processos de aprendizagem envolvidos para o estabelecimento, inicialmente, de um convívio amistoso e, depois, de mais tolerância e abertura para a orientação sexual dos colegas, de modo que, no momento das entrevistas, viam-se como sujeitos capazes de conviver sem nenhum tipo de estranhamento com casais constituídos por pessoas do mesmo sexo. Contudo, enfatizaram a necessidade de marcar as fronteiras de suas identidades heterossexuais, de modo a não correr riscos de confundirem-se ou serem confundidos.

Ao mesmo tempo, se você tem um amigo [homossexual], você fica um pouco naquela: “Mano, será que esse cara vai me cantar?”. Um dia, um conhecido veio para mim e disse: “Mas você é bonito, hein!”. Eu disse: “Sei, ok!”. Fiquei encanado porque aquilo podia ser uma cantada.
(Giovanni, 22 anos, estudante universitário)

Antigamente era muito assim: “Digas com quem tu andas, que eu direi quem tu és”, mas hoje não. Se você tem uma identidade firmada, não tem problema nenhum com a sua sexualidade, então você não tem problemas em andar com um homossexual, isso não vai te afetar.
(Marcos, 23 anos, estudante universitário)

Como decorrência da amizade com sujeitos homossexuais, Giovanni, Hélio e Marcos relataram insinuações e brincadeiras que já haviam sido realizadas acerca de suas orientações sexuais. Para Marcos, era necessário criar toda sorte de estratégias para não se ver ameaçado pela acusação de que também estava aberto a relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. Os outros dois, embora se incomodassem com as brincadeiras,

relataram adotar como estratégia uma indiferença pública, de modo a arrefecer as motivações dos amigos. A preocupação e/ou incômodo apontaram a preeminência do gênero como organizador da apreensão acerca da homossexualidade masculina. Ainda que esses jovens tenham mais tolerância, a homossexualidade continua representando uma intimidação para a identidade masculina desses rapazes, sendo forte a necessidade de esconjurar a ameaça de tal acusação, ainda que reconheçam o caráter arbitrário de um sistema classificador e hierarquizante.

Entre os jovens de ensino médio, essa temática ganhou os mesmos contornos a partir do relato de Matheus, que, naquele momento, estava “*deseducando*” seu enteado. A criança, que tinha oito anos, segundo ele, havia sido criada sob os preceitos de orientações mais maleáveis com relação à conduta masculina. Morava com a mãe na casa da patroa, em um bairro nobre, mas, em breve, iria residir com ele no bairro Cidade Tiradentes. Para adaptar-se ao local e não sofrer com atos de discriminação, o rapaz viu-se responsável por fazer com que o garoto se adaptasse às práticas mais comuns dos meninos, o que implicava assumir posturas mais viris e desassociadas daquilo que percebia como mais comumente associado ao comportamento feminino ou de homossexuais.

Eu sei que é errado, mas eu me sinto deseducando o J. [enteado]. É completamente contrário ao meu pensamento, mas se eu não fizer isso, ele vai ser zoadado lá [Cidade Tiradentes]. A molecada lá é foda, mano! Os meninos já falam putaria, já fazem o cacete. E o J. é muito medroso, muito chorão, muito colado na mãe. Ele teve outra educação, está ligada? Então, acho que eu estou deseducando o garoto, tipo, para ele ter pelo menos uma postura mais firme, porque se não ele está na roça [perdido]. Os caras já vão por apelido nele e aí, está marcado.

(Matheus, 24 anos, ensino médio concluído)

O incômodo que Matheus possuía com relação às maneiras de se comportar de seu enteado advinha, segundo ele, sobretudo, do risco eminente da discriminação e dos sofrimentos que estes poderiam causar para uma criança. O comentário sobre sua atitude foi inicialmente repudiado pelos demais integrantes do grupo de entrevista, mas a preocupação do rapaz mostrou-se pertinente, de modo que, em se tratando de uma criança, os rapazes não viam outras chances, caso tivessem um filho, que não a de orientá-lo a encenar determinados comportamentos aprovados pelo grupo de crianças do qual fariam parte.

É a mesma coisa que você entrar para o sistema. Dar um salve para aquelas pessoas que ficam te avaliando, para você ser aceito. Mas você fica incomodado de fazer isso ou se acostuma. Eu não sei. Mas essa parada do Matheus é foda, porque o moleque já é de fora, é preto, é pobre, daí, ainda

ser tachado de viado porque não é esses moleque da rua, que vive falando de bandido, de moto... é foda! Não sei o que eu ia fazer...
(Renato, 24 anos, ensino médio concluído)

Ou seja, os jovens se percebiam mais tolerantes, partilhando de ideias de igualdade de direitos, mas isso não implicou o abandono de premissas que estabeleciam fronteiras, organizavam condutas pessoais e estruturavam suas orientações na educação, por exemplo, de crianças que estivessem sob sua responsabilidade. Em meio ao debate sobre a educação de Jeff, os rapazes de ensino médio foram os únicos a apresentar a existência de expectativas singulares sobre a masculinidade de homens negros, mais ou menos partilhados por eles, e que se distanciavam de comportamentos tidos como mais comuns ao universo feminino ou homossexual.

Os rapazes caracterizaram os homens negros como “*sofredores*”, “*discriminados*”, pertencentes a uma “*classe*” e, em decorrência desse pertencimento, aos negros em geral, segundo ele, era projetado a expectativa de uma postura que o assemelhasse a um “*lutador*” ou de alguém forte, o que justificava, em suas opiniões, uma resistência social maior com relação à homossexualidade de homens negros.

Matheus – *O cara já é preto, já vai sofrer racismo por causa disso e ainda vai ser homossexual, vai sofrer dobrado. Eu tenho um aluno que é preto, é homossexual e é gordo. Eu falo para ele que ele tem que se armar, porque ele vai sofrer três vezes mais...*
(...)

Daniel – *É aquela história, negro já é sofedor e ainda vai se queimar. Negro tem que ter cabelo raspado, tem que ser careca, tem que ser forte, tem que pegar mulheres. Se não, você paga dobrado, o preconceito da sociedade...*

Fabício – *Não sei, mas acho que tem a parada do próprio negro. É um negócio distorcido, mas é a ideia de que o negro tem que honrar a sua cor, não pode ser gay.*

Renato – *Como a gente diz na quebrada... não dá milho, não dá mancada [errar]. É que com negro, é meio assim: já sofre para caramba e ainda vai ser viado! Então, se você for negro e viado você está tirando, está zoando o restante da classe. Porque, na quebrada, a imagem que se tem é que homem negro tem que ser um guerreiro.*

Ao explicitar esses argumentos, os entrevistados não compactuaram necessariamente com eles, disseram apenas que estavam postos nos espaços por onde circulavam. Contudo, ser “*lutador*” e “*guerreiro*” são atribuições que esses rapazes constroem para forjar uma identidade masculina positiva (como se evidenciou no capítulo anterior), frente aos dilemas e angústias de ser pobre e negro. Ora, os estereótipos mais comumente associados aos homens que fazem sexo com outros homens destoam dessa idealização – afeminados, frágeis, vulneráveis, afetados e

delicados – não correspondendo aos modos como esses rapazes se percebem e às expectativas que possuem de seus pares.

O trocadilho insinuante “*esse negão aguenta tora*”, anunciado em tom de escárnio por Daniel no momento em que falávamos sobre o assunto, bem como as gozações e insinuações da contradição que seria se Matheus fosse homossexual, tendo em vista que ele era a figura mais alta e mais corpulenta do grupo – um ex-segurança de boates –, evidenciaram tensões que a homossexualidade de homens negros pode representar para esses moços. As análises realizadas por Moutinho (2003 e 2005) ajudam a compreender essas tensões. A autora tem-se dedicado a estudos que articulam raça e sexualidade e, a partir de análises de entrevistas e de etnografias, tem demonstrado que, se no eixo normativo e cotidiano o homem branco é superior e ativo, no eixo do erotismo, discursos que destacam aspectos da virilidade e potência sexual do homem negro, o tornam superior no domínio desejos. No caso de rapazes negros, pobres e homossexuais, tal associação possui enorme atrativo no universo afetivo, mas também contribui para dificultar a aceitação da homossexualidade nos contextos empobrecidos e racializados em que estão inseridos.

Assim, ainda que tenham apresentado modulações significativas acerca das avaliações das mudanças em curso na sociedade brasileira e suas consequências para as relações de gênero, as fronteiras que separam homens/mulheres e homens/homens assemelharam-se. No depoimento desses rapazes, *ser homem* é diferente de *ser mulher*, residindo, em última instância, nas distinções corpóreas e nos aspectos biológicos da natureza os atestados dessas diferenças. O questionamento dessa fronteira apareceu muito timidamente na fala de um jovem, ao mencionar os progressos da ciência médica com as cirurgias de mudança de sexo.

Além disso, *ser homem* é também ser heterossexual, sendo esta considerada como “normal”, “natural” ou, no caso dos mais escolarizados, hegemônica. As outras sexualidades, homossexualidades, bissexualidades foram, no máximo, definidas como “diferentes” ou tão subordinadas que, mesmo a desconfiança ou certeza do caráter arbitrário dessas classificações eram insuficientes para abandonar o privilégio de poder individualmente afirmar-se como heterossexual. Em que pesem os comentários de dois jovens acerca do aprisionamento dessas categorias para definir e normatizar as condutas sexuais, a heterossexualidade era um componente estruturador de uma hierarquia que orientava suas condutas. Por isso, é possível entender que “firmar uma identidade”, combater aspectos que poderiam associá-los a homossexuais ou incomodar-se com

insinuações foram preocupações apresentadas mesmo entre os jovens que se consideravam mais progressistas e/ou tolerantes.

TÓPICO 2 – AS EXPERIÊNCIAS DE JOVENS RAPAZES

El primer desafío del individuo no es otro que el de su posibilidad misma de existencia. Constituirse como individuo exige una soberanía sobre sí y una gestión de la separación hacia los otros. El interrogante original de una sociología del individuo es pues saber como el individuo es capaz de sostenerse en el mundo.
(MARTUCCELLI, 2007, p.63)

Com o trabalho realizado com os grupos de entrevista foi possível identificar semelhanças e diferenças sobre o que os rapazes têm a dizer de seu cotidiano de sociabilidade e sobre os valores e significados atribuídos a *ser homem*. A principal delas foi a visualização de modulações nas formas como rapazes de menor escolaridade (estudantes de ensino fundamental) e aqueles que já haviam concluído a educação básica ou ingressaram no nível superior abordaram questões referentes à caracterização e avaliação das mudanças sociais e seus efeitos no comportamento masculino; e à percepção de fronteiras e hierarquias que se apresentavam na relação com as mulheres e com a homossexualidade.

Tal distinção se apresentou também no momento em que os entrevistados elegeram personalidades que acompanhavam nos meios de comunicação. Quando foram incitados a escolher personalidades com as quais se identificavam positivamente, embora tenha sido comum a eleição de atores e cantores que tinham trajetórias de ascensão social e inserção positiva nos meios de comunicação, as justificativas variaram entre estes dois grupos. Para os jovens de menor escolaridade, a superação da pobreza e distanciamento do crime e da violência eram elementos mais preponderantes dos argumentos que justificaram suas afinidades; já entre os jovens de escolaridade mais elevada, a essas trajetórias somou-se o fato de as personalidades serem negras e/ou destoarem de determinadas características físicas, superando o racismo e modelos estéticos mais pregnantes na sociedade (magro, alto, forte, etc.).

Assim, além das diferenciações no que tange ao modo como estabeleceram fronteiras e hierarquias para definir o que é *ser homem*, os jovens também elegeram elementos distintos para marcar uma relação de desigualdade nos destinos e representações sociais de homens pobres e negros. Para o grupo formado por jovens estudantes do ensino fundamental, *ser homem* é diferente de ser mulher e ser homossexual (orientação sexual percebida como um desvio e doença) e a pobreza se constituía no grande desafio para a construção de uma masculinidade positiva. Para os grupos compostos por jovens com ensino médio concluído e por jovens universitários,

as fronteiras e marcações eram as mesmas, mas percebidas como mais fluídas na medida em que os itinerários das jovens se aproximavam cada vez mais dos deles e de ser a homossexualidade considerada uma orientação sexual mais presente no cotidiano, menos prestigiada e assustadora, mas tolerada.

Como explicar essas modulações? Para alguns jovens, a adesão a grupos de amigos na juventude foi apresentada como importante para marcar as diferenciações. A participação em grupos juvenis, em especial para alguns integrantes do grupo de ensino médio vinculados à cultura hip hop, alterou percepções sobre o pertencimento racial. Para os universitários, o ingresso no ensino superior, a frequência a festas e espaços de lazer, o convívio com pessoas da classe média e branca alteraram sentidos sobre si e sobre os outros. Enquanto isso, para os jovens de ensino fundamental, a ausência de emprego, de alternativas de vida e a proximidade ou vivência de atividades ilícitas foram predominantes para entender suas percepções sobre masculinidade.

Os jovens remeteram suas opiniões e percepções sobre o *ser homem* e a masculinidade a determinados contextos sociais nos quais estavam inseridos ou pelos quais transitaram e a experiências de aprendizagem particulares ocorridas em diferentes âmbitos. Esses apontamentos eram evocados pelos entrevistados na tentativa de matizar uma possível linearidade de seus posicionamentos e opiniões, marcando a existência de um passado mais distante, de um passado recente e do presente. Além disso, no caso específico de alguns jovens, essas considerações também foram realizadas na tentativa de argumentar contrariamente a certo essencialismo cultural que conecta o lugar social desses jovens às posições “*machistas*” das quais queriam se distanciar. Nesses casos, fizeram parte das entrevistas coletivas argumentos como “*no rap não tem só machista*”, “*nem todo mundo é igual na periferia*”, “*depende muito do modelo que o cara se inspira*”, etc.

Essas falas parecem importantes, visto que não é possível compreender os valores e os significados atribuídos a *ser homem* e à masculinidade sem levar em consideração as relações e os significados que os rapazes estabelecem no conjunto das experiências que vivenciam e a um contexto social determinado. Quando trataram sobre suas hipóteses acerca das mudanças que tornaram diferente as percepções de suas trajetórias e projetos em comparação à de seus pais, os quatorze jovens compartilharam da ideia de que há transformações significativas no que diz respeito à divisão sexual do trabalho, dos modelos familiares e das formas de lidar com a sexualidade. Contudo, a avaliação sobre estas foram nuançadas, variando entre aqueles que as percebiam a

horizontalidade entre homens e mulheres de maneira positiva, e aqueles que as contextualizaram como parte de um conjunto de situações que revelavam tempos mais difíceis para se forjar uma experiência masculina na sociedade brasileira. As percepções mais pessimistas foram dadas pelos rapazes de menor escolaridade e as mais otimistas pelos rapazes de maior escolaridade. A escola, entretanto, não foi um espaço destacado por eles como principal referência para a construção dessas noções.

Buscando aprofundar o entendimento sobre as maneiras como os jovens construíam algumas percepções sobre masculinidade realizei entrevistas individuais com três rapazes com vistas a obter suas narrativas de vida. Nelas, tentei capturar as experiências socializadoras que contribuíam para forjar seus modos de compreender a temática de investigação e elementos que poderiam colaborar para a compreensão de nuances de suas percepções. A escolha dos jovens não visou tomá-los como modelos, mas sim como exemplos de configurações possíveis das complexas tramas sociais que colaboram hoje para os processos de socialização e individuação na contemporaneidade. A seleção desses três jovens se orientou por critérios apresentados anteriormente, mas que volto a explicitar:

- f) Os três possuíam características semelhantes do ponto de vista fenotípico. A partir de uma hetero-classificação poderiam ser reconhecidos como negros. Contudo, cada um apresentava uma maneira singular para se definir racialmente: pardo, preto e preto/negro. Mais do que as taxionomias empregadas, aventei que essas maneiras de se identificar relacionavam-se também a percepções diferenciadas sobre *ser homem negro*;
- g) Cada um desses jovens avaliou de maneira diferente aspectos relacionados às relações de gênero, suas transformações e os impactos sobre as maneiras de significar a masculinidade;
- h) Cada jovem tinha alcançado níveis de escolaridade diferenciados. Um jovem era estudante do ensino fundamental, um tinha terminado o ensino médio e outro era universitário;
- i) Foi possível identificar nas entrevistas coletivas algumas especificidades nas trajetórias individuais: envolvimento com grupos juvenis, alto grau de engajamento na trajetória escolar, dificuldades para obtenção de trabalho.
- j) Os três jovens tinham disponibilidade para participar dos encontros individuais e demonstraram ao longo dos grupos de entrevista empatia pelo tema da pesquisa e interesse em dar continuidade aos diálogos.

Cada uma das entrevistas foi analisada separadamente para depois se observar as recorrências entre elas, o que usualmente é designado como análise vertical e horizontal das entrevistas. Essa análise deixou entrever algumas similitudes entre os jovens como, por exemplo, a recorrência de episódios na família e a influência da ação materna na configuração de algumas noções sobre o que é *ser homem*. A juventude emergiu como momento de experimentação intensa e contato, em alguns casos, com ideias que forçaram um reposicionamento frente às perspectivas e noções herdadas da família no que diz respeito aos modos de vivenciar a masculinidade e/ou a condição racial.

A leitura também acenou para diferenças entre os entrevistados como, por exemplo, o fato de que cada um deles atravessava momentos diferentes da vida. Um deles havia se casado há três meses e tentava se reorientar frente ao novo estado civil; outro estava em busca de um trabalho estável, um “*emprego de verdade*” para que pudesse se tornar “*homem de verdade*”; o terceiro cursava o último ano de sua faculdade, buscava por oportunidades de trabalho mais conectadas aos seus anseios pessoais e encontrava-se às voltas com novos dilemas de uma sociabilidade que ocorria no circuito universitário e em áreas nobres de lazer da cidade de São Paulo.

Os próximos capítulos se debruçam sobre a narrativa de vida reconstruída por cada um desses três rapazes, a partir de um eixo temporal que tem início nas primeiras recordações vividas na família e se encerra com o tempo presente, considerando o momento da realização das entrevistas, que ocorreram no primeiro bimestre de 2008.

Como já discuti no primeiro capítulo desta dissertação, no senso comum, ser homem é fundamentalmente duas coisas: não ser mulher e ter um corpo adulto que apresente órgãos genitais socialmente definidos como masculinos. Trata-se de uma reflexão ingênua, visto que remete a caracteres físicos uma questão de identificação pessoal e social. Os atributos físicos dos sujeitos são apenas um pano de fundo sugestivo e ambíguo para a organização cultural e social do gênero e da sexualidade. O que homens e mulheres são, o tipo de relações que acontecem entre eles, as noções que informam à sociedade sobre os lugares sociais ocupados por uns e por outros não são simples reflexos ou elaborações de dados biológicos, mas em grande medida produtos de processos sociais e culturais, que constroem inclusive percepções específicas sobre as diferenças corpóreas (ALMEIDA, 2000).

Posicionar-se dessa forma implica em recusar qualquer determinismo biológico e considerar homens e mulheres produtos de relações sociais, históricas e culturais, num contexto em que se aprende não um único “papel sexual”, mas em que há a convivência

entre múltiplas masculinidades e feminilidades engendradas por relações de poder e articuladas por outras relações sociais de classe, de raça, etc. Nesse sentido, o que rapazes afirmam sobre *ser homem* reflete uma construção social sobre o sexo na qual a representação simbólica da masculinidade, em articulação com outros marcadores sociais, tem papel importante na definição de suas percepções, atitudes, comportamentos, etc.

Compreender os significados atribuídos por jovens negros e pobres acerca da masculinidade implica reconhecer as especificidades de suas trajetórias e aprendizagens, visto que são nos processos de socialização e individuação que articulam noções sobre sexualidade, gênero, raça, e, assim, negociam, aceitam ou rejeitam as percepções correntes dos contextos sociais em que estão inseridos. Ao refletirem sobre os temas propostos pela investigação, os rapazes comumente recorreram às suas próprias experiências e a um universo de domínio de saberes, ao invés de se remeterem a uma fala genérica e universal, embora muitas vezes reconhecessem uma ideia comum mais ou menos predominante e recorrente em seu cotidiano.

As percepções de nossos informantes estão, portanto, intimamente associadas às maneiras como foram socializados, aos modos como se identificam e como construíram e continuam construindo suas subjetividades. São a essas experiências que me atenho a discutir neste momento, porém, antes de me voltar a elas, é preciso explicitar as categorias que informam meu olhar com vistas a compreender os processos de *socialização e individuação* no contexto contemporâneo.

Socialização e individuação: um contínuo processo de construção

Assim como as muitas desigualdades presentes nas relações sociais, as assimetrias nas relações de gênero e raciais são experimentadas concretamente pelos indivíduos nas interações sociais da vida cotidiana. É no processo de socialização que as identificações, *performances*, sentidos e significados de gênero e de raça são introjetados nos indivíduos, que desde o seu nascimento vão se consolidando ao longo de suas experiências de vida e seguem sendo transmitidas às gerações seguintes, modificadas por avanços e retrocessos nesse campo (CAVALLEIRO, 2000, 2003; OLIVEIRA, 2007). A reflexão sobre aspectos da interiorização da realidade pelos indivíduos e do processo de socialização auxilia na compreensão dos motivos pelos quais mudanças nas estruturas das relações sociais ocorrem de forma complexa e, muitas vezes, morosa.

É possível dizer que a socialização designa um único processo mediante o qual os indivíduos se integram a uma sociedade ao adquirir determinadas competências necessárias para viver nesta, e a sociedade se dota de certo tipo de indivíduos. Se é possível definir desta maneira a socialização, menos clarividente é localizar consensos sobre a descrição deste processo, visto que estudiosos, preocupados com essa interação entre indivíduo e sociedade, variaram suas análises ao longo da história da sociologia (MARTUCCELLI, 2007). Para este trabalho, as definições contidas nas formulações de Berger e Luckman (1985), mostraram-se inicialmente pertinentes para compreender os processos de socialização.

Foram necessárias pontuações sobre esse trabalho e sua aplicabilidade para as mudanças e processos decorrentes da expansão das especificidades do mundo moderno. Porém, a percepção dialógica proposta por esses autores acerca da relação entre indivíduo e sociedade e a distinção realizada entre socialização primária (da primeira infância) e as socializações secundárias às quais está submetido todo o indivíduo ao longo de sua vida – em acordo com autores como Dubar (1997), Setton (2005) e Martuccelli (2006) – são aspectos importantes para compreender as trajetórias e processos de socialização experimentados pelos rapazes entrevistados.

Em *A construção social da realidade*, Berger e Luckman empreendem um esforço analítico para responder à seguinte indagação: como se constrói, se mantém e se altera uma realidade vivida e experimentada pelos indivíduos? A hipótese deles é a de que a realidade social é construída, compartilhada e percebida pelos indivíduos no seu cotidiano, onde se constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir, ou seja, é na vida diária dos indivíduos que se constroem as práticas, os sentidos, as regras, os modos de se comunicar, ver e viver, ou, de maneira mais sintética, a realidade social. Tendo em vista esse pressuposto, o trabalho dos autores consiste em identificar como é que este cotidiano é forjado.

Uma primeira ideia contida neste estudo é a de que o ser humano é um produto social e, ao mesmo tempo, sua realidade é fruto de uma produção humana. Essa premissa se ampara na afirmação de que o homem é sempre e necessariamente um empreendimento social. Há uma especificidade no processo de “tornar-se humano” que se efetua concomitantemente frente a um ambiente particular que é ao mesmo tempo natural e constituído por uma ordem cultural e social específica. A sobrevivência da criança humana depende de certos dispositivos sociais: a direção de seu desenvolvimento orgânico é socialmente determinada e sua constituição biológica está

submetida a uma multiplicidade de orientações socioculturais. Esta ideia se torna particularmente visível quando verificamos que as formas de “tornar-se” e “ser” humano são tão numerosos quanto às próprias culturas humanas.

O período durante o qual o organismo humano se desenvolve até completar-se na correlação com o ambiente é também o período durante o qual o eu humano se forma. Por conseguinte, a formação do eu deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, no qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos (BERGER; LUCKMAN, 1985, p.73)

O caráter do “eu” como produto social não se limita à configuração particular com a qual o indivíduo se identifica como sendo ele mesmo (por exemplo, como “um homem”), mas como o equipamento psicológico amplo que serve de complemento a essa particular configuração (por exemplo, emoções, atitudes e reações somáticas). Portanto, o organismo e, ainda mais, o “eu” não podem ser devidamente compreendidos fora do particular contexto social em que foram socializados. Essa relação entre o organismo humano e o eu humano em um ambiente socialmente determinado, segundo os autores, devem ser entendidos no bojo da relação particularmente singular da condição humana, pois homens são dotados de um corpo que podem manipular, experimentar, identificar e dispor.

Esta originalidade da experiência que o homem tem de seu próprio corpo leva a certas consequências no que se refere à análise da atividade humana como conduta no ambiente material e como exteriorização de significados subjetivos (BERGER; LUCKMAN, 1985, p.74).

A *exteriorização* é capaz de construir uma ordem social progressiva, elaborada de maneira contínua, o que significa também afirmar que a ordem social não é dada biologicamente nem derivada de quaisquer elementos naturais. Ou seja, não é possível atribuir-lhe qualquer outro status ontológico a não ser o de que tanto sua gênese e sua existência em qualquer tempo só existem na medida em que a atividade humana continua a produzi-la. Essas duas ideias, de que o ser humano é social e de que a ordem social é produção humana, fazem emergir a concepção de um processo dialético da sociedade que a torna continuamente possível (DAYRELL, 2005; OLIVEIRA, 2007).

Esse processo é composto também por outros dois momentos vividos socialmente de maneira simultânea e não linear: a *objetivação* e a *interiorização*. Para explicitar o que compreendem por objetivação, Berger e Luckman apresentam um longo percurso de conversão de hábitos em instituições. De maneira resumida, afirmam que: a atividade humana está sujeita ao hábito; a formação de hábitos precede toda a institucionalização, que ocorre sempre que há uma tipificação de ações habituais,

partilhadas e acessíveis a todos os membros de um grupo social; as instituições controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, canalizando-a em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis; o processo pelo qual os produtos exteriorizados da atividade humana adquirem o caráter de objetividade (é a objetivação).

É nesse processo que as reservas de sentido objetivadas e processadas pela sociedade são conservadas em reservatórios históricos de sentido e administradas por instituições. Estas últimas devem conservar e disponibilizar o sentido para a ação e conduta do indivíduo que tem a necessidade de consumi-los, mas também de produzi-los. O sentido objetivado está em constante interação com o sentido subjetivamente constituído e com o projeto individual da ação³⁵. Por meio da apropriação dos sentidos objetivados, o indivíduo cumpre papéis a ele atribuídos pela sociedade na forma de esquemas institucionalizados da ação e conduz sua vida no sentido de currículos de vida assegurados institucionalmente, pré-moldados socialmente e com algum grau de autoevidência.

Os *programas institucionais* são *internalizados* na consciência do indivíduo e o dirigem em seu agir como se fossem dele próprio, sem com isso negar que em todo processo há fissuras, quando não verdadeiras rupturas, tendo em vista as especificidades dessa ação. A *interiorização* é o nome dado ao processo pelo qual o mundo social objetivado é reintroduzido na consciência no curso da socialização, momento no qual um novo indivíduo (ou uma nova geração) é induzida a tomar parte na dialética da sociedade. A interiorização é definida como “a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem” (BERGER; LUCKMAN, 1985, p.174), e que se torna subjetivamente significativo para o indivíduo. Esse processo constitui a primeira base da compreensão de nossos semelhantes e da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. É aqui que o indivíduo assume um mundo no qual os outros já vivem como seu e, por meio dele, se torna um membro da sociedade que posteriormente pode ser modificado ou até recriado³⁶.

³⁵ Na abordagem dos autores fica evidente que a compreensão de que as instituições são objetos, maneiras de ser, de pensar, ou seja, uma norma de conduta estabelecida e reconhecida como tal por um grupo social.

³⁶ Ao apresentar essa tríade, Berger e Luckman querem enfatizar o caráter da sociedade como uma realidade subjetiva, exteriorizada, e permeada por processos de objetivação e interiorização. O mundo objetivo apresentado aos indivíduos nada mais é do que uma construção, estranha e exterior a ele, mas permeado por sentidos construídos por outros. Sendo, assim, o mundo objetivo poderia, na perspectiva

O processo ontogenético pelo qual isto se realiza é a socialização, que pode assim ser definida como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 175)

Na perspectiva destes autores, a socialização não é interrompida em um determinado momento da vida. Apontam seu caráter simultâneo e apresentam diferenças entre socialização primária e socialização secundária para distinguir dinâmicas e singularidades do modo como os indivíduos apreendem a realidade e a ordem social.

Socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. (BERGER; LUCKMAN, 1985, p.175)

A socialização primária ocupa grande centralidade na avaliação dos autores por tratar-se do momento de imersão da criança em um mundo social no qual vive não como um universo possível entre outros, mas como o mundo, o único mundo existente e concebível, o mundo *tout court*. Essa imersão se faz a partir de um conhecimento de base que serve de referência para que ela consiga objetivar o mundo exterior e ordená-lo por intermédio da linguagem. É a incorporação desse saber de base *na* e *com* a aprendizagem primária da linguagem que constitui o processo fundamental da socialização primária, pois assegura a posse subjetiva de um eu e de um mundo exterior.

Os significativos na socialização primária são impostos à criança. As definições dadas por aqueles que se encarregam por sua socialização – pais ou outros responsáveis adultos – apresentam-se como a realidade objetiva e estão condicionadas às escolhas (filtros) de aspectos do mundo em acordo com a própria localização desses na estrutura social e em virtude de suas idiossincrasias. É nesse sentido que crianças de famílias negras, por exemplo, não somente absorvem uma perspectiva própria da vivência de sujeitos negros a respeito do mundo social e do racismo, mas absorvem esta percepção a partir de sentidos específicos e particulares apresentados por seus pais ou responsáveis adultos.

Este processo pode introduzir um estado de espírito de contentamento, indiferença, resignação, amargo, ressentimento ou fervente rebeldia frente às

dos autores, ser recriado pelos próprios homens na necessidade de exteriorizar suas subjetividades. Martuccelli (2006) avalia que a consciência do caráter construído da realidade social confunde-se, no trabalho de Berger e Luckman, de maneira ligeiramente imprecisa com a afirmação de que pode ser transformada pela vontade humana. Para ele, uma vez objetivados, os fatos sociais adquirem uma vida clara independentemente da vontade humana, porque são frutos de uma interdependência de ações. Este é, segundo esse pesquisador, um dos limites essenciais da abordagem apresentada em *A construção social da realidade* por perceber a constituição da vida social a partir da na consciência subjetiva.

desigualdades e vicissitudes de ser negro no Brasil. Como consequência, essa criança pode não somente habitar um mundo diferente do que é próprio de uma criança branca, mas pode chegar a ter um mundo inteiramente diferente daquele que mora na casa ao lado e também é oriundo de uma família negra³⁷³⁸. O mesmo pode-se dizer das relações de gênero, uma vez que é na família que a criança inicia o processo de construção de sua subjetividade e começa a incorporar práticas determinadas socialmente por seu sexo biológico.

Outra especificidade atribuída à socialização primária é de que ela é carregada de alto grau de emotividade e afetividade entre o indivíduo e seus outros significativos, sem os quais a aprendizagem seria mais difícil ou impossível, pois a criança se identifica a partir de uma multiplicidade de modos emocionais e, qualquer que seja a interiorização, só se realiza quando há identificação. É por meio desta última que a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível, de assumir e absorver os papéis e as atitudes dos outros, de assumir o mundo deles. Mais uma vez, Berger e Luckman chamam a atenção para o fato de que esse processo não é unilateral e implica negociação entre a identificação pelos outros e uma autoidentificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada.

É nesse processo que, aos poucos:

A socialização primária cria na consciência da criança uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes em geral. Por exemplo, na interiorização das normas há uma progressão que vai da expressão “mamãe está zangada comigo agora” a esta outra “mamãe fica zangada comigo toda vez que eu derramo a sopa”. A abstração de papéis e atitudes dos outros significativos concretos é chamada o outro generalizado. Sua formação na consciência significa que o indivíduo identifica-se agora não somente com os outros concretos, mas com uma generalidade de outros, isto é, com uma sociedade (BERGER; LUCKMAN, 1985, p.178).

É a incorporação deste *saber de base na e com* a aprendizagem primária que constitui o processo fundamental da socialização. Ela assegura em simultâneo a posse subjetiva de um *eu* e de um mundo e a consolidação dos papéis sociais. Estes últimos são definidos por Berger e Luckman como tipificações de condutas socialmente objetivas, modelos predefinidos de condutas típicas e códigos que permitem a definição

³⁷ Berger e Luckman dão esse mesmo exemplo, mas utilizando como distinção a socialização ocorrida no âmbito de famílias de classes superior e inferior.

³⁸ Cavalleiro (2003) estudou três gerações de famílias negras constatando modos singulares de socialização de crianças para o racismo, que oscilaram no tempo e segundo as mudanças sociais e políticas nos modos como as famílias assumiam seu pertencimento racial.

social das situações que no quadro de uma situação comum são pertinentes tanto aos olhos de ego como do outro.

A socialização secundária, por sua vez, não é um simples mecanismo de reprodução da socialização primária. A vida cotidiana traz, na perspectiva de Berger e Luckman, a necessidade de novas aprendizagens frente à divisão do trabalho, a necessidade de aquisição de outros conhecimentos para lidar com novas questões que emergem de sua vida prática, emocional e existencial. Nesse processo, a escola e as vivências do mundo do trabalho são àquelas mais exploradas pelos autores, sem que com isso neguem a existência de outras dimensões. Diferente da socialização primária, que não pode ser realizada sem uma identificação, carregada de emoção, da criança com seus outros significativos, segundo os autores:

A maior parte da socialização secundária pode dispensar este tipo de identificação e prosseguir eficientemente só com a quantidade de identificação mútua incluída em qualquer comunicação entre seres humanos. Dito às claras, a criança deve amar a mãe, mas não o professor (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 188)

Contudo, em um texto mais tardio, Berger (2006), em colaboração com Kellner, retoma o debate sobre a socialização secundária, avaliando o casamento como uma experiência capaz de rearticular normas, experimentar relações significativas e processar novas validações para a compreensão da realidade social. Nesse texto, o autor declina com essa diferenciação entre socialização primária e secundária, considerando também pertinentes aspectos emocionais e afetivos que estão envolvidos na negociação do casal nos processos comunicativos. Ou seja, a socialização secundária também está engendrada por processos de identificação e carregada de emoção.

Na acepção de Berger e Luckman a socialização secundária é a “interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições”, cujo caráter e extensão estão determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a distribuição social do conhecimento. Trata-se da incorporação de saberes especializados, mecanismos conceituais que têm vocabulário, receitas (ou fórmulas, proposições, procedimentos). Um programa formalizado e um verdadeiro “universo simbólico” veiculando uma concepção do mundo, mas que, contrariamente aos saberes de base da socialização primária, são definidos e construídos por referência a um campo especializado de atividades, situados diversamente no interior do universo simbólico, são *realidades parciais*. Outra distinção feita pelos autores com relação a essa segunda socialização é de que ela precisa de um aparelho legitimador, pois depende do status do corpo de conhecimento em questão no interior do universo simbólico em totalidade. Quanto mais

reconhecido socialmente é o saber ou o conhecimento que essa segunda socialização engendra, maiores são as chances e possibilidades dos sujeitos se apropriarem dela.

A aquisição destes saberes pressupõe a socialização primária anterior e coloca, de partida, um problema de consistência entre as interiorizações primitivas e novas, o que pode acarretar problemas de maior ou menor dificuldade: desde o simples prolongamento da socialização primária por uma socialização secundária cujos conteúdos concordam, simultaneamente, com o mundo vivido pelos membros da família de origem e, portanto, com os saberes construídos anteriormente, até a transformação radical da realidade subjetiva construída. A análise pormenorizada deste último caso pressupõe que a socialização secundária possa constituir uma ruptura em relação à socialização primária como, por exemplo, quando a criança com mais idade acaba por reconhecer que o mundo representado pelos seus pais é, de fato, o mundo das pessoas sem educação, o mundo das camadas populares. A tese defendida pelos autores é que, neste caso, são necessários vários choques biográficos para desintegrar a realidade massiva interiorizada durante a primeira infância (Dubar, 1997).

Esses ao acompanharem um duplo processo de “mudança de mundo” e de “desestruturação/reestruturação de identidade” pressupõem, para terem êxito, as condições seguintes: a) uma disjunção entre os papéis reais e os virtuais, ou seja, entre o papel ocupado e aquele almejado; b) forte compromisso pessoal e elaboração de estratégias que assegurem uma forte identificação com o futuro papel desejado; c) um processo institucional e um compromisso dos socializadores com esse deslocamento do indivíduo; d) uma estrutura de plausibilidade que reconheça essas mudanças como legítimas.

Quando a ruptura é possível ou quando a socialização secundária ganha relevância em relação a socialização primária? Quando a socialização primária não foi conseguida por várias razões (acidentes biográficos, etc.) e, nesses casos, a socialização secundária permite construir uma identidade. Ou quando as identidades da socialização primária se tornam problemáticas e débeis. Esta última situação é particularmente provável num contexto socioestrutural de mobilidade acentuada, decorrente, por exemplo, de transformações na divisão do trabalho e na distribuição social dos saberes. Nessas situações, a questão da socialização secundária torna-se um problema essencial. Ela já não está ligada aos insucessos da socialização primária, mas sim às pressões exercidas sobre os indivíduos para modificar suas identidades e torná-las compatíveis às

mudanças em curso. A construção de um aparelho de socialização secundário eficaz torna-se um desafio essencial ao êxito do processo de mudança social.

Por fim, vale expor as considerações de Berger e Luckman sobre a conservação da realidade subjetiva e objetiva. Não sendo a socialização jamais completa e estando os conteúdos continuamente ameaçados, toda sociedade é capaz de criar procedimentos de conservação da realidade para salvaguardar certo grau de simetria entre a realidade objetiva e subjetiva. Um desses mecanismos é nomeado pelos autores como *legitimação*, cujo objetivo é a manutenção da realidade objetivamente definida. Servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares e tornar acessível e subjetivamente plausível as objetivações que foram institucionalizadas. A legitimação explica a ordem institucional outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados, normatizando seus imperativos práticos.

Plausibilidade refere-se aqui ao reconhecimento subjetivo de um sentido global “por trás” dos motivos do indivíduo e de seus semelhantes, motivos predominantes no que diz respeito à situação, mas apenas parcialmente institucionalizados, tal como acontece na relação do chefe e do sacerdote, do pai e do comandante militar, ou até, no caso de um mesmo e único indivíduo (...) correlacionando a ordem institucional total com vários indivíduos que participam dela em diferentes papéis, ou com vários processos institucionais parciais de que um único indivíduo pode participar em qualquer dado (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 127)

Por seu turno, *os outros significativos* na vida do indivíduo são os principais agentes da conservação da realidade subjetiva, ou seja, da realidade tal como é aprendida na consciência individual. E também os outros menos significativos funcionam como um coro para essa conservação. Mães, pais, filhos, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, e até mesmo pessoas com as quais o indivíduo se encontra apenas episodicamente e com as quais estabelece uma relação de pouca proximidade, reafirmam o que ele é e o colocam em um sistema de relações.

Vez ou outra há algum desacordo entre essas pessoas, mas compete ao indivíduo procurar coerência para resolver ou modificar sua realidade. Assim como a realidade objetiva precisa de apoio e legitimação, a realidade subjetiva depende de estruturas específicas de plausibilidade, isto é, da base social específica e de processos sociais para sua conservação. O indivíduo só é capaz de conservar sua autoidentidade se contar com outras pessoas de importância em seu meio que a confirme. Trata-se da base social que torna possível a suspensão da dúvida, sem a qual *a definição da realidade em questão não pode se conservar na consciência*.

Explicitada essas ideias gerais, importa agora considerar as especificidades da modernidade e suas consequências para a socialização e construção da realidade. Continuo a me apoiar nos escritos de Berger e Luckman, mas, desta vez, em um trabalho realizado trinta anos após a primeira edição de *A construção social da realidade*. Denominado *Modernidade, pluralismo e crise de sentido* (2004), neste segundo trabalho eles buscam explicitar e limitar a mudança ocorrida na condição humana na modernidade. Ainda com base nas teses que outrora desenvolveram, os autores enfatizam, mais do que na sua obra precedente, a pluralidade dos universos de sentidos aos quais são confrontados os indivíduos, como uma teia complexa e contraditória.

O centro da crise moderna decorreria, de acordo com os autores, do pluralismo, que conspira contra a coerência de um conjunto de sistemas de valores, gerando um conflito permanente entre grupos de atores para impor a sua produção de sentidos. A modernidade tem como traço característico uma diversidade de formas de existência, de valores que acionam modos de agir específicos. No momento contemporâneo, a própria ideia de tolerância foi elevada a um princípio “elucidativo” sobre as diferentes ordens coexistentes e muitas vezes concorrentes. Os valores comuns não são dados a todos, assegurados estruturalmente e tampouco concordantes.

Portanto, a sociedade é marcada por uma heterogeneidade de princípios que não estão referidos a uma ordem comum, pelo contrário, estão marcados pela ambivalência, fazendo parte de um jogo de competitividade e disputa de produção, comunicação e imposição de sentidos para a vida social. Essas características da sociedade moderna que as distinguem essencialmente de suas predecessoras são também as que prejudicam a estabilização de sentidos. Torna-se mais difícil promover concordância nos processos em que se forma a identidade pessoal, mas também é mais difícil promover a comunhão de sentido no próprio seio da sociedade.

Os indivíduos crescem em um mundo em que os valores comuns já não são mais estáveis, pois estes estão “*descanonizados*”.

As sociedades modernas não conseguem mais realizar de maneira igual e relativamente exitosa uma função básica e antropológica que todas as sociedades têm de realizar, ou seja, geração, comunicação e preservação de sentido, como puderam fazê-lo outras ordenações sociais do passado. Apesar de as sociedades modernas terem desenvolvido ou permitido o desenvolvimento de instituições especializadas de produção e comunicação de sentido, não estão mais em condições de comunicar ou preservar ordens supra-ordenadas de sentido e valor, obrigatórias em geral (BERGER; LUCKMAN, 2004, p. 80).

A origem permanente da crise subjetiva de sentido claro da modernidade reside na sua estrutura social específica. Os indivíduos têm uma aspiração insatisfeita de coerência simbólica: os valores gerais não se aplicam mais a todos, e não se espelham com a mesma intensidade para todos os domínios sociais. O resultado é a dificuldade de se estruturar uma harmonia. A confiança tácita que os autores concediam em 1966 aos mecanismos de manutenção do universo simbólico aparece fendida nesse segundo escrito (MARTUCELLI, 2006). A visão dos autores é sem dúvida mais incerta que no passado, mas recusam uma representação demasiado trágica e inútil³⁹. Os indivíduos na modernidade de modo algum são sitiados pela angústia, pelo vazio existencial ou estão fadados a construir de maneira solitária sua existência; pelo contrário, orientam seu agir e sua conduta de vida segundo valores que imperam na sua *comunidade de vida*⁴⁰. Mesmo os que agem “*imoralmente*” pautam-se pela moral em vigor, procurando esconder ou desculpar suas infrações às normas: “*a hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude*” (BERGER; LUCKMAN, 2004, p.87).

Certamente, muitas vezes, em muitos domínios os indivíduos vacilam na dúvida e demonstram cansaço frente à explosão de escolhas que se oferecem a ele. Mas esta mesma sociedade inventa novas instituições de produção e transmissão de sentidos como, por exemplo, as *instituições intermediárias*⁴¹ que conseguem amortecer as crises de sentido ou, pelo menos, operar de modo “*terapêutico*”. Ou seja, não podem agir contra a diferenciação e o pluralismo – para os quais não há remédio –, mas abrandar seus efeitos dando sentidos supraordenados que confortam o indivíduo.

O programa é modesto, mas, pensamos nós, realista: as instituições intermediárias (...) apoiam os “pequenos mundos de vida” de comunidades de sentido e eventualmente também de convicção e educam ao mesmo tempo seus membros para serem portadores de uma “civil society” pluralista (BERGER; LUCKMAN, 2004, p. 83).

As últimas considerações dos autores indicam que, mais do que no passado, na sociedade moderna os indivíduos precisam gerir os diferentes valores que orientam sua ação e aprender a lidar com a pluralidade. Mas essa mesma sociedade dá ao indivíduo, ainda que de maneira parcial, certos pontos de apoio para sua experiência e sua ação

³⁹ Os autores fazem críticas àqueles que defendem a necessidade de recuperar valores e tradições de modo a garantir uma maior coesão social, mas também criticam a reflexões pós-modernas que depositam no pluralismo o motivo para a constituição de um indivíduo atormentado.

⁴⁰ Trata-se do grupo mais próximo de relação diária do indivíduo, com o qual ele estabelece uma relação cotidiana, como a família, o grupo de amigos – do bairro, do trabalho ou da escola –, vizinhos, etc.

⁴¹ As instituições intermediárias são definidas como comunidades de convicção com organização local, como, por exemplo, diversos grupos juvenis, instituições como a igrejas enraizadas localmente, associações de bairro, etc.

diária. O indivíduo recebe um conjunto de representações e critérios úteis definidos *a priori*, mas na rapidez das mudanças da modernidade é capaz de forjar outros tantos ao longo de sua vida. Assim, é possível entender as diferenças biográficas individuais e a emergência de novos significados partilhados, ainda que por um grupo determinado (BERGER; KELLNER, 2006).

Ou seja, o indivíduo está no mundo sustentado por suportes, como também indica Martuccelli (2007), graças aos quais os atores logram assumir o peso de sua existência. Por mais que a natureza dos vínculos sociais se modifique, a cultura é um suporte simbólico que envolve o indivíduo, bem como o conjunto de relações sociais que estruturam sua experiência. A dissociação da qual procede o indivíduo moderno o obriga a buscar um conjunto de suportes (relações, atividades, objetos) a fim de dotar-se de uma “solidez” que não percebe mais em si mesmo. Na modernidade, a primeira demonstração, indissociavelmente social e existencial, à qual está confrontado o indivíduo é a de lograr sustentar-se em um mundo que não continua mais com a força com teve em outros tempos.

Essas considerações assemelham-se àquelas feitas por Mellucci (2004) e Pais (2007). O primeiro sugere que, na busca de sua identidade, um indivíduo está fadado a estabelecer uma relação com outros (significativos) para reforçar sua autoidentificação ao encontrar algum grau de aceitação e solidariedade nas relações. Pais avalia que na modernidade há predominância de um campo aberto às experiências, mas essas não se dão na incerteza e sem parâmetros de ação. Os indivíduos seguem sendo socializados através de fatores culturais que formam sua personalidade, mas esta socialização opera em um contexto social no qual a cultura possui cada vez mais um papel ambivalente. Ela já não é mais somente uma garantia de acordo durável entre o indivíduo e a sociedade, pelo contrário, tornou-se agente ativo de cisões. No contexto atual, de pluralismo crescente, de informações sem fronteiras e de globalização, o indivíduo está obrigado constantemente a reinterpretar os elementos culturais estrangeiros, a produzir uma série de hibridizações, cujo grau de correspondência ou adequação com a sociedade de origem generaliza a aparição de fenômenos de desequilíbrios.

O interesse sociológico crescente pelo trabalho do ator é consequência de uma representação de conjunto sobre a vida social: se o indivíduo se converte em objeto principal de reflexão, é, segundo alguns, porque agora as mudanças sociais são mais visíveis a partir de biografias individuais do que de estudos de grupos ou classes sociais (MARTUCELLI, 2007, p.34, tradução minha).

A socialização, nesse sentido, pode ser vista em termos da construção de uma experiência (Dubet, 1994). Dito de outra maneira, a unidade da socialização não está mais dada aos atores, mas deve ser construída por eles. A diferenciação social crescente aumenta o fosso entre as posições sociais e as motivações individuais ao ponto em que sua junção não pode mais ser assegurada pelo viés dos esquemas organizados de ação. Existem tarefas objetivas delimitadas, mas as motivações e as orientações subjetivas consensuais não são mais tidas como adquiridas, cabendo ao próprio sujeito, a partir de um material cultural e social disponível, construir sua experiência (DUBET; MARTUCCELLI, 1997).

É em decorrência dessas mudanças que Martucelli (2007) identifica um interesse crescente da sociologia pelos processos de individuação, uma tentativa de escrever e analisar “a produção dos indivíduos”, dando conta dos processos históricos e sociais que o fabricam em função da diversidade. É centrada na análise desses autores que encontro elementos para compreender as diferentes trajetórias de cada jovem entrevistado, que inseridos neste contexto múltiplo, forjam vínculos de pertencimento distintos.

CAPÍTULO 4 – POUCOS SUPORTES PARA SEGUIR AS REGRAS

Para Denílson, estudante do ensino fundamental, 23 anos, *tornar-se homem* ou *ser um homem* implicava assumir obrigações e compromissos articulados nos âmbitos da família, trabalho e paternidade. Acreditava que um homem tinha que ter trabalho, ser “*responsável*” pela família e filhos, caso contrário, estava na “*zoeira*”⁴². Defendia que a satisfação dessas dimensões trazia maturidade para o sexo masculino, tornava-o homem de verdade, fazia “*um cara acordar para vida*”. Nos grupos de entrevista sinalizou para a importância de um emprego estável, a fim de garantir autonomia em relação aos pais e, ao mesmo tempo, viver corretamente: constituir família com filhos e distanciar-se da criminalidade, do alcoolismo, da irresponsabilidade e do ócio. Para ele, um homem desempregado estava em risco. Relatou ter conhecimento de rapazes que estavam na “*correria*”, ação traduzida em sua aceção como a disposição para fazer qualquer coisa para auxiliar seus pais, prover mulheres ou crianças, inclusive envolvendo-se com o tráfico de drogas, assaltos ou outras atividades ilícitas.

Falou com saudosismo de um tempo em que a relação entre homens e mulheres era menos “*bagunçada*”. Foi ele que, no seu grupo de entrevista, trouxe à tona a discussão sobre a presença de jogadores de futebol gays e de sua reprovação. Achava que o mundo estava “*perdido*” e atribuía isto ao surgimento e à visibilidade de homossexuais, assim como à liberdade das moças para viver a sexualidade e expor seus corpos. Para ele, a diversificação da esfera sexual era uma decorrência da vulgarização desta temática pelos meios de comunicação. Denílson pensava que os jovens estavam desorientados porque teriam perdido valores “*de família*”.

Como consequência dessas mudanças, sentia que cada vez mais era difícil conhecer e reconhecer moças “*firmezas*”, distinguir quem eram os heterossexuais e homossexuais e cumprir o seu “*papel de homem*”. As fronteiras de alteridade estavam mais turvas e, frente às mudanças sociais, operava com um esquema binário em que homens e mulheres têm lugares definidos: ele trabalhador e “*chefe de família*”, ela cuidando dos filhos e, se fosse necessário, dando “*uma força*” para o marido. Não tinha namorada desde os dezenove anos. Estava “*sossegado*” com relação à vida afetiva, mas nutria expectativa de arrumar uma “*mina firmeza*”.

⁴² Como nos capítulos precedentes, o uso de termos e expressões utilizadas pelos rapazes que forem utilizadas no texto, estarão grifadas em itálico e entre aspas.

Os depoimentos do rapaz e suas expectativas com relação a um projeto de vida adulta masculina aproximavam-no de uma *performance* e conjunto de significações já registrado na literatura mais recorrente acerca da masculinidade em estratos populares, como é o caso de trabalhos de Heilborn (1997) e Sarti (2003), em que se constata como papéis centrais a serem desempenhados pelos homens o de pai de família, provedor de teto e alimento, capaz de exercer sua autoridade a partir de um bom caráter e boa moral.

O racismo, em sua opinião, se referia a um ato de pessoas com “*cabeça fraca*” que se apegavam a “*besteiras*”. Conhecia amigos que já tinham vivenciado situações de discriminação, mas caracterizou seu bairro como um lugar mais harmonioso, porque era habitado por pessoas negras, pardas e brancas que viviam de maneira menos conflituosa. Embora reconhecesse a existência do racismo, no recrutamento para empregos, por exemplo, não se percebia como vítima de discriminação, porque se considerava pardo. Diferente do que acontecia com seus amigos de tez mais escura, acreditava que quando um policial o abordava era em decorrência de seus modos de vestir, do uso do boné ou do lugar de moradia, em que há a presença de jovens envolvidos com atividades ilícitas, mas não se incomodava porque a polícia estava fazendo o seu trabalho.

O traço mais comum entre aqueles de seu ambiente relacional era a partilha de uma condição sócio-econômica desfavorável. Achava mais predominante na sua experiência o preconceito sofrido por ser pobre e pouco escolarizado. Via-se prejudicado na disputa por trabalho em decorrência da discriminação contra pessoas que moram na periferia e não possuem diploma escolar. Não imputava sua desvantagem na busca por emprego à sua cor, porque acreditava que tanto brancos como negros pobres sofriam pelas mesmas situações.

Morava com a mãe e o padrasto em uma casa própria no bairro Brasilândia, Zona Norte de São Paulo. Tinha dois outros irmãos mais velhos e casados e outros três irmãos “*de consideração*” (filhos de seu padrasto), mais velhos e casados. Seu padrasto foi apresentado por ele como referência positiva, visto que tinha trabalho e era evangélico. Em oposição ao perfil de seu pai biológico que havia sido assassinado quando ele ainda era criança, em decorrência de seu envolvimento com o tráfico de drogas na região.

Nas entrevistas individuais, Denílson definiu-se como alguém que “*vai levando a vida de boa*” e “*que está buscando a sorte*”, frente ao desemprego e à violência, que

fazem parte da realidade comum de seus amigos e outros jovens de “*família humilde*” como a dele. Percebia-se como um rapaz que tinha “*discernimento*” para separar o que era certo do que era errado, por isso não havia, como alguns amigos de infância, se tornado “*aviãozinho*” (vendedor de drogas). Acreditava, contudo, que não tinha aproveitado algumas oportunidades como, por exemplo, o estudo. Abandonou a escola antes de concluir a sexta série do ensino fundamental, aos quinze anos, depois de três repetências que atribuiu à sua falta de responsabilidade. Nunca teve emprego estável e tampouco registro em carteira. Teve apenas experiências episódicas, mediados por familiares ou vizinhos.

Em 2007, matriculou-se no Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) como forma de ampliar as possibilidades de emprego, apostando sobretudo na formação profissional oferecida pela iniciativa governamental. Interessou-se em fazer um curso de manutenção de computadores, mas o projeto oferecia apenas o curso de gestão de alimentos, mas “*já é um começo, não é?*”. Além das aulas frequentadas no período noturno, dividia seu tempo entre idas às *lan houses* da região – onde passava a maior parte do tempo em sites e *chats* de relacionamento ou de futebol – e as atividades desenvolvidas pela torcida organizada Dragões da Real, vinculada ao Esporte Clube São Paulo, com a qual estabeleceu contato e se filiou em 2008. Uma vez por semana trabalhava para uma vidraçaria do bairro, auxiliando no transporte de encomendas, de onde obtinha uma renda diária de vinte reais.

PERDER O PAI...

MEMÓRIAS DA FAMÍLIA E DA INFÂNCIA

Os pais de Denílson vieram de uma cidade do interior da Paraíba e viviam do cultivo da terra e da criação de bodes. Sua mãe casou-se aos quinze anos e o pai era mais velho. Logo tiveram dois filhos: um menino e uma menina. No início da década de 1980, junto com outros parentes, seu pai migrou para São Paulo. Arrumou trabalho como pedreiro, iniciou a construção de sua própria casa e, quatro anos depois, com os primeiros cômodos erguidos em um terreno de ocupação do bairro Brasilândia, “*mandou buscar*” a mulher e os filhos. Denílson nasceu em São Paulo, no ano de 1985, e é o caçula da família. Do pai, negro, não soube precisar a escolaridade, e a mãe, branca, é analfabeta.

Aproximadamente quando tinha quatro anos, o pai abandonou o trabalho de pedreiro e envolveu-se com “*o tráfico*”. Segundo o entrevistado, a escolha de seu pai

pelo “dinheiro fácil” das drogas deveu-se à dificuldade de conseguir um trabalho que garantisse condições de sustentar a família. Denílson acreditava que o envolvimento do pai com as drogas, somado aos casos de traição motivaram a separação de seus pais. A mãe do rapaz, que frequentava a igreja evangélica Congregação Cristã do Brasil⁴³, desaprovava o comportamento de seu pai e pediu a separação.

Denílson não perdeu o contato com o pai, que se mudou para uma casa próxima da sua. Eles se viam diariamente e por vezes dormia na casa do pai. Lá, presenciou reuniões animadas com homens e mulheres, regadas à música, pagode, armas e drogas. Contou de narrativas e aventuras que permeavam as histórias contadas por ou sobre o pai, semelhantes às descritas pelos entrevistados por Telles (2006) ou das descrições de Zaluar (2004) sobre a violência, a criminalidade e o envolvimento de homens com o tráfico de drogas. Lembrou-se, contudo, das projeções de seu pai sobre o seu futuro:

Meu pai dizia que o filho dele ia ser trabalhador, que aquilo ali não era para mim, entendeu? Ele não queria que eu me envolvesse com aquilo, que eu também me tornasse bandido. Ele me fazia prometer que quando eu crescesse ia ser diferente dele.

Sua mãe, com quem morava, para sobreviver, contava com o apoio da família estendida do ex-marido, pois não possuía contato com seus próprios familiares que ficaram na Paraíba. Seu ex-marido também oferecia dinheiro ainda que sem periodicidade. Foi nesse contexto que o irmão mais velho começou a trabalhar fazendo “qualquer coisa” para ajudar a mãe, porque “o negócio era pesado”, referindo-se a dificuldade econômica do período. Calculou que o irmão tivesse dez anos e ele quatro ou cinco. A irmã mais velha e a mãe cuidavam dos afazeres domésticos. Outros apoios para a família eram oferecidos pela “obra da piedade”, uma assistência dada pela igreja da mãe às famílias que passavam por dificuldades econômicas. Apesar das adversidades, possuía uma vida de criança “normal”, brincava na rua, jogava futebol, empinava pipas. Seu pai sempre o levava aos ensaios de escolas de samba, localizadas em bairros vizinhos.

⁴³ A Congregação Cristã no Brasil é a segunda igreja pentecostal mais importante do país, contando com 2,5 milhões de fiéis, o que representa 14% desse grupo de religiosos. De origem norte-americana, está presente no país desde 1910 e conta com sedes em todo o território nacional, embora concentrem-se no Estado de São Paulo e, em menor proporção, no Paraná. Embora seja uma das instituições religiosas com maior número de fiéis, observa-se que não tem se expandido de maneira significativa nos últimos anos, uma vez que apresenta taxas de 4,8% de crescimento médio anual (Jacob et al, 2003)

Aos domingos, ele e a irmã eram obrigados a frequentar o culto de jovens da Congregação Cristã do Brasil. Denílson disse que, de acordo com a instituição, os pais eram responsáveis pela introdução dos filhos à prática religiosa até os doze anos. Depois desse período, “*cada um segue sua cabeça, se quiser, se tiver fé, se batiza nas águas, se não...*”. Como era uma criança, não fazia oposição à orientação da mãe. O rapaz disse que “*até gostava de ir à igreja*”, pois lá podia encontrar outras crianças e brincar. Para ele, o único problema era acordar cedo, pois o culto começava às nove da manhã. Seu irmão, que era mais velho e já trabalhava, frequentava os cultos de maneira esporádica.

Meu irmão já trabalhava, então, acho que minha mãe pegava mais leve com ele. E, pelo fato dele já trabalhar, acho que, tipo assim, ele tinha mais liberdade. Ele podia dormir até mais tarde. Mas eu lembro que minha mãe brigava muito com ele pelo fato dele não querer ir para a igreja. Ele era marrento naquela época, queria fazer o que desse na cabeça. Mas ele ia de vez em quando. Mas hoje ele é da Congregação...

O cotidiano de Denílson mudou abruptamente aos seis anos. Seu pai se envolveu em conflitos na região da Brasilândia com outros traficantes e policiais e sumiu do bairro. A mãe contou-lhe que o pai estava “*fugido*” passando um tempo na cidade natal para “*abafar*” esses conflitos. Alguns meses depois, regressou à região. Foi executado em frente à sua casa por traficantes. Apesar de traumática, a morte do pai foi narrada pelo jovem como um fim previsível para aqueles que se envolvem com o tráfico ou com qualquer tipo de ação criminosa. Dos amigos de seu pai, por exemplo, disse que aqueles que não morreram, foram presos. Sobre as escolhas de sua figura paterna afirmou que “*ele estava errado e escolheu o caminho dele*”.

Ele já tinha sido avisado de que os caras queriam pegar ele, só que ele não ligou. Ele não tinha muito medo, que chegasse e matasse ele. Foi para casa e nesse dia os caras chegaram e apagaram ele. No outro dia, de manhã, acho que foi umas seis horas, eu acordei. Eu notei, eu vi a minha mãe chorando, só que eu não perguntei, deitei de novo, aí, depois que eu levantei estava todo mundo chorando. Eu falei: “O que aconteceu?” Ai, falaram: “Mataram seu pai”.

Na opinião do rapaz, este episódio fez com que sua mãe intensificasse a prática religiosa e a vigilância com filhos do sexo masculino que, para ela, no futuro, poderiam se enredar pelo mesmo caminho, seguindo o “*mau exemplo*” do pai ou buscando vingar-se. Denílson atribuiu seu distanciamento do mundo do crime à sua experiência religiosa e às orientações desta instituição para a conformação da masculinidade⁴⁴.

⁴⁴ Zaluar (2004) afirma que as relações familiares e as perspectivas de futuro – na escola e/ou no emprego – são de fundamental importância para entendermos porque, embora todos os jovens estejam teoricamente expostos, poucos se tornam efetivamente usuários abusivos de drogas e menos ainda se envolvem em atividades criminosas. Apesar desse comentário, a pesquisadora afirma existir poucos estudos e pesquisas que versem sobre essas relações e menos ainda sob sua articulação com os princípios religiosos.

No que diz respeito ao pertencimento racial, no âmbito da família não havia uma discussão sobre o assunto, acreditava que isso se devesse ao fato de que seu núcleo familiar era “*bastante misturado*”. Sua mãe branca, seu pai negro, seus irmãos “*mais escuros do que ele*” e ele o que “*saiu mais clarinho*”. Contou apenas que fazia parte das interações entre os irmãos, brincadeiras sobre a textura do cabelo da irmã mais velha “*meio pixaim, duro*”. Na sua avaliação, ele era o sujeito mais claro dentre os membros da família, por isso, em contraposição aos seus irmãos “*mais escuros*”, não teria motivos para sofrer em função do racismo. Sobre as orientações dadas aos irmãos, Denílson não tinha recordação de conversas iniciadas pela mãe ou por algum outro adulto, mas acreditava que seus familiares pensavam como ele: “*acho que nem tem que ligar para essas coisas*”.

O silêncio no interior das famílias acerca da dimensão racial foi ressaltado por trabalhos como os de Cavalleiro (2007) e de Brito (2004). Para essas autoras, em famílias negras há existência de uma regra tácita de não abordar essa temática e/ou dialogar com os filhos acerca da existência do racismo. No estudo de Brito, ao depara-se com famílias inter-raciais de estratos populares, constata elementos ambíguos no processo de socialização de crianças e adolescentes oriundos destas. Para a autora, nestas composições familiares além da dificuldade de informar os filhos das questões raciais soma-se a expectativa depositada aos filhos “*mais claros*” de que estes tenham minimizados os riscos da discriminação.

Na trajetória de Denílson esse silêncio complementou-se com o elemento religioso, visto que a igreja foi percebida como um espaço harmonioso, em que negros podem ocupar lugares de destaque. Assim, o jovem percebeu que a existência da discriminação racial ou de uma classificação dos sujeitos a partir de distinções fenotípicas, em especial, pela cor da pele, não tinha sentido ou procedência no universo de pessoas com as quais conviveu, sendo parte de condutas individuais e isoladas daqueles que se apegam a essas “*besteiras*”.

SER CORRETO E TER TEMOR A DEUS

A FREQUÊNCIA À IGREJA

Após o assassinato de seu pai, a dimensão religiosa ganhou uma centralidade na sua vida até por volta dos doze anos. A igreja foi um espaço que mais frequentou durante a infância, e seus aprendizados, segundo ele, pautavam até hoje alguns de seus principais referenciais de valores e visões de mundo como o “*temor a Deus*” e a

importância de ter uma vida “direita”. Já no velório de seu pai, a presença de “irmãos” e “irmãs” da igreja de sua mãe foi grande e após esse episódio a presença de pessoas da igreja em sua casa passou a ser mais frequente. Em um intervalo de um ano, suas tias e avó, antes católicas, também se batizaram na mesma igreja.

Essa adesão de mulheres de sua família à igreja, para Denílson justificou mudanças no seu cotidiano, tendo em vista que eram elas as responsáveis pela educação das crianças. Destacou especialmente um controle maior de seu tempo na rua, a seleção de seus amigos e a proibição de ir às escolas de samba. Os homens intervinham menos na educação das crianças. Vez ou outra, seus tios também frequentavam a igreja e não se opunham à orientação das mulheres de que todas as crianças fossem para a instituição religiosa.

Quando completou 10 anos, em 1995, sua mãe casou-se novamente, com um homem negro, mais velho e da mesma igreja. Este foi reconhecido por Denílson como um “homem trabalhador” que cuidou dele como se fosse seu pai biológico.

[o padrasto] me deu a maior assistência. Eu o chamo de pai e ele também é da igreja, da Congregação, então, não teve muito conflito não. Ele foi criado, tipo, dentro da igreja, desde moço, então, foi normal, ficou viúvo e casou com a minha mãe.

Além de frequentar as reuniões de jovens da igreja, o rapaz passou a acompanhar sua mãe e seu padrasto nos cultos de adultos, que ocorriam, segundo ele, pelo menos três vezes por semana. Quando criança, admirava a postura dos frequentadores da igreja, em especial, a dos músicos. Desejou estudar, mas não tinha recursos para comprar um instrumento e pagar as aulas. Na sua aceção se tratavam de homens sérios que não se envolviam com “bagunça” da rua, tinham uma família e “cuidavam” de seus filhos, mesmo na adversidade. Vestiam-se com roupas formais, terno e gravata, para frequentar os cultos da igreja destoando das vestimentas utilizadas mais usualmente por homens do bairro.

Era, tipo assim, eu olhava os caras do bairro e o que eu via? Era um bando de largado, desocupado, sem fazer nada (risos). Os da igreja você não via na rua, não via eles no bar, bebendo cerveja, eles são mais na deles. Nem pode fazer isso na igreja, porque têm que dar bom testemunho, essas coisas... E eu gostava disso. Tipo, tinha o meu pai, e ele foi por um mau caminho e tudo mais. Então, eu ficava com aquela coisa na cabeça de querer ser que nem eles. Tinha irmão que tocava instrumento e que era admirado, que saía super arrumado, de terno e gravata, parecendo um empresário, um executivo. Eles tinham aquela preocupação de mostrar para todo mundo que eram sérios, que eram homens de família, entendeu? Que todo mundo respeitava, que ele era diferente, era exemplo.

Os homens da igreja representavam para o rapaz uma antítese do que lembra e sabe sobre o pai biológico, conformando um modelo que percebe como mais positivo de

masculinidade. Os primeiros distanciados da rua e, portanto, dos riscos do tráfico, do “*dinheiro fácil*” e da criminalidade, mais dedicados às obrigações familiares e à construção de uma conduta que os tornavam publicamente reconhecidos como respeitáveis e moderados. Por sua vez, a figura paterna representava alguém que escolheu o “*caminho errado*”, afastou-se do trabalho e da família e teve um fim trágico.

A influência de determinadas igrejas pentecostais na definição das condutas cotidianas de famílias de estratos populares é objeto de estudo de pesquisadores como Rolim (1980) e Novaes (1985). Os autores compreendem que em torno desta prática religiosa se constitui uma comunidade que partilha condutas e práticas no que diz respeito à família, ao casamento, à sexualidade e à vida pública. Nas comunidades religiosas, o padrão de comportamento ideal é definido pela liderança religiosa e pelos fiéis tendo como parâmetro a leitura da Bíblia, na qual se encontram os ensinamentos de Deus que fornecem maneiras de compreender a realidade e que prescrevem referências para a ação cotidiana.

A respeito do comportamento masculino, Machado (2005) constata que entre alguns pentecostais há um estímulo para que homens adquiram condutas e qualidades tradicionalmente alocadas ao gênero feminino. Assim como as mulheres, estes devem ser dóceis, tolerantes, humildes, cuidadosos, etc., levando uma vida ascética e sexualmente regrada. Além disso, espera-se que os casados se preocupem com o bem-estar da família, dedicando-se mais à educação e ao acompanhamento dos filhos. Para a autora, tais expectativas revelam uma reconfiguração da subjetividade masculina, podendo ser interpretados como uma “domesticação dos homens pentecostais”, forjada no âmbito de uma recusa a determinados estilos de vida da sociedade mais ampla e da valorização da religiosidade e da família como aspectos centrais de preocupação dos homens e de seu cotidiano. Porém, embora mais regradas, as estruturas de gênero são hierarquizadas, como afirma em outro texto:

A leitura da Bíblia, estimulada por algumas agremiações religiosas, favorece a interpretação das dificuldades do homem moderno com uma crise moral nascida no próprio grupo familiar responsável pela socialização dos indivíduos, abrindo brechas para a criação de organizações e movimentos que tentam defender aquela instituição junto à opinião pública. Mesmo nos grupos confessionais que não se lançam claramente no mundo público tem na conduta privada dos fiéis um dos pontos centrais para evangelização ou a “recristinização” das sociedades. O modelo de família idealizado por esses grupos é o de base nuclear, desenvolvido pela burguesia no século passado a partir de uma clara definição dos papéis de gênero, que coloca as mulheres em posição subalterna aos homens (MACHADO, 1996, p.190)

Aos homens pentecostais compete à recriação de posturas para lidar com o espaço público e privado, mas o papel de liderança formal e autoridade continuam a ser essencialmente destinados a eles. Nesse sentido, Gouvêa (1986) ao estudar o lugar ocupado por mulheres na Congregação Cristã do Brasil, encontra uma valorização por parte destas da “*vida correta*” traduzida, em primeiro lugar, na atribuição de um sentido sacro a todos os eventos de suas trajetórias, mas também na construção de uma conduta moral orientada pelos princípios religiosos, incluindo papéis de gênero bem definidos para homens e mulheres. Diz a pesquisadora:

As mulheres da Congregação Cristã do Brasil (...) aceitam as proposições da hierarquia da “Congregação”, no sentido de mantê-las sob tutela masculina, fazendo com que as fiéis sejam alocadas em momentos constantes de dependência aos ditames masculinos da vida (Gouvêa, 1986, p.126)

Essas religiosas reconhecem, de acordo com Gouvêa, o lugar de subalternidade que lhe foi conferido no ato da criação divina: elas existem apenas na relação com os homens, em complementaridade a estes, estando ambos no mundo como “obra de Deus”. Sendo elas o grupo que deve ser tutelado, compete aos homens o exercício do poder de tutela, o que implica a capacidade de desempenhar funções de provedor econômico de suas famílias e representar um bom exemplo moral para outros homens, crianças e adolescentes, distanciando-se de vícios e hábitos das “criaturas” (aqueles que não são convertidos).

Não por acaso, no interior da família de Denílson, após a morte do pai, é o irmão mais velho que se lança ao mundo do trabalho remunerado, enquanto sua irmã se responsabiliza, junto com a mãe, pelos afazeres domésticos e cuidados com o rapaz. Após a nova união materna, os padrões de relacionamento não foram significativamente alterados. Manteve-se uma assimetria no relacionamento conjugal, sendo seu padrasto responsável por garantir o sustento da família e as tarefas domésticas, como cozinhar, passar, lavar e cuidar da casa, essencialmente destinadas a sua mãe e irmã mais velha. Na estrutura familiar, aos homens foram destinadas atribuições relacionadas ao trabalho remunerado, sendo estes os principais responsáveis em prover economicamente as famílias, enquanto às mulheres responsabilizaram-se predominate pelos afazeres domésticos, numa relação de complementaridade e assimetria moral e material da divisão do trabalho (HEILBORN, 1997).

No que diz respeito ao tratamento dado na instituição religiosa para meninos e meninas, moças e rapazes, Denílson percebia uma educação instituída para incutir os preceitos religiosos. Descreveu um universo apartado fisicamente onde, dentro do

templo, havia uma separação com alas destinadas aos sujeitos do sexo masculino e feminino. Constatou o mesmo rigor destinado à educação dos mais jovens, mas, sobretudo das moças, que sequer podiam cortar o cabelo e tinham a sexualidade controlada e vigiada. Os cultos orientavam as condutas dos jovens que desde cedo liam trechos do evangelho. Nestes espaços, sempre se fazia associações entre as passagens bíblicas e o cotidiano de crianças e jovens.

Souza (1969) afirma que a divisão praticada em alguns templos religiosos deve ser compreendida como uma maneira de dar visibilidade e controlar as condutas das fiéis e distribuir espacialmente as atribuições ecumênicas distintas para cada sexo. Sobre igrejas como a Congregação Cristã do Brasil, a autora chama a atenção para aspectos que não foram considerados por Denílson, mas que podem iluminar essas diferenças e assimetrias. Nestas instituições religiosas, de maneira geral, apenas os homens tocam instrumentos musicais, assim como são eles os únicos responsáveis pela condução dos cultos e cuidados administrativos da igreja. Ao coletivo de mulheres compete à realização dos cânticos, das orações e de atividades assistenciais, como é o caso da “*obra da piedade*”, mencionada pelo rapaz, e individualmente, a anunciação de testemunhos (partilha de experiências cotidianas que demonstram a realização da “obra de Deus”). Sobre as orientações dadas para a conduta dos jovens, a autora, por sua vez, observa prescrições, em que: vaidade, gracejos e exibicionismos com conotação sensual são comportamentos censurados às moças pela comunidade religiosa, assim como, a falta de seriedade e de virtuosismo distancia os rapazes do ideal almejado de que o bom crente deve buscar ser à imagem do Senhor.

A divisão espacial no culto, de fato, foi um dos aspectos enfatizados pelo rapaz. Homens e mulheres se encontravam em lados opostos da igreja e o diálogo entre os dois grupos só se dava após o término da cerimônia. Ainda que tivessem contato, diz que a relação com as jovens era bastante limitada, porque sempre havia uma pessoa adulta que se encarregava de vigiar as atividades dos mais novos, sobretudo as interações entre moças e rapazes. Denílson justificou esse controle argumentando que se tratava de um cuidado dos adultos para que os jovens não se “*desvirtuassem*”, encontrando-se às escondidas ou enveredando-se em namoros sem prévio consentimento dos adultos. Como ainda era criança, diz que não se sentia incomodado com o controle, mas sim com a implicância das mulheres mais velhas para que as crianças fossem tranquilas e permanecessem em silêncio.

Era muito rigoroso, muito, muito... Não podia fazer nada. Tipo, essas brincadeiras que a gente vê hoje a molecada fazer na rua, que tudo tem sexo, se você vai lá na Congregação, você não vê. Lá é tudo certo, tudo bem dividido, muito sério... Tipo, não pode dar mau testemunho, então, as meninas tem que ser bem comportadas, não tem dessas de funk, desse axé aí, de saia curta, não tem não. Tipo, se você desse um motivo, tinha uma irmã te chamando a atenção. (...) As meninas se dão o respeito, você está ligada? E aí os caras não mexem, porque lá, namoro é para casar, é coisa séria. Tipo, não tem essa coisa de namorar um, namorar outro. Se você vai namorar, é para casar mesmo, não tem dessas, você entendeu?

Denílson contou ainda que, no interior da família, a trajetória de seu pai passou a ser narrada como a de uma pessoa que não tinha “*temor a Deus*” e que um homem, para “*ser direito*”, deveria trabalhar e honrar a sua família. Outro elemento trazido pelo jovem para exemplificar essa educação diz respeito ao fato de que o cotidiano e suas dificuldades eram descritas como “*provações*” ou como situações que comprovam que o “*inimigo*” manipulava a trajetória daqueles que não possuíam fé.

O padrasto, aposentado – mas que continuava trabalhando para obter uma renda complementar –, foi considerado por Denílson como o maior exemplo desse comportamento dos homens da igreja. Descreveu-o como um homem trabalhador, que lhe deu “*assistência*” e teve seus interesses completamente voltados para a família. Não bebia, não fumava e não se envolvia com as questões e conflitos do bairro. Segundo o rapaz, sua chegada à família trouxe ordem e mais conforto à vida difícil que levava com sua mãe e seus irmãos.

Sobre a caracterização do grupo religioso disse que na igreja não se fazia distinção de quem era branco ou negro, todos eram tratados da mesma maneira, com iguais direitos, porque na igreja são todos “*filhos de Deus*”. Para ressaltar essa indistinção mencionou o fato de que, nos cultos de jovens, o “*cooperador*”, responsável pela condução das cerimônias religiosas, era negro.

Eu não acho que tinha diferença. Não tinha não. Na igreja todo mundo é tratado igual. Então, acho que nem se falava sobre isso. Na igreja, eu acho que tem muita comunhão. As pessoas tratam todo mundo igual, que nem o cooperador a reunião de jovens era negro, poxa, ele que fazia o culto com as crianças e com os jovens e ele era cooperador! Então, não tinha diferença, era branco, negro, pobre e rico, todo mundo junto. Tinha mais diferença com menino e menina, mesmo. Porque aí era bem separado, mas com relação a isso eu não acho não.

A argumentação do jovem sobre a defesa da igualdade entre brancos e negros na igreja pentecostal que frequentava, são comuns às conclusões de Oliveira (1994), em que a crença na imanência partilhada pela comunidade de fé, ou seja, de que a religiosidade é inerente ao mundo concreto e material, permite que homens e mulheres negras sintam-se mais acolhidos e partilhem da idéia de que, diferente de outros espaços

sociais, têm na instituição religiosa mais facilidade de trânsito e mobilidade. As diferenças do mundo não-religioso são dissipadas em favor de uma fraternidade constituída por aqueles que comungam da fé, inclusive os negros.

A aproximação da igreja foi destacada como um momento importante de sua formação porque serviu para que não tivesse o mesmo destino de seu pai. Mas, quando completou 12 anos, não se batizou e sua decisão foi outorgada pela família e pela igreja, que segundo Denílson, tinha como prática permitir que, aos doze anos, um fiel definisse seu vínculo com a instituição religiosa. A partir deste momento, sentiu-se livre para experimentar sua condição juvenil e ter autonomia espiritual. Assim como destacam vários autores, a entrada na juventude foi marcada pela ampliação das experiências para além daquelas ofertadas pela família. E, no caso de Denílson, a escola apareceu como um espaço importante para que ele conquiste suas amizades e tivesse experiências menos reguladas pelo mundo adulto.

“NÃO FUI UM BOM ALUNO!”

A EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Ao dar início à narrativa de sua experiência escolar Denílson disse: *“não fui um bom aluno”*. Ingressou tardiamente em uma escola do bairro, com oito anos. Segundo o jovem, seu atraso deveu-se aos acontecimentos familiares mais precisamente ao episódio envolvendo a morte de seu pai que trouxe dificuldades para a organização financeira e emocional da família. O rapaz lembrou que possuía muita expectativa de ingressar na escola porque acreditava que assim teria contato com outros garotos. Queixou-se, contudo, de que, para mantê-lo ocupado ao longo do dia, sua mãe optou por matriculá-lo no período vespertino e não pela manhã, como desejava.

As aulas começavam às treze horas e terminavam apenas no final da tarde. Para ele, era justamente o horário da brincadeira, da possibilidade de encontrar com os amigos e jogar futebol. Para a mãe, segundo ele, era o horário propício para deixá-lo distante da rua.

Eu estudava à tarde. É o pior horário que tem, porque você entra uma hora e só sai às seis horas. Você perde a tarde inteira na escola e, às vezes, os caras chegavam em mim [e perguntavam]: “vamos jogar bola?” Putz! Eu não queria ir para a escola não.

O fato de ser a escola o principal impeditivo para que ficasse com os amigos brincando na rua foi, para Denílson, motivo desencadeador de uma trajetória de pouco interesse e adesão às regras da instituição: ficar quieto, dedicar-se aos estudos, não

brincar. Somou-se a isso o fato de a escola ter sido caracterizada como um espaço pouco interessante, em especial para os meninos, pois não oferecia atividades, ao longo do dia para que pudessem “gastar as energias”.

(...) Até porque é moleque, entendeu? Você tem aquela coisa de querer correr, de querer brincar, você está num puta gás, tem uma puta energia, tem que [des]carregar isso, não é? Ai, a gente chegava na escola e era só aquela monotonia, só aquela coisa de ficar sentado o dia inteiro. Eu só levantava para ir para o recreio. Puta, eu lembro que eu não gostava disso, que eu ficava olhando a janela para ver os moleques brincando. Nossa, mano, eu fui ficando... sei lá, eu lembro disso, não gostava disso. Tipo, você está na maior energia, tem que gastar energia, daí, eu não ficava parado não. Eu conversava pra burro na sala de aula, eu ficava andando direto, só que ai a professora não gostava, ficava chamando minha atenção.

Denílson reclamou que não tinha acesso fácil ao pátio, que era parcialmente utilizado para as aulas de educação física dos estudantes de outros períodos. Alguns dias da semana, os meninos e meninas eram orientados a apenas pegar suas merendas e permanecer quietos durante o intervalo para não atrapalhar a aula de educação física. Outras vezes, eles sequer podiam acessar o espaço que, para Denílson, era o mais importante para os meninos que gostavam de correr e jogar bola no pouco tempo que possuíam fora as aulas de educação física.

Pode ver... o que é que homem gosta de fazer na escola? É muito mais aula de educação física. Tipo, quando eu estudava, onde é que eu tirava nota boa? Era na educação física. Por quê? Porque eu acho que homem tem mais energia, é mais agitado, tem que gastar energia. Pode ver menina quando está no intervalo, só fica conversando com amiga, e menino não, menino corre para todo lado, vai a tudo que é lugar, corre, joga bola, faz um monte de coisas (...) Tem até... tem cara que se dá bem em outra matéria. Tem cara que é gênio, está ligado, mas eu acho que, pode ver, é mais na Matemática, assim.

As limitações de espaço e outras precariedades como a falta de professores e a ausência de regras claras, fizeram com que Denílson avaliasse a instituição com um lugar “bagunçado”. Até a quarta série, conta ter tido um trânsito mais ou menos tranquilo pela escola, levando apenas algumas broncas e advertências em decorrência de suas brincadeiras e conversas em sala de aula. Já com relação à aprendizagem, diz não ter tido nenhuma reprovação até a quarta série e não se recordar de que alguém tenha chamado sua atenção com relação ao tema, mas fez uma crítica à escola denominando-a de “depósito”.

Na minha escola, pelo menos na minha sala, a professora fazia o quê? Passava coisa na lousa para a gente copiar. Ela não via se a gente estava fazendo tudo certinho. A única coisa que preocupava ela era a bagunça. Daí, se a gente bagunçava, ela brigava, ela mandava todo mundo ficar quieto, mas não tinha assim uma preocupação com o ensino, entendeu? Tipo, a escola era o maior depósito. Se todo mundo ficasse quieto, não tinha problema, mas era só isso, entendeu? Só se preocupava quando a gente fazia alguma bagunça. Então, não sei, tipo, pensando hoje, não sei se eu era, tipo,

bom aluno. Minhas notas não eram vermelhas, mas eu era bem desencanado com o estudo, por isso que eu acho que eu não fui um bom aluno, porque eu não tinha uma dedicação, eu cabulava e fazia bagunça. Acho que é isso.

Quando questionado se isso não era contrário aos princípios religiosos, afirmou que a escola foi um espaço que o “*libertou*”. Disse que sempre sentiu incômodo com as regras rigorosas da igreja, embora acreditasse em Deus. Por isso, quanto maior foi a sua integração com o grupo de amigos, menor foi se tornando suas idas à igreja, passando a se dedicar, segundo ele, ao jogo de futebol e às demais atividades realizadas com esse grupo, inclusive nos finais de semana.

Após o término da quinta série, já com 12 anos, o rapaz conta que tinha uma grande expectativa de que o horário de suas atividades escolares se alterasse, mas ela não se confirmou. Ficou “*revoltado*” com a situação e as eventuais escapadas da escola (“*cabular*”), que se deram, segundo ele, desde que iniciou sua trajetória escolar, tornaram-se mais frequentes. Também data deste período a constituição de um grupo de amigos do qual fazia parte e que ele denominou de “*grupo do fundão*”. Ele imputava seu envolvimento no “*grupo do fundão*” a uma atitude anti-escola (VAN-ZANTEN, 2000).

Não tinha vaga para manhã na escola. Aí, abriu umas turmas de quinta série a tarde e onde é que eu fui parar? A tarde. Eu fiquei revoltado. Putz, eu fiquei puto, revoltado mesmo, porque ia ter que ficar até a oitava série nesse horário. Foi nisso que eu pensei. Eu odiava esse horário, porque eu queria ir para a rua. E o que aconteceu? Eu dizia para a minha mãe que eu ia para a escola, mas eu ia jogar bola, ficava o dia inteiro jogando bola, entendeu? Ai, nessa de ficar jogando bola ou, então, eu saía, ia andar de skate, andar de bicicleta, ou sempre arrumando alguma coisa para fazer, entendeu? Eu não gostava [da escola] porque eu perdia o dia inteiro e quando chegava a noite não dava para fazer nada, porque já estava noite, aí eu fui parando, aí... eu sei lá! Eu nunca gostei, nunca foi uma coisa que me prendia assim, sabe? “Não, você vai ficar aqui e tal, eu quero ficar aqui que eu quero aprender.

O encontro com o “*grupo do fundão*” fez com que a sua disposição para o estudo se tornasse ainda menor, mas em sua avaliação foi o melhor ano de sua experiência escolar, pois se consolidou uma turma “*legal*” e da “*bagunça*” na quinta série. Juntos iam “*cabular*” aulas para jogar bola, estourar “*bombas*” no banheiro da escola, “*zoar*” meninos e meninas de outros grupos, colar “*aviãozinho*” de papel no teto da sala com cuspe. Sua mãe estranhava seu comportamento e o desejo de querer ir à escola, tendo em vista que “*chovendo ou não*” ele apresentava grande disposição para se dirigir à instituição.

As peripécias no ambiente escolar foram narradas com muito entusiasmo e descontração e, de maneira geral, elas sempre envolviam o risco de que ele e seu grupo pudessem ser descobertos pelos responsáveis da escola. Das vezes em que isso

aconteceu, recebeu suspensões e advertências na escola e sua mãe o proibia de ir à rua e em outras vezes apanhou. Os castigos aplicados pelos adultos, em sua explicação, não funcionavam para impedir as atividades do grupo, porque eram realizadas depois de cometidas as transgressões e serviam de incentivo para que os garotos fossem mais cuidadosos.

[O castigo] *Não funcionava, não tinha jeito. A gente aprontava mesmo. Era um bando de moleques, não é? A gente ficava suspenso, levava uma puta bronca, mas depois, depois fazia tudo de novo, tudo igual. Fazia até melhor, porque daí, tipo, a diretora descobria que a gente pulava o muro, ficava mais difícil de sair da escola, então, a gente pensava, passava um tempão pensando em como é que a gente ia fugir. Tipo, ficava até melhor, porque daí era a questão mesmo de conseguir fazer aquilo, entendeu?*

A descrição feita pelo jovem de sua trajetória no primeiro ciclo do ensino fundamental faz lembrar as observações de Carvalho (2004), que utiliza as idéias de Robert Connell para destacar a importância da estrutura de autoridade da escola para certos tipos de construção de masculinidade. Para Carvalho, para alguns rapazes, se contrapor às regras da escola significa afirmar um modelo de masculinidade. Trata-se de garotos que desenvolveram uma espécie de “masculinidade protesto” para desafiar a autoridade escolar.

A maioria dos meninos aprende a negociar diante da disciplina escolar com apenas um pouco de fricção, mas certo número, contudo, toma o sistema disciplinar como um desafio, especialmente em redes de colegas que fazem um pesado investimento em idéias de poder e confrontação (CARVALHO, 2004, p. 35)

Carvalho evidencia que os meninos se engajam nessas práticas não porque são dirigidos a elas por hormônios da agressividade, mas para adquirir ou defender prestígio, para marcar diferenças entre seus pares e para obter prazer, transformando o ato de quebrar regras numa parte central da construção de sua masculinidade, particularmente quando não tem outras fontes para obter esses fins, entre elas o próprio sucesso acadêmico.

Aos doze anos, na quinta série, Denílson teve sua primeira reprovação. Aos treze os conflitos com a instituição escolar tiveram continuidade e abandonou o ano letivo. Com catorze disse que seus colegas mais animados já não se encontravam na mesma turma, haviam sido transferidos para outras salas de aula e escolas, como estratégia para amenizar episódios de transgressão do grupo. Conseguiu ser aprovado para a sexta série, mas a escola perdeu seu encanto. Aos 15 abandonou de vez a instituição, conformado de que “*não dava para a coisa*” e de que “*nunca gostou de estudar mesmo*”. Sua mãe e

padrasto relutaram com o abandono, mas argumentaram que se ele não “*dava para o estudo*”, então, deveria dedicar-se à busca por trabalho.

ENTRE O TRABALHO, A RUA E O PAGODE

EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Nas memórias de Denílson, a juventude é elaborada como um momento de conflitos e rupturas familiares, tendo em vista o seu distanciamento com relação aos projetos feitos por seus pais. O núcleo familiar tornou-se um espaço com o qual o jovem toma um distanciamento nesse período, segundo ele, sobretudo em função, das exigências para que procurasse por trabalho e retornasse à igreja. Sua mãe reclamou de seu afastamento da igreja e, desde sua saída da escola, passou a cobrar-lhe a obtenção de um “*serviço*”.

Foi a mãe do rapaz que arrumou o sua primeira ocupação remunerada, como limpador de carros, em um lava rápido do bairro, em 2000. Tinha 15 anos e ficou por lá apenas três meses. Também por indicação de um tio foi desempenhar a mesma função em uma concessionária de carros onde permaneceu por cerca de um ano. Aos dezessete, foi trabalhar com o irmão mais velho em uma fotocopadora, mas neste trabalho ficou apenas sete meses.

Denílson não destacou nenhuma preferência entre uma ou outra atividade laboral, todos foram “*trabalhos*” e estes a “*gente não escolhe, pega o que tem*”. Lamentou, entretanto, que nenhum deles tenha lhe dado um registro em carteira, sem o qual não se consegue comprovar experiência adquirida. Para justificar sua disposição em relação ao trabalho, argumentou que diferentemente do estudo, o trabalho gera dinheiro no final do mês. Além desse motivo, enfatizou a possibilidade de “*ser respeitado*”, “*ter uma profissão*” e “*assumir um compromisso*” como aspectos relevantes e positivos para sua dedicação ao trabalho.

Tipo, com trabalho eu ganhava uma graninha para fazer minhas coisas. Não era um salário, assim, grande. Mas tinha aquele dinheiro para eu fazer minhas coisas, sem ter que depender dos meus pais e aí você fica mais responsável, mais respeitado, tipo, ninguém fica pegando no seu pé, porque aquilo é seu, você leva a tua vida do jeito que você quer, entendeu? Tipo, eu fiquei mais responsável, assim, tipo, porque eu tinha aquele compromisso de acordar cedo, de chegar no horário, de fazer o meu trabalho certo, essas coisas. Isso vai te dando responsabilidade, vai te dando responsabilidade e mais respeito, está entendendo?

O rapaz nutria grande expectativa sobre um emprego, pois acreditava que, por meio dele, teria mais autonomia na relação com os pais para definir suas atividades, seus modos de ser e de se comportar. Inúmeras pesquisas evidenciam esta dimensão do

trabalho juvenil, que não pode ser compreendido apenas pelo contexto de pobreza em que vivem os jovens. O trabalho aparece como condição para maior liberdade em relação à família, pela possibilidade do consumo de bens valorizados. Ser livre significava ter mais possibilidades de tomar decisões sobre a própria vida, ter autonomia em fazer uso do seu dinheiro, do que comprar, do que consumir, de que bens culturais e lazer podem se apropriar, inclusive para que se identifiquem como jovens (DAYRELL, 2005; ABRAMO, 1997).

“*Ter uma ocupação*” também foi destacado por ele como um aspecto positivo de ter trabalho e, assim, não arriscar-se a “*correr do lado errado*”, que significa, em seu depoimento, uma permanência demasiada na rua, que pode implicar em uma aproximação daqueles que estão envolvidos com a criminalidade, com o tráfico de drogas em especial. Para Denílson, os principais motivos do envolvimento de jovens com o crime era a ausência de trabalho, em primeiro lugar, e depois as poucas alternativas de lazer disponíveis para esses sujeitos. Afirmou que quando um jovem não trabalha despende seu tempo com os eventuais jogos e, na maior parte de seu tempo, partilhar rodas de amigos que ficam sem fazer nada, falam apenas de música ou de coisas que estão acontecendo na rua, fofocas e “*mais nada, um fica olhando para a cara do outro*”. O trabalho apareceu como um motivo para estar ocupado, não ficar na rua e ter um dinheiro para si, sem o qual um jovem pode se animar a ingressar no crime, especialmente se já for pai, deixando evidentes os estreitos limites entre ganhar a vida por meio do trabalho ou fazê-lo por outros meios.

Você vai convivendo com os caras, vai vendo os movimentos e quando você percebe já está convivendo com um aviãozinho, porque o cara é teu amigo, entendeu? Só que se você tem um trabalho, você fica mais distanciado, se não, é aquela história de ficar na rua o dia inteiro, sem fazer nada. O cara está sem dinheiro, está sem trabalhar, aí você está na rua conversando com uma par de gente, com os amigos e sempre tem um que corre do lado errado. O cara pede para você fazer um rolê contigo, depois, te dá uma grana, porque você passa um pano para ele. Isso já aconteceu comigo. Eu tenho amigos que estão nessa vida, então, você só não pode vacilar, porque se não, você está dentro. Por isso que o trabalho é bacana, porque ele te deixa fora dessa, entendeu? (...) tem amigos meus que entraram nessa porque estavam sem fazer nada e aí, para sustentar um filho, uma filha, quer sustentar a criança, e aí, entrou.

Apesar de sua vontade, desde os dezoito anos, Denílson não encontrou mais trabalho estável, tendo dificuldade de contar com a rede familiar para buscar por um emprego. Seu padrasto aposentou-se e seu irmão pouco tempo depois também foi despedido. Como ele, seus familiares viviam de pequenos bicos. Circulou, por algum tempo, no centro da cidade, a procura de agências de trabalho, mas sem exceção, as

buscas foram frustradas e as oportunidades escassas, já que não tinha escolaridade exigida pelas empresas.

Havia, em sua opinião, uma discriminação social contra aqueles que moram na periferia. Os responsáveis por empregar jovens não queriam ter custos altos com transporte e pensavam que rapazes moradores de bairros pobres eram “ladrões”. Mesmo quando inquirido sobre a situação de outros rapazes negros que, como ele, não conseguia emprego, embora reconhecesse a existência do racismo, minimizou esta dimensão, enfatizando a condição econômica, a escolaridade e as indumentárias comumente utilizadas pelos jovens pobres.

[sobre a dificuldade de jovens negros em conseguir trabalho] *Eu não sei direito, porque comigo não acontece. Mas eu acho que depende muito do cara. Se ele falar que mora na Brasilândia ou no Capão Redondo vai pesar, porque já vão pensar que o cara é ladrão, vive na malandragem. É mais do cara, de como ele se apresenta, se ele não veste roupa de malandro, se foi para a escola mesmo. (...) Tem cara aqui que é negro, mas que tem profissão, eu acho que depende muito.*

Denílson afirmou que tinha interesse por qualquer trabalho, “topava tudo”, mas em suas buscas não havia conseguido o emprego formal.

A coisa mais difícil de ter aqui é trabalho. Para você ir para o lado errado tem para todo mundo, não falta convite para você fazer a coisa errada, mas ninguém chega para você e te dá um trabalho, trabalho mesmo é difícil (...) Tem uns bicos que os caras te oferecem, você ganha trinta, quarenta reais fazendo, tipo... ajudando um vizinho, mas é isso! Trabalho mesmo não tem e aí o que acontece, você fica parado, fica em casa parado, fica sem fazer nada, fica só assistindo televisão, na rua, trocando uma idéia com os caras, é melhor do que ficar numa monotonia, ficar lá encostado (...)

Também relatou os conflitos e pressões familiares em decorrência desta ausência de uma atividade remunerada.

Minha mãe brigou muito comigo. Ela queria que eu ficasse louco atrás de trabalho. Todo dia ela cobrava que eu ficasse procurando trabalho, que eu não fosse para a rua. Na cabeça dela todo dia eu tinha que pegar um jornal e ir para a rua. Mas, o que acontece? Esses jornais só falam mentira. Eu fui em uns lugares, que cheguei lá e dei com a cara na porta. Não tinha trabalho, era mentira, tudo mentira. Na cabeça da minha mãe funciona, mas trabalho mesmo você não arruma assim, precisa de alguém que te indique, de alguém que te bota lá. Mas minha mãe não entende e disso ela começou a pesar [ponderar, exigir] na minha.

A demanda por trabalho foi vivida como um drama pessoal. A ausência de emprego se colocou como um problema para que conquistasse sua autonomia e frísse de atividades como o consumo e o lazer. Além disso, via como a instabilidade no mundo do trabalho como um limitador para que pudesse realizar no futuro projetos como ter sua própria casa e sua família. Sair de casa, constituir uma família, ter trabalho para sustentá-la assumiu um peso ainda maior em seu depoimento porque seu irmão e

sua irmã já haviam realizado essas passagens. Ainda que vivendo precariamente, eles eram parâmetros para que avaliasse sua condição. Sem trabalho não era possível ter autonomia diante dos pais, era preciso “*se arrumar*” e, para que isso acontecesse, um emprego de verdade era fundamental para que sua vida se organizasse.

Para lidar com a ausência de renda, entre os dezenove e vinte anos, em 2005, ele vinculou-se a um grupo de pagode com o qual tentou uma carreira profissional. Tratava-se, segundo ele, de uma iniciativa bastante comum entre os rapazes do bairro, decorrência da proximidade de duas escolas de samba na região e da participação dos jovens nas baterias dessas escolas. Denílson, depois dos primeiros anos de infância, nunca teve uma participação intensa nessas atividades, mas na rua, passou a estabelecer contato com jovens vinculados às escolas. Aprendeu rapidamente a tocar pandeiro, e passou a se apresentar com os amigos.

Com o intuito de alavancar uma popularidade, os jovens passaram a procurar espaços de inserção e apresentação em bares do bairro. Denílson e mais um companheiro do grupo se encarregavam de fazer os contatos com os proprietários, fechar uma apresentação ou um conjunto de apresentações. Eram os únicos que não tinham emprego e, por isso, possuíam mais tempo para circular pelo bairro durante a semana. Essas apresentações se davam gratuitamente, pois o que se queria era aumentar a frequência de pessoas aos estabelecimentos comerciais da região e, somente depois, exigir o pagamento de cachês. Na época, conseguiram acertar apresentações em dois estabelecimentos, “*dois botecos*”. O grupo, denominado *Samba de Esquina*, apresentava-se na noite do sábado e na tarde do domingo.

O engajamento com o grupo de pagode foi avaliado negativamente por seus pais. Sua mãe se preocupava com uma possível aproximação do mundo das drogas e da violência e o padrasto enfatizava a necessidade de que ele, no tempo dedicado ao grupo de pagode, deveria realizar algum curso ou retomar os estudos em um curso supletivo. Seus pais estavam preocupados com a sua segurança e, ao mesmo tempo, reivindicavam que o jovem procurasse uma inserção mais tradicional, via emprego, ou construção de um caminho possível para acessá-lo. A carreira musical era vista com desconfiança, em especial, como uma possível aproximação com a “*bandidagem*” ou, pelo menos, com a “*vagabundagem*”. Situação semelhante foi percebida por Dayrell (2005) com jovens envolvidos com grupos de rap e funk em Belo Horizonte.

Ela [mãe] preferia que eu sáísse, fizesse alguma coisa, trabalhasse, fizesse um curso profissionalizante, do que me envolver com alguma coisa errada. Na cabeça dela qualquer boteco, até por ela ser religiosa, era coisa de

vagabundo, de traficante. Ela sabia que eu estava fazendo alguma coisa que eu gostava, mas... Meu padrasto falava assim, porque você não vai fazer um curso, porque você não larga isso, mas eu gostava de fazer. Eu ia largar uma coisa que eu gostava de fazer?

Nas discussões ou conversas com os pais, Denílson, além de apontar seu desejo e vontade de se dedicar à música, utilizava como argumento o fato de que, diferentemente de outros rapazes do bairro, não estava “*parado*” e nem envolvido com alguma coisa errada. Ainda assim, seus pais viam seu envolvimento com o grupo como algo marginal, uma vez que destoava daquilo que esperavam que ele realizasse, e passageiro, tendo em vista o baixo resultado financeiro da atividade.

Foi justamente, mas não exclusivamente, a baixa circulação de dinheiro um dos motivos que pôs fim ao *Samba de Esquina*. Para seguir a carreira musical era preciso, em sua opinião, muito trabalho e esforço coletivo e, além disso, algum contato que pudesse abrir caminhos e oportunidades para uma trajetória promissora – quanto mais próximas às escolas de samba, mais estavam abertas possibilidades para que um grupo obtivesse sucesso, pois poderiam inscrever suas letras nos concursos de samba enredo, apresentá-las para outros grupos de mais renome e participar de CDs de cantores famosos, etc. – essa não era a realidade dos integrantes de seu grupo de pagodeiros. Salvo alguns trocados, o negócio não foi rentável. Alguns amigos abandonaram o grupo, Denílson procurou por substitutos, mas no intervalo de um ano esse projeto foi encerrado.

SEM MUITO QUE DIZER...

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS AFETIVAS

Denílson já “*ficou muito*”, mas namorada mesmo teve apenas uma e por pouco tempo. Na nossa primeira entrevista, caracterizou-se como uma pessoa “*sossegada*”. E restringiu-se a dizer, de maneira bastante lacunar, que havia tido um namoro e que sobre o tema relações afetivas não tinha muito que dizer. Apenas no nosso segundo encontro o jovem discorreu mais longamente sobre sua trajetória afetiva. Ficou com uma garota quando tinha treze anos e ainda frequentava a escola, mas disse que mais animadas e intensas foram suas vivências afetivas a partir dos dezenove anos, no circuito do samba, onde, nas festas, ficava com garotas que conhecia no pagode.

Quando tinha seu grupo de pagode para “*ficar*”, não era preciso nem se apresentar e dizer de onde veio, bastava beijar. A pertença a um grupo de pagode garantia o interesse das meninas e algum prestígio. Era mais fácil flertar com as moças

que frequentavam as festas, visto que ser músico lhe garantia “*pontos*” com as garotas. Foi nesse período que se deu mais concretamente suas vivências afetivas, partilhando de novos códigos, distintos dos religiosos, apreendidos na infância.

Agora a rigidez da conduta sexual só implicava às moças e não mais aos moços. Com os amigos partilhava de uma dupla moral que orientava de diferentes maneiras as condutas desejadas para homens e para mulheres, em que apenas aos primeiros estava aberta a possibilidade de experimentação e exercício da sexualidade (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Foi no circuito do samba que conheceu a sua única ex-namorada, Débora, uma “*morena*”, que tinha dezoito anos, quando se conheceram. Namorou por um ano e quatro meses e foi com ela que deixou de ser virgem, aos dezenove. Sua virgindade não era sabida pelos amigos, nem pela moça e teve dificuldade de contar até para a entrevistadora. Questionou: “*mas não vai contar para ninguém, viu?*” A primeira relação sexual aconteceu na casa do rapaz, enquanto a mãe e o padrasto estavam na igreja, local e horário em que ocorreram outros encontros amorosos com a moça.

Era apaixonado pela garota, mas a convivência com os amigos do samba “*atrapalharam*” o relacionamento. Denílson afirma não ter sabido equacionar os tempos de um namoro, das atividades com os amigos e compromissos com o grupo de pagode. Quando estavam juntos, ficavam em casa, assistindo televisão ou namorando, o que incomodava a garota. Além disso, apesar de tê-la conhecido em um samba, a jovem não gostava do estilo musical o que atrapalhava a construção de agendas comuns. A relação foi re-estabelecida por mais três meses depois da ruptura, mas novamente a garota propôs o fim do namoro.

Eu dei muita mancada. Eu dei mancada porque eu saía muito com os meus amigos e não tinha o que fazer com ela. Ela foi se enchendo, se enchendo e teve uma hora que ela não aguentou mais. Ai, ela terminou. Foi ela que terminou. (...) Ela não gostava de samba, de pagode e eu só sabia fazer isso. Ela não gostava do que eu fazia, entendeu? E quando eu saía com ela, eu levava ela para o shopping, mas fazer o quê no shopping sem dinheiro? Com o tempo, o tempo, o tempo... foi acabando, assim...

Depois do término, disse ter “*ficado*” com outras moças. Embora manifestasse o desejo de namorar, acreditava que era mais difícil voltar a ter esse tipo de relacionamento, porque as meninas estavam muito fáceis e era difícil encontrar uma “*mina firmeza*” – que se traduzia em uma jovem bonita, mas dotada de qualidades morais e/ou pessoais como ser sincera, ser carinhosa, ser honesta, ser “*mais família*”. Para ele, as garotas cada vez menos estavam afeitas a relacionamentos estáveis do tipo

namoro, elas estavam “*atiradas*”, “*safadas*”, “*não se davam o respeito*”, o que dificultava a localização de parceiras com quem se pudesse estabelecer um relacionamento duradouro.

Antes, você só dava uns beijinhos, catava as meninas e beijava, dava uns agarrões (risos). A mina ficava fazendo de tudo para a gente não pegar nela. Hoje, não, hoje a coisa mudou (risos)... hoje tem sexo logo de prima [primeira] aí eu acho muito ruim para a menina, porque ela fica vulgar, fica falada, porque não se dá o respeito. As minas hoje... têm até mina firmeza, tipo, tem umas minas que são mais sérias, assim, mas a maioria está muito safada.

As moças “*atiradas*” ou “*safadas*” não precisavam ser seduzidas, nem convencidas a entrar em encontros fortuitos ou descomprometidos e foi esse comportamento que estava sob apreciação moral do rapaz como critério classificatório para o “*respeito*” que os homens devem prestar às mulheres e para a definição de possíveis parceiras para um namoro. Competia aos rapazes pressionar as jovens e barganhar uma relação mais íntima. Para elas competia a responsabilidade de estruturar um jogo em que esse respeito não fosse rompido, deviam “*se preservar*”, caso contrário, tornavam-se “*mal faladas*”, equiparavam-se a prostitutas, e se tornavam inelegíveis para relacionamentos, a não serem os estritamente sexuais.

Hoje, as meninas não tão nem aí. Elas não se preservam. Tem muita menina com doze, com treze anos que está transando com qualquer cara. Nem precisa namorar. Basta catar umas duas vezes e pronto. Tipo, antigamente, o cara ia para uma casa de prostituição, ia transar com uma prostituta, mas hoje isso nem precisa mais. É só ir para um funk e pronto. Ele vai lá e cata a mina. (...) As minas estão tudo saidinha e os homens já nascem sacanas (risos).

Denílson fez considerações a respeito da própria condição masculina nos relacionamentos afetivo-sexuais, explicitando a percepção de diferenças nos modos como via atributos tidos por ele como específicos ao gênero feminino e masculino. Os rapazes nasciam “*sacanas*”, enquanto que as meninas, em tese, eram mais controladas, ou pelo menos uma parte delas deveria ser mais controlada, para a manutenção do esquema: rapazes, mulheres “*sacadas*”, mulheres “*firmezas*”. Esse esquema feito pelo entrevistado parece semelhante ao observado por Salem (2004), ao estudar um grupo de jovens em que percebe a estruturação de argumentos que tendem a naturalizar a pulsão masculina por sexo, enquanto que ao universo feminino são imputadas características de maior controle e busca por vínculo com os homens, manifesto em argumentos como: “*enquanto eles pegam mulheres, elas pegam no pé*” (Salem, 2004, p.55). Curioso em seu estudo é o fato de que aos comportamentos femininos que rompem com esse padrão, portanto, avaliados como ilegítimos, não se é atribuído a mesma contingência

que orienta a conduta sexual masculina, mas sim a vocação feminina para buscar por vínculo com os rapazes mesmo que de forma despudorada, apresentando um risco para os homens, que resulta da combinação explosiva entre seu desejo de estabelecer uma relação com a dissimulação e o uso instrumental do sexo.

A instrumentalização do sexo (...) constitui a especificação de uma inclinação mais geral: a dissimulação feminina, a qual encontra sua tradução mais perfeita na área da sexualidade (...). Não parece casual, aliás, que o “fingimento” feminino seja exercido precisamente em um domínio onde os homens se encontram mais expostos e vulneráveis em virtude não só de seu sexo descontrolado como também de sua falta de controle sobre as “armações” femininas. Resta-lhes, portanto, desconfiar. (SALEM, 2004, p.57-8)

Contudo, com muita dificuldade de se expor e com uma voz diminuta, no decorrer de sua fala, Denílson explicitou que tem encontrado dificuldade no ‘mercado’ afetivo-sexual – que não se conectam à pretensa permissividade das moças. O fim do grupo de pagode diminuiu também a sua possibilidade de conseguir pretendentes a um namoro ou mesmo para um relacionamento mais fluído do tipo “ficar”. Na verdade, nas ocasiões das entrevistas, segundo suas contas, havia nove meses que não beijava, por exemplo. Para justificar esse desempenho o jovem argumentou que estava encontrando dificuldades para “chegar” nas meninas, atividade que antes era facilitada por uma ação mais articulada e estratégica com o grupo de pagode. Sozinho lhe faltavam situações em que esse tipo de iniciativa era possível.

A ausência de elementos que lhe garantissem algum prestígio com as garotas – não se considerava bonito, não tinha carro ou moto⁴⁵, estava desempregado, não podia consumir ou circular pelos shoppings, e não tinha um grupo de amigos com status –, a timidez e a dificuldade em se expressar apareceram como obstáculos apontados por ele na aproximação com o sexo oposto, sendo os momentos iniciais de contato com as garotas, para uma conquista, vividos como tensos e cheios de expectativas.

Não é que eu não quero ficar com alguém, quer dizer, não é porque eu não quero, também não aparece. (...) Chega na hora “H”, eu travo. Tipo, eu não sei o que falar. Eu sou muito na minha, sabe. Eu sou muito sossegado. Daí, eu fico lá, fico na minha... É mais fácil quando você tem um amigo que passa um pano [facilita] para você, que vai lá e troca uma idéia com a mina, mas eu nem gosto de ver isso não. Se a mina já está no esquema, daí eu chego junto, mas se não... putz!

⁴⁵ Denílson expõe sua fragilidade no “mercado afetivo” como decorrência de um interesse das jovens por determinados bens de consumo, comuns a traficantes e bandidos. É por esse motivo que ele justifica o envolvimento de moças com rapazes que transitam pelos caminhos da ilegalidade. Dayrell (2005, p.253) observa uma explicação semelhante de um jovem entrevistado por ele, comentando que: “a ilusão do dinheiro fácil é acompanhado do desejo de conquistar um certo patamar de consumo, que, por sua vez, passaria a significar uma posição de mais respeito no meio social mais próximo, de ‘ser alguém’, e admirado pelas meninas.

Denílson teve dificuldades de se integrar às regras desse novo jogo em que é possível viver e explorar a sexualidade. Isso porque ela supunha o desenvolvimento de uma competência específica, a disposição ativa do jovem para o “*ficar*”, para sexo e para a exploração de múltiplas possibilidades de contato afetivo-sexual. Mas, em seu caso, a timidez era um impeditivo para “*chegar*” às garotas.

Mais do que afirmar certa configuração psicológica dos sujeitos, a timidez masculina revela de que modo a hierarquia de gênero, ao lado do leque de privilégios sociais que designa a cada um dos sexos, pode ser constrangedora para os indivíduos. A timidez é então considerada aqui como um designativo sociológico de uma inabilidade ou incapacidade momentânea (talvez persistente em alguns casos) de ser bem-sucedido com os roteiros prescritos para o gênero masculino (HEILBORN, 1999, p.47)

Para driblar essa dificuldade utilizava-se constantemente de *chats* e de comunidades virtuais, para estabelecer diálogos com novas garotas. No bairro, por sua vez, buscava estabelecer contato com as jovens que frequentava o mesmo curso que ele, privilegiando as mais novas, porque no seu grupo de idade, as moças já eram casadas ou, então, não manifestavam interesse por ele.

O INGRESSO EM UMA TORCIDA E O RETORNO AOS ESTUDOS

AS EXPERIÊNCIAS DO PRESENTE

Denílson contou que, meses antes de nosso primeiro encontro, seu cotidiano estava muito monótono, passava a maior parte do tempo na rua, em *lan houses* ou telecentros públicos do bairro, participando de *chats*, ou então, jogando bola. O fim do grupo de pagode, segundo ele, dissolveu a unidade de seus amigos, cada um indo para um lado, alguns trabalhando ou buscando trabalho, outros se casando e tendo filhos. Um dos amigos do grupo envolveu-se com os caminhos da ilegalidade e encontrava-se preso. No período da noite, assistia televisão, ia a bares ou botecos, mas, na maioria das vezes, na ficava na dependência de que algum amigo lhe pagasse uma cerveja. Sentia-se cansado e, ao mesmo tempo, sozinho.

Essa rotina se altera, segundo ele, com seu ingresso em uma torcida organizada do Esporte Clube São Paulo. Nas idas às *lan houses* buscava informações acerca do futebol e sobre o seu time, acompanhando de perto as notícias de campeonatos. Foi nesses passeios virtuais que tomou contato com *chats* de torcedores, inicialmente, da Torcida Independente e, posteriormente com membros da torcida organizada Dragões da Real, pela qual teve maior interesse, pois descobriu a existência de uma escola de samba vinculada à torcida e avaliou que essa era menos violenta. O encontro em seu

bairro com um integrante da torcida abriu as portas para que ele também fosse fazer parte dela.

Eu ia entrar na Independente, mas eu me interessei pela Dragões, porque lá tem escola de samba e é menos violenta que a Independente, não que não tenha violência, mas ela é mais tranquila, mas voltada para juntar os torcedores mesmo, para criar uma união. Eles têm um uniforme que é bem louco, um dia eu estava num barzinho e entrou um cara com o uniforme, eu olhei assim, aí eu fiquei olhando para ele, aí, ele perguntou se eu era são-paulino. Ele que me levou lá na sede da Dragões. Eu peguei o telefone dele e ele me levou lá. Fiz a minha carteirinha, entrei, é o maior barato, é legal, a gente se reuni para o jogo, se reuni para fazer de tudo, troca muita idéia pela internet, faz tudo mesmo, tipo, é uma união, entendeu?

Embora enfatize a menor violência de seu grupo, estando lá há oito meses, Denilson afirmou que os embates com torcidas rivais são inevitáveis, tendo em vista que, a caminho dos estádios é comum deparar-se com emboscadas. Relatou, por exemplo, que pouco tempo antes de nossos encontros, a caminho de um “clássico” entre São Paulo e Corinthians, um dos seis ônibus de sua torcida foi parado por homens e rapazes integrantes da torcida Gaviões da Fiel. Nessa ocasião o “pau comeu”, ou seja, ocorreu um enfrentamento entre as torcidas rivais, e embora não fosse um rapaz afeito a encrencas, também fez parte da briga, pois fazia parte de um dos grupos.

Seu envolvimento com episódios de confronto com torcidas organizadas foi relatado como parte de um código de honra que deve ser estabelecido entre os torcedores, em que um deve ajudar o outro num conflito, exceto em situações extremas em que haja um cálculo de morte ou de vida.

É a torcida organizada, certo? Se tiver só dois, ou só três e você correr, a torcida vai ficar sabendo que você correu, aí é como se você tivesse deixado eles na mão, entendeu? Por isso que você não pode correr, que depois você vai ser cobrado. Você vai ser cobrado da torcida ou do dono, como se fala, do Presidente da torcida. Ele vai chegar, vai perguntar por que você correu, entendeu? A não ser que tenha um motivo muito grande para correr, se você ver que vai morrer mesmo, aí, você tem que correr mesmo, porque ninguém é besta.

No final de semana anterior a um de nossos encontros, estando uniformizado, tinha corrido, com outros três companheiros, de torcedores do Palmeiras. A fuga foi justificada porque os rivais contabilizavam vinte pessoas, sendo muito provável que ele e seus amigos apanhassem. Também falou de uma invasão à sede da Dragões da Real, durante uma festa, presenciada por ele, que resultou na destruição parcial de bandeiras, instrumentos musicais e fantasias das escola de samba. Lamentava pelas brigas e conflitos entre torcidas, disse nunca ter participado de situações de violência ou confrontos por ele ou por seus amigos premeditados, mas achava que dificilmente elas cessariam, tendo em vista a disposição das torcidas por defender seus times e da

“*energia*” que contaminava todos, inclusive ele, a ida aos estádios e demais atividades que precediam um jogo de futebol.

Estando na torcida Dragões da Real, Denílson percebia a existência de uma “*puta união*” entre os membros do grupo e destacava, de maneira muito animada, a possibilidade de realizar diferentes atividades junto com estes como: circular na cidade em grupo, organizar os ônibus da torcida, vender camisetas, participar de conversas sobre futebol, organizar a escola de samba no carnaval, participar de rateios para o aluguel de caravanas a outras cidades, etc. As brigas e confrontos com torcedores rivais consistiam no ônus de estar nesse espaço de ação coletiva, pois não gostava de briga. Não obstante, reconhecia que ser solidário e cumprir as expectativas dos demais rapazes nesses episódios – ter disposição para a briga e astúcia para fugir de situações de desvantagem – garantia um respeito e respaldo permanecer no grupo e partilhar com os demais os feitos e aventuras.

Não vou falar para você que eu gosto de briga. Não gosto, não. Mas também não vou mentir que não é dá hora. Rola a briga com a Gaviões, por exemplo, já briguei com os caras da Gaviões. Foi uma treta que rolou esse ano. Na hora foi foda. Depois que rolou a briga, a gente se reúne, lembra das histórias, lembra da doidera, porque todo mundo fica maluco. Nessa, você vai ficando mais amigo.

Oliveira (2004, p.64) afirma que no momento em que mudanças sócio-econômicas e familiares erodiram os fundamentos tradicionais da identidade e dos privilégios dos homens, o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais, pois permite uma experiência de validação da masculinidade ao mesmo tempo pessoal e existencial para seus praticantes e expectadores. Trata-se do “último bastião” do poder e da superioridade masculina para combater e distanciar-se da “feminização”.

Soma-se a isso o fato de que estar em uma torcida lhe garante certo espaço para o exercício e participação coletiva nas franjas do futebol (TOLEDO, 1997). É por meio dessa associação que consegue se deslocar pela cidade, participar de atividades coletivas, integrar uma escola de samba, navegar e trocar contatos pela Internet e sentir-se pertencente a um grupo, a dos torcedores que andam uniformizados e que, portanto, emitem mensagens mais ou menos claras sobre suas identificações e os modos que querem e podem ser reconhecidos.

Apesar das brigas, ir ao estádio, deslocar-se em grupo pela cidade, cantar os hinos da torcida organizada, curtir o futebol são atividades que animavam Denílson a continuar participando desse coletivo. A torcida de futebol foi vista por ele como uma

atividade importante para manter um circuito de amizades e de atividades comuns com outros jovens com os quais percebe afinidades, mas tratava-se de um evento passageiro de sua vida, pois acha que quando se tornasse “*mais velho*” e “*responsável*” não teria mais tempo hábil para participar desse tipo de organização e tampouco dos eventos realizados por esse coletivo.

Tipo, eu acho que eu estou nessa porque eu ainda sou jovem, entendeu? Quando eu ficar mais velho, quando eu arrumar um emprego bom, fixo, bem legal, assim de arrumar a minha vida completamente, eu vou ter que parar com a torcida, parar com o samba, porque eu acho que eu não vou conseguir juntar as duas coisas. Daí, depois que eu arrumar as minhas coisas um pouco, arrumar a minha vida, eu penso em casar e ter a minha família. Eu acho que eu não vou conseguir juntar tudo, juntar futebol, juntar mulher, filho, casamento, acho que não vou conseguir, é muita coisa...

O principal motivo para que previsse esse distanciamento dizia respeito ao tempo que um trabalhador deve se dedicar ao emprego. Quando projetava o trabalho futuro, pensava em alguma atividade que lhe tomaria a maior parte do tempo ao longo da semana. Além disso, diferente de seu momento atual, cujo dinheiro obtido com “*bicos*” e trabalhos episódicos destinava para a compra de camisetas, agasalhos e bonés, bem como de ingressos e aluguel de ônibus para suas idas ao estádio, pensava que as consequências de encontrar um trabalho “*fixo, um emprego bom, bem legal*” era poder encontrar uma mulher, com ela se casar e ter filhos, projetos que demandam uma nova postura com relação ao uso do dinheiro, tornando o investimento no lazer e no futebol como questões secundárias.

Ainda que não o pensasse como horizonte próximo, o casamento fazia parte de seus projetos, mas era preciso antes arrumar um emprego que, por um lado, organizasse e arrumasse a sua própria vida, por outro, garantisse condições para a constituição de uma família. Enquanto estava solteiro, Denílson podia “*se virar sozinho*”, mas depois de casado era preciso “*bancar [sustentar] mulher e filhos*”. Ao falar sobre esse distanciamento previsível do futebol, que conectava ainda às suas experiências como jovem, e acenar para o casamento como uma consequência do trabalho e da responsabilidade adulta, o rapaz explicitou sua percepção sobre a centralidade do homem como provedor e as dificuldades contemporâneas para que ele, como jovem, assumisse esse lugar.

Tipo, na torcida o que é que tem? Meu, a maioria dos caras são um bando de moleque novo, com seus dezoito, vinte, vinte e cinco anos, todo mundo é solteiro. Tem uns caras que são casados, mas eles já estão com a vida feita, tem trabalho e isso não é impeditivo, entendeu? Os caras, tipo, honram seu papel. Eles só estão lá porque tem mais tempo. Mas eu acho que para mim o principal, tipo, para quando eu for mais velho, vai ser a minha família, entendeu? Porque eu acho que ser homem é ter muita dignidade, trabalhar,

ter uma família, constituir uma família. É ter fé em si mesmo, principalmente isso, porque acho que para o homem é tudo mais difícil, se você ver vê hoje. O homem é muito cobrado para arrumar trabalho, mas o mercado de trabalho está fechado, está limitado, está bem difícil.

No primeiro semestre de 2007, como estratégia encontrada para ampliar suas possibilidades no mercado de trabalho, Denílson voltou a estudar. Matriculou-se no programa do governo federal ProJovem por indicação de sua irmã mais velha, que também participava do programa. Estava otimista com relação ao retorno. Acreditava que, após sua conclusão, teria uma qualificação profissional e o ensino fundamental concluído, aspectos que poderiam facilitar a aquisição de um trabalho formal ou, pelo menos, mais regular. Para completar essa formação, pensava em fazer, na sequência, um curso de informática, aprendendo a fazer a manutenção de computadores. O ingresso no curso apaziguou por hora as relações com os pais:

Minha mãe ficou mais tranquila, tipo, ela já não estava cobrando tanto trabalho, porque, assim, acho que ela está ligada que eu não estou do lado errado, que eu faço as minhas correrias, que eu faço a minha parte, que eu não digo não para nenhum trabalho, tipo, tudo que aparece na minha frente eu faço, nem que não tenha dinheiro, entendeu? Mas eu acho assim, que com o curso deu uma esperança para ela, porque hoje está todo mundo desempregado. Então, ela está dando o maior apoio, assim. (...) Esperança de quê? Esperança de trabalho que eu tenha um emprego bom aparecer para mim depois.

Realizava trabalhos esporádicos para uma vidraçaria do bairro. Com um amigo, era responsável pela realização de carretos para a entrega de encomendas da empresa, que aconteciam nas segundas-feiras. Por mês, conseguia fazer quatro ou cinco entregas, de onde obtinha uma renda de até setenta reais mensais. Diferente dos motivos iniciais que o mobilizaram a ingressar no mundo do trabalho na adolescência, agora, as justificativas para a reorganização da vida faziam parte de uma estratégia para tornar-se “homem de verdade”, pois já não se considerava mais um “moleque”. Achava que esse caminho estava difícil, mas possuía esperança de um dia encontrar um bom emprego. Até o retorno à igreja era esperado, pois, com a conquista de um trabalho poderia ser um “homem direito, quem sabe não rola, tenho fé em Deus”.

Os sentidos e significados que Denílson atribui à masculinidade podem ser inicialmente compreendidos no bojo de uma *socialização primária* que estabelece precocemente fronteiras e separam os mundos da legalidade e da ilegalidade, do trabalhador e do bandido, do lícito e do ilícito. Sua experiência de infância foi marcada pelo acompanhamento do envolvimento de seu pai com o crime e do desfecho trágico

de seu assassinato, caminho mais provável para aqueles que escolheram “*correr do lado errado*”. Após esse episódio, considerou que o esforço de sua mãe foi o de atenuar uma possível herança paterna, transmitida, em tese, exclusivamente para os filhos do sexo masculino: o “*sangue nos olhos*”, a pré-disposição para a vingança e para o envolvimento com a criminalidade.

A frequência à igreja Congregação Cristã do Brasil operou como um reforço dos preceitos e orientações da figura materna. Junto à família, a instituição religiosa sedimentou a oposição entre ser um pai de família e trabalhador ou ser um criminoso. Neste último caso, a sociabilidade masculina do bairro era vista como um elemento de vulnerabilidade e de distanciamento do ideal mais enfatizado pelas instituições responsáveis por sua socialização. Por um lado, o pai biológico e, em alguma medida, seus tios compunham uma possibilidade de *ser homem*, por outro, os frequentadores da igreja e, posteriormente seu padrasto, acenaram para a conformação de uma masculinidade mais pudica com relação à sexualidade e mais comprometida com a tarefa de se tornar um exemplo moral para a família e comunidade religiosa.

Se os modelos de masculinidade se apresentavam com distinções mais categóricas sobre o comportamento masculino e suas obrigações, do ponto de vista das relações entre homens e mulheres as diferenças e assimetrias estiveram presentes nos dois modelos. Na convivência com o pai biológico, com a mãe e irmãos, com a comunidade religiosa e com o padrasto, o entrevistado esteve diante de situações que apresentavam uma polaridade entre o domínio masculino e feminino, enfatizando a subalternidade das últimas na esfera privada e pública. No âmbito da família, o destino das mulheres foi o das atividades domésticas e cuidados com as crianças, e dos homens, o do trabalho ou do crime (atividade que demanda uma exterioridade e domínio das lógicas da rua). Na instituição religiosa, a separação espacial, os vestuários e os adornos utilizados de maneira distinta por eles e elas e a existência de poderes desiguais (os homens conduzindo as cerimônias e tocando os instrumentos, as mulheres cuidando dos trabalhos de caridade) reforçaram essa apartação e dissimetria.

No que tange à identificação racial Denílson não relatou discussões ou algum tipo de acontecimento envolvendo os adultos, mas ao descrever seus parentes apegou-se a caracterizações somáticas estabelecendo um *continuum* racial a partir de traços fenotípicos. Narrou a existência de brincadeiras deferidas contra a pessoa que tinha traços mais negróides de sua família (a irmã mais velha), sendo estes mais desvalorizados e carregados de conotações negativas. Por ser o filho mais “*claro*”, em

sua opinião, seus traços eram menos diferenciados do que o de seus pares brancos e, por isso, se percebia com chances reduzidas de sofrer por desvantagens raciais. Não se considerava negro, mas pardo, quando se comparava aos membros de sua família.

Além disso, no contexto religioso as diferenças foram apagadas em nome de uma unidade, pois todos eram filhos de Deus. Os homens negros tinham chances de ocupar lugar de destaque na comunidade religiosa, o que reforçava para ele a crença na possibilidade de prestígio também para os negros, desde que estes não estivessem submetidos à avaliação daqueles que se orientam por ideias avaliadas pelo rapaz como “*besteiras*”.

A forma de manipular os traços fenotípicos para definir sua autoidentificação racial e os sentidos atribuídos ao racismo se apresentou de maneira peculiar neste rapaz quando confrontados à dos demais entrevistados (Matheus e Wagner), cujas narrativas apresento nos capítulos seguintes. Do ponto de vista de uma hetero-classificação eles tinham tez, traços fisionômicos e cabelos semelhantes. Mas diferente dos demais, para Denílson, ser homem negro sequer se colocava como uma questão, posto que a partir de uma escala de cores, não se considerava como tal, assim como não considerava Mano Brown negro, mas “*quase branco*” (opinião dada nas entrevistas coletivas).

O silêncio presente no âmbito familiar, a crença na igualdade de condições de ascensão do homem negro e a forma como percebia a composição racial, seja de sua família ou de maneira mais ampla, na sociedade brasileira (a partir de um sistema de classificação por cor), não se alterou no percurso de sua *socialização secundária*, esta tampouco tocou nos aspectos mais substanciais de suas aprendizagens sobre as especificidades do masculino e, particularmente, do feminino, embora sobre estes aspectos tenha experimentado momentos de pequenas transgressões frente aos universos de referência da *socialização primária*.

Na escola, em decorrência ou como sintoma de construir a percepção de que não era um bom aluno e de que não possuía disposição para o estudo, associou-se a outros meninos pouco afeitos às regras escolares. Com eles, constituiu novas performances masculinas, não-orientadas por projetos institucionais da família e da igreja, mas de oposição à organização escolar. Evasões e repetências marcaram sua trajetória na instituição, sendo que aos 15 anos abandonou os estudos. Buscou por emprego, mas salvo alguns trabalhos intermitentes não teve nenhuma experiência duradoura nesse domínio.

Sobre a dificuldade de conseguir trabalho, o rapaz justificou-a em decorrência de sua condição de pobreza, da discriminação daqueles que nela se encontravam e da escassez de oportunidades ofertadas a moços pobres e de baixa escolaridade. Somou-se a sua experiência pessoal a constatação de que outros tantos amigos, como ele, também não conseguiam emprego, ficando a maior parte do tempo na rua e no ócio. Embora inquirido sobre a existência de um fator de discriminação racial para explicar essa situação, Denílson privilegiou outras dimensões como a distância entre a periferia, onde morava, e o centro, lugar em que se encontravam os empregos, e a desqualificação dos jovens pobres a partir de suas roupas e modos de se expressar.

Nesse sentido, mesmo quando abarcando a realidade de outros jovens (brancos e negros), o elemento racial foi desenfocado pelo fato de ser a classe um fator mais pregnante na forma como explicava as desigualdades sociais. As assimetrias entre brancos e negros foram ignoradas em função de outra linha divisória, para ele, mais marcante e que abarcava o conjunto de rapazes, inclusive ele, numa situação de pouco privilégio e chances incertas de cumprir um projeto de masculinidade, que é mediado pela possibilidade do trabalho e da constituição de uma família. Em sua narrativa esta foi, sem dúvida, a situação que não permitia desatar um nó que envolvia um projeto de vida, a exigência familiar de que ele localizasse trabalho e o desejo pessoal de conseguir um emprego, inclusive para desfrutar mais intensamente do lazer e do consumo.

No grupo de amigos da juventude percebia o desemprego e o ócio como elementos que, associados às responsabilidades de ajudar os pais (com recursos financeiros), manter a família e/ou filhos tornava a trajetória de rapazes mais propensa ao envolvimento com o crime. Essas experiências, em alguma medida, reforçaram as categorias de inteligibilidade construídas na *socialização primária*. Fora dos preceitos morais da igreja, na ausência de emprego, que garantisse renda, e de atividades, que ocupassem o ócio de jovens pobres, o ingresso no mundo do crime constituiu, em sua narrativa, um dos poucos caminhos possíveis para o cumprimento de obrigações destinadas ao sexo masculino e uma alternativa para fugir da condição de desempregado. Ao que tudo indica caminho negado para si mesmo.

Na sociabilidade com os amigos do bairro, Denílson se apropriou de novas regras para orientar sua vida afetivo-sexual, menos castas para os rapazes, mas que mantinham os scripts para as condutas femininas, já enfatizadas pela igreja: eles podiam “ficar”, mas moças tinham que manter um jogo que lhes garantisse o respeito. A sua participação em um grupo de pagode funcionou como um *suporte* para que

experimentasse esse privilégio. Sem emprego ou sem o prestígio da virilidade daqueles envolvidos com o crime – avaliados por ele como aspectos determinantes para a conquista afetiva – podia circular pelo universo feminino. Contudo, a trajetória profissional, que prescinde da escolaridade formal, não teve êxito e o grupo foi desfeito, conforme seus amigos foram encontrando novas formas de sobreviver. Sem o grupo, sem trabalho e considerando os interesses femininos, obter um trabalho continuou sendo um desafio.

O trabalho estável seria o *suporte* necessário para que Denílson pudesse viver o projeto de masculinidade apreendido por ele ao longo de sua *socialização primária* e, sob muitos aspectos, reiteradas na sua *socialização secundária*: ser um trabalhador e pai de família. Mas, o desemprego e suas restrições para driblar essa situação – ele é pobre e tem baixa escolaridade – dilacera esse projeto e, ao mesmo tempo, converte essa referência simbólica na causa de seu sofrimento. Não é possível ser trabalhador se não há trabalho e não é possível ser pai de família sem renda que lhe confira prestígio e status para circular entre as garotas e, posteriormente, lhe garanta condições de manter o sustento da mulher e dos filhos. Assim, retomar os estudos se apresentou como uma possibilidade de continuar vislumbrando esse destino e, quem sabe, conseguir o emprego com registro em carteira almejado.

Por sua vez, a filiação a uma torcida de futebol apresentou-se como um *suporte* disponível para, por um lado, mantê-lo, em certa medida, na condição juvenil, já que ainda não assumiu as responsabilidades de um homem adulto. Por outro, permitiu o exercício ritualístico do desempenho da virilidade e da partilha de um projeto de masculinidade pactuado por um grupo específico. Nesse espaço está integrado a um código de lealdades e obrigações que fazem parte das práticas cotidianas dos torcedores de futebol: organizar as excursões para os jogos, integrar a bateria da torcida, ter disposição para o enfrentamento de grupos rivais, saber a hora em que é necessário correr deles e (como relatou no grupo de entrevista) firmar sua heterossexualidade, repudiando a hipotética homossexualidade de outrem.

As percepções e atribuições de Denílson à masculinidade se constituem, assim, a partir de parâmetros de uma experiência de socialização de poucas rupturas com uma herança familiar, que zelou por um distanciamento das atividades ilícitas, sem, contudo, romper com scripts hierarquizados para homens e mulheres e declinar com o ideal do homem provedor. Embora vivesse as dificuldades do desemprego, era a busca pela concretização dessa experiência que orientava suas escolhas e trajetórias.

CAPÍTULO 5 – TENSÕES E NEGOCIAÇÕES PARA NOVOS MODOS DE SER HOMEM

Matheus, 24 anos, com ensino médio concluído, afirmou nas entrevistas coletivas a existência de diferentes maneiras de *ser homem*. Na “*quebrada*”, maneira como nomeava o bairro Cidade Tiradentes, na Zona Leste, onde morava, acreditava que entre muitos jovens do sexo masculino, havia uma valorização do “*pegador*” (aquele que tem facilidade na conquista de mulheres). Mas, essa não era a única faceta masculina, havia outros tantos jovens mais tranquilos e dispostos a forjar outras *performances*. Destacou a existência de rapazes envolvidos com grupos culturais, em especial dedicados a atividades permeadas pela cultura hip hop ou pela cultura de periferia que tinham abertura para uma maior reflexão política de suas condutas e práticas sociais. Fazia parte de um grupo de produtores de vídeo, e há mais de seis anos participava de reuniões mensais de um núcleo cultural do bairro.

Avaliava que discussões sobre “*questões sociais*” permitiam àqueles envolvidos com grupos culturais um espaço para partilhar experiências pessoais e aprender sobre temáticas que abriam novos horizontes para identificações e significações sobre o mundo. Em especial, temas como ser negro, morar na periferia, a existência do racismo, as manifestações culturais, entre outros, eram considerados assuntos comuns a estes grupos. Seu contato com o tema ‘relações de gênero’ se deu pela influência de garotas engajadas na cultura hip hop. Participou de formações específicas promovidas por ONGs sobre a temática, foi ao Fórum Social Mundial e lá tomou contato com grupos que também defendiam os direitos de homossexuais.

Essas experiências foram componentes que, segundo Matheus, constituíram referências para que ele e alguns de seus amigos construíssem novos modos de entender as relações de gênero, as relações raciais, a cultura, etc. Até os dezessete anos, achava que *ser homem*, era ser pegador e heterossexual, agora pensava que homens e mulheres podiam ser muito diferentes e semelhantes. A homossexualidade não era mais um tabu. Sabia o valor e a beleza de uma “*trança afro*” e, como preto e militante, sentia-se constrangido em estabelecer relações afetivas com garotas brancas, que no passado foram o padrão de beleza mais idealizado por ele. Pensava-se como um homem diferente: “*um preto, morador da periferia, envolvido com movimento social e com o rap*”.

Seu depoimento assemelhou-se àqueles coletados por Rodrigues (2005), que ao estudar o engajamento de jovens em grupos culturais da periferia de São Paulo, constatou serem estes espaços ricos para a aprendizagem de novas possibilidades de manipular sua condição racial e questionar repertórios sobre as relações de gênero mais comuns ao âmbito familiar e escola. As conclusões da autora consideram que a participação de jovens em grupos culturais recompõe relações de gênero e de raça, abrindo espaço para novos processos de identificação e ação, forjados em um novo processo de socialização.

De fato, Matheus desde a infância havia sido educado para ser um trabalhador e pai de família, projetos que, em sua opinião, se vinculavam a uma perspectiva “*tradicional*” de como *ser homem*. A participação em coletivos juvenis mobilizou seu interesse em galgar outro futuro, mas pressões e necessidades familiares para que localizasse um emprego, aos 18 anos, e a inabilidade da escola em negociar seus horários de trabalhador, fizeram-no abandonar os estudos sem concluir o ensino médio, dedicar-se menos a seu grupo e trabalhar durante quase três anos como segurança privado em boates.

Aos 22, terminou a educação básica, localizou um emprego como educador social e retomou suas atividades culturais, vivendo de uma maneira compatível com seus ideais. Um ano depois, conheceu uma jovem da mesma idade numa roda de samba. Começaram a namorar e, em decorrência do desemprego da moça que perdeu sua moradia, casaram-se em 2007. Na entrevista coletiva, o rapaz manifestou preocupações com a educação de seu enteado, de modo a ensiná-lo a não ser discriminado por seu comportamento menos viril. Na primeira entrevista individual, iniciou nossa conversa pedindo para que eu “*esquecesse tudo*” o que disse nas atividades anteriores, porque havia se casado. A união com a jovem desestabilizou suas opiniões e projetos. Achava que vivia uma contradição queria ter uma relação conjugal mais igualitária, mas sentia-se pressionado a assumir o lugar de provedor.

SEPARAÇÕES, UNIÕES, DIVISÕES...

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

Matheus nasceu em 1984. Era filho de uma ex-bóia fria e trabalhadora de olarias do interior do Estado de São Paulo, que migrando para a capital se tornou dona de casa e, depois de separada, doméstica e assistente de radiografia em um hospital público da capital. A mãe, negra, estudou até a oitava série do ensino fundamental. De seu pai,

negro, tinha poucas recordações e não se animava em resgatá-las. Não se lembrava da imagem do pai e não sabia qual era a sua profissão ou nível de escolaridade.

A separação dos pais foi o marco temporal e situacional que Matheus utilizou para dar início a sua narrativa de vida. Tinha apenas dois anos quando ela aconteceu. Por isso, seu entendimento sobre os motivos que justificavam o divórcio e o sumiço da figura paterna resultavam de diálogos com a mãe e a irmã, seis anos mais velha que ele. Nessas conversas, ambas destacavam a personalidade violenta de seu pai, alcoólatra, agressivo e que batia na esposa e nos filhos; mas também descreviam as vantagens de ter uma família “*estruturada*”, com uma casa que não faltava nada, ainda que alugada e simples. Eram as benesses de ter a presença de um homem que mantinha o sustento da família.

Elas contam que ele bebia demais, que chegava na casa que a gente morava fedendo a álcool. Minha mãe não aguentava, não ficava quieta, não queria aquilo e o que acontecia? Eles brigavam muito. Minha mãe conta que era muita confusão, que tinha muita briga, que não era um clima bom de família. Ele batia nela e minha mãe não levava desaforo para casa, também revidava, batia nele, botava ele para fora de casa.

A separação foi uma consequência da personalidade do pai e do acirramento dos conflitos familiares. Foi sua mãe quem planejou a saída de casa, contando com o apoio de parentes para recomeçar uma nova vida. Fugir do marido e “*não dar sinal de vida*” foi uma estratégia encontrada para evitar que este levasse a cabo as ameaças contra ela e as crianças. Tratava-se de um homem violento e que poderia fazer “*uma maldade*”.

Matheus, com dois anos, e sua irmã, com oito, foram morar com seus tios no interior de São Paulo. A mãe ficou na capital, residindo inicialmente em uma pensão, para buscar um emprego e conquistar um novo local de residência. Dos tempos de convivência com os tios tinha recordações próprias e positivas. Gostava de morar no interior e destacou as vantagens do convívio e das brincadeiras com os primos. Também elogiou o seu tio que era um “*trabalhador*”, dedicado à família e atencioso com as crianças. Segundo ele, foi essa figura que se constituiu em uma referência “*masculina*” para sua vida. Essa “*identificação*”, para o rapaz, era fruto de uma intencionalidade do parente que, considerando as “*experiências ruins*” pelas quais Matheus e sua irmã haviam passado, redobrava os cuidados e atenção especialmente com o sobrinho.

Sarti (2003) descreve esse processo como uma passagem possível nas camadas populares. Em seu estudo com famílias pobres, a autora observa que, em função do alcoolismo ou da ausência do trabalho como esfera de ação masculina, muitas mães abdicando da convivência conjugal acabam aproximando seus filhos da convivência de

tios maternos, onde as crianças podem buscar referências mais adequadas para conformar determinados papéis sociais. Na narrativa de Matheus, a possibilidade de convívio com o tio se deu por força de questões objetivas – não ter onde morar e necessidade de a mãe buscar uma nova colocação profissional –, contudo, considerando as observações desta autora, não surpreende que ele tenha percebido uma preocupação e cuidado do tio em se constituir em uma referência.

Sentia falta da mãe e sabia que esta estava “*batalhando*” para que eles voltassem a viver juntos. Nesse período, ela já era empregada doméstica e estudava o ensino fundamental em um curso supletivo. Mas morando na casa dos empregadores, não tinha condições de manter o convívio permanente com os filhos. Uma vez por mês ela se dirigia à casa dos parentes e se reencontrava com Matheus e a irmã. Nessas ocasiões, o jovem relatou que era evidente o sofrimento da mãe. Ela chorava ao se despedir e reiterava a promessa de que um dia retornaria para buscá-los.

Quando Matheus completou seis anos de idade, de fato, sua mãe cumpriu a promessa. Tinha um novo trabalho, como assistente de radiografia em um hospital público, e havia conquistado um apartamento em um conjunto habitacional popular no bairro Cidade Tiradentes. A trajetória da mãe foi descrita como a de uma “*guerreira*”, que “*lutou*” e “*deu a vida*” para manter a unidade familiar e garantir uma vida digna para os filhos⁴⁶.

Minha mãe tem cinquenta e quatro anos. Ela trabalhou muito para a gente ficar junto. Mano! Ela tinha tudo para ficar desesperada. Mas batalhou muito, lutou muito para ter alguma coisa. Poxa! Ela foi empregada doméstica, voltou a estudar, tudo bem, que hoje ter a oitava série não é nada, mas para ela... No hospital não era que nem hoje. Ela trabalhava doze horas por dia, sem colete, sem proteção. Então, eu acho que por tudo isso ela é uma guerreira... Passou por muito sufoco.

A coragem materna lhe inspirava confiança, estabilidade e segurança, em uma trajetória familiar, marcada por duras estratégias de sobrevivência, cuja culpa atribuía ao declínio moral de seu pai alcoólatra e violento. Assim, como na narrativa anterior, de Denílson, seu pai, que não correspondia sua idealização, se configurou em um exemplo negativo para a conformação de uma masculinidade. Matheus projetava que, quando se

⁴⁶ Em seu estudo com famílias pobres da capital paulista, Ferreira (2003) analisa a recorrência com que jovens, moças e rapazes, descrevem suas mães como “*guerreiras*”, em decorrência da capacidade destas de lidar com experiências de extrema precariedade e desvantagem socioeconômica, especialmente em casos de rupturas conjugais. A autora, contudo, considera que, em alguns casos, essas narrativas supervalorizam e naturalizam o vínculo entre mãe e filho, dando origem ao que denomina de “*mito da mãe*”.

casasse, queria fazer diferente de seu pai. E, como apresento adiante, estava em vias de se assumir esse desafio.

A divisão das atividades domésticas também se assemelhava àquela descrita pela narrativa anterior. Sua mãe impôs uma divisão do trabalho doméstico do qual ele não fazia parte. Ela deixava a alimentação dos filhos pronta e delegava tarefas de limpeza domésticas para a irmã mais velha. Embora houvesse uma solicitação de que ele “*ajudasse*”, salvo exceções episódicas, não partilhava das mesmas obrigações que a irmã⁴⁷, pelo contrário, podia usar seu tempo para brincar com as crianças na rua. A vizinha aquecia a comida e ficava com Matheus no período em que a irmã estava na escola.

Havia uma preocupação de sua mãe com a segurança dos filhos. Como estava a maior parte do tempo no trabalho, aconselhava-os a evitarem uma permanência excessiva na rua e impunha restrições sob o raio de circulação por onde ele e a irmã podiam transitar no bairro. Eram desses episódios e conversas que o jovem recordava-se de menções da mãe à questão racial. Embora fosse negra e tivesse filhos negros, Matheus lembrou que era comum que a mãe os chamasse à janela e apontasse na rua um sujeito de tez escura que identificava como “*marginal*”.

Minha mãe é negra e acho que ela se identifica como negra, mas ela nunca discutiu, assim, com a gente sobre isso. Acho que era até contraditório da parte dela, porque quando ela ia sair para o trabalho, ela mandava a gente ir para a janela e sempre apontava um cara e dizia: “Estão vendo? Então, aquele é marginal, se você ficar muito na rua vai ficar que nem ele. Ele anda armado, é perigoso”. Só que quem era o cara que minha mãe apontava na rua? Era um cara negro. Tinha cara branco na rua, mas ela apontava um negro. Agora... estou lembrando disso, véio.

Portanto, a única lembrança que Matheus possuía sobre as menções da mãe com relação à questão racial era a da reprodução de um estereótipo imputado aos homens negros. Eles eram associados comumente a condutas marginais, desviantes e perigosas, ato percebido como contraditório pelo rapaz, tendo em vista que a mãe era negra (e se define como tal, como contou na entrevista), mas em conformidade com as clivagens sociais empregadas pela sociedade brasileira, inclusive pelos agentes do Estado, reproduzia essas noções para seus filhos (RAMOS, 2005; CHAUI, 2000).

⁴⁷ De acordo com Heilborn (1997) as atividades domésticas aparecem para os meninos de forma muito mais eventual do que para as meninas. “As análises da dinâmica das relações de gênero na família só se faz clara mediante a acentuação de que os meninos, comparativamente às garotas, gozam, nos primeiros anos de suas vidas, de uma relativa ‘liberdade’” (p.318). Essa constatação é reforçada pelos dados da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, visto que 77% das entrevistadas declararam sempre “varrer suas casas” enquanto que 21% dos entrevistados disseram o mesmo; e 55% delas afirmaram sempre “fazer comida” e apenas 14% deles disseram o mesmo (ABRAMO; BRANCO, 2005).

A unidade familiar de Matheus se altera no início de 1991, quando então tinha sete anos. Foi nessa época que um novo elemento se integrou a sua família. Uma pessoa que, por um lado, diminuiu as “*correrias*” para manter o consumo e as atividades de manutenção e produção da unidade familiar (cozinhar, limpar, cuidar das crianças) partilhando as responsabilidades por esses custos e atividades, mas, por outro, representou a emergência de conflitos com as regras de normalidade e parâmetros morais de vizinhos e amigos de seu convívio: R., a “*companheira*” de sua mãe.

Segundo Matheus, na época, sua mãe era praticante de uma religião afro-brasileira, o candomblé e a R., descrita como uma pessoa com aparência “*masculina*” e semelhante a de um “*caminhoneiro*”, também era vinculada a essa prática religiosa. Conheciam-se do terreiro e a mulher já era familiar a Matheus, pois frequentava sua casa com assiduidade. O rapaz afirmou que tinha pouco conhecimento sobre a vida afetiva de mãe, pois ela não tratava sobre a temática com os filhos.

Quando R. passou a morar com eles no mesmo apartamento, o rapaz não supunha que se tratava de um relacionamento amoroso e afetivo, mas de uma amiga que havia chegado para dividir as despesas e responsabilidades domésticas. Para reforçar essa impressão afirmou que ambas não trocavam carícias na presença das crianças e mantinham uma convivência que “*parecia de amizade*”. Mesmo o fato de dormirem juntas não era questionado pelo rapaz, que achava que se tratava de apenas de uma divisão de quartos, em que crianças ficam em um e adultos em outro.

Minha mãe não falava nada com a gente. As duas dormiam juntas num quarto, que tinha duas camas de solteiro e eu e minha irmã no outro. Era uma coisa normal para mim. Era uma questão de divisão de quartos: as crianças num e elas noutro. Eu dormia com a minha irmã. Pensava que elas eram só amigas.

O rapaz acreditava que a mãe tentava “*disfarçar*” e não demonstrar para os filhos a existência de uma relação afetiva. Esse cuidado foi confirmado pela mãe, anos mais tarde quando Matheus já era um rapaz, como uma tentativa de “*preservar*” e não influenciar a conduta dele e de sua irmã. De fato, Santos (2004), ao se debruçar sobre as vivências de casais homossexuais com filhos, observa o temor destes com o momento adequado para discutir e revelar o tema da orientação sexual às crianças. Em alguns casos, constatou uma tentativa de casais ou de um dos parceiros em poupar os filhos de situações de intimidade que pudessem acenar a homossexualidade. Nessas famílias, segundo a autora, havia uma forte preocupação de não influenciar a constituição da identidade sexual das crianças e o uso de estratégias permeadas por uma “*homofobia internalizada*”, em que o modelo heterocêntrico, socialmente desejado, não dava

abertura para uma educação centrada no reconhecimento de uma ampla diversidade de expressões sexuais.

Da nova união, Matheus destacou a melhoria das condições de vida de sua família. Achava a companheira da mãe uma boa pessoa e, como trabalhava as possibilidades de consumo foram aumentou. Além disso, a chegada desta figura fez emergir a sensação de que era mais cuidado, porque tinha a atenção de duas pessoas adultas. R. levava-o à escola e conseguia, por exemplo, revezar com a mãe o acompanhamento de seu desempenho escolar. Achava que estava tudo bem, pois não sabia o significado de “lésbico”.

Essa aprendizagem, contudo, não demorou a acontecer. Foi no espaço escolar que passou a ser alvo da discriminação de crianças. Sua mãe era chamada de “macumbeira” e, quando R. ia à escola, ele ouvia também insinuações sobre o fato de esta aparentar-se com um homem⁴⁸. Começou a perceber, já naquele momento, que as práticas religiosas e orientação sexual da mãe não eram reconhecidas como legítimas pela comunidade escolar e que, em decorrência disso, era mais frágil às agressões do que se fosse apenas negro.

Minha mãe era lésbica e ainda por cima era macumbeira. Preto, todo mundo era, então não tinha problema (risos), mas ela era de terreiro, vivia com uma mulher, que parecia, tipo, se vestia, como se fosse um homem. Na escola isso começou a dar merda. Porque eu e minha irmã viramos o que? A gente virou os filhos das sapatonas macumbeiras.

Nessas ocasiões ele se silenciava, pois não tinha “muita noção” dos motivos pelos quais estava sendo agredido. O mesmo, contudo, não aconteceu com a sua irmã mais velha que, segundo ele, se tornou violenta com àqueles que a ofendiam. Além disso, ela também se contrapôs ao relacionamento da mãe. A atitude da irmã foi justificada como consequência de mais conhecimento sobre os parâmetros reconhecidos como de normalidade do grupo social em que estavam inseridos. A irmã já possuía treze anos, era adolescente, circulava e, segundo ele, dava mais importância ao que os outros falavam.

Minha irmã já estava chateada, já começou a se alterar. A minha mãe e a companheira se dividiam e minha irmã diz que o pior momento da vida dela foi quando a R. foi à reunião da escola e não a minha mãe. Começou um bochicho de que ela era o nosso pai. A coisa começou a pegar lá na nossa escola!

⁴⁸ Em seu mestrado Ramires (2006) analisou as narrativas de estudantes homossexuais em escolas públicas da cidade de São Paulo e caracterizou essa instituição como um lugar permeado pela homofobia. Agressões verbais e físicas eram comumente indeferidas contra seus entrevistados que, por sua vez, se viam obrigados a constituir estratégias para lidar com a violência.

O contato com essas avaliações marcaram a aparição, por um lado, de novos conflitos familiares, protagonizados pela irmã e pelas responsáveis adultas. Por outro, Matheus relatou que individualmente sentia vergonha, pois eram “*deselegantes*” as situações e ofensas enfrentadas por ele no cotidiano escolar. Considerou que a discriminação era decorrente de uma moral mais conservadora dos pobres, afirmando que, talvez, se sua mãe não morasse na periferia, mas em uma região mais nobre da cidade, o preconceito seria menor.

Contudo, em que pese avaliações do rapaz acerca do pensamento conservador de seu bairro, sua família, se estivesse em outro ambiente, também estaria suscetível ao preconceito. A família homossexual não é reconhecida pelo Estado brasileiro e a criminalização de atos de discriminação ainda mobiliza grandes debates e movimentações de parlamentares contrários à possibilidade de penalização de prováveis agressores⁴⁹.

A temática e os dilemas enfrentados por ele e pela irmã, de acordo com o rapaz, não eram objetos de intervenção dos profissionais da escola. Não se recorda de que algum professor tenha lhe dirigido sequer alguma palavra de conforto ou tenha tomado alguma atitude para censurar os demais estudantes. Pelo contrário, certo dia, na escola, meninos ofendiam Matheus e sua irmã interveio no conflito. Ela bateu e machucou um dos garotos, foi encaminhada para a diretoria e, como não se tratava do primeiro episódio de agressão da moça, expulsaram-na do colégio. O episódio foi o estopim dos conflitos mais aguerridos entre sua irmã e a mãe, até que a primeira ameaçou voltar a morar com os tios no interior do Estado.

Minha irmã virou uma revoltada, ela ficou muito agressiva. Essa coisa pesava para ela. Para mim também, mas o que é que eu fiz? Eu tentava esconder isso, não brigava com a minha mãe, mas meio inconsciente... era meio inconsciente... eu tinha vergonha.

No início do ano seguinte, R. já não fazia mais parte de sua família. A irmã, embora tenha passado de fato um tempo na casa dos tios, retornou para Cidade Tiradentes, e a rotina familiar foi re-estabelecida nos padrões anteriores: a mãe trabalhando, a filha cuidando da casa e ele brincando na rua com os amigos. Pouco tempo depois, sua mãe também abandonou o candomblé e, na companhia de vizinhas, passou a frequentar uma igreja pentecostal, a Assembléia de Deus. Matheus contou que

⁴⁹ Durante o processo da Constituinte houve uma mobilização de grupos homossexuais na tentativa de assegurar direitos equânimes para esse seguimento, mas a redação final de nossa Constituição não incorporou tais demandas. Assim: “A negação de uma identidade de casal e família às vivências amorosas estáveis de gays e de lésbicas é a pedra angular das lógicas de exclusão social, cultural e política que atingem a homossexualidade” (ALMEIDA NETO, 1999, p.31).

nunca mais a mãe voltou a se envolver afetivamente com mulheres e tampouco com outros homens. Atribuiu isso às convicções recém adquiridas pela conversão religiosa.

Nas igrejas evangélicas, a homossexualidade não existe. É uma questão que não está na igreja. Não adianta você nem pensar. É completamente desaprovado, é uma coisa que é associada ao pecado. É um pecado, não é? É de sodomia, esses baratos. Eu não sei direito o nome, mas é coisa do diabo. Na igreja homem é homem e mulher é mulher. Eles foram feitos um para o outro e só existe família se for assim. É tipo, como se fosse complementar, tipo, um completa o outro. Os homens e as mulheres foram feitos para estar juntos, para reproduzir, para construir uma família.

Na infância, ele também acompanhava a mãe à igreja e – assim como Denílson – aprendeu a temer a Deus e a determinadas orientações para a conduta masculina: cuidar da família, ser trabalhador, ter um comportamento sexualmente regrado. Sob os auspícios das orientações religiosas formulou a ideia de que a homossexualidade se tratava de um desvio moral grave, mas não participava de brincadeiras e gozações comuns nas rodas de amigos, porque temia que seu passado familiar pudesse vir à tona.

Ainda que não seja possível tratar das motivações que levaram sua mãe à conversão ao pentecostalismo, visto que não foram realizadas entrevistas com ela e tampouco Matheus soube levantar hipóteses sobre essa aproximação, Natividade (2004), ao estudar homens com vivências afetivas com outros homens e convertidos ao pentecostalismo, observou que a aproximação do ambiente religioso era motivada por razões distintas, geralmente associadas a uma situação-limite que levou à busca da religião como possibilidade de superação do sofrimento e de encontro de felicidade. Contudo, a “cura” da homossexualidade configurava uma das principais lutas pela constituição de uma identidade evangélica. Para Matheus, a conversão religiosa da mãe acenou para a possibilidade de uma conformação às regras que o tornavam mais próximos do que era sancionado como “normal”, membro de uma família igual a tantas outras existentes no bairro.

AS EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA

DISCRIMINAÇÃO, DISSABORES E TENTATIVAS

A primeira recordação de Matheus sobre suas experiências escolares estava vinculada às situações de discriminação, que como já foram apresentadas, e que diziam respeito às agressões sofridas em decorrência da orientação sexual e à prática religiosa de sua mãe. O rapaz contou como lidava com a situação: silenciava-se frente às acusações de que sua mãe não era normal e macumbeira, mas sofria com a agressividade e o sofrimento da irmã frente aos mesmos episódios. Nesse momento de

sua vida, percebia que o fato de ser negro não era uma questão central para as situações vexatórias.

Ainda que tenha estudado exclusivamente homossexuais negros e pobres do Rio de Janeiro, as observações de Moutinho (2005) a respeito das discriminações sofridas por esses parecem dar sentido para as observações de Matheus. Em seu estudo, a autora observa que raça/cor e homossexualidade compunham na fala de seus entrevistados um somatório de vulnerabilidades, mas no eixo da discriminação, a homossexualidade e a homofobia apareciam como categorias dominantes, que se sobrepunham ao racismo. Penso que assim podemos entender os motivos pelos quais ainda que não fosse homossexual, o fato de ter uma mãe lésbica parecia trazer-lhe mais sofrimento nos primeiros anos escolares do que o fato de ser negro.

Com a expulsão da irmã mais velha, assim como ela, Matheus foi transferido para uma escola mais distante de sua casa e da convivência daqueles que tinham conhecimento da realidade de sua família. Com a separação da mãe e a conversão dela para uma igreja evangélica, o rapaz passou a se considerar mais “*normal*” e os temores acerca da possibilidade de ser discriminado diminuíram. A partir desse momento, ele pode experimentar mais as vivências escolares e as relações de coleguismo com outras crianças na instituição, mas outras experiências negativas marcaram seu trânsito.

A escola foi caracterizada pelo rapaz como um lugar muito pobre e deficiente no que diz respeito à sua estrutura: não havia laboratórios, a biblioteca não era acessada pelos estudantes, os banheiros eram sujos e depredados. A escola, assim como constatou Rodrigues (2005), com jovens pobres e negros, parecia-lhe uma instituição pouco capaz de promover pertencimento social, mais do que isso, reforçava a impressão de que ele era pobre e de que, para seu grupo social, a qualidade da educação não estava devidamente controlada ou garantida.

As atividades desenvolvidas resumiam-se às aulas dadas pelos professores, onde o rapaz percebia uma falta de dedicação dos profissionais com a aprendizagem das crianças. Esta situação foi explicada pelo rapaz como consequência de um desprestígio do bairro em que residia. Cidade Tiradentes era um lugar de pobres, onde havia pouco interesse e investimento público, e sob os quais recaíam suspeitas sobre sua idoneidade e disponibilidade para o conhecimento escolar.

Eu sentia que os professores não estavam nem aí para a gente. Eles não ligavam se a gente estava aprendendo, se a gente estava bem. [A escola] tinha uma preocupação só com a ordem. Se a gente estivesse quieto, tudo bem, então estava tudo em ordem, mas ensinar, não tinha nada. Era uma escola para pobre, porque não tinha nada, faltava professor, porque

ninguém quer ir para Cidade Tiradentes. Até hoje isso é um problema (...) Os professores não querem trabalhar em Cidade Tiradentes porque é longe, porque é lugar de pobre, lugar de bandido, e eles não querem ensinar para essa gente, entendeu?

Também o racismo aparece como expressão de reforço dessa sensação e de vivência da desigualdade. Nunca foi insultado por um de seus professores, mas recordou-se de que não era ele aquele para quem os professores dedicavam maior atenção. Era mais um aluno tratado com pouco entusiasmo pelos professores. “*Um aluno tipo C*”, como afirmou. Matheus atribuiu esse desprestígio ao racismo, tendo em vista que meninos e, especialmente, meninas brancas, recebiam mais atenção dos profissionais da instituição escolar. Pensava que essa experiência o havia influenciado para a construção de uma baixa autoestima, tendo em vista que nunca havia se sentido bonito e querido pelas figuras adultas de sua convivência.

Tanto Cavalleiro (2000) como Santos (2001) encontraram o silêncio como estratégia para lidar com a diversidade racial de crianças nas instituições de ensino fundamental. De modo tácito, professores se eximem da discussão sobre a diversidade e as desigualdades raciais, levando adiante a etiqueta social que impera no relacionamento entre brancos e negros no Brasil, que preza pela afirmação de que “*em casa de enforcado não se fala de corda*” ou, então, negam a existência do problema e não se reconhecem como pessoas capazes de discriminar, embora apresentem expectativas diferenciadas com relação a meninos e meninas, brancos e negros.

Explicou que foi na escola que pensou, pela primeira vez, sobre as facilidades de ser branco, e construiu para si o desejo de tornar-se branco. Quando criança, acreditava que passando leite no corpo tornar-se-ia mais claro, fez algumas experiências para comprovar sua tese, e dos onze até os quinze anos passou alisantes em seu cabelo. Além disso, na escola possuía interesse afetivo apenas por garotas brancas, lançava mão de estratégias para aproximar-se delas, tentava estabelecer diálogos e amizade. Apesar dos esforços, nunca “*ficou*” com uma moça branca. Achava as meninas negras feias, mas era com elas que conseguia estabelecer relacionamentos.

Foi em decorrência desse conjunto de fatores – estrutura escolar precária, desinteresse dos professores, falta de estímulo para aprender e racismo – que Matheus justificou seu desinteresse pela escola e pelo saber. Não se descreveu como um aluno bagunceiro, mas considerou que possuía uma relação displicente com sua trajetória escolar. Era pouco afeito às atividades desenvolvidas pela instituição, sempre que aparecia algum “*bico*” ou qualquer desculpa faltava às aulas e, estando na escola,

voltava-se, sobretudo para a conformação de grupos de amigos, com os quais interagiu na escola e na rua.

Para a escolha dos colegas, o rapaz contou que lidava com “*todo tipo de gente*”, mas buscava se aproximar de grupos com os quais tinha condição de manter algum prestígio na escola. Por isso, durante o ensino fundamental, circulou sempre na companhia de garotos mais velhos do que ele, rapazes dos últimos anos do ensino fundamental ou ensino médio, que conhecia das interações que ocorriam na rua e que tinham deferência no bairro. Ou seja, seu grupo de amigos não era formado por membros conhecidos no espaço escolar, pelo contrário, era a sociabilidade da rua que mobilizava uma proximidade, relação de coleguismo e de afinidades.

Tinha um cara que eu frequentava a casa dele. A mãe dele era gente boa até, recebia a rapaziada na maior educação. Ele era mais velho do que eu, estava numa turma mais adiantada. Daí, na sexta série ele viu uns caras zoando comigo, ele chamou a banca [grupo] e foi tirar satisfação, deu uma enquadrada nos caras. Aí, eu pensei: é isso aí vou deixar os outros zoarem comigo? Aí, a partir desse momento, eu comecei a andar com esses caras e a ter uma proteção.

Com esse grupo, disse que a escola e suas temáticas eram o que menos importava e, mesmo estando na instituição, era sobre a rua e o que acontecia nela que o interessava. Assim, temáticas como o jogo de futebol, a vida particular de algum rapaz, a vida afetiva deles eram questões que animavam as conversas. E, ainda que tenham sido exceções à regra, vez ou outra, realizaram algumas brincadeiras na hora do intervalo que contrariavam as regras da escola, mas “*a gente não queria que ninguém enchesse o nosso saco*”, por isso mesmo os episódios de indisciplina eram pouco frequentes. Queriam apenas poder se encontrar para falar sobre esportes, motos, televisão e mulheres.

As lembranças de Matheus acerca das interações na escola assemelharam-se às aquelas observadas por Van-Zanten (2000) ao analisar os diferentes grupos de estudantes e os vínculos que constroem com a cultura da escola e da rua. A autora aponta que: a) para parte dos estudantes, a sociabilidade aparece como um prolongamento da sociabilidade do bairro; b) eles são sensíveis às especificidades do espaço escolar, como por exemplo, o fato desse universo estar submetido menos a uma lógica comunitária – da rua – e mais a uma lógica de associação porque muitos indivíduos ainda não se conhecem; c) enquanto estudantes “pró-escola” traçam seus vínculos com integrantes da mesma classe, os antiescola têm sua sociabilidade marcada por relações de amizade construídas no bairro ou na escola como um todo. No último

caso, a pesquisadora conclui que esse tipo de sociabilidade é mais possível aos meninos, em decorrência de vários motivos. Eles estão mais divididos entre o bairro e a escola; possuem uma sociabilidade extrovertida, dentro ou fora da turma, que serve, com mais frequência, de ponto de apoio a formas de oposição coletiva; têm mais dificuldades que as meninas para conciliar atitudes incentivadas pelos adultos e ações desviantes.

O mundo da rua e seus acontecimentos animavam-no mais do que o mundo da escola. Em decorrência desse fator, justificou as três reprovações, uma vez na quinta e duas vezes na sétima série do ensino fundamental. *“Eu só vadiava”*. Entretanto, Matheus vislumbrou mudar para outra escola longe de seu bairro. Essa era uma estratégia que, segundo ele, algumas moças e alguns rapazes, com apoio de suas famílias, realizavam para driblar as precariedades das instituições de ensino público e a influência das dinâmicas próprias do bairro – *“se desligar de Tiradentes”*.

Em bairros como Tatuapé ou Vila Carrão, ambos na Zona Leste da cidade, percebia estarem localizadas escolas com melhor infraestrutura e com a presença de professores que *“puxavam”* mais o ensino. Embora tivesse interesse em deslocar-se e aventurar-se pela cidade, não levou a cabo essa iniciativa. Por causa dos altos custos necessários para o transporte, nunca teve coragem de propor essa alternativa para a mãe. Mas também porque as amizades feitas eram consideradas *“um barato louco”*, dimensão importante para que permanecesse na instituição.

Frente às mudanças na composição dos estudantes, e ao fato de que já se considerava velho para estar na oitava série do ensino fundamental, com dezesseis anos, Matheus contou que acreditava que era *“muito inteligente”* e que *“havia descoberto a falha no sistema”*. Desenvolveu uma metodologia para garantir sua aprovação ao término do período letivo mesmo sem dedicar-se ao estudo: mudou-se quatro vezes de escola, nos momentos em que estavam sendo fechadas as notas bimestrais, retardava a entrega do histórico nas novas instituições e quando isso era feito, faltavam-lhes notas de alguns bimestres. A estratégia deu certo, e ele ingressou no ensino médio.

Eu pensava: foda-se se eu tirar nota vermelha na primeira e na segunda escola, porque a quarta não vai conseguir ter essa informação a tempo. O que vale é a minha nota final e eles vão ter que me passar. Eu fiz isso. É pior que deu certo, mano! Primeiro estudei no Maurício, depois no D’Avila, depois, não lembro o nome da escola, e, por fim, eu fui para a escola Fernando Pessoa.

No primeiro ano de ensino médio, então com dezessete anos, relatou que algumas mudanças se operaram na relação que possuía com a escola. Essa variação foi explicada em decorrência de sua aproximação de um rapaz de *“trança”* que se sentava

no fundo da sala. Era novo na escola e com ele estabeleceu as primeiras conversas em busca de amizades. Trocaram ideias, o rapaz lhe apresentou outros estudantes e logo constatou uma diferença no conteúdo dos assuntos discutidos pelo jovem com outras moças e rapazes. Ativistas históricos como Malcom X, Che Guevara, Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares e problemas como o racismo no Brasil e a pobreza da periferia faziam parte das conversas que destoavam daquelas que estava mais acostumado a tratar na roda de amigos: *“fulano que matou, o fulano que morreu, o fulano que caiu, o fulano que comprou uma moto nova”*.

O encontro com esses jovens despertou-lhe novas curiosidades e inquietações. Afinal, quem era Malcom X? Descobriu que os estudantes que havia conhecido faziam parte de um grupo juvenil do bairro, denominado Força Ativa, e meses depois, além das conversas da escola, passou a participar de atividades desenvolvidas por esse coletivo, em especial, shows de rap, grupos de estudos e projetos do grupo e/ou em parceria com outras organizações não-governamentais. No intervalo de um ano, ele próprio formou o seu coletivo, o Ação Direta, composto por duas moças e dois rapazes negros, que conheceu em um projeto de formação de cidadania e com quem desenvolveu projetos na área de saúde por aproximadamente um ano. Foi por meio dessas iniciativas, que começou a entender quem eram as personalidades discutidas pelos colegas e a influência desses na história mundial. A rotina de seu dia-a-dia começou a se alterar e também a relação com a instituição escolar.

Matheus contou que passou a entender de maneira mais *“crítica”* a realidade da escola pública, mas também a vê-la como um *“mal necessário”* para sair da condição de *“preto, fudido e mal pago”*. De maneira pragmática, continuou estudando, por acreditar que o diploma de nível médio poderia abrir-lhe possibilidades futuras de qualificação profissional e trabalho.

Eu saquei que se eu ficasse brincando, ia ser mais um preto, fudido e mal pago. Tipo, a escola era ruim, o ensino era ruim, mas era a única coisa que tinha para a gente lá. Abandonar a escola era dar um tiro no pé, entendeu? Aí, eu fiquei mais tranquilo. Fiquei mais na minha, comecei a estudar, a ter um colê [proximidade] com uns professores mais parceiros, mas desconfiando, porque a escola, tá ligado, não dá, não é? Na minha cabeça, eu ia sair de lá e tentar alguma coisa melhor, fazer um curso, continuar estudando. Era nisso que eu pensava.

Sposito (2005), ao se debruçar sobre os dados de uma pesquisa nacional com jovens, identifica que embora reconheçam limites no impacto que a instituição escolar tem sobre suas vidas, sobretudo nos benefícios de uma provável inserção no mundo do trabalho, moças e rapazes sabem que a escolarização é uma entre outras possibilidades

para se situar melhor no mundo. Nessa aposta, existem tensões decorrentes da desconfiança das chances de uma mobilidade social via escola, o que marca uma ambiguidade na valorização do estudo como uma promessa futura e uma possível falta de sentido que encontram no presente.

Nessa tensão, pode ocorrer uma relação predominantemente instrumental com o conhecimento, resposta mínima para se evitar a deserção ou o retraimento total em relação ao processo de sua apropriação (SPOSITO, 2005, p.124).

Aos dezessete anos, portanto, Matheus fez “*as pazes*” com a instituição escolar dedicando-se, pela primeira vez, às aprendizagens oferecidas por ela. Embora mantivesse uma relação de descrédito com as possibilidades reais de que essa instituição pudesse lhe oferecer uma educação satisfatória, percebeu que estava menos interessado pelas brincadeiras que ocorriam na escola e mais aberto ao diálogo com alguns professores que identificava como “*parceiros*”. Aos dezoito, estava no segundo ano e mais interessado na escola.

A trégua, contudo, durou pouco tempo. Pois, as pressões familiares para que ele arrumasse um emprego foram mais incisivas. Já havia completado dezoito anos, não serviria mais o exército, o que para muitas famílias de origem popular, inclusive para sua mãe, marcava a possibilidade de viver um distanciamento do mundo do trabalho (CORROCHANO, 2008). “*Foi foda! Minha mãe não largava do meu pé. Era só na minha orelha*”, comentou, fazendo referência às queixas que ouvia sobre a ausência de trabalho na sua vida. Nesses momentos, o trabalho aparecia como um aspecto particularmente definidor de sua condição masculina. Como homem, tinha que buscar por trabalho, pois esse era o seu lugar.

As ações do grupo juvenil Ação Direta, que na época realizava oficinas sobre sexualidade e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, contavam com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde, mas sem nenhuma remuneração para os jovens. O trabalho era classificado por sua mãe como uma bobagem. Esta exigia dele maior empenho buscar um emprego⁵⁰.

No bairro, conversou com um colega, que assim como muitos outros jovens, trabalhava como segurança de festas em áreas nobres da Zona Oeste de São Paulo, como Vila Madalena, Jardins e Pinheiros. Contatou o chefe das equipes, realizou

⁵⁰ Em seu estudo com grupos juvenis de Belo Horizonte, Dayrell (2005) observa que muitos integrantes desses coletivos enfrentam pressões e conflitos com seus pais. Esses últimos encaram a experiência grupal como algo passageiro e restrito a uma experimentação juvenil sem retornos financeiros e, portanto, dispensáveis.

algumas experiências e depois foi chamado para trabalhar, de maneira permanente, em uma boate localizada nas proximidades do Parque Villa-Lobos.

Eu comecei a trabalhar de segurança à noite. Quando eu comecei a trabalhar de segurança, eu já estava envolvido na área social, eu já estava fazendo parte do grupo chamado Ação Direta. Só que eu estava tendo muita pressão da família, assim, tinha que trabalhar. Aquela questão de você ser homem e de lugar de homem é trabalhando, não dentro de casa.

Mais uma vez, o rapaz relatou uma situação de conflito com a instituição escolar e de despreparo desta para lidar com as diferentes situações de estudantes pobres e, agora, trabalhadores. Os horários do seu trabalho eram incompatíveis com os da escola: ser segurança tomava-lhe doze horas entre deslocamento e desempenho de suas funções na boate. Para manter-se no novo emprego, o rapaz não poderia continuar estudando no período noturno, tampouco tinha condições de chegar a tempo para assistir à primeira aula da manhã. Tentou negociar com a direção um horário compatível, sua transferência para o período diurno e, mas a diretora foi irredutível na decisão de que Matheus não poderia estudar.

Eu tentei conversar com a minha diretora, falei com ela e fiquei muito puto com a escola, porque eu estava sendo um aluno exemplar dentro da sala de aula, buscando o conhecimento, eu vi que não era mais brincadeira, que não dava mais tempo para brincar, já estava atrasado na escola. Eu procurei ela, falei da minha situação, de que eu queria estudar de manhã, mas que só conseguiria chegar na escola às sete e meia. Ela virou para mim e disse: “então, você vai ter que parar de estudar. O horário era às sete”. Poxa! Eu ouvi isso da boca da diretora de uma escola. Se ela falou isso... ela se importava muito comigo, não é?

Incentivado pelos amigos de seu grupo, o rapaz procurou defender seus direitos e buscou apoio no Conselho Tutelar. Lá, foi informado de que os agentes e profissionais atuavam apenas com a defesa de direitos de crianças e de adolescentes, mas não das garantias de acesso à escola de um rapaz que já havia completado dezoito anos. Sem saber o que fazer e, a essa altura, “puto” e “revoltado” com a situação, não procurou mais nenhum órgão capaz de intermediar suas negociações com a gestão da escola e abandonou os estudos, sem concluir o ensino médio.

A iniciativa de retomar os estudos se deu três anos mais tarde. Matheus tomou conhecimento do processo seletivo de uma ONG, que oferecia bolsas de estudos em cursinhos privados para jovens pobres interessados em ingressar no ensino superior. Para participar da seleção, se inscreveu em um curso à distância de nível médio, pois como critério era necessário estar estudando ou já ter concluído a educação básica. Participou de algumas reuniões de orientação profissional e de outros encontros com

psicólogos, técnicos da instituição, mas na entrevista com a assistente social não foi aprovado para participar do programa.

Poxa! Eu estava me esforçando para terminar a escola. Eu entrei com tudo, com o maior gás, mas eles me chamaram e falaram que não iam mais continuar me acompanhando. Eu falei: “Caralho, mano! Eu não acredito, velho!” eu não tinha terminado a escola ainda, faltavam alguns meses para terminar, mas eles tinham que atingir as metas deles e eu não me enquadrava no perfil.

Matheus contou ter se sentido frustrado com a negativa e com o não reconhecimento de seu esforço pessoal em terminar o ensino médio, num momento em que conciliava o trabalho como segurança, a participação em um curso de vídeo e a militância com seu grupo juvenil. Tentou dialogar com os profissionais da instituição, mas mesmo assim, “*não rolou*”. Em sua opinião, a ONG privilegiou aqueles que já haviam concluído o nível básico e que, nas reuniões com os técnicos, demonstraram bom desempenho para se expressar e clareza com relação às expectativas com o futuro profissional. Escolheram os “*melhores*”. Disse ter pensado em desistir novamente dos estudos, mas fez as provas necessárias e conseguiu seu diploma.

DESCOBERTAS A PARTIR DO PERTENCIMENTO RACIAL

JUVENTUDE: A CIRCULAÇÃO POR GRUPOS JUVENIS

O contato com jovens de grupos culturais da Cidade Tiradentes, vinculados à cultura hip hop, foi determinante para que Matheus experimentasse novos sentimentos com relação à sua condição racial, aos seus projetos e às definições de sua vida afetivo-sexual. Considerava seus novos amigos como sujeitos de maior “*consciência política*” e com uma discussão “*pesada*” sobre a temática racial e social. Passou a ter uma “*vivência do hip hop*”: circular por lugares específicos de lazer e cultura, participar de grupos de estudos, desenvolver atividades políticas e shows, entrar na “*área social*”.

Matheus começou a frequentar as reuniões promovidas pelo Núcleo Cultural Força Ativa⁵¹, a realizar atividades culturais no bairro, e conhecer outros grupos juvenis espalhados pela periferia da cidade. Tomou contato com circuitos específicos⁵². Os

⁵¹ Criado em 1989, o Núcleo Cultural Força Ativa (NCFA) é uma organização juvenil, que tem como objetivo “*trabalhar a consciência afro-descendente, a conscientização política, a música rap e outros seguimentos do hip hop*”. O coletivo fundou uma biblioteca comunitária em Cidade Tiradentes, onde são realizadas suas principais atividades: eventos culturais, palestras, grupos de estudo e debates. (<http://oubifotografias.blogspot.com/2006/03/seminrio-ncleo-fora-ativa.html>. Consultado em 14/12/2008)

⁵² Magnani (2007) cunha a expressão “*circuitos de jovens*” para tratar da sociabilidade e circulação de jovens nos grandes centros urbanos, marcadas pelo trânsito por espaços e equipamentos específicos, pontos de encontro com parceiros, ocasiões de conflito, etc. “*Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos*

pontos de encontro mais comuns dos jovens eram a Galeria do Rock⁵³, as festas de hip hop na Zona Leste, bares e boates de música *Black*⁵⁴ na região central. Como não dispunha de dinheiro, o rapaz garantia sua circulação “*pulando a catraca*” do ônibus. Viu-se diante de jovens que constituíam suas experiências a partir de marcadores identitários. Ser “*preto, pobre e periférico*” eram questões problematizadas por moças e rapazes, e apropriadas como elementos significativos de sua ação e pertencimento.

Matheus acreditava que se tratava de “*outro mundo*”. Até aquele momento, não tinha “*entendimento*” sobre “*a questão social*”. Nunca havia, em outro espaço, problematizado as consequências e implicações de ser pobre, de ser negro e morador de um bairro “*com os piores indicadores sociais (...) e mais distante do marco zero da cidade*”. Foi nas vivências e diálogos com os integrantes desse grupo que começou a refletir sobre essas questões e a repensar sobre suas orientações e posicionamentos diante das temáticas que permeavam seus novos contatos e experimentações.

Putz! Vou falar a verdade para você, no começo, eu não entendia nada do que os caras falavam. Vinha o W. e falava do Marx, vinha a F. e falava dos Panteras Negras. Eu não entendia nada. Mas quando eu comecei a entender, aí, meu, era outro mundo. Tipo, nunca tinha pensado naquelas coisas e comecei a pensar, comecei a me identificar, ficar curioso, aí, não parei mais.

A questão mais significativa destacada por ele nesse momento dizia respeito a sua condição racial. No Núcleo Cultural Força Ativa, foram-lhe apresentados livros, textos e vídeos que versavam sobre ícones do ativismo negro nacional e internacional. Mais do que isso, de acordo com Matheus, eram discutidos os problemas do bairro e de sua população como decorrentes de uma política de segregação espacial, complementada com ações que visavam diminuir a “*autoestima*” daqueles que residiam por lá, em sua maioria negra, mas com “*vergonha de ser o que é*”.

A “*vivência do hip hop*” foi vista por ele como um processo gradativo de apreensão de novas formas de pensamento e de modelos de identificação relacionados às situações vividas. As discussões o fizeram pensar sobre si mesmo e sobre suas experiências. O desejo de “*ficar*” com meninas brancas e de ser branco, as cotidianas

e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais” (p. 21).

⁵³ Centro comercial localizado na Rua 24 de Maio no centro da cidade de São Paulo. Possui centenas de lojas de roupas, acessórios, de músicas, estúdios de tatuagem e cabeleireiros. Dentro do estabelecimento, o espaço é dividido entre diversas culturas e estilos musicais, com predominância do rock e do hip hop.

⁵⁴ Macedo (2007) constrói um mapa que denomina de “circuito Black”, que tem como perímetro privilegiado a região central da cidade. Composto por bares que ofertam música ao vivo (rodas de samba) e boates com predominância de estilos como samba-rock, rap nacional e internacional, esse circuito é marcado por uma frequência expressiva de moças e rapazes negros e moradores de bairros distantes da cidade.

“batidas” policiais, a falta de condições materiais essenciais para a sobrevivência, o desprestígio entre professores, a desconfiança que sentia das pessoas quando andava pelo centro da cidade se constituíram em um caldo de elementos que confirmavam a existência do racismo na sociedade brasileira e o quanto estava submetido às “tretas sem vergonha, de ideologia de achar que branco é melhor”.

Vou falar para você. Em Tiradentes, eu nunca era parado pela polícia. Mas quando eu saía para o centro, quando eu ia para Pinheiros, eu sempre era parado. Eu já perdi as contas de quantas vezes eu fui parado pela polícia. Mas eu achava que era normal, depois, tipo, me envolvendo com o hip hop é que eu fui sacar que isso era a porra do racismo, que era discriminação, que era porque eu era preto. Isso me deu um ódio do caralho. Então, o hip hop clareou minha mente.

Inicialmente, aderiu ao estilo dos jovens do movimento, e passou a usar calças largas, bonés e camisetas com mensagens politizadas. Em pouco tempo, também fazia uso de novas formas de expressar sua identificação e pertencimento racial: já não queria ser branco e apresentava-se como “preto”, ou “PPP” (*preto, pobre e periférico*). Havia “recuperado sua autoestima”, construindo um significado mais positivo para sua condição racial.

Os elementos dessa construção eram o reconhecimento e valorização de estética negra, da recuperação de um passado de luta do “povo preto” desde o período escravagista e da história da população africana. Weller (2004; 2005) traz contribuições importantes para o processo narrado por Matheus. Em sua investigação com jovens integrantes do movimento hip hop, a autora identifica processo semelhante, em que a “conscientização” é descrita por seus entrevistados como uma mudança na “forma de pensar”, marcada pelo reconhecimento e a valorização das raízes africanas, assim como de uma forte identificação com aspectos relativos à “negritude”.

Contudo, “negritude”, ou ser negro, não está associado essencialmente a aspectos fenotípicos, mas, sobretudo, a um processo de *tornar-se* negro. Preto passa a ser sinônimo das experiências conjuntivas de marginalização e de luta contra o racismo, bem como a cor da resistência política (cf. Back, 1996, p. 142 – 147). Tornar-se negro implica um processo de reconhecimento e de percepção do pertencimento a um coletivo. Nesse sentido, os jovens constroem sua noção de “negritude” a partir da identificação de elementos comuns encontrados na história da diáspora africana e das experiências conjuntivas de discriminação e de segregação. E é esse processo de relação entre a história passada e a realidade atual que gera o espírito de coletividade e a formação de uma identidade negra com base na memória coletiva e na história vivida (WELLER, 2004, p.108-109).

Também Rodrigues (2005) e Dayrell (2005) destacam as relações étnico-raciais como elementos marcantes da sociabilidade e ação de jovens vinculados ao hip hop. Trata-se de um movimento cultural que se manifesta por meio da dança, do grafite e do rap, e que trazem consigo um posicionamento de oposição e crítica às injustiças e ao

sistema político, econômico e social. Influenciados por uma cena cultural de base internacional, grupos como Racionais MC's e outros ampliaram a consciência social, resgataram a ancestralidade africana, valorizaram os negros e sua autoestima, numa linguagem facilmente absorvida pela juventude da periferia.

Outra mudança que destacou como significativa para sua vida, dizia respeito às preferências para a parceria afetiva. Se antes tinha desejo por mulheres brancas, embora essas não lhe dessem “*a menor bola*”, agora, conseguia ver beleza em outros fenótipos. Sentia-se constrangido em circular com uma mulher que não fosse “*preta*”.

Quando eu começo a estudar, a entender um pouco sobre essas questões étnico-raciais, que eu começo a viver com pessoas que falam “aquela mulher preta é bonita”, é que eu mudo. No começo eu pensava: “esse cara está ficando louco, velho”. Mas quando eu começo a ver que isso era a opinião de muitas pessoas, aí, eu comecei também a me sentir seduzido por uma trança no cabelo de uma preta (...)

Também as discussões sobre as relações de gênero se fizeram por intermédio do grupo. Aos dezessete anos, por indicação de integrantes do Núcleo Cultural Força Ativa, ele se inscreveu em um programa governamental que seria implantado no bairro Cidade Tiradentes, denominado Cenafoco⁵⁵. Nestas atividades, juntamente com outros vinte jovens, Matheus identificou a insatisfação das adolescentes no atendimento oferecido nos postos de saúde.

Eu, o D., a L e a J. fomos aos postos de saúde no bairro. A gente foi tentar pegar camisinha. É até engraçado isso aí (risos). A gente descobriu que para pegar camisinha, tinha que fazer um cadastro e depois só podia retirar camisinha naquele posto. Para piorar, o número de camisinha era limitado. Acho que era três por semana (risos). Tipo, se eu estava no bem bom e queria transar mais de três vezes numa semana, eu não podia, porque o posto de saúde não deixava. A gente levou isso e começou a discutir.

A experiência mobilizou o grupo a se engajar em ações na área da saúde: contataram uma ONG que desenvolvia ações com jovens e sexualidade, fizeram “*oficinas*” sobre a temática, organizaram reuniões com a Comissão de Juventude da Câmara de Vereadores e com uma gestora pública da Secretaria Municipal de Saúde. Acabaram conquistando o que desejavam: o fim da limitação de número de camisinhas disponibilizadas aos jovens. Além disso, receberam um convite para, com apoio da equipe de um dos postos de saúde, desenvolver atividades sobre saúde sexual e

⁵⁵ O projeto Cenafoco (Centro Nacional de Formação Comunitária) foi uma iniciativa do governo federal realizada entre os anos 2000 e 2002, na gestão do então presidente Fernando Henrique Cardoso. O projeto fazia parte do Plano Nacional de Segurança Pública e consistia na oferta de cursos de formação comunitária com vistas à prevenção da violência e formação de agentes sociais. Durante a participação nos cursos, os jovens recebiam uma bolsa, eram incentivados a elaborar projetos de intervenção nas suas comunidades e recebiam apoio financeiro para desenvolvê-los (CARRANO; SPOSITO, 2003).

reprodutiva com adolescentes. Foi nesse contexto que, junto com os amigos, criou seu próprio grupo, o Ação Direta.

Foi nesta experiência que Matheus obteve o primeiro contato com as definições sobre o “*machismo*”. Compreendia-o como uma “*ideologia que diminuía a mulher perante o homem*”. Ao refletir sobre o que viveu e aprendeu sobre as divisões do trabalho doméstico e sobre as maneiras como lidava com seus relacionamentos afetivos, descobriu-se um “*verdadeiro machista*”. Também mencionou o fato de que era “*absurdamente*” intolerante com a homossexualidade. Havia aprendido a se “*policar*” no tipo de relação que estabelecia com as garotas e se tornou um fiscal das brincadeiras dos amigos com relação à homossexualidade. Apesar das mudanças, as divisões do trabalho doméstico permaneceram, pois tinha preguiça de realizá-las.

Eu mudei numa porrada de coisa. Tem uns caras de Tiradentes que são como ator pornô, gostam de ficar na rodinha contando que fez aquilo, que ficou com aquela, que comeu a outra e tal. Eu não faço mais isso. Desde o Ação Direta, juro para você que eu não faço mais isso e nem vejo graça (...). Oh! Agora vou falar para você: dizer que eu mudei lá em casa, que eu fiquei mais... que eu comecei a lavar roupa, fazer comida, essas coisas, aí eu não mudei (risos). Mas é difícil, porque eu chegava em casa e pá: tinha um panelão de comida pronto.

Um ano depois seu grupo se desfez, em decorrência das demandas por trabalho que se impuseram para a sua vida e para seus amigos. Contudo, não se distanciou de espaços de ação coletiva. Constituiu, aos vinte e um anos, com três amigos e uma amiga, um novo grupo, o Filmagens Periféricas, e na sua agenda, cada vez mais a participação de diálogos sobre as “*questões sociais*” se tornou cotidiana. A consagração dessa nova circulação, segundo ele, foi sua ida ao Fórum Social Mundial, em 2003.

AJUDINHAS, TRABALHO E AÇÃO SOCIAL

EXPERIÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO

A mãe de Matheus trabalhou desde os nove anos de idade e, segundo ele, por causa dessa trajetória sempre aconselhou ele e a irmã a buscarem por uma atividade por meio da qual pudessem ganhar o seu dinheiro. “*Vai trabalhar! Ela fala isso até para minha sobrinha de oito anos*”, comentou. Somava-se a isto a preocupação dela com o orçamento doméstico. Depois das duas separações, era a única a manter a família e, segundo Matheus, isso comprometia as possibilidades de consumo e satisfação de necessidades básicas. Por isso, era importante que os filhos contribuíssem no orçamento, “*ajudando*” de alguma maneira. Desde os dez anos, o jovem desenvolveu algumas “*paradas*” para ganhar um “*trocado*” – atividades esporádicas que nem

sempre eram remuneradas. Trabalhou na feira, ajudou vizinhos em obras, cuidou de carros e foi empacotador em “*mercadinhos*”. Às vezes, em troca do trabalho ganhava alimentação.

Eu chegava com meia dúzia de ovos em casa. Caramba! O pouco que eu trouxe, naquela época foi o que eu poderia ter, não é? Eu era uma criança e eu poderia ter comprado um pirulito, ter comprado chiclete, mas não. Eu comprei meia dúzia de ovos, pensando na família. Minha mãe é daquele jeito: pedra é pedra e televisão é pedra. Tem que trabalhar, então, mesmo que era pouco ela valorizava o que eu trazia.

O rapaz desejava, desde cedo, amenizar a “*luta*” de sua mãe pela sobrevivência familiar e aprendeu com ela que deveria “*contribuir*” para esse desafio. Assim, embora na entrevista tenha expressado a opinião de que a infância, para ele, era uma etapa da vida marcada pelo distanciamento do trabalho, reconheceu que auxiliar na manutenção da família era imperativo maior e poder ajudá-la causava-lhe orgulho. A esse respeito, Heilborn (1997) afirma que a categoria “*ajuda*” traduz certa gratuidade implicada nas relações familiares, que são sancionadas pelo princípio da reciprocidade. Nessa ordenação, as crianças são chamadas, segundo a autora, a contribuir com a manutenção do grupo familiar desempenhando alguma atividade, o que contrasta fortemente com outros padrões de relacionamento doméstico, sobretudo aqueles marcados pela representação da infância como uma etapa particularmente exigente de atenções específicas.

O grupo doméstico nas classes populares encerra um ciclo de trocas em que as dádivas dos pais em relação aos filhos, em primeiro lugar, a da vida, e a do sustento, são retribuídas pelos filhos em termos de um compromisso na ajuda para o funcionamento do grupo como um todo. Essa maneira de conceber os vínculos entre adultos e crianças mostra-se crucial na socialização destas últimas, que desde cedo falam na contribuição que darão em casa tão logo passem a ter salário (HEILBORN, 1997, p.314).

Segundo Heilborn, meninos e meninas são orientados a desempenhar tarefas que são definidas a partir de representações de gênero e expectativas familiares diferentes. Assim, embora a exigência de um trabalho remunerado não recaísse apenas sobre os ombros de Matheus, nos diálogos familiares estava em menor vantagem. Diferentemente da irmã, não era encarregado pelos afazeres domésticos e, nesse sentido, percebia-se mais premido a assumir o trabalho fora de casa. Além disso, quando o rapaz tinha dez anos, a irmã, com dezesseis, engravidou de sua primeira filha, o que fez com que, em sua avaliação, ela tivesse menores chances de procurar por uma atividade remunerada e “*como o retardado que engravidou ela não deu as caras*”, restou para ele e a mãe assumirem as novas despesas com a chegada da criança.

Quando rolava uma discussão lá em casa eu ouvia umas coisas, tipo assim: “se fosse mulher me ajudava bem mais, me ajudava bem mais no serviço de casa”. Já como homem, não está trabalhando, não está ajudando, porque por mais que eu fizesse alguma coisa, era a minha irmã que ficava com o serviço doméstico mesmo (...). Depois, para piorar, minha irmã ficou grávida. Daí, fodeu! Eu pensei: essa história vai sobrar para mim e para a minha mãe e sobrou, porque o retardado que engravidou ela não deu as caras e a gente é que teve que bancar minha sobrinha.

A irmã de Matheus teve outras duas filhas e, exceto o pai da última, os demais ex-companheiros não pagavam pensão alimentícia ou apoiavam na formação das crianças. O aumento da família e a permanência da mãe como única provedora da casa fez com que o trabalho fosse reforçado como dimensão importante a ser assumida por ele. Aos quinze anos, por orientação de vizinhos, dirigiu-se a agências de empregos e procurou por cursos oferecidos em sindicatos. De maneira geral, conseguiu apenas cursos gratuitos que ensinavam como candidatos a uma vaga de emprego devem se comportar em uma entrevista⁵⁶.

Pensando hoje, parece até piada você colocar no seu currículo que participou de um curso de recursos humanos, de RH. O que era isso? Era curso para ensinar você a como se comportar numa entrevista, curso para você falar bem.

Aos dezesseis anos, ainda sem emprego, Matheus já participava das reuniões do Núcleo Cultural Força Ativa e, foi por meio desse espaço, que tomou conhecimento do programa Cenafoco. Inscreveu-se na iniciativa que oferecia uma bolsa de cento e vinte reais. As atividades eram realizadas aos sábados. Para ele, era a chance concreta de ter uma renda fixa por um ano inteiro. Com o fim da bolsa, as exigências familiares para que buscasse por trabalho tornaram-se novamente recorrentes. Sua participação no grupo juvenil tomava-lhe tempo, situação incompreendida por sua mãe, que não aceitava tanta dedicação por uma atividade não-remunerada. Além disso, no entendimento dela, permanecer muito tempo na rua implicava estar muito próximo da marginalidade e da violência.

Minha mãe via o trabalho como uma forma de escapar da violência. Se você não trabalha você está praticamente noventa por cento inserido dentro da violência. A gente já vive num bairro violento, então era isso: você trabalhando, você tinha dinheiro para poder comprar as suas coisas, ajudar dentro de casa e não tinha como se inserir na violência.

As constatações de Corrochano (2008) sobre as experiências de jovens na busca por trabalho são férteis para compreender a narrativa de Matheus. A pesquisadora

⁵⁶ Em sua tese de doutorado, Corrochano (2008) analisa o alto investimento de moças e rapazes pobres na busca e realização de cursos. Tendo em vista a inexistência ou pouca experiência que possuem no mercado de trabalho, a busca por formações, para além daquela ofertada pela escolarização básica, se constitui em uma estratégia para aumentar suas chances de conseguir emprego e, ao mesmo tempo, de adquirir informações que possam orientá-los a desenhar uma trajetória profissional.

observa que para rapazes – mais do que para moças – ter um emprego, além de ser uma obrigação, seria fundamental para se distanciar da associação disseminada pela sociedade brasileira entre o desemprego masculino e a violência urbana⁵⁷.

Frente a esses conflitos, como muitos outros rapazes de seu bairro, aos dezessete anos, Matheus tornou-se segurança privado. Foi uma das poucas oportunidades de trabalho que conseguiu. A existência de um contingente de jovens de Cidade Tiradentes exercendo esse tipo de ocupação facilitou o acesso a contatos. Além disso, possuía caracteres físicos seus que constituíam elementos positivos para o perfil desejado ao exercício dessa função: negro, alto e forte.

Onde eu moro, quando dá cinco horas da tarde, você olha para o ponto de ônibus e o que você mais vê são os caras de terno. Parece um bando de pingüim indo trabalhar. Todo mundo preto, de terno preto, camisa branca, indo pegar o trampo de segurança. Tem muito segurança onde eu moro.

Matheus trabalhou em boates localizadas em bairros nobres da cidade, como Vila Olímpia, Moema e Pinheiros. Fez “*frilas*” em *haves* e rodeios e depois, tornou-se efetivo em uma casa noturna próxima ao Parque Villa-Lobos, na Zona Oeste. Tratou-se da experiência profissional mais longa do rapaz: três anos. Obtinha uma renda diária de trinta e cinco reais, pouco, mas o suficiente para organizar uma contabilidade e projetar os gastos familiares e pessoais. Mas não obteve registro em carteira⁵⁸.

Queixou-se desse trabalho por vários motivos. Além do baixo salário e da informalidade, sentia que tinha problemas de audição em decorrência dos longos períodos de exposição à música alta. A distância entre seu bairro e as áreas em que trabalhava, tornava o cotidiano extenuante, pois o deslocamento na cidade, às vezes, tomava seis horas de seu dia: “*Chegava estragado. Folgava só de quinze em quinze dias. Às vezes, saía de um tampo e ia para outro na área de segurança. Foi essa a vida*”. O sentido do trabalho também foi questionado: fazer cara de mau, apartar brigas, controlar o consumo de entorpecentes e frear a ação desmedida daqueles que se

⁵⁷ O discurso que atrela ociosidade ao vício e associa a pobreza à ausência de moral e ao território fértil da malandragem não é uma novidade na sociedade brasileira, como aponta Chauí (2000). Contudo, desde a década de 1990, tornou-se comum a identificação da juventude como um problema social, sendo, sobretudo os rapazes uma ameaça constante para a ordem, em decorrência da sua vulnerabilidade às drogas e à violência. Carrano e Sposito (2003), ao se debruçarem às iniciativas públicas desenvolvidas para esse segmento avaliam que, em nome da proteção de uma ordem pública, o tratamento dado à juventude, em regra, pelo poder público reproduz esse estereótipo formulando programas com vistas a lidar com a vulnerabilidade juvenil. No caso dos rapazes, são elas: a violência, o uso de drogas e secundariamente o desemprego.

⁵⁸ Hirata, Júnior e Telles (2006) estudando a periferia da Zona Sul verificam que o trabalho como segurança privada é visto como promissor entre jovens rapazes. Trata-se de um emprego certo e com mercado garantido.

excediam no álcool – um conjunto de atitudes que, segundo ele, não combinava com sua personalidade, mais calma e pacífica.

Para Matheus esse trabalho lhe causava a sensação de injustiça e humilhação. Se ele faturava trinta e cinco reais o “playboy” gastava duzentos ou trezentos bebendo, “sem falar daqueles que eram muito ricos, que gastavam mil reais, dois mil reais, que pagavam tudo”. Muitas vezes tinha que apartar brigas entre rapazes e, no dia seguinte, “levava uma comida de rabo”. Os clientes contatavam a casa noturna acusando-o de ter cometido excessos. Nesses casos, era punido com a diminuição de seu pagamento ou com um afastamento provisório do trabalho, entrava na “geladeira”.

Eu pensava: filho da puta, devia ter dado porrada nele, pelo menos ia ser mais justo, eu ia pagar por alguma coisa que tinha valido a pena. Era um bando de playboy branquelo, tá ligada? Cheguei todo estropiado em casa e esse playboy ainda vem encher meu saco. O cara rasga o meu terno, fico todo fodido e ainda pago o pato. Com ele não acontecia nada. E o cara sabia que ia me foder.

O trabalho como segurança privado resignava-o a uma relação desigual de poder, cujos marcadores estavam dados por uma relação de classe, de raça e profissional, em que o cliente tem sempre a razão. Apartar uma briga entre homens brancos e ricos, sair machucado dela e ainda ser punido lhe colocava em um lugar de subalternidade da qual não estava disposto a participar⁵⁹. Permanecer nos circuitos nobres da capital implicava resignar-se e legitimar as fronteiras de apartação social, e reconhecer o “seu lugar” no jogo. Por esse motivo, embora vislumbasse a possibilidade de ingressar em uma equipe de seguranças formalizada – reconhecida pela Polícia Federal e fazer os cursos exigidos pelo órgão – preferiu buscar outros caminhos.

Aos vinte e um anos, finalmente abandonou a função de segurança. Após realizar um curso de audiovisual, conseguiu trabalhos remunerados na área, produzindo vídeos para ONGs ou ministrando oficinas culturais promovidas pela Secretaria Municipal da Saúde. Ainda que fossem episódicas e instáveis, preferia essas ações, pois podia lidar com o “seu povo, pobre, preto e periférico”.

Depois de tanta formação na área social, participando de palestras, de programas sociais e de viagens eu entrei para essa área (...). Eu vi que tinha uma identificação muito grande com a molecada, com as crianças, com os adolescentes. Eu tinha uma abordagem muito gostosa e lúdica, chamava a atenção da molecada, pela forma como eu tratava da sexualidade. Aí apareceu esse trabalho nos CRECAs.

⁵⁹ Sansone (2003), ao estabelecer comparações entre a moral de famílias de um bairro periférico de Salvador, constata a existência de diferentes valores partilhados por adultos e jovens no que diz respeito ao trabalho e a relação com indivíduos de estratos mais abastados. Isso porque o padrão de cordialidade e resignação que marcavam as falas dos mais velhos estava menos presentes nos argumentos dos mais novos.

No final de 2006, Matheus foi convidado para trabalhar como “*educador social*”⁶⁰, com crianças e adolescentes abrigados em centros educativos da Prefeitura. Foi Marcos, seu amigo do Núcleo Cultural Força Ativa, quem o indicou como “*oficineiro*” para desenvolver atividades sobre sexualidade e prevenção de DST/AIDS. Depois, foi chamado para fazer parte do efetivo de educadores, com um contrato temporário de cinco meses. Desde então, circulou por três centros municipais (Penha, Centro e Cambuci) e já estava há um ano e meio trabalhando com crianças e adolescentes. Ganhava três salários mínimos. Achava pouco, mas essa experiência se constituía como a primeira que conseguia conciliar um interesse pessoal e um rendimento estável, o que lhe dava condições de apoiar a mãe e a irmã. Matheus gostava do trabalho e achava que o desempenhava bem. Segundo ele, as crianças e os adolescentes podiam se espelhar positivamente em sua história.

Eu sou do movimento hip hop, atuo e trabalho dentro disso, e a identificação lá acontece especificamente pela minha vivência, pelo fato de eu ser preto e tudo mais. Eu sou de um bairro miserável, distante do centro de São Paulo, assim como eles. Eu vim de uma família desestruturada, sabe que não tinha aquele acolhimento familiar, assim como eles também, entendeu? Uma violência social muito grande, assim como eles, então você consegue trabalhar, você mostra para eles. Eu estou aqui, por que você não pode chegar aqui?

Diferentemente de quando era segurança de boate e sentia-se em um lugar de subalternidade e de pouco prestígio, Matheus acreditava que seu engajamento no movimento hip hop e seu trabalho como educador eram indicadores de uma conquista. Havia superado as adversidades de sua condição familiar, pobreza e racismo e, por isso, considerava-se um lutador, um exemplo a ser seguido.

CASAMENTO: AMOR, NEGOCIAÇÕES E CONTAS A PAGAR

AS VIVÊNCIAS DO PRESENTE

Matheus estava com 23 anos quando conheceu G. em uma roda de samba. A moça tinha a mesma idade que ele e era negra. Começaram a “ficar”, o namoro se firmou e, um ano depois, em dezembro de 2007, se casaram. A jovem não havia concluído o ensino fundamental, era empregada doméstica e morava com seu filho (J.) de oito anos na casa de sua patroa no bairro nobre de Higienópolis. A união foi

⁶⁰ Sposito e Corrochano (2005) verificam a emergência de um novo campo de inserção profissional para jovens no país. Moças e rapazes têm desempenhado funções denominadas de “*animadores culturais*”, “*educadores sociais*” ou “*oficineiros*” em programas e projetos de ONGs e do poder público. Esses trabalhos estão fora do sistema formal de ensino, não possuem perfil técnico definido e, de maneira geral, são marcados pela informalidade.

realizada às pressas, em decorrência do desemprego da moça e da ausência de uma moradia. Em sua opinião, a união foi precipitada, sem o planejamento que Matheus considerava necessário, mas disse estar apaixonado e disposto a fazer qualquer coisa para manter a relação. Sua namorada ficou surpresa com sua proposta e questionou seu pragmatismo, pois era feita em um momento conturbado e de limitação econômica. Contudo, embora o rapaz acreditasse que a situação não era a mais apropriada para selar uma união, em sua opinião, era a única chance para que os dois permanecessem juntos.

Eu não estava pensando em me casar. As coisas não foram planejadas. Mas a questão é que eu gosto muito dela. Eu amo a G., então, quis apostar nessa relação. Ela é minha preta, entendeu? Então, disse para ela: “G., pode não ser o melhor momento, a gente não planejou, mas eu não vejo outra forma da gente ficar junto e eu acho que a gente tem que ficar junto”.

Alugaram uma casa no bairro Cidade Tiradentes, compraram os móveis e eletrodomésticos em longos crediários – *“tudo novo e na caixa, coisas que eu nunca tive na casa da minha mãe”* –, formalizaram a situação em cartório e passaram a viver juntos – ele, G. e J.. Segundo Matheus, continuar morando no mesmo local foi uma estratégia encontrada para que contasse com o apoio da mãe e da irmã, em especial para que essas pudessem cuidar de J., e *“dessem uma força”* nos primeiros meses ajudando o casal e dando um *“apoio moral”*.

Como sua irmã mais velha já possuía três filhas e também trabalhava, acreditava que podiam partilhar, por exemplo, os custos de uma pessoa para cuidar das crianças e, caso fosse preciso, deixá-los com alguma vizinha, como já acontecia em alguns momentos. Nesse sentido, os apontamentos de Durham (1980) sobre as famílias de camadas populares se aplicam às estratégias mencionadas por Matheus. Segundo essa autora, esses grupos asseguram o consumo de duas maneiras: como *unidade de rendimentos*, ao colocar no mercado de trabalho um ou mais membros que formam um fundo coletivo pela soma dos salários individuais, permitindo certo padrão de consumo; e como *unidade de produção*, que se realiza em atividades – cozinhar, passar, cuidar das crianças – necessárias para a sobrevivência da família.

Esses planos, entretanto, não se materializaram, e três meses depois do casamento o rapaz estava angustiado e desorientado com seus rumos. G. ainda não havia conseguido um trabalho e, em decorrência disso, o casal estava com contas atrasadas e os primeiros conflitos começavam a surgir. Após a união, sua *“companheira”* teve problemas de saúde. Fraturou uma perna ao cair de uma escada, e por um mês inteiro ficou imobilizada. No mês seguinte ela engravidou, mas perdeu o

bebê. Na época da entrevista, segundo Matheus, ela encontrava-se fisicamente frágil para retomar a busca por uma nova colocação profissional.

Para agravar as dificuldades econômicas e aumentar as angústias do rapaz, recebeu a notícia de que sua mãe estava com câncer. E, segundo os médicos, as condições de saúde dela eram pouco alentadoras. A mãe já havia se afastado do trabalho, mas ainda não recebia os benefícios da seguridade social⁶¹.

Os dilemas do novo núcleo familiar, somados àqueles enfrentados em decorrência da doença de sua mãe, obrigaram-no a procurar novos trabalhos. A renda de “educador social” era insuficiente para que arcasse sozinho com o orçamento familiar e, com a irmã, ajudasse na compra de remédios e alimentos para a mãe. Pediu afastamento temporário das atividades de seu grupo e buscou “no desespero” trabalhos de documentação de casamentos, aniversários, batizados e eventos em ONGs. Na época, animava-se com o fato de que o período eleitoral podia render-lhe algum dinheiro com a produção de campanhas de candidatos locais para o cargo de vereador, e articulava com um amigo a produção de um estúdio improvisado na casa deste para realizar o trabalho.

Todos esses acontecimentos faziam com que Matheus percebesse que sua “personalidade” ainda estava sendo desenhada, no enfrentamento dos dilemas cotidianos que se apresentavam com o seu casamento. Berger e Kellner (2006) compreendem o casamento como uma instituição capaz de criar uma nova ordem e sentido na vida dos indivíduos. Seria uma nova etapa da socialização secundária, na qual o indivíduo participa ativamente na construção de significados e ordenamentos, mas enfrenta toda sorte de antecipação socialmente sancionada.

Hoje eu estou casado. Antes de estar casado, eu não tinha tanta responsabilidade como eu estou tendo hoje. Meu casamento ainda é muito recente, acho que eu ainda estou aprendendo a viver.

De fato, a união conjugal e os acontecimentos tumultuados com a família traziam para o rapaz a tarefa de negociar a divisão do trabalho doméstico e produtivo; a possibilidade de ser pai e ser uma referência masculina; as desconfianças com relação a um projeto de ascensão social, etc. Nessa conjuntura, sentia-se pressionado para se “enquadrar” e ocupar o “lugar de chefe de família”, ou seja, principal provedor econômico e referência moral. A situação foi classificada como contraditória pelo rapaz, considerando suas posições quando solteiro e como militante, em que tentava não ser

⁶¹ Trata-se do benefício de auxílio doença concedido pela Previdência Social ao trabalhador impedido de trabalhar por doença ou acidente por mais de 15 dias consecutivos (www.previdenciasocial.gov.br. Consultado em 15/12/2008).

“machista”. De fato, não se considerava um, mas via que diferentemente de quando era solteiro, tinha perdido a capacidade de controlar sua própria vida. Agora, tinha que “assumir” e não sumir.

Eu consigo não ser machista? Hoje não tem como não ser machista, porque só o fato de eu falar assumir é porque me deram. Parece que é minha obrigação, por mais que eu não queira ter sozinho essa obrigação. Todo mundo em minha volta, minha mãe, minha irmã, minha mulher me dão essa obrigação, sabe? A obrigação é minha de trabalhar, de trazer o rango. Eu vou trabalhar, eu tenho que trabalhar, eu tenho que trazer dinheiro para casa, me jogaram essa responsabilidade.

As pressões para que ocupasse seu “lugar de homem” eram, por um lado, de ordem objetiva. No momento da entrevista, o salário de Matheus se constituía na principal fonte de recursos de sua família, o que fazia sentir-se “coagido” para ser ainda mais responsável pelos parentes. Ainda que seus rendimentos não superassem a marca dos três salários mínimos, era com ele que custeava a manutenção de sua família e apoiava a mãe. Diferentemente de quando era mais jovem e solteiro, agora o dinheiro ganho com o trabalho tinha como objetivo alimentar outras pessoas. Antes, se não “trampasse” ficava sem comprar um tênis ou na dependência de amigos para se divertir na cidade. Mas no tempo presente o “trampo” era para pagar as contas da casa.

Mas a coerção sentida pelo rapaz se dava também no plano simbólico. Relatou, por exemplo, que quando sua mãe foi internada – embora sua companheira e irmã estivessem no hospital – o médico aguardou-o para contar sobre a doença da mãe. Foi ele quem deu a notícia às suas parentes. Ao vê-las chorar, mesmo “desmoronando”, deduziu que não podia demonstrar seus sentimentos porque era nele que elas buscavam força. Foi nas conversas com G. e com a irmã que se sentiu obrigado a deixar seu grupo cultural e a abrir mão das atividades lazer, para se dedicar à família. Relatou uma discussão com a irmã em que essa disse o seguinte: “enquanto você ficava na rua o dia inteiro, eu ficava dentro de casa, então, agora é a sua vez”. Também a companheira monitorava seu tempo, tentando identificar “escapadas” que indicassem atividades que não fossem vinculadas ao trabalho.

Tem uma pressão para que eu seja dessa forma, para que eu acabe sendo um homem de uma determinada forma, mesmo que eu não queria que seja assim. Eu prefiro dividir as coisas, acho que homem e mulher têm que fazer tudo junto. Os dois têm que trabalhar, estudar, cuidar das crianças, mas na hora “H” rola uma enquadra.

Mais uma vez as observações de Berger e Kellner são pertinentes para situar a narrativa do rapaz sobre seu casamento e as negociações com a companheira e sua família. Esses autores consideram essa experiência como um encontro de “estrangeiros”

que, mesmo partilhando origens e fundos sociais comuns, não possuem o mesmo passado. Como G. e sua irmã, Matheus era pobre e negro, mas apenas ele havia passado por uma experiência em que as outras formas de organização da família e da relação conjugal eram discutidas e problematizadas. Na tentativa de harmonizar definições para vivenciar a experiência conjugal, sentia-se em desvantagem e pressionado a ocupar um lugar que lhe causava incômodo.

Apesar de suas crenças, Matheus identificou limitadores objetivos para implantar uma divisão mais igualitária das atividades produtivas e reprodutivas, ou seja, daquelas vinculadas ao mundo do trabalho remunerado e daquelas relacionadas ao trabalho doméstico e cuidados das crianças e dos doentes. A primeira delas dizia respeito à divisão do tempo empreendido para as tarefas domésticas e do trabalho remunerado. Com a vida de um pobre trabalhador precário, é possível pensar numa divisão igualitária do trabalho doméstico? Essa era a sua indagação.

Matheus trabalhava no Cambuci, região central da cidade. Para chegar ao trabalho às nove da manhã, tinha que sair de casa às seis. Seu turno encerrava-se às dezessete e apenas três horas depois, às vinte, estava em casa. Pegava um ônibus “*lotado e fedorento*”, que atravessava a cidade, para ir e para voltar. Queixou-se de estar sempre muito cansado no final do dia. Também fazia plantões em finais de semana alternados. Essa rotina, segundo ele, era um impeditivo para que ele de fato se animasse a dividir as tarefas domésticas e, considerava que, caso sua companheira voltasse ao trabalho as dificuldades seriam enormes.

Véio! Nessa situação chegar em casa e ainda querer lavar as minhas roupas? O mínimo que eu quero é chegar no outro dia e ter uma roupa limpa para vestir. É foda, véio! Eu tô sendo... porra! Por que eu não posso chegar e fazer a minha comida? Por que eu não posso lavar a minha roupa? Acho que agora acaba rolando uma troca. Minha mulher fica o dia inteiro em casa, está sem emprego, então, o que eu faço? Mas fico pensando que quando ela arrumar um trampo, e ela vai arrumar se Deus quiser, vai ser foda, porque isso vai ter que mudar.

O rapaz nutria expectativa de que G. conseguisse um novo trabalho o mais breve possível, para que ele pudesse “*respirar*” um pouco. Assim, existiria outra renda para manter o orçamento doméstico. Mas imaginava um futuro cansativo para ambos, tendo em vista que a jovem não encontraria um emprego melhor que o dele e com renda suficiente para que pudessem contratar os serviços de uma empregada doméstica, como fazem os “*playboys*”. Porém, em sua condição de pobreza, cogitou que o melhor seria que G. ficasse em casa enquanto ele trabalhava.

Você tem que ser machista para as coisas correrem naturalmente, porque se você não for, parece que você está indo contra uma lei da natureza. Você está indo contra tudo. Você está quebrando uma regra. Então, acaba sendo difícil manter esse ritmo, manter essa política de não ser machista. Isso talvez seja mais fácil para o playboy, que banca uma empregada, mas comigo... tá difícil (risos).

O comentário do jovem abre espaço para a reflexão sobre as possibilidades de uma divisão igualitária do trabalho para as famílias pobres. Macé (2003) afirma que a igualdade profissional entre homens e mulheres é possível apenas para solteiros e/ou casais sem crianças, na medida em que a disponibilidade de tempo e a mobilidade geográfica do trabalho assalariado moderno repousam sobre a dependência da carreira de um dos membros do casal à do outro, o que tem prejudicado as trajetórias profissionais de mulheres. Esse elemento, segundo o pesquisador, garante a inércia e a reprodução sexista das desigualdades.

Hirata e Kergoat (2007) coadunam essas constatações, observando que, mais do que uma divisão sexual do trabalho doméstico, na contemporaneidade, mulheres que possuem recursos econômicos, tendem a “delegar” essas tarefas a outras em condições de menor vantagem social. Não é preciso ir longe para buscar um exemplo de tal situação. G., companheira de Matheus, era empregada doméstica e trabalhava para outra mulher “cheia da grana”. Segundo essas autoras, essa situação oculta e atenua a permanência da divisão desigual do trabalho doméstico nas famílias burguesas, com a transferência da responsabilidade de uma mulher para outra – esta submetida a regimes precários de trabalho, sem acesso à estabilidade e seguridade social e cumpridora de outra jornada: limpar sua própria casa.

Outro elemento que contribuía para que Matheus tivesse pessimismo com relação da manutenção daquilo que nomeou de “política de não ser machista” dizia respeito ao cálculo com relação aos possíveis e futuros rendimentos da esposa. A jovem, como já foi dito, não possuía escolaridade e sua experiência profissional era de trabalhadora doméstica. Sem escolaridade básica concluída, o rapaz supunha que alguns postos de trabalho comuns a outras garotas pobres, mais de melhor salário, estavam interditados para sua companheira – como telefonista, atendente de telemarketing, auxiliar administrativo, secretária.

Considerava que era importante que ela conseguisse autonomia financeira e galgasse uma colocação profissional. Segundo ele, era o único modo de manter certa independência que, no caso de G., era fundamental, tendo em vista que já possuía um filho e, caso o casamento chegasse ao fim, seria a mais prejudicada na relação. Contudo,

diante da urgência econômica, acreditava que seria mais produtivo que ele trabalhasse e ganhasse remunerações mais elevadas, e ela ficasse em casa, quem sabe estudando.

Eu sei que não quero ser machista. Isso eu tenho certeza. Acho que o machismo faz com que as mulheres apanhem, o machismo leva a destruição da família, deixa a mulher submissa. Por um lado, eu tenho um pensamento que é assim, mas por outro, às vezes, eu penso que seria mais fácil que minha mulher ficasse dentro de casa. Na verdade, eu queria que ela voltasse a estudar e que eu pudesse bancar essa situação.

Matheus também afirmou que seus planos de ascensão social foram mitigados. “Ficar rico” era algo que já não vislumbrava e mesmo sair de Cidade Tiradentes, o que um dia já desejou, era na sua avaliação pouco provável, pois os vínculos que possuía com a irmã mais velha e a mãe eram cada vez mais fortes. Foi a esse desalento que justificou o fato de, mesmo com todos os contratempos, a chegada de um filho tenha parecido-lhe um projeto acalentador.

A gente não estava prevenindo muito. Pode parecer loucura. Quem vê pode pensar: “O cara é um louco, porque engravidou agora”. Mas, eu não vou ficar lutando para ser rico, que eu não vou conseguir ser rico. Vamos ter uma boa condição de vida, mas rico eu não vou conseguir ser. Então, véio, ter um pivete era uma alegria.

A notícia da gravidez foi comemorada por ele e festejada com os colegas de trabalho. Mas a alegria durou pouco. Dias depois, sua companheira passou mal e abortou espontaneamente. Matheus ficou decepcionado, pois, em sua opinião, seu empenho em manter a família teria mais sentido. De qualquer maneira, queria e já se sentia uma referência “masculina” positiva para Jeff e, desejava que, diferentemente de sua experiência familiar, marcada pela ausência do pai, o enteado tivesse um homem em quem pudesse se espelhar.

A trajetória de Matheus permitiu novas percepções sobre sua condição masculina e racial. Mas a necessidade de se posicionar frente a situações objetivas, assinalaram tensões entre forjar uma *performance* masculina aprendida ao longo da *socialização secundária* – caracterizada pela tentativa de positivar sua condição de homem “preto” e da periferia e de forjar uma relação mais igualitária com as mulheres – e responder aos desafios prementes em sua vida, que o forçavam a se adequar a outro modelo: trabalhador e provedor, apreendido no âmbito da *socialização primária* e reforçado pelas experiências recentes de seu casamento.

Na infância, viveu as turbulências decorrentes da separação de seus pais e da ausência da figura paterna. Precocemente teve que “ajudar” a mãe. Esse imperativo se

caracterizou pela percepção de obrigações permeadas por princípios de reciprocidade e de claras divisões de atribuição de papéis masculinos e femininos. Sua irmã se dedicava aos afazeres domésticos, enquanto ele circulava pelo espaço da rua, era compelido a procurar por alguma atividade remunerada e a contribuir com o orçamento doméstico.

Seu pai foi uma referência negativa e a mãe uma mulher “*guerreira*”, que frente às atitudes de um homem incapaz de cumprir com suas obrigações morais, batalhou por condições para manter unida a família. Nesse processo, o tio materno tornou-se um modelo positivo de masculinidade: trabalhador, dedicado à família e engajado na educação das crianças. Este era diferente dos negros apontados pela mãe como bandidos, dos quais deveria manter distância.

A publicidade da união homossexual de sua mãe foi vivida como uma das primeiras experiências de discriminação na escola, marcando o início de sua *socialização secundária*. Foi nessa instituição que descobriu a norma compulsória da heterossexualidade e a “*vergonha*” de reconhecer que sua família não vivia sob o domínio dela. A experiência foi relatada como causadora de sofrimento e conflitos, tendo como desfecho uma nova separação da mãe e a conversão desta para uma religião pentecostal.

Matheus não se considerava homofóbico, mas já nas entrevistas coletivas, manifestou o conhecimento das dores causadas por este preconceito. Orientava aqueles que possivelmente podiam ser identificados como homossexuais de modo a evitarem o sofrimento. Em se tratando de uma orientação sexual masculina permeada por estigmas de feminilização, “*deseducava*” seu enteado, ensinando-o a se comportar em acordo com os padrões hegemônicos de seu bairro. Já com os adolescentes que estavam sob sua responsabilidade de educador, orientava-os a serem mais fortes e se prepararem para resistir à violência e discriminação.

A instituição escolar foi descrita como um espaço desinteressante. A falta de estrutura, a discriminação racial e a pouca identificação com os professores, o distanciaram cada vez mais do saber escolar e de suas normas, e sedimentaram relações de amizade a partir do interesse pela rua e pela sociabilidade desse espaço. Mesmo quando definiu interesses pragmáticos para concluir a educação básica, encontrando na conquista do certificado as possibilidades de ascensão social, sua condição de jovem estudante/trabalhador não foram respeitadas pela instituição.

O contato com integrantes de um grupo juvenil de Cidade Tiradentes abriu possibilidades de novos processos de identificação e posicionamentos. Foi nesse espaço

que, no diálogo com os amigos, pode problematizar questões sobre a discriminação racial, a construção de uma identidade negra positiva e, posteriormente, as relações de gênero e a homofobia. Tornar-se um homem “*preto*”, estabelecer novos parâmetros para seus relacionamentos afetivo-sexuais, construir seus grupos foram destacados como as grandes alterações para a conformação de sua subjetividade.

A adesão ao grupo não implicou, contudo, num deslocamento total de sua socialização primária. O grupo foi um *suporte* para alterar sua percepção sobre a condição racial, mas os imperativos sobre suas obrigações familiares foram mantidos. Ainda sentia-se obrigado a ajudar financeiramente sua mãe e sua irmã solteira, que engravidou três vezes ao longo juventude. Frente às pressões familiares, tornar-se segurança privado foi a porta de acesso a um trabalho regular, ainda que informal.

Foi por meio deste trabalho que durante três anos pode ter a regularidade de um dinheiro, com o qual pode encontrar alguma estabilidade econômica e dar continuidade a sua participação nos grupos. Contudo, trabalhando em uma boate localizada em uma área nobre da capital, a experiência da desigualdade colocou-o numa condição de inferioridade que não era condizente com a construção mais positiva que tinha sobre si. O ofício de segurança submetia Matheus a uma relação que explicitava a desigualdade entre brancos e negros, ricos e pobres, trabalhadores e patrões/clientes. Por isso, buscou uma alternativa de trabalho que o tirasse dessa relação e permitisse seu convívio com iguais, com o seu “*povo*”, no qual podia perpetuar sua autoimagem e se perceber como um exemplo a ser seguido por crianças e adolescentes.

Por fim, as contradições de sua experiência se acentuaram com o casamento, um novo período da *socialização secundária*, e todas as complicações oriundas da grave doença de sua mãe. Se antes tinha alguma margem para manipular as ambiguidades de sua experiência, agora, sentia-se compelido a buscar uma unidade. Ser “*o homem*” provedor e não “*um ser humano*” – considerando as dificuldades econômicas, a ausência de apoio de instituições públicas e outros suportes para dar conta da manutenção da família – parecia-lhe o caminho mais provável para o seu futuro, o que tornava as aprendizagens obtidas no âmbito familiar como destino com poucas margens de manobra.

CAPÍTULO 6 – FLEXIBILIDADES PARA UMA TRAJETÓRIA DE CIRCULAÇÃO

As palavras-chave que nortearam os diálogos com Wagner, 20 anos, desde as entrevistas coletivas, foram “*mudança*” e “*transição*”. Concebia o momento em que vivia como marcado por transformações nas relações e lugares ocupados por homens e mulheres, decorrentes de mudanças que alteraram a vida das últimas: ingresso no mercado de trabalho, mais liberdade para viver e experimentar relações afetivo-sexuais fora do casamento e a construção de projetos semelhantes aos dos homens. A percepção de mudança também foi o tom de suas opiniões sobre a questão racial no Brasil. Achava que mais pessoas estavam se assumindo como negras, tendo orgulho de mostrar sua “*cor*”.

No grupo de sua convivência, percebia que havia mais similitudes do que diferenças entre moças e rapazes, afirmando que todos estavam interessados em estudar, “*curtir a vida*”, arrumar um bom emprego, “*adquirir suas coisas*” e “*bem mais para frente, quem sabe...*” casarem-se e terem filhos. Nutria a expectativa de que um matrimônio não resultasse no fim da trajetória profissional de sua futura parceira ou na assunção de uma maior responsabilidade dele pelo bem-estar econômico da família e dos filhos. Defendia a importância de que antes do casamento, cada um investisse em sua carreira profissional e buscasse boas condições financeiras e, apenas depois, constituíssem uma família.

Esses passos eram, em sua opinião, importantes para a garantia da autonomia de ambos, uma estratégia para construir uma vida econômica futura mais confortável e para lidar com possíveis dificuldades e com um eventual divórcio. Ter uma boa trajetória profissional também se constituía em uma estratégia para ser um “exemplo” e romper com estereótipos mais disseminados sobre jovens pobres e negros.

Definia-se como heterossexual e avaliava que teria dificuldade para manter uma amizade com um colega que eventualmente se declarasse homossexual. Apesar disso, achava que era mais tolerante do que outros jovens de sua idade. Desde que não fosse assediado por gays, situação hipotética que lhe causava constrangimento, aceitava “*numa boa*” a homossexualidade masculina.

As declarações de Wagner acerca da maior igualdade entre os sexos assemelhavam-se àquelas percebidas por Heilborn (2006) como mais comuns aos jovens de estratos médios e escolarizados. No mesmo sentido, seus modos de

classificar-se e perceber-se como negro correspondiam aos descritos por Fry (2002) como emergentes no atual cenário brasileiro.

Nas entrevistas individuais, o rapaz apresentou-se como “*um cara normal, que estuda, trabalha, quer curtir a vida e ter uma profissão*”. Do ponto de vista do pertencimento racial, ora definiu-se como “*preto*”, ora como “*negro*”, sem fazer distinção das duas expressões. Ambas se referiam a seus traços fenotípicos e a percepção de que sua família era composta por negros. Como preto/negro e morador da periferia, nutria a expectativa de “*dar o exemplo de que as coisas podem ser diferentes*”. Referindo-se à experiência percebida como mais comum aos sujeitos com perfil semelhante ao seu, marcada pelo desemprego, pelo trabalho precário e pelo envolvimento com a violência, queria galgar níveis mais elevados de escolaridade e conquistar um emprego que lhe garantisse maiores rendimentos e status social.

Morava com seus pais e com o irmão mais novo, em um apartamento de um condomínio popular, localizado em Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo. Estava no terceiro ano do ensino superior, cursando Administração com ênfase em marketing, em uma faculdade privada localizada na região de Itaquera, onde possuía bolsa de estudos integral do Programa Universidade para Todos (ProUni). Depois de trabalhar como vendedor numa loja de calçados por três anos, com carteira registrada, em 2008, pediu demissão. Queria ingressar numa atividade profissional mais próxima de seus interesses e relacionada ao curso superior que frequentava.

Na ocasião das entrevistas negociava uma oportunidade de estágio na área administrativa na Subprefeitura de Ermelino Matarazzo. Ocupava-se também do trabalho de conclusão de curso da faculdade, cujo objetivo era desenvolver um projeto de marketing e publicidade para cosméticos masculinos.

No que diz respeito à vida afetivo-sexual, há três meses havia terminado um relacionamento de quase três anos com uma moça que conhecera no ensino médio. Não tinha a intenção de iniciar um novo relacionamento “*sério*”. Acreditava, naquele momento, que o namoro limitava o convívio com os amigos e a liberdade de realizar passeios noturnos descompromissados. Preferia dedicar-se às festas e “*baladas*” com os amigos universitários, nos circuitos mais nobres da cidade, conhecer novas garotas, “*ficar*” e “*sair*”.

SE VIRANDO COMO PODE E MUDANDO OS PODERES

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

Os pais de Wagner são do interior da Bahia, e migraram para São Paulo no final da década de setenta. Aos vinte anos se casaram e conseguiram independência. Instalaram-se em um imóvel alugado no bairro Ermelino Matarazzo. Na época, o pai de Wagner era motorista da antiga Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) e a mãe trabalhava como auxiliar administrativa em um hospital público. Ambos tinham o ensino fundamental concluído, o pai era negro e a mãe, embora “*mais clara*”, também foi definida por ele como negra.

O rapaz é o primogênito e quando nasceu, em 1988, sua mãe parou de trabalhar para cuidar dele. Ela fez uso da licença-maternidade e das férias acumuladas, mas sem ter com quem deixá-lo, e na ausência de creches públicas, abandonou o trabalho. Nos depoimentos anteriores, as narrativas familiares dos entrevistados também são marcadas pela falta de equipamentos públicos destinados aos cuidados com as crianças e que forçaram as famílias a organizarem estratégias para lidar com a chegada de um filho. No caso de Wagner, chamou a atenção o fato de que apenas ele mencionou a ausência de creches como um elemento problemático, após o seu nascimento e de seu irmão, para a organização da família e, em especial, para a manutenção da ocupação de sua mãe.

Pouco tempo depois, quando Wagner ainda era bebê, ela retomou os estudos. Para isso, deixava-o aos cuidados do pai no período noturno.

Essa história é bem interessante, para mim. Minha mãe sempre quis estudar. Ela terminou o ensino fundamental ainda lá em Itiuba, que nem meu pai. Mas o que aconteceu? Quando ela parou de trabalhar, que ela teve eu, minha mãe, além de cuidar de mim, voltou a estudar, porque ela aproveitou isso. Então, ela bateu pé firme com o meu pai, que ficou cuidando de mim a noite, para ela estudar. Ela fez o ensino médio supletivo e depois fez um curso de auxiliar de enfermagem, porque ela já tinha trabalhado em hospital mesmo.

A mãe de Wagner voltou a “*trabalhar fora de casa*” quando ele tinha cinco anos, em 1993. Nessa época, os pais tinham planos de comprar uma casa e sair do aluguel. Por isso, ele ficava sob cuidados de uma vizinha. Quando teve o segundo filho (W.), em 1994, recusou-se a abandonar o trabalho e fez uso apenas da licença-maternidade e, novamente, deixou os dois filhos aos cuidados de uma conhecida.

Ainda em 1994, seu pai, depois de mais de dez anos de trabalho estável, perdeu o emprego, o que provocou, na ótica de Wagner, uma inversão temporária dos papéis na organização familiar. A mãe trabalhava fora e o pai cuidava dos trabalhos domésticos. Também na sua concepção, esse processo não se deu sem conflitos porque seu pai se

sentiu alijado da função de provedor. O rapaz comentou que na época estava com seis anos e recordou-se da situação, da seguinte maneira:

Meu pai não ficou bem. Por quê? Porque ele ficou sem trabalho, desempregado, o que não é legal para ninguém, não é? Ainda mais para ele, que na cabeça dele, ele era responsável pela família, mesmo que a minha mãe trabalhasse. Meu pai tem aquela cabeça mais do interiorzão, sabe, mais tradicional, então, na cabeça dele, eu acho que era difícil aceitar a minha mãe trabalhando e ele em casa... mais bem nessa época que, eu lembro, de ter uma maior união na minha família. Todo mundo ficou ajudando lá em casa, procurando trabalho para o meu pai. Graças a Deus a minha família é muito unida e meu pai não bebe, porque se não, eu acho que ele teria ido por um mau caminho (...). Com o fundo de garantia dele, meus pais deram entrada nesse apartamento, minha mãe ficou segurando a onda do dinheiro e um ano depois meu pai arrumou esse trabalho de segurança noturno.

A narrativa de Wagner, assim como os demais rapazes entrevistados, também dá destaque às experiências de mudanças ocorridas no âmbito da família. As estruturas desta instituição são friccionadas com episódios que provocam deslocamentos nos lugares e papéis assumidos por pai e mãe. No seu caso, esse processo tem início com o projeto materno de retomar os estudos e com desejo dela de trabalhar. Projetos já percebidos por Sposito (1993), como vislumbrados por mulheres, de estratos populares, que apostavam no ensino supletivo e no trabalho como possibilidades de alterar a própria vida e sua condição dentro da família.

O trabalho da mãe e o fim do desemprego do pai foram importantes para reconfigurar a dinâmica familiar. Os trabalhos domésticos passaram a ser divididos entre os dois adultos: a mãe responsável pela cozinha e por levar os filhos à escola; o pai pelo cuidado dos filhos e outros afazeres domésticos. Pouco tempo depois, Wagner também assumiu algumas responsabilidades: levar o irmão à escola e monitorá-lo nas brincadeiras na rua e arrumar os quartos. Ou seja, a assunção do trabalho do pai e da mãe impuseram pequenas e singulares dinâmicas de organização familiar, que são positivamente avaliadas pelo rapaz.

Diferentemente das observações feitas por Sarti (2003) em seu estudo com famílias pobres, em que o trabalho feminino era percebido por seus informantes como elemento de desequilíbrio familiar e complicador para a educação das crianças, visto que estas ficavam “soltas” na rua, o rapaz demonstrou orgulho quando falou desse processo, pois derivou dele uma estratégia para driblar as dificuldades econômicas, garantir a manutenção da família e dar possibilidade para a escolarização e ascensão profissional da mãe.

Hoje ela tem até o curso técnico de enfermagem, que ela terminou no ano passado, porque as exigências aumentaram. E ela trabalha em um hospital, fazendo uma profissão que eu acho que é bem legal, se a gente considerar de

onde ela veio (...). Minha mãe sempre ligou mais para o estudo, inclusive, minha mãe que pegou no pé do meu pai para ele estudar (risos), para ele fazer um supletivo e ele fez. ‘Você precisa não sei o quê, precisa estudar e tal’. Ela é mais interessada que a gente. Puxa mais, entendeu? Ela que carrega mais assim.

Segundo Cabanes (2006), na cidade de São Paulo, nos últimos anos, perdas e transformações de referências no espaço público têm forçado famílias pobres a construir novas dinâmicas no espaço privado. Tais mudanças engendram diferentes caminhos e pontos de chegada, imbricadas nas relações internas que constituem o grupo familiar no desafio de sua manutenção e das formas encontradas para se relacionar com o mundo social. Ilustra essa situação dando como exemplo as mudanças no mundo do trabalho e o impacto dessas nas relações definidas por ele: com a precariedade do trabalho e o desemprego, muitas famílias se veem forçadas a fazer ajustes que podem desarticular configurações de acordo com as posições, concepções e interações de cada um de seus membros.

A mescla mais significativa dos percursos masculinos e femininos pode não ter efeito imediato do ponto de vista das relações sociais de trabalho; repercutem, porém, em primeiro lugar, no interior da família (...). É primeiramente no seio da família que essa interação ganha forma, redefinindo, por vezes profundamente, os papéis sociais sexuais. (...) O espaço privado aparece como um laboratório onde se elaboram, ainda em silêncio, as normas e as aspirações do futuro (CABANES, 2006, p.404)

Ao avaliar trajetórias familiares e individuais de membros das camadas populares da cidade de São Paulo, esse pesquisador localiza um “caleidoscópio” de configurações, e dentre elas algumas semelhantes à descrita por Wagner acerca dos modos encontrados por seus pais para dar conta do desafio de sobreviver: casos em que há uma relativa inovação no domínio das relações sociais de gênero, necessidade de uma participação de todos os membros adultos da família no trabalho assalariado; divisão igualitária do trabalho doméstico; iniciativa profissional das mulheres em nome de um projeto de mobilidade social da família ou, pelo menos, de seus filhos etc. Para o autor, essas transformações do mundo privado podem reverberar na constituição de novos modos de vida para as famílias, em especial para aqueles mais jovens, fazendo com que se operem no mundo privado, transformações que ainda estão pouco tangíveis no domínio público.

Essa organização familiar permitiu que Wagner tivesse, em sua opinião, uma formação diferenciada das dos demais rapazes de seu convívio. Sabia desenvolver atividades domésticas como limpar casa e cozinhar e era responsável por desenvolver algumas delas em sua casa. Além disso, atribuiu aos pais, em especial à sua mãe, o

grande incentivo para que ele tivesse uma trajetória escolar exitosa, meio de garantir uma mudança de vida, que não se resumia apenas ao desejo de “ter mais”, mas também de “ser” mais (SPOSITO, 1993). Esses fatores explicam, em sua opinião, a constituição de acordos entre o rapaz e seus pais para a organização de seu tempo.

Da infância, lembra-se das brincadeiras realizadas com os meninos (jogar bola, andar de bicicleta, empinar pipas e colecionar/trocar bolinhas de gude) e da necessidade de reservar um espaço ao longo do dia para os estudos e para as atividades domésticas sob suas responsabilidades, condição para que pudesse brincar e receber amigos em sua casa. Relatou que seus pais tinham regras rígidas para que ele pudesse brincar na rua, em função da preocupação com a violência no bairro e da necessidade de transmitir valores de responsabilidade para os filhos.

A forma de lidar com a dinâmica da rua não era um consenso entre seus progenitores. No caso do risco de brigas na rua, por exemplo, seu pai ensinava que um garoto não deveria “*levar desaforo para casa*” e a mãe explicava que era preciso não se envolver em conflito.

Quando eu era pequeno, eu estava na escola, meu pai dizia: ‘se você apanhar na escola, se você vier chorando, você vai apanhar aqui também’. Ele aconselhava: se apanhou, bate! Já minha mãe não, porque na cabeça dela, no interior até pode ser assim, mas aqui, você aprende isso quando é criança e depois, quando cresce quer fazer a mesma coisa. Só que quando você é pivete tudo bem, mas depois, você ganha na mão e no dia seguinte o cara aparece com um revólver. Minha mãe tinha muito dessa preocupação.

As orientações da mãe tiveram predominância na estruturação de seu comportamento, pois avalia que teria sido um “*pivete muito tranquilo*”, mais dado à conversa. Jamais brigou fisicamente com alguém, porque não sabia e tinha medo de apanhar ou machucar um colega. Foi educado por seus pais a pensar em consequências de suas ações e das consequências delas para a realização de um projeto futuro.

Assim como os demais jovens entrevistados, a questão racial não fez parte das discussões ou assuntos abordados no âmbito familiar. Contudo, Wagner conta que, certa vez, quando tinha aproximadamente doze anos, sua mãe respondeu ao inquérito do censo demográfico, e ele ficou surpreso por ela ter se declarado como “*preta*” e não como “*parda*”, tendo em vista que era a pessoa da família que tinha a tez mais clara. Esse episódio gerou inquietação no rapaz, que assistiu a situação, e não percebia a priori sua família como uma família negra.

Quando vieram fazer a pesquisa aqui em casa, acho que foi nessa época, que perguntaram para mim que cor eu era, aí eu falei: ‘Ah! Eu sou preto’. Mas, tipo, foi meio sem pensar. Aí depois fiquei pensando... que eu até sou mais claro, que dava para falar que eu era pardo. Mas minha mãe disse que era

preta e meu pai é mais escuro que ela, então, eu sou preto. Mas eu pensei que negro sofre bastante preconceito, não é? E tipo, eu não gosto dessas coisas de preconceito, entendeu? Foi isso que eu pensei.

Após esse episódio, sua família tomou o tema como um mote para brincadeiras entre pais e filhos, em que a mãe era chamada de “*branquela*”. Compreendeu nesse episódio familiar uma tentativa de seus pais lidarem positivamente com os caracteres fenotípicos dele e de seu irmão, tendo em vista que ambos eram mais “*escuros*” do que a mãe e, portanto, passíveis de serem reconhecidos como negros.

Apesar da percepção de preconceito e de que pessoas negras estão mais suscetíveis à discriminação, Wagner disse não ter, na infância e na adolescência, sofrido qualquer situação que caracterizasse racismo, e atribui essa ausência de conflitos à convivência, nesse período, com pessoas muito semelhantes a ele do ponto de vista racial e social. Na periferia, todos são pobres, pretos ou pardos, e essas características, na sua experiência, não foram elementos tomados para denotar desprestígio ou inferioridade. Relatou, contudo, brincadeiras entre seus amigos em que garotos negros eram associados a “*macacos*” nos jogos de futebol e outras atividades de lazer. Mas Wagner não avalia essa experiência como constrangedora, pois não atribuiu a ela a marca do racismo, porque se tratava de uma brincadeira e, depois, porque eram todos iguais.

UM BOM ALUNO EM BOAS ESCOLAS

TRAJETÓRIA ESCOLAR

A trajetória escolar de Wagner ocupa um lugar importante na sua experiência. No ensino fundamental sempre tirou boas notas, nunca foi reprovado e nem teve queixas com relação ao seu comportamento. Considerou-se um “*bom aluno*” e, ao mesmo tempo, nunca foi um “*CDF*”¹, pois as boas notas não eram obtidas por uma dedicação “*ferrenha*” e seu grupo de colegas era formado pelos alunos “*médios*”. Além disso, tinha tempo para o lazer e, para atestar essa afirmação, enfatizou sua grande dedicação às práticas esportivas.

Assumiu por dois anos consecutivos, durante o sétimo e oitavo ano do ensino fundamental, o posto de “*coordenador de classe*”, dividido com uma colega de turma. Ambos responsabilizavam-se por evitar a “*bagunça*” e pelo diálogo com os professores na mediação de conflitos. Ele era bem-quisto entre os profissionais da escola, porque tirava boas notas e possuía uma relação amistosa com diferentes grupos de sua classe,

porque jogava futebol, atividade esportiva que reunia na escola, meninos de diferentes grupos.

O esporte foi enfatizado pelo jovem como o lugar das brincadeiras, onde se estabeleciam laços de confiança, solidariedade e amizade entre os rapazes. Ser um bom aluno garantia-lhe uma boa relação com os professores e, ao mesmo tempo, jogar futebol permitia-lhe um trânsito entre diferentes grupos da escola no ensino fundamental.

O futebol é o que salva (risos). Se você joga bem, já tem meio caminho andado para fazer amizades. Eu sou são-paulino, por exemplo, você pode ver, eu sou daqueles que não perde um jogo e sou assim desde pequeno. Meu pai nem é torcedor. Eles [pai e mãe] torcem para o São Paulo por minha causa. Mas isso já foi uma boa na escola, boa em parte, porque desde pequeno você escuta que você torce por um time de 'viado', mas só de eu saber de futebol, de eu jogar, e eu acho que eu jogo bem... Então, tem aquela coisa na escola de você ser chamado para jogar, de você entrar em todo jogo que tem e você vai fazendo amizade, vai tendo um colê [aproximação ou união] com os caras e aí não tem essa coisa de nota da aula, de você ser bom aluno, é mais a afinidade mesmo, de você trocar uma ideia ali e sair com os caras e eles perceberem que você é legal.

A trajetória escolar do rapaz, diferentemente dos entrevistados que o antecederam, foi tranquila e exitosa no ensino fundamental. Para isso, ele combinou de maneira estratégica caracteres que eram avaliados pelos professores como positivos de estudantes de ambos os sexos – facilidade de aprendizagem, participação e independência –, e que lhe garantiram um bom desempenho no ofício de aluno, e comportamentos valorizados na sociabilidade entre estudantes do sexo masculino.

Wagner incorporou estratégias que são observadas por pesquisadores como Carvalho (2001) e Brito (2006) como comuns aos meninos com trajetórias escolares menos acidentadas. Procurou formas de prestígio entre professores por meio de boas notas e bom comportamento, sem tornar-se reconhecido no grupo de pares como um estudante excessivamente dedicado. Para isso, atribuiu ao futebol a possibilidade de construir boas relações com os pares, articular programas extra-escolares e circular pelos diferentes grupos que identificava na escola.

São garotos que desenvolvem a habilidade de equilibrar-se entre o mundo do pátio de recreio e da cultura dos meninos e o mundo da sala de aula, descobrindo ou inventando uma posição masculina bem-sucedida em meio a essa tensão (CARVALHO, 2001, p.567)

A afirmação de uma conduta que se caracterizava pelo alto grau de importância dado à educação, como fator que possibilita a construção de uma carreira profissional de sucesso e também a manutenção de uma posição social de prestígio, prossegue com sua

entrada no ensino médio, mas desta vez, essa característica é agregadora, pois é por meio dela, que compõe pares de amigos com os quais passa a conviver.

O ingresso no ensino médio, aos quinze anos, foi narrado por ele como um divisor de águas. Wagner matriculou-se em uma escola positivamente avaliada no que diz respeito à qualidade de ensino. Trata-se de uma instituição com o “*ensino puxado*”, que reúne jovens que “*tem vontade de estudar*” e, segundo ele, incentivadora da participação dos estudantes – disse que a escola possui uma rádio e uma produtora de vídeo, realiza pesquisas de opinião com os estudantes, incentiva estes a participar de atividades esportivas e promove diálogos sobre questões políticas e problemas locais. Essa instituição e as atividades “*diferenciadas*” que promovia, foi descrita pelo rapaz como responsável por uma boa formação, promovendo experiências que criaram nele uma disposição maior para o estudo e a conformação de um grupo de amigos também dedicados aos estudos. Foi na escola que conheceu seus melhores amigos, um grupo formado por seis rapazes.

Os meus amigos mesmo são os do colégio. Tem cinco, não é? Na verdade são seis pessoas que são mais próximas. Eu, o V., o M., o L., o A., o F. e o F.. As amizades do colégio estão até hoje, porque a gente tinha mais ou menos as mesmas ideias, não é? E bastante afinidade, assim, a gente estava no processo de transição, saindo da molecagem, para passar para outro estágio, que é terminar o colégio, que é pensar no que vai fazer depois disso. Então, eu acho que esse momento fez com que a gente tivesse uma amizade verdadeira, entendeu? Porque todo mundo estava no mesmo momento e tinha a mesma cabeça. A maioria torcia pelo mesmo time, entendeu, tinha os mesmos temperamentos. E todo mundo queria um futuro, a maioria deles estuda hoje, tanto é que o cara que não estuda se afastou um pouco mais. Não sei se isso tem a ver, mas ele não quis estudar e tal.

Foi com esse grupo, cuja composição se deu pelo desejo de estudar para garantir o futuro, que passou a desenvolver as atividades e trabalhos escolares. Aos poucos, começaram a frequentar as casas uns dos outros e a realizar atividades de fruição e lazer juntos: jogar futebol, ir a barzinhos e estádios, frequentar cinemas, comparecer juntos a festas e churrascos de outros estudantes do colégio. O ensino médio foi caracterizado como um momento intenso de sua formação. Estar na escola, paquerar, conhecer pessoas novas e com os amigos desenvolver atividades escolares e não-escolares foram aspectos positivos destacados como possíveis em função da especificidade da instituição de ensino e do encontro com jovens que lá estudavam.

Foi na escola e com esse grupo de amigos que ele desenvolveu uma cultura juvenil e também de uma cultura juvenil masculina. Estar na escola era uma estratégia de credenciamento social – conseguir um diploma –, mas também um momento de construção de um círculo de amizades e de relações que permitiram acessar informações

e conhecimentos, e experimentar novas afetividades. Assim, a escola se constituiu em um espaço em que ampliou as possibilidades de convivência e encontro – as festas, os passeios e as atividades culturais (SPOSITO, 2004; DUBET; MARTUCCELLI, 1996; CORTI; SOUZA, 2004).

Além das práticas mais comuns de lazer, o exemplo mais emblemático dado pelo rapaz, sobre a emergência de uma cultura juvenil masculina, consistiu no seu depoimento na organização, junto com seu grupo, de idas a bares e boates em que havia a pretensão de simplesmente “zoar”, ou seja, fazer brincadeiras, bagunças e bebedeiras que aconteciam apenas com os pares. Também foi com esse grupo que criava estratégias para “ficar” com garotas. No que diz respeito à última situação, descreveu regras distintas para moças e rapazes, pois se tratava, em seu depoimento, de uma prática atravessada por processos de diferenciação entre os gêneros.

Para eles, a “essência” do ficar era dada pela regência competitiva e pela ideia do desafio travado entre os rapazes. Quando os rapazes “pegavam muitas mulheres” eram reconhecidos e se “promoviam” pelos seus feitos, mas as garotas, caso fizessem o mesmo se “queimavam”, tornavam-se “mal faladas”, eram chamadas de “galinhas”. Tinham o hábito de disputar quem era capaz de obter melhor desempenho na sedução de garotas e/ou de quem era capaz de beijar mais. Tais diferenciações já foram descritas por Almeida (2006) e Abramovay, Castro e Souza (2004) como limites das novas modalidades de relações afetivas emergentes entre os jovens. Em suas pesquisas, essas autoras concluem que se o “ficar” se apresenta como uma relação mais fluída e passageira, desestabilizando modelos mais tradicionais de comportamentos afetivo-sexuais entre esse grupo, ele também comporta contradições, advindas da permanência de valores relacionados a gênero em sua dinâmica interativa.

Em princípio, o *ficar* implica no estabelecimento de interações mais igualitárias entre rapazes e moças, onde se pressupõe que as características de superficialidade e de descompromisso sejam percebidas e vividas como positivas para ambos os sexos. No entanto, alguns depoimentos sugerem que há uma distinta valoração moral do *ficar* para cada um dos sexos (...). Para as moças, o *ficar* pode estabelecer limites. Alguns depoimentos demonstram que, diferentemente dos jovens, uma variedade grande de parceiros resulta numa atribuição de valor negativo. Ainda que, para ambos, o ficar venha se tornando uma possibilidade, de certa forma, fluída para a iniciação dos jogos amorosos e sexuais da adolescência/juventudes, persistem, com o *ficar*, códigos restritivos, preconceitos e interdições (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p.91-2, grifo das autoras).

Ele e seus amigos possuíam uma escala para classificar as meninas e pontuar suas investidas a partir de binômios como fáceis/difíceis, bonitas/feias,

divertidas/chatas. No que diz respeito à beleza feminina, reconheceu que havia uma discriminação daquelas com traços fenotípicos negros mais acentuados, embora tivesse estabelecido relações com algumas. Em sua opinião, as meninas também aplicavam as mesmas regras nas investidas afetivas, mas avaliando sobre quem no seu grupo de amigos parecia obter mais sucesso nas preferências femininas, considerou que havia nuances nesse “mercado”.

Descreveu dois amigos que considerou como mais assediados no tempo do colégio e revelou que a valorização de um estava vinculada às características do corpo e às habilidades pessoais, enquanto o outro teria sua valorização marcada pelo pertencimento fenotípico. M., negro, que fazia musculação e que tocava violão foi destacado como detentor de traços que destoavam do aspecto “*magrelo*” dos demais rapazes do colégio, podendo se valer de atributos de um corpo viril valorizado nas investidas às garotas; por sua vez, F. era branco, com olhos claros, cabelo “*batidinho*”, fenótipo mais valorizado entre as jovens. Wagner sempre esteve no meio dessa escala: era “*magrelo*”, mas “*bonitinho*”, “*dava para o gasto*”. Assim, se as jovens negras tinham menos prestígio, o mesmo não se podia dizer de alguns rapazes negros, em especial aqueles detentores de determinados atributos físicos.

O modo como narrou as relações afetivas da adolescência corresponde àquilo que diferentes pesquisadores têm apontado sobre as hierarquias existentes no mercado afetivo-sexual e matrimonial brasileiro em que coexiste uma hierarquia diferenciada para homens e mulheres brancos e negros (CARNEIRO, 2002; MOUTINHO, 2004a, 2004b, 2006). Essas autoras compreendem que essas desigualdades se explicam em decorrência de estereótipos vinculados a este grupo no que diz respeito ao seu potencial erótico/afetivo que denotariam prestígio, um campo de manobra e moeda de troca, sobretudo, aos homens identificados como detentores de força, virilidade e potência sexual.

Diferentemente de Matheus, que encontrou no grupo um espaço de reflexão sobre as desigualdades raciais, a tal ponto que sua posição política passou a orientar também as atividades afetivas, no caso de Wagner, o caráter racializado e hierarquizado da beleza, tanto entre os garotos como entre as garotas, não era algo consciente ou racionalizado. Trata-se de um “*vício*” de uma “*coisa que já está muito na sua cabeça*” e que “*você nem percebe*”. Fazia parte do diálogo com os amigos a discussão sobre o pertencimento racial deles, exceto F., os demais integrantes de seu grupo consideravam-se negros e tinham como orientação uma valorização positiva desse pertencimento,

inclusive entre aqueles que poderiam ser considerados como pardos. Contudo, embora tentassem construir uma positividade de seu pertencimento, não fazia parte da ação do grupo uma escolha e preferência intencional de jovens negras para manterem relacionamentos.

A gente gostava de dizer que era preto. Existe um preconceito com relação ao preto no Brasil. As pessoas falam que são pardas, que são morenas ou que são brancas, é uma minoria que diz que é preta no Brasil, porque preto aqui é ladrão. Então, eu gosto de pensar que eu sou preto, (...) mas que eu sou um estudante universitário, que eu sou um trabalhador, que eu tenho uma educação, que eu tenho um futuro. Isso faz bem para mim e acho que outras pessoas podem se identificar com isso. E por que isso? Sabe, é você não ter medo de tomar geral na rua, porque normalmente, quando é um preto de boné, toma geral na rua. Acho que seria mais isso. Eu me identifico como negro, não tenho nenhum problema quanto a isso (...). Assim, a gente não tinha nada de pensar como diferente. Era negro, mas se misturava bastante, porque é indiferente, a gente não fazia um grupinho de negros, de andar só com negros, entendeu?

As disputas e normatizações para a conduta feminina e masculina nas paqueras, contudo, eram mais verbalizadas entre os jovens. Tanto os scripts diferenciados de gênero nos relacionamentos afetivos, como a diversidade sexual encontraram espaço fértil de discussão no grupo de pares. Wagner conta que, aos poucos foram tornando-se comuns conversas que reuniam meninos e meninas para problematizar, questionar e discutir as condutas que eram experimentadas por eles, de modo que novos pactos sobre essas temáticas podiam emergir desses diálogos. Por meio do “ficar”, sem que o desfecho se constituísse em um namoro, abriu-se um diálogo com as garotas e intercâmbios entre eles e elas.

É aquela coisa: no começo, era bem dividido. Quando a gente começou era bem dividido. As meninas tinham os grupos delas e a gente tinha o nosso grupo. Daí, um ficava numa festa com a menina que fazia parte daquele grupo de meninas, no dia seguinte, eles trocavam uma ideia, às vezes, começava a namorar por um tempo, ficar na escola também. Ai, a gente se aproximava das meninas, conhecia as amigas, tinha aquele cole [aproximação ou união]. No final do colégio, nosso grupo não era só a gente, tinha algumas meninas também. O Marcos, por exemplo, ficou com a Pri, que é uma mina super cabeça. Depois a gente ficou amigo. Ela saía com a gente também. Então, foi assim, a gente ficava com uma menina, conhecia o grupo e se aproximava. Essa época era muito legal, por isso, porque era uma amizade, entendeu?

As aprendizagens sobre as relações de gênero, sobre a orientação sexual e a sexualidade foram mediadas por esse grupo. Era com os amigos que conversava sobre experiências, buscava informações e tirava dúvidas.

Na escola eu achava assim, era muito interessante no colégio. Tipo, acho que foi uma das melhores fases que eu passei, porque se discutia tudo, sabe? Na minha época, o pessoal por incrível que pareça, com dezesseis, dezessete anos, mas conversava sobre várias coisas. O pessoal conversava de sexo, falava de tudo, de camisinha, sem camisinha, sobre gay, sobre deixar os gays viverem, sem preconceito contra gay, lésbica e tal. Na escola tinham mais

meninas lésbicas. Tinham caras gays também, mas eu acho que eles eram mais discretos, acho que tinham mais medo de serem zoados. As meninas se beijavam mesmo na frente da escola. Elas eram mais liberadas. É claro que a gente parou um dia para falar sobre isso, no começo super preconceituoso, mas depois, um veio a Pri e disse: 'Está incomodado por quê? Porque é que fica incomodado?' A Pri, nesse dia deu um show, falou um monte pra gente, a gente bateu o maior papo.

Na sua avaliação, o diálogo com os pares funcionou melhor, pois acreditava viver em um tempo de transição de valores, onde os adultos encontram-se pouco preparados para lidar com o ritmo das mudanças. Ou seja, família e escola contam menos do que as elaborações ocorridas no decorrer do caminho, em inúmeras discussões entre pares, confidentes, ou até mesmo parceiras. Essa troca garantiu que ele não ficasse preso a princípios absolutos ou a regras de sua conduta, mediados pelos princípios adultos. Percebia os mais velhos detentores de princípios que julgava estarem defasados ou, muitas vezes, em desacordo com as vivências mais comuns dos jovens no contexto atual.

Nossos pais e os professores não tiveram a mesma educação que a gente teve, então, não viveram no mundo que a gente vive, acho que a nossa época de educação foi a transição, tipo, tinha muita coisa antiga e tinha muita coisa nova junto, entendeu? Na escola era tudo junto. Era o casal de meninas que se beijava e, ao mesmo tempo, o cara que aloprava [gozava com] 'viado' (...). O cara tirando onda com 'viado', em minha opinião, é mais do passado, daquela coisa de tradição, de que não pode ser gay, homem tem que estar com mulher e pronto, tem que ser macho, tem que brigar. Mas hoje acho que isso está diferente. Tem muito preconceito, mas também tem mais abertura. Por isso que eu acho que é transição, entendeu? É que ainda essas coisas estão aí na sociedade.

Seu depoimento e suas percepções sobre os modos como tem apreendido a manejar as relações de gênero e a diversidade sexual parecem-se com aquelas observadas por Bozon (2004) sobre os modos como a aprendizagem dos scripts para quem a conduta individual tem se realizado no contexto contemporâneo. Segundo esse autor, a diversificação das experiências, em especial para as novas gerações, permite que estes se familiarizem com cenários de relações infinitamente mais variados, em que as normas sociais reguladoras cada vez menos se apresentam com a força de injunções absolutas e intangíveis, fundamentadas em regras de uma religião ou comunidade. Já não servem mais para controlar parte dos jovens que conseguem perceber fissuras, contradições e questionamentos sobre as normatizações da vida social.

Cada vez mais flexíveis e evolutivas essas orientações normativas acompanham o processo de individualização dos comportamentos: os indivíduos se referem “àquilo que se faz”, aquilo que fazem seus conhecidos, às vulgarizações psicológicas, ao que vêem na televisão ou no cinema, eventualmente até mesmo às pesquisas e estatísticas sobre comportamentos (BOZON, 2004, p.57)

Na educação formal, ou seja, na sala de aula, sexualidade e gênero não faziam parte de assuntos apresentados pelos professores. E no grupo, a discussão sobre raça se resumia à defesa do reconhecimento de uma assunção positiva da condição racial que, depois foi complementada com discussões sobre a desvantagem das pessoas negras na sociedade brasileira. Às vésperas da realização do Censo Escolar, a escola organizou um trabalho sobre essa temática. Quando estava no último ano do ensino médio, em 2004, uma professora propôs como atividade o levantamento de indicadores sociais com o recorte racial, para que constassem as disparidades educacionais, no mundo do trabalho e de taxas de homicídio entre brancos e negros. A atividade reforçou a necessidade de construir uma experiência individual diferente das previsões estatísticas: ser um negro vencedor.

NAMORAR MENINA “GALINHA” PODE?

EXPERIÊNCIAS AFETIVAS

Após o término do ensino médio, ainda com dezessete anos, no início de 2005, Wagner iniciou seu primeiro “*namoro sério*” com uma jovem que conheceu ainda na escola. Ela possuía a mesma idade que ele, baixinha, com cabelos lisos, olhos pequenos, pele morena “*meio puxando para indígena*”. Reencontraram-se numa festa realizada para reunir a “*galera*” que já havia se formado no ensino médio. Foi nessa festa que, pela primeira vez, “*ficaram*”. Outros encontros se sucederam até que resolvessem namorar.

O início do namoro foi um período conturbado, pois a jovem não era bem vista por seus colegas. Ela havia “*ficado*” com mais de um rapaz do grupo do qual fazia parte (“*rodado a banca*”) e tinha mantido relações sexuais com um deles. Em decorrência do desprestígio da garota, manteve a relação em segredo nos primeiros meses e apenas quando a “*coisa ficou séria*” tornou público o relacionamento. A reação dos amigos foi “*feroz*”, pois além de seu passado afetivo-sexual, seus companheiros acusaram a moça de possuir um temperamento difícil. Foi pressionado a terminar o namoro e, muitas vezes, pensou ter feito a escolha errada para um relacionamento estável. Mas queria namorar e quando “*abriu o jogo*” com os colegas já estava apaixonado.

É estranho porque, querendo ou não, rola um preconceito. [No colégio] eu mal sabia que iria ficar com ela e tal. No colégio, a gente zoava muito com ela, não era só os meus amigos: ‘Não, porque ela ficou com ele, porque ela deu para fulano’. E, tipo, parece que eu queimei a língua. No dia da festa os moleques chegaram e perguntaram: ‘Mano, você ficou com ela e já era, não é?’ Só que, tipo, eu gostei dela. Gostei de ficar com ela. Ela também gostou

de mim. Na hora, eu disse para os caras que já era, só que no outro dia eu fiquei de novo, fiquei de novo...

Ao relatar esse episódio, Wagner descortinou a importância do grupo de pares para a escolha de uma parceira afetivo-sexual. Em seu grupo cada modalidade de parceira correspondia a um modo de relacionamento e de moral particulares (SALEM, 2004). Contradizendo àquelas definições que fizeram parte dos diálogos nos grupos de amigos da escola, em que havia uma defesa de maior abertura para a vivência sexual e afetiva de ambos os sexos. Se nas conversas todas as moças e rapazes podiam viver sua sexualidade e suas experiências afetivas por meio do “ficar”, para a definição de uma namorada, era necessário acessar, um universo de moças mais reservadas, para as quais essas novas regras do jogo não eram validadas. Todo mundo podia “ficar” com todo mundo, desde que houvessem algumas moças mais comedidas nesse exercício, que posteriormente pudessem ser eleitas namoradas.

Sua mãe também se opôs ao relacionamento. A casa do jovem era um espaço de encontro entre os amigos e parte dos diálogos e conselhos sobre seu novo relacionamento foi ouvido por ela. Os comentários começaram a emergir: a menina era mal falada, não era o “tipo” para se namorar e ele deveria se dedicar aos estudos. O conflito ganhou proporções grandes no núcleo doméstico e Wagner percebeu que, apesar de mais “aberta” e “liberal”, sua mãe mostrou-se conservadora com relação à sexualidade, aos scripts que devem nortear a conduta sexual feminina e as expectativas que possuía da própria experiência afetiva de seu filho.

Eu acho que mesmo que minha mãe seja aberta, por mais que ela seja mais liberada, eu acho que ainda tenho muito conflito com ela. A minha mãe, mesmo que ela esteja atualizada, ela tem outros tipos de vivência, então, às vezes, ela vai falar algumas coisas para você fazer, mas não é bem desse jeito. A mulher de hoje não é como ela é ou como ela aprendeu. Tem coisas que não são bem assim. Então, sobre esse assunto, como ela ouvia os caras lá em casa, deu muita confusão, porque ela não queria que eu namorasse a Érika, porque ela achava que uma moça tinha que se dar ao respeito (...) Depois, tem outra, minha mãe achava que ainda não era hora de eu namorar, que eu tinha que estudar, trabalhar... não perder o foco, tá ligada, tipo, buscar minha independência.

As narrativas de conflito lembraram as observações de Brandão (2004) sobre as negociações no interior das famílias para o exercício da autonomia de moças e rapazes. Para essa autora é por meio do exercício da sexualidade, que os jovens progressivamente demarcam uma esfera privada de suas vidas, menos suscetível de controle parental e propiciadora de uma zona de intimidade pessoal. Mas esse processo é marcado por tensões e, no caso de Wagner, esse conflito se deu pela tentativa de sua mãe de incidir sobre sua escolha de uma namorada, com os mesmos critérios de

avaliação de seus amigos, mas também na definição de um momento oportuno para o início de seu namoro.

Por um lado, as expectativas maternas recusavam uma nora com um passado afetivo-sexual conhecido e ativo. Por outro, sua condição juvenil agregava a expectativa materna de seu engajamento nos estudos, na escolha de uma carreira profissional futura e no empenho de retribuir a contrapartida do sustento parental, ou seja, dedicar-se responsabilmente a algo que pudesse proporcionar, no futuro, a independência.

Como queria namorar a moça, teve que construir novos argumentos para contrapor-se aos amigos e à mãe. *“Por que homem pode ser pegador e menina tem que se dar ao respeito, se não é vulgar, é galinha?”*. Essa foi a pergunta que serviu de mote para defender seu namoro e demonstrar que aqueles que se opunham eram *“moralistas”*. O argumento serviu para que alguns amigos *“metidos a liberais”* se constrangessem. Ou seja, foi preciso um esforço individual para se adaptar à nova situação e dar coerência a essa experiência (BOZON, 2004). Com a mãe relata que evitou falar sobre o assunto e nas ocasiões de maior insistência sobre a temática, argumentava sobre a defasagem de valores ou de que o namoro dizia respeito apenas à vida dele. Com o tempo o namoro foi ficando *“normal”* e nada aconteceu para que se comprovassem as desconfianças daqueles que estavam ao seu redor. Conclui que ao longo dos anos em que estiveram juntos *“foram fiéis”*.

A gente se conheceu, acabou se gostando, teve uma relação, entendeu? Você consegue ter uma relação e isso é estranho. Era uma garota que eu zoava, que todo mundo zoava. Tipo, pensar: quando você estava no meio dos seus amigos, você zoava com aquela pessoa. Tipo: quando você entra naquilo... os caras... sei lá, você vai meio na cabeça dos outros e não era nada daquilo. A menina era gente boa, a gente teve uma relação legal, terminou por outros motivos que não tem nada a ver com isso, foi porque a gente tinha uma visão diferente, começou a ter projeto diferente, mas até hoje a gente se fala. Às vezes, rola de ficar junto, mas não tem mais, assim, afinidade mesmo.

O namoro durou por quase três anos. Ciúmes e brigas desgastaram a relação. Diferenças de percursos explicam os conflitos que começaram a existir entre o casal. De um lado, Wagner, dedicado à faculdade, trabalhando, querendo ir a festas com os amigos e sem perspectivas de casamento; de outro, Érika sem estudar, desempregada, recém-convertida a uma igreja pentecostal, querendo sair da casa dos pais e fazendo planos de um casamento. Havia uma distância entre aquilo que ele desejava realizar e as expectativas da companheira.

Você optou por estudar, então, você sai daquele grupo, você, antes, ficava no seu bairro, jogando bola ou com a galera, mas quando você opta por fazer faculdade, você acaba mudando. Até porque sobra pouco tempo. A faculdade é complicada. Tem muito trabalho, tem o emprego também, daí você fica

com pouco tempo e acaba se dando pouco com o pessoal do bairro. Foi isso que mudou. A gente já não tinha mais muito a ver. Por exemplo, eu queria ver um filme no cinema e ela queria ver outro. Ela queria ficar no bairro e eu queria sair para dançar forró. Ela não gostava de forró, que é um estilo que está mais na universidade, não é?

Incentivou a namorada a retomar os estudos, para que ela ficasse na mesma “sintonia”. Pensava o acesso ao ensino superior ou técnico como fundamental para que qualquer um tivesse uma boa trajetória profissional, inclusive as mulheres. Por outro lado, não esperava que numa relação conjugal fosse o único provedor, avaliando que isso é muito dispendioso e comprometia planos de “curtir a vida”.

Sentia-se contrariado com as expectativas de casamento da namorada, tendo em vista que pensava que uma mulher podia “sonhar” com o casamento, mas deveria também conciliá-lo com um projeto profissional, construindo, primeiro, “suas coisas”. Para Wagner, um projeto de casamento deveria correr em paralelo com os projetos pessoais dos parceiros, já que casamento e, especialmente, os filhos, sem um planejamento prévio podia ser “embaçado” diminuindo as chances do casal de conquistar uma estabilidade financeira. Por isso, terminou o namoro.

Para desenhar os contornos do fim de seu relacionamento, Wagner lançou mão de argumentos que mostravam as incompatibilidades de projetos para a assunção de um relacionamento e de uma vida adulta, que estavam conectados com expectativas de consumo – “curtir a vida” – e de ascensão social – estabilidade financeira. Ambas estavam relacionadas ao padrão de vida almejado pelo rapaz, que influenciavam a possibilidade de manutenção de seu namoro. Afinal, projetava que para vivenciar um determinado estilo de vida adulto e casado, não era possível prescindir de um investimento na trajetória profissional feminina. Assim, a busca por um estilo de vida e uma estabilidade econômica é um aspecto central no seu projeto de conjugalidade. Além disso,

Eu acho que casar e ter filho, para mim, é uma coisa que eu não penso. Agora acho que seria a última coisa que eu queria fazer, entendeu? (...) Acho que, tipo assim, a sociedade está muito mais aberta, então, você casa e separa, entendeu? Eu acho que é muito mais viável você construir a sua vida, você estudar, ter o seu carro, ter a sua casa, aí, depois, você casa, porque aí, vamos supor que acaba a relação, daí, ninguém sai no prejuízo. A mulher não fica tão dependente do marido e nem o homem dela. Tipo, hoje, o que a gente vê é que a geração, tipo, do meu pai e da minha mãe, quando separa, a mulher é que sofre. Por quê? Porque ela ficou cuidando da casa, dos filhos e se afastou do mundo, deixou o trabalho dela e aí, o que acontece? Ela fica dependente do ex-marido ou, então, ela tem que correr atrás de uma coisa, mas ela já está afastada do mercado de trabalho, então, isso complica para ela.

Wagner não descartava o plano de um relacionamento duradouro para seu futuro, mas achava que nem estava no momento adequado para pensar nesse projeto e tampouco tinha como horizonte constituir-lo nos moldes do que percebia como mais comum à geração de seu pai. Percebia o casamento não mais como uma instituição duradoura e sagrada, mas em seu tempo, observava a existência de homens e mulheres que se casavam e se separavam. Nessa fluidez, avaliava os impactos nocivos, sobretudo para as mulheres, da constituição de uma relação de dependência, em especial econômica. Em sua avaliação, eram elas que privadas do espaço público, tinham que reconstituir laços com o mundo produtivo. Por isso, defendia a importância da autonomia individual, mesmo numa relação conjugal. Aspecto considerado por Singly (2007) como característica da família moderna.

NOVOS ESPAÇOS, NOVOS GRUPOS, NOVOS DILEMAS

TRABALHO, FACULDADE E LAZER

Aos dezessete anos, Wagner prospectou duas possibilidades para a sua vida: trabalhar ou dar continuidade aos estudos. Com a eminência do término do ensino médio, o diálogo sobre o futuro começou a ser mais comum entre os amigos. Onde encontrar trabalho? Como fazer currículo? Como ingressar na faculdade? Se pudesse, que curso faria? Nessas conversas, as incertezas eram grandes, mas a resolução de que “*queriam ser alguém na vida*”, uma alusão à necessidade de ter profissão qualificada tornou-se uma pauta comum aos rapazes e moças de seu grupo escolar. Nesse sentido, encerrar a trajetória formativa no nível básico era uma ameaça para o desejo de ser alguém. Todos tinham conhecimento de jovens que, como eles, haviam concluído o ensino médio e estavam desempregados ou fazendo trabalhos de baixos salários e qualificação.

Na escola tomou conhecimento do Programa Universidade para Todos (ProUni), uma iniciativa do governo federal que oferece bolsas de estudos em universidades privadas para estudantes pobres. Sequer cogitou prestar o vestibular para uma universidade pública, tinha conhecimento de que esse processo era muito concorrido e difícil para quem estudou exclusivamente em escola pública, mesmo avaliando se tratar de uma boa escola e que se dedicou aos estudos. Foram os professores que deram informações sobre a existência do programa. Exceto um dos amigos, todos foram para a casa de um deles, se inscreveram e fizeram um pacto de que, se tudo desse certo, a relação de amizade seria mantida e a solidariedade não se diluiria “*se um ficasse rico*”.

De todos, cinco cumpriram com isso. Apenas o Fabiano só foi trabalhar (...) Todo mundo conseguiu o ProUni. De todos, só o Lucas não tem bolsa integral, os outros todos tem bolsa integral. O Fabiano, eu acho, que não entrou porque, tipo assim, de todos nós, eu acho que ele é o mais, assim, fechado e o que mais está voltado para essa coisa de ter carro, de ter moto, de ter bens mesmo, de não querer ter uma profissão, de querer mais essa coisa do material.

Ele e os amigos conquistaram suas respectivas bolsas. E ainda que contasse com uma ela, o plano de ingressar no ensino superior era encarado como um “empreendimento” de médio prazo e implicava na postergação de outros projetos. Os custos com transporte, alimentação, custeio de materiais e o tempo despendido para os estudos, eram considerados por ele como incompatíveis com uma alta dedicação a um trabalho estafante, mas de melhor remuneração, necessário para contrair dívidas e crediários com a compra de carros e de motocicletas. Sem abdicar das ambições de consumo, o ingresso no ensino superior foi encarado como a possibilidade de garantir um futuro econômico mais estável e adquirir esses bens em outro momento da vida. Fazer a faculdade era “investir” no futuro e acreditar nos seu retorno financeiro e social.

O ingresso no ensino superior foi comemorado pelos pais e festejado com os amigos. A maioria dos colegas se constituía nos únicos de suas famílias a ingressar nesse nível de ensino, indicador importante de que já tinham alçado vãos bem mais audaciosos do que os de seus genitores. Antecipando os trotes comumente realizados nos primeiros dias de aula, comemoraram o ingresso na faculdade raspando uns aos cabelos dos outros, fazendo churrasco, pintando a cara, brincando com farinha e ovos. “Foi um barato. A gente ficou tudo emocionado!”

Nesse mesmo período parte dos rapazes de seu grupo também começaram a buscar por uma inserção profissional. Wagner não fez diferente. Disse que não se sentiu “tão” pressionado por seus pais a buscar por um emprego, mas era incentivado e apoiado por eles nessa procura. O pai comprava jornais e anotava anúncios na rua e a mãe foi ao *shopping* com ele para comprar roupas e sapatos mais formais para o momento de uma possível entrevista. Os empregos ambicionados eram no setor de serviços: auxiliar administrativo, vendedor ou *office-boy* “de um banco”.

Não. Meus pais não me pressionavam. A gente é pobre, é tudo contado, mas nunca faltou nada e até por eu estar estudando, por eu ter entrado na faculdade, eles me apoiavam, não era tão pressionado. Tipo, é claro que com trabalho era melhor. Eu ia começar a fazer o curso a noite, então rolava de trabalhar também. Mas, assim, nunca rolou uma crítica por eu não estar trabalhando.

A busca por trabalho foi justificada por dois motivos. Em primeiro lugar, tinha o desejo de adquirir uma experiência e um primeiro registro na carteira profissional. Achava que era o momento oportuno para ter um primeiro emprego e que se ingressasse mais tarde estaria velho para não ter nenhuma comprovação de emprego. Em segundo, queria ter mais autonomia financeira em relação aos seus pais e, assim, poder consumir e definir de maneira mais autônoma sobre as grifes que comporiam seu guarda-roupa e os custos de suas atividades de lazer, que naquele momento começavam a se expandir para além dos horizontes do bairro.

Meu! Eu tinha a maior vergonha de pedir dinheiro para a minha mãe ou para o meu pai. Eles nunca foram chatos com isso, mas eu ficava pensando: meu, eu vou pedir dinheiro para a minha mãe, para comprar uma camiseta de time, um Nike? Sei lá, eu sempre fui muito assim, de me vestir de acordo com as possibilidades da minha família (...). Quando eu fiz dezoito, já queria me vestir melhor, já queria ter mais independência para essas coisas. Até porque já era mais cara a balada. Quando eu era moleque nem saía do bairro e mesmo festa era churrasco na casa do amigo. Depois a galera já começou a querer ir para o Tatuapé, para barzinho na Penha...

No final de 2007, foi no bairro Tatuapé que conseguiu o seu primeiro emprego. Leu um anúncio na rua, inscreveu-se para o processo seletivo e foi aprovado para trabalhar como “*estoquista*” em uma loja de sapatos. O trabalho era para o período de festas de final de ano (Natal e Ano Novo), mas acabou sendo contratado por tempo indeterminado e, após seis meses de trabalho, tornou-se vendedor. Tinha registro em carteira e ganhava dois salários mínimos, “*benefícios*” (auxílio alimentação e transporte) e gratificações de acordo com o número de vendas. Não gostou de trabalhar como estoquista – “*trabalho chato*” e solitário de carregar caixas e sapatos –, mas como vendedor, achava interessante o desafio de conversar com pessoas diferentes e “*classe média*”.

Segundo Wagner, o ingresso no ensino superior e a assunção de um trabalho colocaram-no em novos territórios da cidade e de relações, em que teve que desenvolver sensibilidades para estabelecer o convívio cotidiano com a diversidade presente no espaço universitário, no trabalho e nos circuitos de lazer da cidade. Ao mesmo tempo, esse contato se deu em um momento de sua vida em que acreditava que, diferente da adolescência vivida na escola, estava mais “*cabeça*”, ou seja, mais maduro para lidar com essas novas relações e estar aberto para o diálogo. Ainda que localizada em um bairro pobre da Zona Leste, o espaço universitário, por exemplo, foi descrito por ele como lugar mais heterogêneo de convivência com diferentes interesses, idades, estilos de vida. Embora pobres ou pelo menos moradores de um bairro reconhecido como

pertencente àquilo que se denomina na capital paulista como periferia, a diversidade saltou-lhe aos olhos.

Todo mundo lá tem bolsa, mas não é aquela coisa uniforme. Eu acho que a minha visão da periferia também era muito fechada, porque é muito mais diversificado, especialmente jovem. Lá [na faculdade] tem cara que é do hip hop, que é mais politizado, tem mina que é patricinha, tem mauricinho, que vai de roupa de marca, que liga muito para essa coisa de aparência, de ter carro, tem motoboy vida-loca, uns caras gente fina...

Se a universidade era o espaço de convivência com uma diversidade de estilos, mas de uma unidade de estrato social – eram todos pobres e bolsistas –, bem diferentes foram as descrições feitas pelo rapaz acerca das interações feitas no espaço de trabalho e nos novos circuitos de lazer. Isso porque foram esses os espaços que o rapaz caracterizou como de predominância de sujeitos de “*classe média*”. Na loja em que trabalhava os funcionários eram jovens moradores de bairros populares, como ele, mas a os clientes, em sua maioria, residiam nos emergentes bairros de classe média da Zona Leste: Mooca, Jardim Anália Franco e Tatuapé. Por sua vez, a definição dos tipos de lazer e de “*baladas*” no espaço universitário⁶², acabou o projetando aos circuitos mais distantes e nobres da Zona Oeste (Pinheiros e Vila Madalena) e da Zona Sul (Moema), onde se localizam as casas noturnas que integram os circuitos do “*forró universitários*”.

Foi no lazer e no trabalho que o rapaz destacou além da convivência com a diversidade a vivência da desigualdade. No caso do trabalho, contudo, ponderou a existência de marcadores de papéis claros que definiam a relação entre trabalhador e patrão/cliente, com o qual não teve nenhuma “*crise*”. Observava os padrões de consumo, admirava alguns comportamentos e outros não: a admiração pela beleza de homens e de mulheres negros que circulavam pela loja, mais “*estilosos*” e usando roupas caras; a “*afetação*” de alguns clientes esnobes, que eram pouco educados com os vendedores; as aprendizagens para conviver com o público de *gays* que também circulava por lá.

Você vê a diferença que tem. Na periferia tem muito mais preconceito do que no Tatuapé. Na periferia tem muito mais preconceito do que fora onde as pessoas têm mais informação. Você vê muita gente diferente, consegue ver mais gays. Os vendedores lá na loja, a maioria eram de São Miguel, que também é periferia. Muita gente chegava à loja e os vendedores já olhavam de lado, por não ter muito contato com pessoas assim ou por ter uma barreira, um preconceito, já olhava torto. Não queria atender gay ou atendia com desprezo, tinha medo de tomar cantada. É bem diferente a relação.

⁶² Wagner nos contou que seu grupo de referência continuou a ser os amigos do ensino médio. Dois deles ingressaram em faculdades caracterizadas pelo rapaz como de predominância da classe média. Foi por meio e com esses amigos que se inseriu nesses espaços de lazer.

Insinuou na entrevista que seus amigos de trabalho eram preconceituosos, mas admitiu uma relação de estranhamento quando atendia pessoas que identificava como homossexuais. Por algum tempo não foi tranquilo atendê-los. Contudo, na condição de vendedor, corria o risco de ser despedido caso alguém reclamasse dele e não se comportasse de modo a respeitar os clientes. Além disso, ganhava por comissão e precisava dela para aumentar o soldo mensal. Recusar-se a atender alguém em decorrência de sua orientação sexual era um mau negócio. Foi preciso habituar-se.

Menos tranquilas tem sido as experiências de lazer nos badalados bairros de classe média. Agora estava em contato com “*outros*” jovens e elaborar essa diferença se constituía um dos desafios de sua nova circulação. Para transitar era preciso dominar alguns códigos desses novos sujeitos. O modo como relatou sua primeira experiência em uma casa de forró universitário, no bairro Vila Madalena, foi emblemática do surgimento de novas inquietações e desequilíbrios. Nunca havia dançado forró em sua vida e, depois de alguma relutância, aceitou o convite de um amigo. Sentiu-se um “*peixe fora d’água*”, pois não dominava a dança e nem conhecia o grupo com o qual havia se deslocado para a casa noturna. Não sabia o que conversar, não conhecia as músicas, percebeu-se deslocado e incapaz de interagir com aquelas pessoas. Resultado: a noite se encerrou mais cedo para ele, foi para o estacionamento dormir no carro do amigo, para o tempo passar e a noite fatídica passar mais depressa.

Após o episódio, aprendeu a dançar forró⁶³. O mesmo processo se deu com a inclusão do samba-rock na sua programação noturna, outro estilo musical que, segundo ele tem animado jovens universitários de São Paulo. Sabia que dançar era um código fundamental para estabelecer novos contatos, inclusive com garotas. Foi preciso mudar a indumentária substituindo roupas e tênis de determinadas marcas por outras mais simples e sandálias rasteiras ou tênis *All Star*. Para as conversas, no repertório, informações sobre cidades litorâneas e “cultura popular”.

Gostava das festas e, por outro lado, tratava-se de um esforço pessoal em “*não se diminuir*” ou “*de não ser preconceituoso com você mesmo*”. Evitar as “*baladas*” por se sentir inferior, em sua opinião, era o mesmo que reconhecer a inferioridade. Não era sempre que ia a esses espaços, mas ia sempre que podia. Para isso, manipulou, de

⁶³ Alfonsi (2007) realiza uma etnografia dos circuitos de “forró universitário”. Em seu trabalho a autora descreve, ainda que de maneira sucinta, as interações que estruturam as relações entre moças e rapazes que circulam por esse espaço, cuja marca fundamental são as performances em torno da dança. No caso dos rapazes, aqueles que conseguem “conduzir” suas parceiras são justamente aqueles que desfrutam de maior prestígio e se atrevem a dançar nos lugares de destaque no salão.

maneira estratégica, diferentes atributos de prestígio e adequação para essas novas circulações. Foi preciso usar as roupas certas, aprender o compasso da dança, o assunto considerado interessante, enfim, possuir uma série de atributos sociais, que lhe garantiram as possibilidades de estabelecer contatos e fazer novas amizades.

Dançar forró, samba-rock, se vestir de maneira despretensiosa e despojada, ter conhecimento acerca da “cultura popular” são dimensões que Wagner aceitou como parte de hábitos de outro grupo social. Para circular, tomou contato e apropriou-se desses códigos simbólicos da circulação, necessários para transitar por diferentes e desiguais espaços da cidade. Disponíveis e menos restritivos do que a ausência concreta do dinheiro, necessário para a frequência mais constante aos nobres espaços de lazer da capital. Isso porque como jovem pobre, era capaz de vivenciar a experiência simbólica e prática de abertura e fluidez das relações sociais, mas a distância, os altos custos de deslocamento e acesso aos espaços de lazer mais cobiçados da cidade representava os limites dessa abertura.

Forró é muito caro, porque você gasta com gasolina, a entrada do lugar é vinte, trinta Reais, mais bebida, mais lanche depois que você sai de lá. É caro, não dá para fazer esse role sempre.... então, você não gasta com roupa, porque ninguém fica olhando a marca, mas é fogo ter dinheiro (...) E esse negócio de usar roupa simples, sandália rasteira... Acho que tem uma visão meio estereotipada da pobreza, sabe? Tipo, são pessoas que eu gosto, que eu acho legal, mas que eles não tem muita noção da realidade.

Apesar da crítica, mostrou-se disposto a continuar frequentando essas casas noturnas. Wagner conseguia reconhecer alguns códigos que lhe garantiam um trânsito entre universitários que circulavam pelos mesmos espaços de lazer que ele. Com isso manipulava alguns elementos que lhe permitia mobilidade e fluidez entre os novos grupos com os quais havia tomado contato. Mas não estava imune de receber atribuições desses e que contrariavam as percepções que possuía sobre si mesmo. Foi em um desses passeios pela Vila Madalena que conheceu uma garota, branca e de classe média, que lhe contou sobre sua preferência em relacionar-se com homens negros, considerando as especificidades do porte físico e da cor de pele destes.

O rapaz estranhou os argumentos da moça. Não condizia com essa caracterização porque mesmo sendo alto, era magro e não tinha músculos torneados. Apesar do estranhamento naquele dia trocaram afetos, encontraram-se outras vezes e, por fim, fazendo referência ao ato sexual, “rolou”. Apesar da declaração da moça sobre sua preferência por rapazes negros, Wagner percebeu que durante e após a relação sexual, a jovem manifestou medo de que ele a machucasse. Ela acreditava que homens

negros tinham uma potência sexual diferenciada e um órgão genital avantajado. Revelou ter ficado muito chateado:

A gente teve relação [sexual]. Ela falou depois, tipo assim (risos)... Até comentei com o Marcos, com os caras e eles racharam de rir da minha cara... A gente foi ter relação e ela falou assim: 'vai com cuidado, que olha a sua cor e olha a minha'. Ela falou assim! Ai, eu: 'Beleza!'. Ai, depois que teve a relação, ela falou que tinha diferença sim, ela comentou. Mas qual é a diferença? Eu tinha que falar isso com alguém, porque eu nunca tinha ouvido isso na minha vida. Eu já tinha ouvido essa história de que negão tem uma pegada diferente, que faz estrago, mas para mim, nunca ninguém tinha falado isso. Sei lá! Acho que eu sou normal, não sou esse negão aí não. (...) Eu sou muito relax com relação a isto [sexo], tipo, eu sou de boa, bem na minha. Até eu não ter tido uma relação [perder a virgindade], é claro, você fica apreensivo, fica muito ansioso, mas depois que descobre como é, então está relax. Mas você não espera certos comentários. Acho que se eu fosse para cima dela querendo só fazer sexo, tipo, como se fosse a primeira vez, querendo arregaçar e tal, aí você espera um comentário desse, mas eu não. Foi diferente porque eu sou calmo, eu esperava um comentário que fosse outro. Talvez, ele pudesse até ser desagradável, do tipo: 'Ah! Você é tão calmo!'. Mas, poxa, falar o que ela falou também não me deixou bem não.

A insinuação da moça destoava de sua autoimagem, de rapaz calmo e tranquilo. Preferia que a jovem o tivesse percebido como “normal”. O relacionamento não teve prosseguimento e a experiência foi narrada por ele como um novo dilema posto em decorrência do convívio com novos grupos sociais, em que tinha que negociar maneiras de se ver e ser visto. Deparou-se com uma percepção sobre a singularidade de uma masculinidade negra, com ênfase em caracteres sexuais e proporções corporais – força, altura, violência, tamanho. Agora, não é mais seu amigo Marcos, que intencionalmente cuidava de seu corpo, mantendo-o torneado, e, por isso, detinha mais prestígio com as garotas, mas ele próprio, que sem querer, foi identificado com um modelo “típico” de homem negro.

Wagner re-encontrou nessa vivência considerações e percepções diferentes sobre homens brancos e negros, mas agora na sua própria experiência, a partir de uma insinuação sobre sua condição racial. Como já foi dito, “*metáforas estéticas, térmicas, viris, de proporção, desempenho e tamanhos, são frequentemente evocadas para diferenciar o homem negro do homem branco*” (MOUTINHO, 2004, p. 434), evidenciando no eixo erótico-sexual uma superioridade do primeiro, numa hierarquia racial que articula capacidade moral e intelectual, beleza e erotismo. Essa diferença, longe de fundamentadas em dados empíricos, se constrói a partir de estereótipos construídos em torno do grupo negro, que remontam as ideias mais atávicas sobre a especificidade destes e, principalmente, do tipo de relação que se estabelece quando este se encontra com uma mulher branca.

Moutinho (2004a; 2004b), ao analisar a representação de casais inter-raciais na literatura brasileira, constata a existência de um tabu no que diz respeito à relação homem negro e mulher branca, cujos destinos de casais assim constituídos têm desfechos invariavelmente trágicos e, comumente passando por episódios de volúpia sexual e estupro. O constrangimento de Wagner com a situação vivida parece residir justamente nas considerações da moça sobre seu desempenho sexual e um possível estupro. Ora, o medo de ter parecido pouco cuidadoso e, portanto, capaz de “*arregaçar*” e causar um “*estrago*” parecem mobilizar seu pânico do que possíveis insinuações sobre as vantagens de sua estrutura física.

A *socialização primária* de Wagner ocorreu no âmbito de uma estrutura familiar em mutação no que diz respeito à divisão do trabalho de sua mãe e de seu pai. O desemprego paterno, o desejo da mãe em dar continuidade aos estudos e adquirir uma profissão reorganizaram as responsabilidades assumidas pelos diferentes integrantes que compõem a família de modo a, por um lado, pressionar pai e filhos a assumir atribuições domésticas, por outro, valorizar a assunção da figura materna de um trabalho assalariado. Tal situação permitiu que o rapaz percebesse sua família como um espaço em que se produziram inovações no domínio das relações sociais de gênero e da divisão do trabalho.

Em um primeiro momento, o desemprego de seu pai e o emprego de sua mãe fizeram emergir um arranjo singular que, ainda que permeado por tensões, permitiu a ele experimentar uma “*inversão temporária*” das performances mais comumente desempenhadas por homens e mulheres no interior das famílias: sua mãe trabalhava e estudava, ao passo que seu pai ficou encarregado pelo trabalho doméstico e cuidado dos filhos. Com a alteração desse quadro, estando os dois adultos empregados, foi estabelecida uma divisão rigorosa das diversas tarefas domésticas, assalariadas e do uso do tempo livre por parte dele e do irmão.

Acompanhando e participando dessa estrutura familiar de idas e vindas, posicionamentos e reposicionamentos na interação entre o homem e a mulher, Wagner esteve diante de um processo de socialização que lhe permitiu interrogar-se quanto às performances de gênero determinadas e atribuídas para o feminino e o masculino. Considerando os benefícios das mudanças que se operaram na família – a obtenção da casa própria, a solidariedade de seus pais, a conquista de um emprego de prestígio pela

mãe –, o rapaz construiu uma percepção e uma avaliação positivas sobre as interações que permitiram uma relação de maior igualdade entre seus pais.

Como decorrência das convicções da mãe e de sua experiência, a escolaridade ascendente tornou-se uma maneira encontrada pela família para atravessar as transformações no mundo do trabalho e minimizar as possibilidades do desemprego. Além disso, esta se tornou uma aposta para que os filhos tivessem melhores oportunidades de trabalho e, no futuro, buscassem postos mais qualificados e de melhor remuneração. A trajetória materna se tornou uma baliza importante para orientar a educação do rapaz e de seu irmão e, inclusive, para que seu pai retomasse os estudos. Pode-se aventar que isso explique o fato de o entrevistado, ao longo de sua narrativa, enfatizar o desafio de que moças e rapazes, de forma indistinta, galguem por uma formação e vislumbrem o destino de uma inserção profissional promissora.

Assim como Denílson, no que diz respeito às relações raciais, as interações familiares e as brincadeiras entre o grupo de amigos da rua lançavam mão de atributos somáticos para caracterizar e distinguir brancos e negros, sendo a percepção da cor e de fenótipos determinantes. Contudo, no caso deste rapaz, há uma singularidade no modo como a família manipulava estes atributos. Do ponto de vista formal, na relação, por exemplo, com um agente censitário, os aspectos físicos que distinguiam sua família tinham pouca relevância, sendo todos classificados como pretos por sua mãe. Na intimidade da família, esses aspectos eram destacados de modo que a pessoa de traços negróides menos acentuados tornava-se objeto das brincadeiras e gozações.

Ainda que circunscritas as interações de intimidade permeadas pela descontração, Wagner viu nas ações de seus genitores um esforço de positividade dos atributos fisionômicos que caracterizam os negros. Diferentemente do espaço da rua, onde predominaram brincadeiras que visavam à desclassificação dos atributos fenotípicos dos negros (chamados de “*macacos*”), no âmbito familiar, tinha menos prestígio aquele (em seu caso, a mãe) que possuía traços “*branquelos*”. Sua experiência familiar também se distinguiu daquelas narradas por Matheus, onde os sujeitos identificados pela mãe como negros eram acusados de envolvimento com o crime.

A instituição escolar emergiu, na narrativa do rapaz, como espaço privilegiado de sua *socialização secundária*. Nesse processo, um primeiro aspecto a chamar atenção é o fato de ele ter se apropriado de uma estratégia que conseguiu conciliar as lógicas de prestígios que permeavam a sociabilidade entre meninos e aquelas que lhe garantiam uma avaliação positiva de professores e demais responsáveis pela instituição. Ao falar

sobre os primeiros anos da escola, o rapaz expôs a importância do futebol e do bom desempenho na prática esportiva como elementos para transitar pelos domínios que eram menos orientados pelos códigos dos adultos, enquanto que o bom desempenho nas atividades discentes fez com que fosse também positivamente avaliado no seu ofício de aluno.

Mais intensas foram suas experiências no âmbito do ensino médio, que o colocaram em contato com uma diversidade de referências e pluralização de estilos juvenis (processo intensificado com ingresso na faculdade). A escola – avaliada por ele como uma das melhores da Zona Leste de São Paulo – foi caracterizada como um espaço intenso e rico de experimentação, onde verificou a existência de vários grupos e práticas sociais, e onde conseguiu localizar amigos que tinham comportamentos e expectativas de futuro semelhantes à dele. Com estes construiu vínculos mais sólidos, que perduraram mesmo após o término da educação básica, alargando o âmbito de convivência para além dos muros escolares passando a frequentar festas, bares e casas noturnas.

Foi ao longo do ensino médio que Wagner se deparou com novas discussões, realizadas no âmbito de aulas ou de espaços informais, permeadas por valores dos quais percebia que muitos adultos encontravam-se alijados, como uma maior tolerância à homossexualidade e novas regras para as práticas afetivo-sexuais. Também de discussões que esgotavam e arrefeciam argumentos tidos como mais “*machistas*”. Atitudes discriminatórias e permeadas por ideias percebidas pelo rapaz como preconceituosas puderam ser apresentadas em um ambiente escolar avaliado por ele como mais democrático e, por isso, mais respeitador das diferenças.

Este novo capital simbólico permitiu ao jovem a capacidade de declinar e enfrentar as oposições feitas pela mãe e amigos ao namoro com uma garota considerada “*galinha*”. Bem como a capacidade de entender as lógicas dos amigos que avaliavam negativamente a frequência de pessoas identificadas como homossexuais à loja de sapatos, em que teve sua primeira experiência profissional. Ainda que o pânico em ser “*confundido*” permanecesse como uma ameaça à sua identidade de gênero, ele conseguiu construir uma relação instrumental com os clientes que eram identificados por outrem como “*gays*”. Ter certo domínio de argumentos que questionavam normas absolutas sobre a sexualidade funcionou como um *suporte* para construir uma trajetória afetiva mais individualizada e elaborada a partir de suas experiências.

Da convivência com os amigos, das discussões sobre o racismo e a situação dos negros na sociedade brasileira, estabeleceu um pacto com relação à adoção de uma taxionomia polarizada: independente dos traços fenotípicos mais ou menos proeminentes, aqueles que apresentavam características que atestavam uma descendência negra eram tidos como negros/pretos. A adoção dessa classificação também se assentava em uma expectativa de ascensão. Conquistando uma trajetória exitosa, poderiam servir de exemplo para atestar a capacidade de que homens negros e pobres em trilhar caminhos diferentes daqueles insinuados mais comumente pelos meios de comunicação ou percebidos como mais propensos para este grupo. Deriva desta experiência sua autoidentificação como rapaz negro que quer ser um exemplo.

Também foi na interação com os amigos que se evidenciaram prestígios distintos para moças e rapazes brancos e negros. Nas interações afetivas, enquanto as meninas negras eram, de maneira geral, menos desejadas pelos rapazes, nas mesmas situações seu amigo negro, fazendo uso de artifícios, como a manutenção de um corpo musculoso e o desenvolvimento de habilidades com a música, despertava tanto interesse quanto seu amigo branco, com traços fenotípicos considerados bonitos. Contudo, esta hierarquia no “mercado” afetivo-sexual se apresentou como experiência pessoal apenas mais tarde, quando já circulava pelos circuitos nobres de festas e lazer da cidade. Foi confrontado com avaliações femininas sobre uma suposta singularidade no que diz respeito à estrutura física e potência sexual de homens negros. Essa situação causou-lhe mal-estar e desconforto, tendo em vista que destoava da autopercepção que possuía sobre sua performance masculina.

Família, escola e amigos, em sua maioria com uma trajetória escolar ascendente, se constituem nos principais *suportes* para que Wagner faça a adesão a um projeto de masculinidade, permeado pela crença de maior igualdade na divisão do trabalho entre homens e mulheres e pela aposta na construção de uma trajetória positiva e exemplar como homem negro e pobre, que ascende socialmente. Ser um jovem empreendedor, lançar mão de estratégias de circulação e mobilidade, planejar um futuro profissional promissor está na base deste projeto, que encontra reconhecimento e legitimidade destas instituições e de seus amigos. O trabalho estável e a bolsa de estudos, ofertada pelo programa governamental ProUni, também se constituiu em um *suporte*. Após o término do ensino básico, ingressar em uma faculdade e conseguir um emprego, com registro em carteira, acenaram a possibilidade de um destino diferente daquele realizado por

tantos outros rapazes com os quais convivia em seu bairro: localizar um emprego, sem a perspectiva de que o futuro melhora, ou, na pior das possibilidades, ficar desempregado.

A esperança de que poderia realizar coisas, “*curtir a vida*” e projetar um futuro melhor – um *suporte* simbólico também importante – tem impactos nas suas escolhas afetivas e na busca por uma parceira que, como ele, tivesse perspectivas comuns de trajetória profissional e estruturação de uma família (como um futuro mais distante). É à luz de seus projetos individuais e construção positiva com relação ao seu futuro, que se pode compreender o término de seu namoro com uma jovem que, diferentemente dele, não estudava e tinha o casamento como centralidade em sua vida. Vincular-se a uma jovem que não tivesse como perspectiva ter autonomia econômica e/ou não demonstrasse esforços nesta direção pareceu ao rapaz uma ameaça.

Ocorre que parte importante da efetivação do projeto de masculinidade que tentava vislumbrar para sua vida era percebida como uma tarefa fortemente individualizada, ainda que reconhecesse a contribuição do Estado para garantir, por exemplo, creches para os filhos daqueles casais que trabalham. Ao circular pelos espaços identificados como de classe média e de predomínio de brancos, Wagner se deparou com as desigualdades socioeconômicas e simbólicas e com percepções estigmatizadas sobre os homens negros, mas para lidar com elas a indiferença, o controle financeiro e a adesão de determinados estilos juvenis se apresentaram como estratégias individuais para não se perceber como fracassado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perguntas que motivaram a produção desta dissertação giravam em torno das percepções de rapazes negros, oriundos de famílias de estratos populares, sobre o que é *ser homem* e sobre o que caracterizavam como masculino. Esse interesse foi decorrente de experiências vividas no âmbito do meu trabalho profissional com jovens, em que constatei falas que apresentavam determinadas associações entre ser homem, pobre e negro. Ao mesmo tempo, se assentaram na aproximação de uma literatura que reconhecia a importância da articulação entre relações de gênero, raciais, de classe e de geração para a construção ou permanência de masculinidades hegemônicas e subalternas.

A pesquisa qualitativa visou aproximar-se o máximo possível das opiniões de jovens negros e pobres, com níveis de escolaridade diferenciados. Por meio de entrevistas coletivas, tentou-se explorar a percepção destes sobre outros homens, sobre as experiências comuns do cotidiano e sobre suas definições acerca do masculino. Num momento posterior, buscou-se recuperar as situações e os principais eventos das vidas de três deles, e assim, compreender de que modo os processos de socialização, nos diferentes contextos (família, escola, trabalho, relações afetivas, entre outros) engendram trajetórias singulares e que, do ponto dos entrevistados, eram importantes para orientar valores e significados que possuíam sobre a masculinidade.

A associação de negros e/ou pobres com a violência foi um aspecto preponderante que permeou as escolhas e comentários nos diferentes grupos de discussão, como foi explorado no **Capítulo 1**. Ressaltou-se a recorrência de uma produção simbólica disseminada socialmente que conforma um imaginário sobre os destinos deste grupo social. São os jovens, do sexo masculino, pobres e/ou negros, que os meios de comunicação insistem em caracterizar como marginais. Ao falarem sobre seus bairros e sobre a necessidade de distinguir “*quem é quem*” e forjar um equilíbrio entre ser “*brega*” e ser “*maloqueiro*”, os entrevistados confirmaram que suas experiências foram permeadas por um cotidiano de proximidade com aqueles que transitavam por caminhos ilícitos e pela criminalidade. Ficou evidente que, para construir uma masculinidade, tinham que reagir e se opor a essa experiência e representação social, tentando afirmar que não eram bandidos. Esse movimento, contudo, não acenou para a conformação de uma única masculinidade negra e pobre, pelo contrário.

Os jovens Adílson, Denílson e Ricardo, com menor escolaridade, silenciaram sobre a questão racial. Isso não quer dizer que ela não existisse no cotidiano deles, mas a profunda percepção de desigualdade econômica era mais predominante seus comentários. Não se viam na condição de negros, mas como sujeitos premidos pelo desafio de seguir a vida em um contexto adverso. Ser pardo ou ser preto não emergiu como traços constitutivos de singularidades e, por isso, foi mais opaca a percepção de sofrimento em decorrência de um estereótipo da masculinidade negra. Os pontos mais enfatizados em suas falas eram os desafios de conformar uma masculinidade a partir da experiência do trabalho assalariado e do horizonte de tornarem-se chefes de família. Nesse sentido, o desemprego e as escassas oportunidades no mundo do trabalho apareciam como dilemas para a satisfação de suas referências. Mais do que uma masculinidade negra, o que esses jovens exploraram foram as dificuldades de se adequar a um projeto de masculinidade (ser trabalhador e pai de família), sendo pobres.

Entre outros jovens o reconhecimento do racismo foi mais pregnante. Somado ao estereótipo que atrela violência à pobreza e, aí sim, também à condição racial dos sujeitos, eles ressaltaram outros elementos que colocavam negros em lugar de desvantagem. A invisibilidade destes em espaços de poder, a valorização de uma estética branca como sinônima à beleza, a exaltação do negro como ícone estereotipado de virilidade, e a associação deste grupo a determinados comportamentos como a malandragem e irresponsabilidade na esfera familiar acionavam nos entrevistados diferentes formas de lidar com esses estereótipos, articuladas com experiências específicas que permitiram a construção de estratégias individuais ou coletivas.

A aposta em uma trajetória individual de mobilidade social, de modo a se constituir em “bom exemplo”, foi a forma encontrada pelos universitários Wagner, Lúcio e Anderson para lidar com essas questões. Esses jovens percebiam-se como negros, criticavam a existência de estereótipos e a desigualdade entre brancos e não-brancos. A elevação da escolaridade e a possibilidade de uma trajetória profissional de êxito eram estratégias para driblar essas dificuldades. Avaliavam suas experiências – em especial, o ingresso na universidade, o trabalho e a circulação por espaços de lazer na cidade – como indícios de uma mobilidade, indicavam a transposição de fronteiras sociais e raciais, ainda que permeadas por dilemas como o inconveniente de se perceber como uma minoria negra ou pobre em determinados espaços.

No caso de Hélio, Giovanni e Marcos somou-se a esse movimento a manipulação de seus corpos e cabelos de modo a enaltecer sua negritude. Ou seja,

converteram aspectos somáticos em elementos estéticos potentes para manifestar o orgulho de ser negro. Matheus, Daniel e Renato estavam envolvidos em grupos e coletivos de hip hop, se orientando por uma estratégia coletiva, para afirmar uma identidade étnica – expressa em suas roupas, nos modos de falar, nas práticas sociais e de consumo, no sentimento de pertença a um grupo: eles eram negros e moradores da periferia.

Tornou-se visível que os jovens percebiam-se em lugar de desvantagem social, construindo suas subjetividades a partir de uma relação de alteridade com sujeitos de maior privilégio econômico e, para alguns, brancos. Eram “lutadores” e “guerreiros”, mas o contorno e as características dessas adjetivações variaram de acordo com a singularidade de cada trajetória e do modo como se percebiam ou não como negros. Essas modulações tornaram compreensíveis os argumentos de Guimarães (2005) e Sansone (2007). Segundo esses autores a pertença a um grupo racial decorre de uma assunção pessoal, ainda que, em geral, seja resultado da estigmatização ou identificação por outros. Além disso, mesmo aqueles que reconheciam o racismo como uma prática disseminada no Brasil mostraram que as formas encontradas para enfrentá-lo eram múltiplas.

Contudo, independente do fenótipo, chamou a atenção a predominância de jovens mais escolarizados se identificado como negros e ressaltado os dilemas dessa condição. As descrições acerca dos modos como foram construídos esse pertencimento racial parecem dizer respeito menos à escolaridade desses rapazes do que às necessidades de construir subjetividades e performances novas para lidar com o dinamismo de sua circulação na cidade, de sua relação com diferentes grupos sociais e situações; ou pelo envolvimento com grupos específicos em que a identidade étnica possui forte capacidade aglutinadora. Em todos esses casos, o que estava em jogo era a tentativa de construir uma autoimagem mais positiva. Apesar disso, não se deve desprezar a relevância da escolaridade. Como enfatizou Sansone negros cuja renda e instrução são baixos demais têm maior dificuldade para se arriscar no jogo de status e de códigos que permeiam a assunção de uma negritude.

Independente da condição de classe ou do pertencimento racial, no que diz respeito do *ser homem*, temática explorada no **Capítulo 3**, os entrevistados enfatizaram a experiência urbana como alteradora de condutas masculinas. Essa percepção decorreu do reconhecimento de que seus familiares mais velhos eram oriundos de contextos rurais e de famílias cuja ordem era marcada pela assimetria e divisão acentuada das

atribuições que recaíam aos sujeitos do sexo masculino e feminino. A migração para a capital paulista coincidiu com a alteração dessas condições familiares e, em alguns casos, com recomposições e readequações que permitiram o ingresso de suas mães no mundo do trabalho e a diminuição do domínio masculino nesta instituição.

Os jovens percebiam-se herdeiros dessas transformações, foram criados num contexto já em mutação. Contudo, a avaliação destas mudanças oscilou entre um pessimismo dos jovens estudantes de ensino fundamental e um otimismo que permeou a fala de jovens com ensino médio concluído e estudantes universitários. No primeiro caso, a experiência urbana foi ressaltada por aquilo que ela não proporcionava: trabalho e/ou emprego. O desemprego diminuía as chances dos jovens cumprirem com seus destinos, atrelados a atividade laboral e deixavam-nos mais suscetíveis ao aliciamento de grupos de criminosos. *Ser homem* era, para esse grupo, tornar-se um trabalhador e pai de família. E, nesse sentido, viviam um drama pessoal, pois estavam desempregados.

Os rapazes com escolaridade mais elevada, por sua vez, viam na experiência urbana uma possibilidade de ter uma vida mais diversificada, marcada pelas atividades de lazer, pela escolaridade, pela fruição do tempo livre, ou seja, de vivenciar mais plenamente a condição juvenil, menos definida pela transmissão dos valores de uma geração que os antecederam. Ao mesmo tempo, viam como conquistas das mulheres as mudanças das quais eram herdeiros. Fabrício avaliava negativamente a conduta paterna, que atribuía o trabalho doméstico exclusivamente à sua mãe. Na juventude, Diogo negociou com o pai o retorno dos estudos da mãe, percebendo os posicionamentos paternos como anacrônicos e machistas. Houve, portanto, uma valorização e positivação de um contexto que aproximava scripts e calendários de moças e rapazes, mulheres e homens.

Ainda que as avaliações sejam distintas no que diz respeito às performances masculinas e às alterações decorrentes da experiência urbana, é possível dizer que para o conjunto dos rapazes *ser homem* continuava a se constituir em uma identidade firmada pela oposição a ser mulher e ser homossexual. Essas fronteiras eram mais ou menos movediças para alguns rapazes, notadamente para aqueles que reconheciam as transformações que alteravam as agendas das mulheres. Mas, para esse grupo, não ser confundido com mulher e não ter a heterossexualidade questionada eram aspectos importantes. Se os jovens Adílson, Denílson e Ricardo ser homossexual era tornar-se mulher, para os demais, a homossexualidade era tolerada, mas ainda assim pouco

prestigiada, por isso, ser “confundido” era algo que os amedrontava. Para o grupo de jovens com ensino médio concluído, a homossexualidade fragilizava a masculinidade dos homens negros.

A análise aprofundada dos relatos de trajetórias dos três jovens, apresentadas nos **Capítulos 4, 5 e 6** pôs em relevo suas experiências de socialização. Foi possível entender que a masculinidade se constitui em um projeto apresentado e construído ao longo da vida dos sujeitos, nunca acabado e marcado por revezes. O que os entrevistados pensam sobre si e sobre o que é masculino se conecta aos repertórios disponibilizados em sua socialização primária e sua atualização (ou não) em uma socialização secundária. A satisfação destes projetos, contudo, depende de suportes (condições objetivas e subjetivas) para sua implementação.

Na narrativa de Denílson, foi possível perceber uma continuidade entre sua socialização primária e secundária, nas quais *ser homem* implicava ter um trabalho e constituir uma família, da qual, em tese, no futuro seria o provedor. O desemprego não lhe permitia a satisfação desse projeto, sendo motivo principal de seu sofrimento. A torcida de futebol apareceu como um suporte, uma possibilidade de manter, de maneira performática, outras dimensões de sua socialização: a virilidade e a heterossexualidade. Para Denílson, a cor era um elemento de distinção dos sujeitos, porém a dimensão racial não se constituía em um tema pertinente, pois argumentava que “*todos eram filhos de Deus*”.

A experiência de Matheus foi marcada por idas e vindas entre a socialização primária e a secundária. Sua aproximação e participação de grupos juvenis modularam suas percepções iniciais tanto sobre sua condição racial como sobre determinados comportamentos que atribuía ao “*machismo*”. Foi por meio do grupo que alterou suas condutas no campo afetivo, estabelecendo relacionamentos exclusivamente com moças negras. Passou a se identificar como preto e iniciou um convívio menos conflituoso com homossexuais, reconhecendo sua luta. Seu casamento e os revezes no interior da família, contudo, se constituíam em novos processos de socialização. Sem os suportes necessários para viver uma relação mais horizontal com sua esposa, se sentia pressionado a assumir o lugar de provedor (em concordância com os aspectos mais gerais de sua socialização primária).

No caso de Wagner, a socialização primária foi marcada por reconfigurações na relação familiar: a escolarização e profissionalização da mãe, a partilha do pai de atividades domésticas e, posteriormente, a participação dele e do irmão nestas

atividades. Tal experiência permitiu-lhe, diferentemente dos demais rapazes, perceber, desde a infância, novas performances masculinas e femininas. Na socialização secundária, a escola emergiu como um espaço para a observação de uma diversidade e trocas entre pares, mas também de aprendizados acerca da tolerância e da vida democrática. Nesse sentido, o rapaz pôde romper com orientações familiares e de amigos acerca do modo como poderia ou não definir sua vida afetiva. Família, escola e acesso à faculdade emergiram em sua narrativa como suportes para sustentar seu projeto de masculinidade: ser um exemplo de rapaz negro que consegue ascender socialmente. Mas localizar um trabalho de melhor qualificação e remuneração era um desafio, para o qual contava apenas com o apoio dos pais.

Enquanto a trajetória de Denílson aponta para uma continuidade entre um projeto socializado e as dificuldades de conformá-lo frente à ausência de suportes, as narrativas de vida dos últimos rapazes indicam que a assunção de novos modelos de identidades sociais e de gênero não são suficientes para a conformação de novas masculinidades. É igualmente necessário um conjunto de mudanças de natureza mais ampla que transcendam as iniciativas individuais: é preciso transformar o direito, as instituições, os serviços públicos, as organizações de modo a repercutir em várias instâncias da vida pessoal coletiva, incluindo a esfera doméstica.

Novos projetos de masculinidade se apresentaram para Matheus e Wagner, mas a realização destes novos itinerários ainda se assenta no esforço individual desses rapazes, que contavam apenas com o apoio das famílias, de grupos e de alguns projetos sociais frágeis para sustentar mudanças tão estruturantes. Sem apoio e efetivos recursos a serem oferecidos pela sociedade e pelo Estado, para afirmar premissas menos heterocentradas, apostar em uma divisão mais igualitária do trabalho entre homens e mulheres, e afirmar a condição racial como um aspecto positivo de sua condição social esses entrevistados tiveram que ser estrategistas em situações complexas.

É com base na experiência que teve como criança que Matheus justificava a estratégia de “deseducar” seu enteado, fazendo com que este assumisse uma postura mais viril nos diálogos com outras crianças e, assim, evitasse o preconceito. O trabalho como segurança causava-lhe a sensação de humilhação como pobre e negro. Foi trabalhando com “*seu povo*” que encontrou elementos para manter uma percepção positiva de quem era. Wagner se considerava um jovem sensível e educado, mas confrontou-se com ideias atávicas sobre a sexualidade do homem negro que também destoaram de seu modo de identificação. Ao mesmo tempo, acreditava que homens e

mulheres deveriam construir suas vidas a partir de um projeto de sucesso profissional, por isso se mostrava preocupado com o que iria fazer após o término da faculdade.

Seis meses depois dos últimos encontros, muita coisa havia mudado na vida desses jovens. Depois de um namoro de quatro meses com uma estudante de vinte e um anos que conheceu no ProJovem, Denílson descobriu, em dezembro de 2008, que iria ser pai. Estava preparando uma festa para seu noivado, embora pensasse que não conseguiria se casar até o final do ano de 2009. Primeiro era preciso pensar em uma casa. Abandonou a Internet e, embora ainda estivesse vinculado à torcida de futebol, não se dedicava mais integralmente às suas atividades. Estava, há menos de um mês, ajudando o padrasto em uma empresa de jardinagem, trabalhando inclusive aos sábados. Tinha expectativa e otimismo em relação a uma efetivação. Estava feliz com a paternidade, recebendo apoio de seus pais e desejoso de que as coisas se acertassem. Afinal, agora, ia ser *“pai de família”*.

No final de 2008, Matheus havia se separado de G. Não suportou as pressões do casamento, permeado por exigências e ciúmes da parceira. Segundo ele, havia ganhado mais um *“relógio de ponto, para bater o cartão”* em sua casa, deixou de fazer as atividades culturais de que tanto gostava e não vislumbrou horizontes de futuro que o fizesse um homem feliz. Voltou a morar com a mãe, e a frequentar o grupo cultural. Sentia-se mais livre, sem *“o peso do casamento”* e ponderou que esse momento era possível apenas porque não havia se tornado pai. Continuava trabalhando como educador social e havia se inscrito em um projeto para tentar ingressar no curso de Pedagogia. Aguardava os resultados do processo de seleção.

Wagner, de fato, conseguiu o estágio não-remunerado na Subprefeitura de Ermelino Matarazzo, mas depois disso, não encontrou emprego. Terminou a faculdade em 2008, e estava procurando por trabalho. Sem dinheiro, circular pelas boates e bares da Vila Madalena e Pinheiros tornou-se uma atividade muito episódica. Sua mãe, vez ou outra, lhe garantia recursos para o lazer com os amigos. Não estava namorando, embora tivesse retomado um *“rolo”* com a ex-namorada. Estava mesmo era navegando pela Internet e, com os amigos do bairro, jogando futebol.

Apesar das dificuldades que encontravam para realizar seus projetos de masculinidade, esses três jovens não são expectadores. Independente de maior ou menor apoio, eles são *“guerreiros”*, por isso, continuam lutando pela sobrevivência e satisfação de seus projetos. Os horizontes de suas vidas ainda estavam abertos, tinham planos e queriam experimentar novas situações. Eles ainda são jovens!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. IN: FREITAS, M. V.; PAPA, F. de C. (Orgs.). **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Friedrich Ebert Stiftung, 2003. p.13-32.

_____. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, ciudadanía y nueva condicion juvenil. Última Década, Viña Del Mar, CIDPA, n. 16, p.119-155, março de 2002.

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.37-72.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6, p.25-36, mai./dez. 1997.

_____. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. 1ª Edição. São Paulo: Scritta, 1994. 172p.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 428p.

ALFONSI, Daniela do Amaral. O forró universitário em São Paulo. In: MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M. de. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p.43-66.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. 2ª Edição. Lisboa: Fim de Século, 2000. 264p.

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. **Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual**. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 1999. p.329.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2000. 320p.

ARENDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. In:_____. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.188-214.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.196p.

ARRILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In:_____; UNBEHAUM, S.; MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e masculinidades: outras palavras**. São Paulo: ECOS; Ed.34, 1998. p.51-78.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Rapports de générations. Transferts intrafamiliaux et dynamique macrosociale. **Revue française de sociologie**, vol. 41, no 4, p. 643-684, 2000.

BARKER, Gary. **Homens na linha de fogo: juventude, masculinidade e exclusão social**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2008. 249p.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.185-227.

BERGER, Peter. KELLNER, Hansfried. Le mariage et la construction de la réalité. In: **La construction sociale de la réalité**. 2ª Edição. Paris: Armand Colin, 2006. p.307-334.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 26ª Edição. Petrópolis, Vozes, 1985. 248p.

_____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2004. 94p.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 20, p.133-194, dezembro 1995.

_____. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p.112-161.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 172p.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar e meninos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, p.129-149, abril de 2006.

BRITO, Ângela Ernestina Cardoso de. Educação de filhos mestiços em famílias inter-raciais. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003. 137p

CABANES, Robert. Espaço privado e espaço público: o jogo de suas relações. In: TELLES, V. da S.; _____ (Orgs.). Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p. 389-432.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. (Orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC; Ed.34, 2002. p.167-194.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p.65-99, junho 2007.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna?: como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001.

_____. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999. 247p.

_____. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 22, p. 247-290, junho 2004.

_____. Quem são os meninos que fracassam na escola?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p.11-40, abril 2004.

_____. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.185-193, junho 2003.

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. **Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fronteiras**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p.163.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Veredas das noites sem fim: um estudo com famílias negras de baixa renda sobre o processo de socialização e a construção do pertencimento racial**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. 315p.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000. 110p.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In:_____. **A era da informação: Economia, sociedade e cultura (Volume II – O poder da identidade)**. 5ª Edição. – São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006. P.169-277.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 248p.

CONNEL, Robert. La organización social de la masculinidad. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José (Orgs.). **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago, ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres, 1997. p. 31-48.

_____. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n. 20, p.185-206, dezembro 1995.

CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. **Novos estudos CEBRAP**, n.54, p.43-53, julho de 1999.

_____. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p.35-50, 1996.

CORROCHANO, Maria Carla. **O trabalho e sua ausência**: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p.450.

CORROCHANO, Maria Carla et al. **Jovens e trabalho no Brasil**: desigualdades e desafios para as políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004. 250p.

CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p. 113-143, junho 2006.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. 1ª Edição. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 209p.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. – 1ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 303p.

DIAS FILHO, Antônio Jonas. As mulatas que não estão no mapa. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p.51-66, 1996.

DUBAR, Claude. A socialização como construção social da realidade. In:_____. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997. p.79-102.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. A socialização e a formação escolar. **Lua Nova**: revista de cultura e política, n. 40/41, p.241-266, jul./dez. 1997.

DURHAM, Eunice. A família operária: consciência e ideologia. **Dados**, Rio de Janeiro, n. 23, p.201-213, 1980.

DUTRA, José Luiz. “Onde você comprou esta roupa tem para homem?”: a construção de masculinidades nos mercados alternativos de moda. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 359-412.

FERREIRA, Maria Inês Caetano. **Trajetórias urbanas de moradores de uma favela de um distrito de elite da Capital paulista**. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. 497p.

FLICK, Uwe. Dados verbais. In:_____. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p.89-136.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE. Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 4ª Edição. – São Paulo: Contexto, 2001. p.510-553.

FRY, Peter. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.303-326.

_____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 135p.

GARCIA, Sandra Mara. Homens e reprodução: mudanças e permanências em um grupo de homens de camadas médias de São Paulo. 2003. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003. p.169.

GASTALDO, Édison. "O complô da torcida": futebol e performance masculina em bares. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, dezembro 2005. p. 107-123.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. 1ª Edição. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233p.

GIGLIO, Sérgio Settani. **O dom de jogar bola**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 67-84, dezembro de 2008.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. – Rio de Janeiro: Record, 2002. p.19-40.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.167-182, junho de 2003.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p.40-51, dezembro de 2002.

GOUVEIA, Eliane Hojaij. **O silêncio que deve ser ouvido: mulheres pentecostais em São Paulo**. 1986. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo 1986. p.137.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão** Florianópolis: UFSC, n. 75, 30p, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 269-287, novembro 2006a.

_____. Entrevista com Carlos Hasenbalg. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p.259-268, novembro 2006b.

_____. Entre o medo de fraudes e o fantasma das raças. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 11, n. 23, p.215-217, junho 2005.

_____. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p.9-43, 2004.

_____. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p.93-107, junho, 2003.

_____. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002. 232p.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.149-174.

HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 22, p.201-246, junho, 2004.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Grall, 1979. 302p.

HEILBORN, Maria Luiza. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In:_____ (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. p.30-58.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. In:_____ (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.40-58.

_____. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, F. R. (Org.). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p.291-342.

HEILBORN, Maria Luiza et. al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 13-45, junho, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane S.; BOZON, Michel. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. p.212-265.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane. **Práticas e normas sexuais de jovens brasileiros** (mimeo). Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu (MG), setembro de 2004. p. 1-21.

HERSCHMANN, Michael. As imagens das galeras funk na imprensa. In: MESSEDER, C. A. et al.(Orgs.). **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.163-198.

HIRATA, Helena. Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual?. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S.(Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC; Ed. 34, 2002. p.339-356.

_____; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, dezembro de 2007.

HOBBSBAWM, Eric. Revolução cultural. In:_____. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.314-336.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p.103-117, outubro 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 294p.

MACE, Eric. **Le piège de la “cause des femmes”**: éléments pour un mouvement antisexiste post-féministe. *Cosmopolitiques*, n. 4, 2003. p.86-105.

MACEDO, Márcio. Baladas Black e rodas de samba da terra da garoa. In: MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M. de. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p.189-224.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, pp. 387-396, 2005.

_____. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. São Paulo: ANPOCS, 1996. 221p.

MADEIRA, Felícia Reicher. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In:_____. (Org.). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p.45-132.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Circuitos de jovens. In: MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M. de. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. p.15-22.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. (Orgs.) **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. 10ª Edição. – São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Reis** – Revista española de investigaciones sociológicas, n. 62, p.193-242, junho 1993.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La constitucion social de la condición de juventud. In: CUBIDES, Humberto et al. (Orgs.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales e nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre; Diuc Universidade Central, 1998. p.3-21.

MARTINS, Heloisa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.289-300, agosto 2004.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo**: la sociedad a escala del individuo. 1ª Edição. – Santiago: LOM Ediciones, 2007. 242p. 2ª Edição – Paris: Armand Colin, 2006. p.

_____. Une sociologie phénoménologique quarante ans après. In: La construction sociale de la réalité. 2ª Edição – Paris: Armand Colin, 2006. p.5- 40.

MELLUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura. In:_____. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p.25-42.

_____. Métodos qualitativos e pesquisa reflexiva. In:_____. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. 1ª Edição. – Petrópolis: Vozes, 2005b. p.315-339.

_____. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. 184p.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In:_____. A imaginação sociológica. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. p.211-243.

MOUTINHO, Laura. "Raça", sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, dezembro 2004. p.55-88.

_____. Homossexualidade, cor e religiosidade: flerte entre o “povo de santo” no Rio de Janeiro. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.273-300.

_____. Negociando com a adversidade: reflexões sobre "raça", (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.103-116, abril 2006.

_____. **Razão, “cor” e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2004. 452p.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, abril de 2004.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.247-272.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p.9-41, dezembro, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: **Tanto preto quanto branco: estudos das relações raciais**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. p.63-93.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.263-290.

_____. Os escolhidos de Deus. **Cadernos do ISER**, n. 19, p. 7-84, 1985.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **Sexualidade, maternidade e gênero: experiência de socialização de mulheres jovens de estratos populares**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 232p.

OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. **Meninos bandidos? Interfaces entre criminalidade e identidade masculina em homens jovens**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 103p.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. 347p.

OLIVEIRA, Paulo de Souza. **Negro, protestante e pentecostal**. 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994. 82p.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 23-46, abril de 2007 .

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIRA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.7-21.

_____. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6 (n. especial Juventude e Contemporaneidade), p.25-36, 1997.

_____. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo, Paz e Terra, 2001. 220p.

PIMENTA, Melissa Mattos. Situando o problema. In: **“Ser jovem” e “ser adulto”: identidades, representações e trajetórias**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p.19-34.

PINHO, Osmundo de Araújo. A “fiel”, a “amante” e o “jovem macho sedutor”: sujeitos de gênero na periferia racializada. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.16, n. 2, p.133-145, 2007.

_____. Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 127-145, abril 2005.

_____. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 23, p.89-119, dezembro, 2004.

PISCITELLI, Adriana. “Sexto tropical”: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6-7, p.9-34, 1996.

QUEIROZ-JUNIOR. Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo, Ática, 1975. 123 p.

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n.17, p.77-91, junho de 2002.

ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 759-799, dezembro de 2007.

RODRIGUES, Vera Maria Lion Pereira. **Grupos juvenis na periferia: recompondo relações de gênero e de raça/etnia**. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005. 238p.

ROHDEN, Fabíola. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p.177-206.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980. 207p.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In: MESSEDER, C. A. et al.(Orgs.). **Linguagens da Violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.144-162.

ROSA, Waldemir. **Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. 97p.

SANSONE. Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. 2ª Edição. – Salvador: Edufba, Palas, 2007. 335p.

_____. Jovens e oportunidades: as mudanças na década de 1990 (variações por cor e classe). In: HASENBALG, C.; SILVA, N. do V. (Orgs.). **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2003. p.245-280.

_____. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 87-119, abril 2000.

SANTOS, Claudine. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos**: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. p.458.

SANTOS, Willian Tito Maia. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 27, p.130-157, dezembro 2007.

SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2003. 152p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 287p.

_____. In: NOVAIS, F. A.; _____ (Orgs.) História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea – Vol.4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.173-244.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 20, n. 2, p.71-99, dezembro, 1995.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.335-350, novembro 2005.

SHERIFF, Robin. Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: REZENDE, C.; MAGGIE, Y. (Orgs.). **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.213-244.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 208p.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **A experiência da salvação**: pentecostais em São Paulo. São Paulo: Duas cidades, 1969. 181p.

SOUZA, Marcos Alves de. **A “nação de chuteiras”**: raça e masculinidade no futebol brasileiro. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília, 1996. 62p.

SPOSITO, Marília Pontes. Espaços públicos e tempos juvenis. IN: SPOSITO, Marília Pontes (Orgs.). **Espaços públicos e tempos juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007. p.5-45.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da**

juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.87-128.

_____. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p.210-226, maio, 2003a.

_____. **Os jovens no Brasil:** desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003b.

_____. **Juventude e escolarização** (1980-1998). Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.

_____. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6 (n. especial Juventude e Contemporaneidade), 1997. p.37-52.

_____. **A ilusão fecunda:** a luta por educação nos movimentos populares. São Paulo: HUCITEC, 1993. 398p.

_____; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, dezembro 2003. p.16-39.

_____; CORROCHANO, Maria Carla. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.141-172, novembro de 2005.

TELLES, Vera da Silva. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: _____; CABANES, R. (Orgs.). **Nas tramas da cidade:** trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006a. p.69-138.

_____. Nas franjas da “cidade global”: tudo certo, tudo em ordem?. In: _____; CABANES, R. (Orgs.). **Nas tramas da cidade:** trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006b. p.139-187.

_____. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo Social**, v. 18, n. 1, p. 173-195, 2006c.

_____; HIRATA, Daniel Veloso; MAGALHÃES JÚNIOR, José César de. Ao lado, o outro lado: veredas incertas. In: TELLES, V. Da S.; CABANES, R. (Orgs.). **Nas tramas da cidade:** trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p.189-242.

TERRAGNI, Laura. A pesquisa de gênero. In: MELUCCI, A.. **Por uma sociologia reflexiva:** pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p.141-163.

THERBORN, Göran. Casais, bebês e Estados. In:_____. **Sexo e poder:** a família no mundo 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006. p.333-421.

TOLEDO, Luis Henrique de. *Short cuts:* histórias de jovens, futebol e condutas de risco. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6 (n. especial Juventude e Contemporaneidade), 1997. p.209-221.

VAN-ZANTEN, Agnès. Cultura da rua ou cultura da escola?. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 1, p.23-52, janeiro de 2000.

VIANNA, Cláudia. **Os nós dos “nós”**: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999. 213p.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 13, p.260-300, junho de 2005.

_____. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p.241-260, agosto 2006.

_____. O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 40, p.103-115, abril 2004.

WELZER-LANG, DANIEL. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.460-482, 2001.

ZALUAR, Alba. Masculinidades, crises e violência. In:_____. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p.365- 396.

_____. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. 265p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COLETIVAS

Roteiro das entrevistas coletivas	
Primeiro encontro – 4 horas	
Objetivo	Perguntas
Jovens identificam nuances nos meios de comunicação e no cotidiano de “modelos” de masculinidade?	<ul style="list-style-type: none"> - Considerando as fotografias disponibilizadas, quais vocês se identificam por terem características das quais vocês se identificam? - Considerando as fotografias disponibilizadas, quais vocês não se identificam? Por quê? - Como você definiria os jovens rapazes dos seus bairros? Como eles são? Vivem? - Que elementos fazem parte do cotidiano dos rapazes do bairro? - Vocês se identificam com esses rapazes? No que vocês diferem? No que se assemelham? - Como vocês justificam essas diferenças? E as semelhanças? - Os jovens rapazes do bairro em que vocês moram diferente de outros rapazes da cidade?
O que os jovens pensam sobre <i>ser homem</i> ?	<ul style="list-style-type: none"> - Como vocês acham que os jovens dos seus bairros pensam sobre o tema “ser homem”? - Há diferenças ou semelhanças? Como vocês explicam isso? - Como vocês pensam sobre essa questão? - No que difere ser homem e ser mulher?
Avaliação	- O que vocês acharam desse encontro? O que foi bom e o que foi ruim?
Segundo encontro – 4 horas	
Os jovens percebem mudanças e permanências na experiência deles e de seus parentes mais velhos?	<ul style="list-style-type: none"> - Trouxe um desenho de um perfil de corpo. Gostaria que vocês pensassem que uma metade corresponde ao corpo de seus pais e avôs e a outra metade ao corpo de vocês. O que há de comum e de diferente na experiência de seus parentes mais velhos e nas de vocês? - Como vocês explicam as mudanças e as permanências? - Como vocês acham que essas mudanças aconteceram? Ao que se deve as transformações? - Como vocês se veem hoje? E seus pais e avôs? Eles são diferentes de quando vocês eram crianças? - Retomando o desenho, como vocês acham que era a vida de seus pais/avôs e/ou como pensavam sobre essas diferentes questões: sexualidade, trabalho, futuro.
Avaliação e encaminhamentos	- O que vocês acharam desse encontro? O que foi bom e o que foi ruim?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa “Masculinidades e experiências de jovens rapazes negros”, realizada no âmbito do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). O motivo que nos leva a essa investigação é tentar entender o que pensam os jovens sobre ser homem, masculinidade e que valores orientam suas experiências.

Para isso, estamos realizando encontros com um grupo de aproximadamente vinte rapazes da região metropolitana de São Paulo, que participarão de duas reuniões, com aproximadamente quatro horas de duração cada. Esses encontros serão registrados integralmente em áudio e, eventualmente em vídeo. Posteriormente, serão realizadas entrevistas individuais com alguns rapazes, buscando maior aprofundamento dos temas discutidos nos encontros de grupos.

Caso aceite nosso convite, você será esclarecido sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

A participação na pesquisa não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional. Os resultados deste trabalho serão enviados para você posteriormente.

Eu, _____, portador do RG: _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara, detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e deixar de participar da pesquisa se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ / ____.

APÊNDICE C – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS JOVENS**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO****Para preenchimento da pesquisadora**

Grupo: _____

Data de aplicação: _____

Ficha de identificação:

1. Nome: _____
2. Qual a sua idade: _____
3. Qual a sua data de nascimento: ____/____/____
4. Em que Estado você nasceu?
 - (1) São Paulo
 - (2) Outro. Qual? _____ Quantos anos tinha, quando veio para São Paulo? _____
5. Entre as seguintes alternativas, qual você escolheria para definir sua cor/raça?
 - (1) Branca
 - (2) Preta
 - (3) Parda
 - (4) Amarela (de origem asiática)
 - (5) Indígena
6. Você, neste momento, está casado ou vive com alguém?
 - (1) Sim
 - (2) Não
7. Em que religião você foi criado?
 - (1) Católica
 - (2) Protestante
 - (3) Pentecostal
 - (4) Espírita
 - (5) Umbanda, candomblé, batuque
 - (6) Judaica
 - (7) Mais de uma
 - (8) Nenhuma
 - (9) Outra. Qual? _____
8. Atualmente, qual religião ou culto você frequenta?
 - (1) Católica
 - (2) Protestante
 - (3) Pentecostal
 - (4) Espírita
 - (5) Umbanda, candomblé, batuque
 - (6) Judaica
 - (7) Mais de uma

- (8) Nenhuma
- (9) Outra. Qual? _____

9. Incluindo você, quantas pessoas moram na sua casa?

- (1) Moro sozinho
- (2) Duas pessoas
- (3) Três pessoas
- (4) Quatro pessoas
- (5) Cinco pessoas
- (6) Seis pessoas
- (7) Sete ou mais pessoas

10. Em que tipo de habitação você mora?

- (1) Casa
- (2) Apartamento
- (3) Cômodo
- (4) Outro. Qual? _____

11. Este domicílio é:

- (1) Próprio
- (2) Alugado
- (3) Posse ou ocupação
- (4) Cedido
- (5) Outro. Especificar: _____

12. Somando o ganho de toda a sua família, qual foi a renda familiar do último mês?

- (1) Até R\$ 350,00
- (2) De R\$ 350,00 até R\$ 1.500,00
- (3) De R\$ 1.500,00 até R\$ 3 mil
- (4) Mais de R\$ 3 mil

13. Você está trabalhando, estagiando ou exercendo alguma atividade remunerada?

- (1) Sim
- (2) Não

Universitários:

14. Você conta com alguma modalidade do bolsa para cursar a universidade?

- (1) Sim
- (2) Não

15. Se sim (para pergunta 14), a que tipo de bolsa ou subsídio você tem acesso?

- (1) Bolsa ProUni Integral
- (2) Bolsa ProUni Parcial
- (3) Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)
- (4) Desconto/bolsa obtido/a diretamente com a universidade
- (5) Outro. Especificar: _____

Estudantes do ensino fundamental:

14. Quantos anos você tinha quando abandonou o ensino regular? _____

15. Por que voltou a estudar?

- (1) Para melhorar minhas condições no mundo do trabalho
- (2) Por causa da pressão familiar
- (3) Acesso mais fácil à escola
- (4) Por outra razão. Qual? _____

Jovens com ensino médio concluído

14. Você frequenta algum curso ou atividade educativa?

- (1) Sim.
- (2) Não.

15. Se sim (para a pergunta 14) que cursos você frequenta?

- (1) Informática
- (2) Esportivos
- (3) Língua estrangeira
- (4) Profissionalizante
- (5) Artístico
- (6) Religiosos
- (7) Pré-vestibular
- (8) Cursos de projetos sociais

APÊNDICE D – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS****1. Dados pessoais do jovem**

- 1.1 – Quantos anos tem?
- 1.2 – Como se autot classifica (cor/raça)? Por que se classifica dessa forma?
- 1.3 – Qual é a escolaridade?
- 1.4 – Mora com quem?
- 1.5 – O que gosta de fazer nos momentos de lazer? Quem são os amigos?
- 1.6 – Tem namorada? Há quanto tempo você namora? Como ela é?
- 1.7 – Trabalho, que tipo de trabalho faz?

2. Família

- 2.1 – Qual a origem, idade, escolaridade, religião e ocupação de seus pais (pai e mãe: explorar diferenças) ou responsáveis?
- 2.2 – Como foi a formação da sua família? Como seus pais se conheceram? Que idade tinham quando se casaram?
- 2.3 – Como é/eram a relação de seus pais?
- 2.4 – Como é/eram a sua relação com seus pais?
- 2.5 – Como foi a educação que recebeu dos seus pais? Na sua opinião há/havia diferença entre a educação das meninas e dos meninos? Quais? Dê um exemplo.
- 2.6 – Seus pais ensinaram você sobre ser homem? Como deveria ser um homem? E uma mulher?
- 2.7 – Como é/era a divisão das atividades domésticas na sua família? Seu pai participa/participava das atividades doméstica? E você? E seus irmãos?
- 2.8 – Seus pais falavam com você sobre sua cor/raça? Como você acha que eles se autot classificam? E você como os identificaria? E seus irmãos? (Se aplicável: eles falavam sobre você ser negro e como deveria se comportar?)
- 2.9 – Você acha que houve alguma influência religiosa na sua educação? Seus pais são religiosos? Você frequentou a igreja quando criança? E hoje? No que isso contribuiu para a sua forma de pensar?
- 2.10 – Seus pais tinham interesse em conhecer seus amigos/as, namoradas? Como eles se posicionavam?
- 2.10– Seus pais controlavam seus horários fora de casa? Como era esse controle? Que atividades eles solicitavam que você fizesse? Como isso era negociado?

3. Escola

- 3.1 – Quais são suas lembranças da fase escolar: professores, funcionários da escola, autoridades escolares, o círculo de amigos, colegas de classe, as aulas, as brincadeiras?
- 3.2 – De quais aspectos você gostava na escola? De quais aspectos você não gostava? Gostava de estudar? Tinha boas notas? Teve alguma reprovação?
- 3.3 – Tinha uma boa relação com a turma que você estudava? O que vocês faziam? Seu grupo era formado mais por meninos ou meninas?
- 3.4 – Você percebia diferença na maneira como meninos e meninas eram tratados? E brancos e não-brancos?
- 3.5 – A escola em que você estudava alguma vez tratou sobre questões acerca a

condição do negro?

4. Amigos(as)

- 4.1 – Quem eram seus amigos/as na infância e na adolescência? Como eles eram/são (escolaridade, sexo, cor/raça)? O que vocês faziam no dia-a-dia? De onde eles eram (escola, rua, família, etc.)? Por que se deram bem com esses amigos?
- 4.2 – Sobre o que conversavam? Conversava sobre sexualidades, sobre ser homem, sobre projetos futuros, como o casamento? Como falavam sobre esses assuntos?
- 4.3 – Era diferente conversar com seus amigos/as e conversar com seus pais ou outros adultos?
- 4.4 – Seus amigos influenciam o seu jeito de ser? Como você avalia isso? Que peso tem a opinião deles nas decisões que você toma?
- 4.5 – Vocês discordam ou se assemelham nos modos de ser homem, de lidar com as mulheres, em temas como sexualidade, projeto futuro? No que vocês se assemelham e no que vocês se diferenciam na forma de pensar?

5. Relações afetivo-sexuais

- 5.1 – Como foram suas experiências afetivas (namoros, “ficantes”)?
- 5.2 – Você namora hoje? Como foram as pessoas com quem você namorou/“ficou” (descrição: idade, cor/raça, onde conheceu)?
- 5.3 – Essas experiências influenciaram o modo como você se percebe como homem? No que você acha que elas contribuíram para você ser o que você é? Que aprendizagens você destaca? Por quê?
- 5.4 – Que projetos você tem para o seu futuro afetivo (Quer se casar? Ter filhos? Quando? Quais suas expectativas com relação a uma parceira?)
- 5.5 – Você se relaciona com meninas negras e brancas? Como é isso? Tem alguma diferença? Faz diferença ser homem negro/preto/pardo e se relacionar com mulher branca ou negra?

6. Trabalho

- 6.1 – Você já trabalhou? Quais foram suas experiências profissionais? Com quantos anos você começou a trabalhar? Por que você começou a trabalhar? Que tipo de atividades você desenvolvia? Como você conseguiu esse/esses trabalhos?
- 6.2 – Você gosta de trabalhar? Por quê? O que você destaca de positivo em trabalhar? E o que você destaca de negativo?
- 6.3 – Há/houve uma pressão familiar para você procurar por trabalho? (Se aplicável: Como você justifica essa pressão ou não pressão?)
- 6.4 – O trabalho é algo mais importante para um homem? E para uma mulher? O que difere para ele e para ela?
- 6.5 – Faz diferença ser branco ou ser negro para conseguir trabalho ou na relação com o trabalho?
- 6.6 – Que expectativa você tem com relação ao trabalho? Que trabalho você gostaria de ter?

ANEXO

FOTOGRAFIAS UTILIZADAS NOS GRUPOS DE ENTREVISTA

50 Cent - Cantor norte-americano. Nascido em 1975, é integrante do grupo do G-Unit, que se alinha a uma das vertentes do rap americano, o “gangsta rap”. O cantor é conhecido por seu envolvimento com gangues, brigas, drogas e com situações de violência.

Carlinhos Brown - Cantor e compositor brasileiro. Nascido em 1962, seu nome artístico é uma homenagem a James Brown, cantor norte-americano de funk e soul. Nos anos 90, projetou-se nacional e internacionalmente como líder do grupo Timbalada, que reunia mais de 100 percussionistas e cantores, a maioria jovens pobres do bairro do Candeal, Salvador (BA). Em 2002, fez sucesso cantando com Arnaldo Antunes e Marisa Monte, em Os Tribalistas.

Casé - Apresentador brasileiro. Nascido em 1968, é um dos VJs mais antigos da emissora MTV.

Ceará - Humorista brasileiro. Nascido em 1973, faz parte de um programa humorístico na televisão chamado Pânico, que teve início numa rádio paulista, a Jovem Pan. É famoso por interpretar uma versão cômica e caricata do apresentador de TV Silvio Santos.

David Beckham - Jogador de futebol inglês. Nascido em 1975, ganhou projeção no universo esportivo atuando no futebol europeu. Beckham é famoso por sua vaidade e ícone do que contemporaneamente tem sido denominado como metrosexual.

Eminem - Cantor norte-americano. Nascido em 1972, é um rapper de sucesso internacional. Estima-se que ao longo de sua carreira já tenha vendido mais de 52 milhões de discos. Suas canções são criticadas por serem consideradas homofóbicas, misóginas e violentas. Foi o protagonista do filme 8 Mile, que é uma semibiografia do rapper.

Fábio Assunção - Ator brasileiro. Nascido em 1971, estreou na televisão na novela Meu Bem Meu Mal, em 1990. Destacou-se na dramaturgia brasileira pela sua atuação em papéis de “bom-moço”. Revistas femininas reconhecem-no como símbolo de beleza e sensualidade.

Falcão - Cantor brasileiro. Nascido em 1973, está à frente da banda carioca O Rappa, conhecida por suas letras de conotação social e política. Recentemente, lançou uma marca de roupa, voltada para o público masculino, a Jonny Size.

Gabriel Pensador - Cantor brasileiro. Nascido em 1974, o músico ganhou projeção com o lançamento do seu primeiro trabalho, contendo músicas que misturavam denúncia política e social, ironia e humor. As mais famosas: “Retrato de um playboy”, “Lavagem cerebral” e “Lôrabúrra”. Ele também é autor do livro Diário Noturno.

Kaká - Jogador de futebol brasileiro. Nascido em 1982, é considerado um dos melhores jogadores de futebol do mundo. Iniciou sua carreira no São Paulo Futebol Clube, mas atua hoje no futebol europeu e na Seleção Brasileira. Além de suas qualidades profissionais, nos meios de comunicação também é mencionado como ícone de beleza e por sua opção religiosa é evangélico.

Lázaro Ramos - Ator brasileiro. Nascido em 1978, iniciou sua carreira artística no grupo cultural Olodum, em Salvador (BA). Depois de desenvolver uma série de papéis secundários na televisão, conquistou projeção nacional interpretando o protagonista do filme Madame Satã.

Lirinha - Cantor e compositor brasileiro. Nascido em 1979, é vocalista do Cordel do Fogo Encantado, grupo de origem pernambucana que mistura rock com ritmos como maracatu, o toré indígena, o samba de coco, o reisado, a embolada e poesia popular. Os shows do grupo são frequentados majoritariamente por jovens.

Luciano Huck - Apresentador de televisão brasileiro. Nascido em 1971, apresenta o programa Caldeirão do Huck, transmitido aos sábados, pela TV Globo. É casado com uma também famosa apresentadora de televisão, com quem possui dois filhos. É fundador do Instituto Criar de TV e Cinema, que desenvolve iniciativas de caráter formativo com jovens.

Mano Brown - Cantor brasileiro. Nascido em 1970, é rapper, vocalista do grupo Racionais MC's, grupo formado na cidade de São Paulo, em 1988. O grupo é reconhecido como um dos precursores e mais importantes do hip hop nacional, cujas músicas, de maneira geral, abordam questões relacionadas às situações de desigualdade vividas por moradores da periferia.

Mateus Nachtergaele - Ator brasileiro. Nascido em 1969, teve seu trabalho reconhecido nacionalmente no filme Auto da Compadecida, interpretando o personagem João Grilo.

Michael Jordan - Ex-jogador de basquete norte-americano. Nascido em 1963, é considerado por especialistas um dos melhores e mais importantes jogadores de basquetebol de todos os tempos. Além de brilhar nas quadras, já estrelou filmes, seriados e videocliques.

Reynaldo Gianecchini - Modelo e ator brasileiro. Nascido em 1972, ficou conhecido por ter se casado com a famosa jornalista Marília Gabriela. Em revistas femininas é apontado como um dos homens mais sensuais do país.

Ronaldinho Gaúcho - Jogador de futebol brasileiro. Nascido em 1980, atua no futebol europeu e na Seleção Brasileira. Foi considerado melhor jogador do mundo em 2004 e 2005 pela FIFA (Federação Internacional de Futebol). É reconhecido por seus truques com a bola, reconhecidos como exemplos de “futebol moleque” e “futebol arte”.

Sérgio Loroza - Cantor e ator brasileiro. Nascido em 1967, é ator, cantor e compositor. Na música, ficou conhecido por seu trabalho no grupo carioca Monobloco. Na televisão, ganhou visibilidade nacional a partir de sua atuação na série A Diarista transmitida pela TV Globo.

Tiger - Jogador de golfe norte-americano. Nascido em 1975, é considerado um dos melhores golfistas de todos os tempos. Em 2005, aos 29 anos, ele alcançou a marca de dez grandes conquistas do golfe profissional. É creditado a sua atuação no esporte, o surgimento de um grande interesse no jogo de golfe entre as minorias raciais e jovens nos Estados Unidos.